

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)**

Luciana Andrade de Almeida

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)

Luciana Andrade de Almeida

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Fortaleza  
Outubro de 2008

*"Lecturis salutem"*

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br

**Biblioteca de Ciências Humanas – UFC**

A448f Almeida, Luciana Andrade de.  
Francisca Clotilde e a palavra em ação (1884-1921) / por Luciana Andrade de Almeida. –  
2008.  
261 f. : il ; 31 cm.  
Cópia de computador (printout(s)).  
Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de  
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza(CE),  
27/10/2008.  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.  
Inclui bibliografia.

1- CLOTILDE, FRANCISCA, 1862-1935 – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO.  
2- CLOTILDE, FRANCISCA, 1862-1935 – LIVROS E LEITURA. 3- ESCRITORAS BRASILEIRAS – CEARÁ  
– 1884-1921. 4- MULHERES E LITERATURA – CEARÁ – 1884-1921. 5- PERIÓDICOS BRASILEIROS –  
CEARÁ – 1884-1921. 6- CEARÁ – CONDIÇÕES SOCIAIS – 1884-1921. 7- CEARÁ – USOS E COSTUMES –  
1884-1921. I- Pereira, Adelaide Maria Gonçalves, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de  
Pós-Graduação em História. III- Título.

CDD(22ª ed.) 928.69

54/08

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Luciana Andrade de Almeida**

Dissertação examinada, em 27 de outubro de 2008, em sua forma final, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

---

Profª Drª Adelaide Maria Gonçalves Pereira – UFC  
Orientadora

---

Profª Drª Giselle Martins Venancio - UFMA

---

Profª Drª Kênia Sousa Rios – UFC

---

Prof. Dr. Eurípedes Antônio Funes – UFC  
Suplente

Fortaleza  
Outubro de 2008

*À minha família*

## AGRADECIMENTOS

A escrita desta dissertação de mestrado não se constituiu em um trabalho solitário. Pelo contrário, representa o empenho ou colaboração de pessoas especiais. Agradeço à minha orientadora, Adelaide Gonçalves, por aceitar participar da realização deste trabalho, conduzido de forma dedicada e generosa.

A Rosângela Ponciano, bisneta de Francisca Clotilde, e sua família, pela gentileza ao disponibilizar informações e fontes fundamentais a este estudo.

A Kênia Sousa Rios e Ana Rita Fonteles, pelas valiosas sugestões de abordagens e proveitosas leituras. Sou grata à professora Giselle Venancio, que, de pronto, aceitou participar da banca examinadora.

Ao professor Francisco Régis Lopes, pela confiança em meu trabalho.

Ao professor Sânzio Azevedo, do Departamento de Literatura da UFC, pelos comentários e críticas que procurei incorporar a minhas reflexões.

A Ana Patrícia Pereira, Bruno Silva, Cecília, Elvis, Karoline Viana, Jacqueline Brandão, Larissa Almeida, pela amizade desmedida.

Aos meus colegas da Pós-Graduação, especialmente Ana Isabel Cortez, Ana Sara Cortez, Janote Pires, Kelly Cristina Benjamim, Lucélia Andrade, Viviane Prado e Paula Virgínia Batista, por compartilharem momentos desta pesquisa.

A Anamélia Mota, pelas indicações compartilhadas sobre Francisca Clotilde.

À bibliotecária Madalena Figueiredo, da Academia Cearense de Letras; a Elmadan Rocha e Gertrudes Costa, do setor de micro-filmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel; aos bibliotecários do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará; a Tarso, da Biblioteca Nacional, pela valiosa ajuda no itinerário de pesquisa.

Agradeço, ainda, às seguintes instituições: Academia Cearense de Letras, Arquivo Público do Estado do Ceará, Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Núcleo de Documentação Cultural (Nudoc - UFC), e Universidade Federal do Ceará. Ao curso de Pós-Graduação em História Social da UFC, pelo imenso apoio. À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pela bolsa concedida que viabilizou o processo de realização da dissertação.

A Pablo Castelar, pelo carinho, companheirismo e valioso auxílio na construção deste texto.

À minha família, pelo carinhoso apoio, sempre.

## RESUMO

O pensamento da escritora cearense Francisca Clotilde (1862-1935) foi registrado em panfletos, almanaques, brochuras, revistas, jornais e nos livros que publicou, em mais de cinco décadas dedicadas ao ensino, às lutas sociais, às causas políticas e à literatura. Este estudo recolhe e analisa o repertório escrito da autora, exercitado em contos, crônicas, artigos, crítica literária, teatro, traduções, charadas, anúncios. O percurso do presente trabalho encontra diálogo com a ambiência literária, social e urbana da província em fins do século XIX e início do século XX, em uma época pautada por questões ligadas à abolição, ao civismo, à pedagogia, à religiosidade. Diante dessa variedade de experiências e temáticas presentes na prosa e no verso da escritora, optou-se por uma marcação temporal que abrange o período entre 1884 a 1921, quando sua contribuição à imprensa, objeto de estudo deste trabalho, se torna numerosa e efetiva, e passa a ser reconhecida por seus pares intelectuais.

**Palavras-chave:** Francisca Clotilde, história intelectual, história da leitura, Ceará.



## **ABSTRACT**

The writer from Ceará Francisca Clotilde (1862-1935) wrote pamphlets, almanacs, magazines, newspapers and books, in over five decades in which she dedicated herself to teaching, social struggles, political issues and literature. This work analyzes the author's writings in stories, chronicles, essays, literary criticism, drama, translations, riddles and advertisements. Her trajectory is entwined with the literary, social and urban contexts of Fortaleza in the remaining years of the 19th Century and the early 20th Century, a period in which took place discussions linked to the abolition of the slave trade, patriotism, pedagogy and religiosity. In face of this variety of experiences and themes present in the prose and verse of the writer, the period between 1884 and 1921 was chosen for analysis, when her contribution to the press, this work's object of study, becomes large and effective, and becomes recognized by her intellectual peers.

**Keywords:** Francisca Clotilde, Intellectual History, History of Reading, Ceará.

## SUMÁRIO

<b>EXERCITANDO A ESCRITA</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I</b>	
LEITURAS NA PROVÍNCIA: CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E IDÉIAS .....	16
1. “A alma sonha e os versos estremecem”: ler e escrever para existir.....	16
2. Campanha abolicionista e a fagulha da criação.....	32
3. Entre normas e afetos no espaço escolar .....	47
<b>CAPITULO II</b>	
IMPRESSÕES FEMININAS .....	73
1. Temas e autoria feminina no Club Literário .....	74
2. As várias escritas de almanaque .....	102
3. “Falem contra a mulher cearense política; eu applaudo-a” .....	125
<b>CAPITULO III</b>	
A ESTRELLA: PÁGINAS DE ENCONTRO .....	150
1. “Um quê de criança e de mulher” .....	152
2. Constelação de colaboradores .....	176
2.1. Álbum de virtudes e modelos .....	191
3. “Deus, Pátria e Dever”: um projeto pedagógico .....	214
<b>ITINERÁRIOS DE LEITURA E ESCRITA</b> .....	239
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	242

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de estabelecimentos de ensino e matérias lecionadas .....	50
Tabela 2 - Inventário da dramaturgia de autoria de Francisca Clotilde .....	234

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Capas da primeira e segunda edições do romance <i>A Divorciada</i> .....	63
Figura 2 – Capas das edições de 1911 e 1928 do <i>Almanach das Senhoras Brazil/Lisboa</i> .....	119
Figura 3 – Pelo Ceará, brochura com artigos políticos de Francisca Clotilde .....	128
Figura 4 – <i>A Estrella</i> , edições de dezembro de 1908; novembro de 1913; outubro de 1915; novembro de 1916; dezembro de 1918; outubro-dezembro 1920 .....	153
Figura 5 – Coluna <i>Mensageiro da Estrella</i> .....	157
Figura 6 – <i>Album da Estrella</i> .....	158
Figura 7 – Rev. João Saraiva, Helena Brigido e Maria Costa Lima .....	181
Figura 8 – Amalinha Barretto e Amelia Gomes .....	184
Figura 9 – Emília de Freitas .....	193
Figura 10 – Angelita Clotilde e Alzira Pacheco .....	194
Figura 11 – Maria Odilia Comarú .....	195
Figura 12 – Odilia Rodrigues .....	196
Figura 13 – Isidora Furtado Muniz e Alice Pinheiro Dias Moura .....	199
Figura 14 – Lourdes Gurgel e Rosa Amelia Pontes .....	199
Figura 15 – Dulce Dolores e Maria Amelia Pedrosa .....	201
Figura 16 – Gilberta Galvão .....	202
Figura 17 – Augusta Pinheiro da Silva .....	203
Figura 18 – Carmen e Osanira Virgínio .....	203
Figura 19 – Francisquinho Bayma e Maria José Nogueira .....	204
Figura 20 – Augusto de Castro .....	205
Figura 21 – Abemos, Armando e Edelvith .....	206
Figura 22 – José Hugo Ramalho .....	208
Figura 23 – Lyrial Osanira, Francisco e Mario Figueiredo .....	208
Figura 24 – Maria Carmelia .....	209
Figura 25 – Rodrigo Oswaldo Figueiredo .....	210

Figura 26 – Roland e Eugenio Frederico; e Lourdes, Carmen e Olguinha .....	211
Figura 27 – Beni Carvalho .....	212
Figura 28 – Página de Saudade e retrato de José de Mendonça Nogueira .....	213
Figura 29 – Francisca Clotilde, alunos e alunas do Externato Santa Clotilde, com o estandarte “Deus, Pátria e Dever” .....	224
Figura 30 – Francisca Clotilde entre alunas e alunos .....	229

## EXERCITANDO A ESCRITA

*As mulheres não são como os homens – independentes entre si. As nossas almas são elas umas das outras e essa corrente enorme, cheia de eletricidade, estremece quando um elo se parte. (...) enquanto houver na terra uma mulher sacrificada, as outras não têm direito de cruzar os braços indiferentes.*

Maria Lacerda de Moura (1887 – 1945), jornalista e anarquista mineira

Para contar esta história, não recorri aos baús ou arcas de lembranças privadas, repletos daqueles “mil nadas” de que fala Michelle Perrot. Tampouco encontrei referências nos livros de história ou nas biografias de mulheres célebres. Francisca Clotilde (1862-1935) é mulher de sinuosos caminhos, recuperados aos poucos e não completamente desvendados.

O mais instigante é que os indícios legados por ela são quase todos públicos. Sinal de que era uma mulher que se apresentava no espaço urbano, na cidade que acolhe e segrega as mulheres. A essência de seu pensamento se deixou registrar em panfletos, almanaques, brochuras, revistas, jornais e nos livros que publicou, concretizando em mais de cinco décadas um largo programa de vária escrita. A imprensa era seu lugar, no Ceará que via mais de uma centena de jornais circulando e agremiações culturais e literárias que surgiam, em fins do século XIX.

Sigo pistas do itinerário de Francisca Clotilde há cinco anos, contados a partir de meu projeto de pesquisa de graduação em Comunicação Social, Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará. Foi o professor Gilmar de Carvalho que me lançou o desafio de seguir os passos daquela mulher através de intrincados caminhos de palavras. A provocação gerou uma monografia e, posteriormente, um livro, editado pelo Museu do Ceará.

Mas eu ainda sentia a necessidade de ampliar a compreensão sobre aquela escritora, leitora, professora, polemista, jornalista, militante, mãe, esposa e mulher. Franciscas e Clotildes em uma só. Este registro de várias vozes que gera uma escrita plural e que também pode ser contraditória, ora feminista, ora defensora de uma mulher cultivada como uma flor – entre muros.

Foi na Pós-Graduação em História, na mesma instituição, que tive meu projeto acolhido. Era o momento, então, de aprofundar minhas leituras. A pesquisa de fontes foi exaustiva e curiosa – a cada dia de trabalho, entre arquivos públicos e

acervos privados de Fortaleza, Aracati e Rio de Janeiro, deparava-me inesperadamente com um novo texto, um novo impresso. Da atuante escritora e seu legado, surgiam intrincadas e estimulantes conexões, que foram ampliando o rol de documentação historiográfica, caudaloso e variado.

Em uma vida inteira dedicada às letras e à propagação de uma missão pedagógica, Francisca Clotilde colaborou em grande número de periódicos. Em publicações de matriz operária, literária, abolicionista, republicana ou feminina, Clotilde não praticou um caminho usual no periodismo. Ampliou seu leque de atuação, dirigindo-se a distintos públicos no *Cearense* (1877-1884), *Libertador* (1881-1891), *Revista Contemporânea* (1884), *A Quinzena* (1887-8), *A Evolução* (1888-1889), *Gazeta do Sertão* (1893), *Ceará Ilustrado* (1894), *Iracema* (1895-1900), *O Combate* (1896), *A República* (1896-1901), *A Fortaleza* (1906), *Folha do Commercio* (1911), *O Domingo*, *A Cidade* e *A Ordem*.

Foi colaboradora contumaz do *Almanach do Ceará* (entre 1897 e 1919) e teve seus textos publicados no *Almanach das Senhoras Brazil/Lisboa* (1911). Figurou, ainda, nas folhas *O Lyrio*, de Recife (1902-1904); *O Bathel*, da Paraíba; *Paladino*, do Acre; *A Família*, de São Paulo (1881-1883) e Rio de Janeiro (1883-1897); e *A Mensageira* (1897-1900), também paulista. Cultivou, nestes espaços, a prosa, a poesia e a não-ficção, em contos, crônicas, artigos, crítica literária, teatro, traduções, charadas, anúncios.

Não obedeceu rigorosamente ao cânone – Clotilde se insurgiu discretamente contra a escola realista, em voga no último quartel do século XIX, e se afirmou romântica. Assim, pavimentou seu caminho próprio como escritora. Sua letra miúda, de professora, preenchia as pautas dos cadernos e assim surgiram os livros publicados: *Coleção de Contos* (1897), *Noções de Aritmética* (1889), *A Divorciada* (1902), os dramas *Fabiola* e *Santa Clotilde* (s/d) e *Pelo Ceará* (1911). Vai organizando seus escritos e, nas primeiras décadas do século XX, dá vida a um longo projeto literário e educativo na imprensa cearense: a revista *A Estrella*, que circulou em vários lugares do Brasil e reuniu colaboradores e assinantes durante os quinze anos de sua existência (1906-1921).

A partir dessas publicações, organizei o corpus documental em grupos. Caminham, paralelos, os textos de teor abolicionista, os escritos de almanaque, os artigos políticos, os contos, a poesia, a escrita pedagógica, o romance. A análise das fontes gerou escolhas teóricas, em torno das quais transita a produção intelectual de

Francisca Clotilde. O tema desta pesquisa articula campos de estudo como biografia, memória, história do livro e da leitura, das mulheres, da cidade, das idéias, da vida privada. Referências teóricas tomadas como fonte, não como complemento, por possuírem uma delicada sintonia com o tema deste estudo e apresentarem novas possibilidades de interpretação. Registre-se que o intenso rol de fontes e a bibliografia citada informam ao leitor meu itinerário como pesquisadora, ao longo da realização desta pesquisa.

Fontes e livros que me arrancaram da tranqüilizadora familiaridade do mundo, no sentido de provocarem uma reflexão incomum. Habituada a encontrar textos e referências a mulheres “às margens”, custei a perceber que estava diante de uma personagem diferente e desafiadora. Francisca Clotilde é uma mulher inserida nas discussões que dão substância ao século XIX. Questões vitais em seu tempo, como positivismo, pedagogia, prescrições de leitura, papéis femininos, oposição entre campo e cidade, abolição, república, combate à oligarquia. Esses e outros temas eram o *leitmotiv* de sua obra, além da natureza, do amor e dos estados d’alma.

Dada essa variedade de experiências sociais e literárias, elegi o título *Francisca Clotilde e A Palavra em Ação*, que abrange o período entre 1884 e 1921. Encontrei textos de sua autoria antes e após esta marcação temporal, na imprensa. No entanto, para este estudo, fixei o início de sua trajetória pública no ano em que sua contribuição à imprensa, objeto de estudo deste trabalho, se torna menos espaçada e mais efetiva. E o ano de 1921 se torna de relevo por assinalar o último projeto literário em que se envolveu, a revista *A Estrela*. Portanto, é o caso de selecionar os textos dando a conhecer suas várias formas de expressão. Trata-se de um complexo exercício de escolhas, refeito em cada etapa da pesquisa.

Tomando como referência esses marcos e os núcleos de escrita que estabeleci, organizo o presente trabalho da seguinte forma.

No primeiro capítulo, dou a conhecer, nas palavras de Robert Darnton, a “moldura material” que ambienta a existência de Francisca Clotilde, na Fortaleza finissecular. É na urbanidade e na modernidade em construção que a leitora Clotilde transita, no gabinete de leitura, nas livrarias, nos jornais, nos clubs literários, nas tertúlias. Constrói-se como leitora-escritora e escritora-leitora. Sua palavra está em ação, a serviço da causa abolicionista, nas folhas *Libertador* e *Cearense*. Nesse espaço letrado, conhece as amigas Ana Facó (1855-1926), Ana Nogueira Batista (1870-1965), Alba Valdez (1874-1962), Emilia Freitas (1855-1908), Henriqueta

Galeno (1887-1864), Serafina Pontes (1850-1923) e outras, empenhadas em figurar na cena pública através da atuação social e da escrita. O intercâmbio intelectual se intensifica e o círculo de relações se amplia quando Clotilde se torna a primeira professora do sexo feminino da Escola Normal no Ceará, em 1884.

Além da luta a favor da libertação dos escravos, sua escrita se investe de uma missão educativa. A palavra em constante transformação é imbuída de uma dimensão pedagógica, que apregoa uma educação baseada em conteúdos normativos e na afetividade entre aluno e professor. Sua carreira não se trata, pois, de um “chamado da vocação”, conformando com uma das ocupações possíveis para uma mulher de seu tempo – sua escrita e sua profissão são um projeto da vida inteira. Ao escrever o romance *A Divorciada*, publicado em 1902, Francisca Clotilde propõe, aos 40 anos de idade, um entretenimento são e um enredo desafiador, que traz a temática da separação do casal para a literatura cearense.

No segundo capítulo, recuo um pouco no tempo, para o momento quando Clotilde lança as bases de seu pensamento. Acompanho seu itinerário na revista literária *A Quinzena* e no Club Literário, agremiação em que ingressou como sócia efetiva. Empréstimos de livros e conferências faziam parte da rotina da agremiação. É neste círculo literário, predominantemente masculino, que Clotilde aborda o universo feminino, povoado de mães desiludidas, filhas esperançosas e noivos desregrados.

As trocas intelectuais se intensificam e o inventário de leituras se alarga. As travessias literárias se cruzam com os almanaques, que propagam seus textos pelo Ceará e por destinos além-mar. Mas não imagine o leitor que Francisca Clotilde, ficcionista, estava alheia aos acontecimentos da cidade. Em 1911, arvora-se no republicanismo e na exaltação da pátria, tomando partido no amplo movimento de oposição à oligarquia aciolina, lançando uma série de artigos favoráveis à candidatura de Franco Rabelo. Enfeixados em brochura, deram origem ao volume *Pelo Ceará*, sua escrita cáustica, à maneira de panfleto, contribui para o debate em torno da conjuntura. Clotilde então segue a senda que galvanizou no XIX, ensaiando a participação política e reiterando os valores cívicos, religiosos e morais em seu texto. Além de conclamar as mulheres a incursionarem nesta seara masculina, integrando as frentes de luta.

O terceiro capítulo do trabalho conta como Francisca Clotilde assume a ação pedagógica de sua palavra, na revista *A Estrela* e no Externato Santa Clotilde, que



inaugurou na cidade cearense de Aracati, para onde seguiu. A revista literária, que começou como um exercício em papel almaço, passou a ser conduzida ao lado da filha, Antonieta, que herdou o apreço à literatura e o prazer de escrever e ensinar. Durante quinze anos, as páginas impressas em bom papel registram uma estreita relação com a escola, os valores familiares, a religião, as leituras prescritas. Uma ampla rede de assinantes e colaboradores se estende por vários lugares do País, congregando homens e mulheres em um projeto que, ao mesmo tempo, incentivava o beletrismo entre a mocidade e referendava a literatura de talentosos escritores e escritoras. Revista de mãe e filha, que também se vinculava afetivamente a seus leitores, por meio de retratos, dedicatórias e gentilezas.

A força dessas muitas histórias se afirma através do itinerário desta corajosa escritora de idéias invulgares, obstinada em criar novos espaços e persuasiva em seus ensinamentos, materializados pela palavra. A ela, não devia existir prazer maior do que sentir seus textos percorridos pelo olhar arguto dos leitores e ter as páginas de seus escritos folheadas.

# CAPÍTULO 1

## LEITURAS NA PROVÍNCIA: CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E IDÉIAS

*Eu diria à mulher inteligente (...) molha a pena no sangue de teu coração e insufla nas tuas criações a alma enamorada que te anima. [Assim] deixarás como vestígio ressonância em todos os séculos.*

Narcisa Amália (1852-1924), escritora carioca

### 1.1. “A ALMA SONHA E OS VERSOS ESTREMECEM”: LER E ESCREVER PARA EXISTIR

Que fazer? Tudo em mim é fraqueza. A mulher é um ser fraco, propalam. Pois, da própria fraqueza, construí a força necessária para comunicar as minhas emoções.

O panorama social cearense, no que concerne ao progresso intelectual da mulher foi, até pouco tempo, de alcance mínimo.

Muito mais carecido de importância do que em qualquer outro trecho do território brasileiro<sup>1</sup>.

Era 1937 e a escritora cearense Alba Valdez<sup>2</sup>, membro e bibliotecária do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, participava do Congresso Regional de História e Geografia, organizado por ocasião do 50º aniversário da instituição. Na solenidade do dia 2 de março daquele ano, discursou sobre a trajetória das mulheres nas letras e história cearenses. De Jovita Feitosa às suas contemporâneas, recuperava em sua conferência, para os homens do Instituto, o percurso feminino que lentamente evoluiu, “aos milímetros”, em meio a um “circuito erigido de preconceitos e superstições”.

Estreitamente ligada ao lar por efeito do rigorismo educacional, sem maiores responsabilidades que as decorrentes dos afazeres domésticos, dos estudos feitos com certa limitação, a mulher visionava a vida menos pelo que possuía de real do que pelas aparências. O preparo intelectual

---

<sup>1</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenário do Instituto. Sessão do dia 2. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza (CE). Tomo LI. 1937. Ramos e Pouchain. p.424.

<sup>2</sup>Alba Valdez era o pseudônimo utilizado pela escritora Maria Rodrigues, nascida em São Francisco de Uruburetama em 12 de dezembro de 1874. Veio para Fortaleza em 1877 em companhia dos pais, por motivo de grande seca, e se matriculou na Escola Normal em março de 1886. Após receber seu diploma em 1889, foi nomeada para reger uma das cadeiras do ensino público de Fortaleza. Valdez integrou os quadros do Centro Literário, da Bohemia Litteraria, da Iracema Litteraria e do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Publicou os livros *Dias de Luz* e *Em Sonho*, cujos capítulos foram traduzidos para o idioma sueco, pelo abalizado homem de letras R. Goron Bjorkman e publicados no *Illustrerad Hwat Nytt*, de Estocolmo. (STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.2. op. cit., p.369).

ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes.

(...)

O mundo, o verdadeiro mundo, contemplavam-no de longe. Os rumores do espetáculo extra-muros chegavam-lhes em notas confusas, desfalecidas em acento e quantidade<sup>3</sup>.

Para o alento das donas-de-casa, “ainda tinham horas de leitura, que reservavam aos romances de Escrich e George Ohnet e às poesias de Casemiro de Abreu, Castro Alves, e Olavo Bilac”, detalha Alba Valdez. Ela praticava uma prosa com traços educativos e memorialistas e cuja produção foi marcada por artigos, contos regionais e reflexões pessoais. Em 1901, publicara a ficção *Em sonho* e, em 1907, as memórias *Dias de Luz*

Extrato substancial do novo público leitor de romances, as mulheres do século XIX liam as obras trazidas em vapores que aportavam em Fortaleza, vindos da Corte e da Europa. Vejamos alguns caminhos dos textos.

A prática de importação de livros e papéis por clientes particulares, colecionadores ou estabelecimentos era freqüente e podia ser acompanhada pelos jornais e almanaques da época. Em fevereiro de 1887, as encomendas de livros chegaram pelo vapor *Manaos*, do Rio de Janeiro e, no dia seguinte, Joaquim J. d’Oliveira recebia as publicações pelo vapor *Pará*. Para o ano de 1897, 601 embarcações movimentaram o porto de Fortaleza, sendo 508 de origem brasileira, oitenta inglesas, dez vindas da Noruega, duas norte-americanas e uma alemã<sup>4</sup>.

As caixas de livros chegavam em meio a artigos diversos: louças, sacas de arroz, cerveja, óleo, farinha, vinho, batatas, azeite, biscoitos, tecidos, luvas, mantas, lenços, perfumes, chapéus, meias, brinquedos, chás e espelhos. Em setembro de 1886, o vapor inglês *Therezinha* trazia volumes de Nova York, nos Estados Unidos. A livraria JJ. Oliveira & C<sup>a</sup> importava cinco caixas de papel e uma caixa de livros de Lisboa, chegadas no navio alemão *Rosário*, proveniente de Hamburgo, Alemanha. O vapor inglês *Sobralense*, entrado de Liverpool, trazia outra caixa de livros para A. Pompeu S. Brazil. O navio inglês *Lisbonense*, com rota que incluía o Pará, vinha do Havre com nova remessa para Joaquim José de Oliveira<sup>5</sup>.

Mas que tipo de livros traziam esses navios? Geralmente os registros se referem a “uma caixa”, sem precisar o conteúdo. No entanto, observando alguns

---

<sup>3</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenário do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 425-6.

<sup>4</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1901*. p. XX.

<sup>5</sup>Jornal *Libertador*, edições pesquisadas de setembro a novembro de 1886 e fevereiro de 1887.

anúncios dos periódicos cearenses, como uma propaganda do estabelecimento de Joaquim José de Oliveira, percebe-se de que forma o comércio apresentava o livro como destaque, entre variados produtos oferecidos. O jornal funcionava como veículo difusor, privilegiado das novidades literárias.

Os livros arrolados no anúncio trazem uma noção aproximada do roteiro de leitura das elites cearenses do final do século XIX. Estão indicadas possíveis escolhas e hábitos da comunidade de leitores, em uma perspectiva que dialoga com a história do livro e da leitura. Elementos que se relacionam às atividades e aos agentes que perpassam o objeto livro, como sua elaboração, fabricação, comercialização e consumo.

Pelos últimos vapores recebeu as seguintes obras: - Historia de Victor Hugo por Christóbal Litran. – Biblioteca das Maravilhas: As Ascensões Celebres às mais altas montanhas do globo, Volcões e Terramotos, Trombas e Cyclones, Os Naufragos Celebres, por Zurcher e Margollé, o Fundo do Mar, por Sonnel; Grutas e Cavernas, por A. Badin; Às Maravilhas Celebres leituras da noite, por C. Flammarion; Viagens às Sete Maravilhas do Mundo, por Lassus; Os Botões e as Viagens Aéreas, por Marion; A Intelligencia dos Animaes, por E. Menault; O Telephone, pelo Conde Th. Du Marcel – O Poder da Vontade, O Character, Economia Domestica Moral, ou a Felicidade e a Independencia pelo trabalho, O Dever com exemplos de coragem, paciência e resignação, por Samuel Smiles – História Natural Popular dos três reinos da natureza, pelo Dr. Martius; Thesouro das Famílias ou Encyclopedia Indispensável às Artes, sciencias, industrias, agricultura e economia domestica, por T. Décio; Descobertas e Maravilhas das sciencias industriaes e domesticas por A.L.Soaes Duarte; Thesouro Inesgotável ou colleção de vários processos e receitas etc, por A. da Silva Vieira; Encyclopedia do Povo e das Escolas, Manual de todos os conhecimentos humanos collaborada por muitos escriptores; A Hollanda e John Bull, por Ramalho Ortigão, Bohemia do Espírito, por Camillo Castello Branco – Da Biblioteca Universal já recebeu; A Viagem à roda do meu quarto, por X. de Maister e o Bacharel de Salamanca, por Lesage a 400 rs. – Supplemento do Almanach de Lembranças de 1888; Almanach Litterario de Indicações, A Relíquia, O Primo Basílio e o Mandarin, por Eça de Queiroz; Contos para nossos filhos, Cartas a Luiza, Mulheres e Creanças, por Maria Amália Vaz de Carvalho; O Reino da Mulher, trad. da mesma; Miniaturas e Nocturnos, por Gonçalves Crespo; A's Mães e às Filhas, contos por Caiel; A Vida Militar, por Amicis; Como um Sonho, por Barrili, A Rússia Subterrânea, por Stepniak; As Meninas Exemplares, Os Desastres de Sophia e as Ferias pela Condessa de Ségur; As Infâncias celebres, trad. de Pinheiro Chagas; Thesouro da Infância, pelo Dr. J. M. de Lacerda; Manual do Examinando de Portuguez, por A. E. da Costa e Cunha; Exercícios de Perfeição e Virtudes Christãs, obra approvada pelo Bispo do Porto; O Jardineiro Brasileiro, com noções de horticultura, por P. S. Salles, Guia do Jardineiro, Horticultor e Lavrador Brasileiro. Por B.J. Muniz Cordeiro, etc.<sup>6</sup>

O anúncio revela o sortimento de leituras disponibilizadas pela livraria e papelaria situada à Praça do Ferreira, número 10, um grande sortimento de obras

---

<sup>6</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 4/04/1888, p.3.

sob rubricas como “Devoção, Direito, Litteratura, Educação, Medicina e Poesia”, além de apetrechos para escritório, perfumarias, óculos, pence-nez, álbuns para retratos e cromos, molduras, livros em branco, papéis de todas as qualidades e caixas de música.

A campanha de venda de seus produtos sinaliza algumas formas que costumavam ser utilizadas para apresentar os livros, conquistar clientes e sustentar o comércio livreiro na cidade. Era habitual o uso de comentários que classificavam as obras e acentuavam sua importância, como “da Biblioteca Universal já recebeu” ou sua moralidade, em classificações como “obra aprovada pelo Bispo do Porto”. Além das recomendações, os títulos deviam influenciar a escolha dos leitores. Características que precediam o contato físico com as obras – o leitor observava atentamente a capa, a distribuição do texto na página em capítulos longos ou curtos, o formato, presença de figuras, tipos e clichês empregados, qualidade do papel.<sup>7</sup> Robert Darnton assinala que os primeiros leitores “compravam livros sem encadernação e inspecionavam cuidadosamente as folhas, esfregando-as entre os dedos, segurando-as contra a luz, verificando a textura, a cor e os defeitos”.<sup>8</sup> Esta complexa materialidade dos impressos era de importância para a experiência sensível e afetiva da leitura.

A relação de livros representava uma estratégia de venda e abria um leque de possibilidades de novas aquisições, atualizando os leitores em relação aos títulos correntes nas províncias do Brasil e em outros países. A análise das informações possibilita intuir os tipos de livros mais solicitados, através da presença de obras como *Exercícios de Perfeição e Virtudes Christãs*, com o aval do Bispo do Porto, como ressalta o anúncio. Títulos como *Exercícios de Perfeição e Virtudes Christãs* e *As Meninas Exemplares* eram procurados. A lista revela o duplo caráter de instrução e diversão na escolha dos impressos: uns liam para salvar suas almas; outros, para informar-se ou instruir-se sobre boas maneiras e saberes práticos. Os tratados de ciência natural e história, as biografias de homens célebres, as enciclopédias e os manuais dividem a preferência com obras como *Mulheres e Criações*, de Maria Amália Vaz de Carvalho, e *O Reino da Mulher*, traduzido por ela.

---

<sup>7</sup>Cf. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

<sup>8</sup>DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 136.

Como a lista se trata de uma propaganda, pressupõe-se que os títulos apresentados sejam de interesse geral, conquistem clientes e atraiam o público leitor do *Libertador* – abolicionistas, escritores, intelectuais, camadas médias, profissionais liberais e mulheres.

Ao contrário do que pode apregoar o consenso, não há o predomínio de livros franceses. Portugal era importante fonte de autores, como prova a chegada de *A Relíquia*, *O Primo Basílio* e *o Mandarim*, de Eça de Queiroz; *Bohemia do Espírito*, de Camilo Castelo Branco; e *A Hollanda* e *John Bull*, por Ramalho Ortigão. Os temas das obras se dividiam em caráter utilitário e pragmático, ciência como curiosidade e divulgação, literatura, pedagogia, moral e condutas exemplares, religião, rudimentos de história natural, almanaques, enciclopédias, miscelânea de literatura, obras de história e política, livros para mulheres ou voltados às crianças.

Outro anúncio da livraria levava ao conhecimento dos leitores a “Bibliotheca de Romances Baratos”. Cada unidade custava 500 réis. Eram títulos como *O Segredo terrível*, por M.E. Braddon; *A Herança do Banqueiro*, de E. Deligny (ambos com dois volumes disponíveis); e *No tempo do temor*, por J. Boulabert (três volumes à venda)<sup>9</sup>.

Além de livros e objetos para escritório, a JJ. Oliveira & C<sup>a</sup> disponibilizava assinaturas para publicações diversas – a *Voz do Cristão*, *A Ilustração*, *Jornal Universal*, *O Occidente*, *Correio da Europa*, *A Estação*, *A Moda Ilustrada*, *O Jornal do Domingo*, *A Semana*, *A Ilustração Portuguesa*, *Biographia dos Homens Celebres* dos tempos antigos e modernos, *Bibliotheca do Povo*, edições populares das obras de Julio Verne, as *Fábulas de La Fontaine*, *O Inferno de Dante* e o jornal dos alfaiates *O Elegante*. Raimundo Girão fala da “afamada livraria Oliveira” como espaço de convivência entre leitores e intelectuais da cidade, um “animado ponto de palestras da boa gente mais cultivada da terra”.<sup>10</sup>

Fortaleza possuía outras livrarias no final do século XIX, situadas preferencialmente na rua Major Facundo, como a da Viúva Gualter (número 74); De Lacy Wardlaw (Livraria Evangélica), número 10; e Satyro Verçosa, número 51.<sup>11</sup>

Fobttes como almanaques e jornais são interrogadas para esclarecer alguns caminhos possíveis da leitura e dos impressos. Para tanto, levamos em

---

<sup>9</sup>Jornal Cearense, Fortaleza, 1/03/1885, p. 3.

<sup>10</sup>GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1959. p. 186.

<sup>11</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1900*. p.154.

consideração a circulação dos impressos em suas diversas formas, a distribuição em livrarias, os catálogos e acervo disponível para leitores e consumidores, encomendas, compra e venda. Fontes como jornais e almanaques são interrogadas no sentido de esclarecer os caminhos da leitura e do livro.

Há, ainda, modos informais através dos quais a propagação dos objetos de leitura e a difusão dos conteúdos são efetivados, como cópias feitas à mão, empréstimos de amigos ou parentes, compra em vendedores não especializados, leituras orais em grupo, aquisições durante viagens, conhecidos de outras províncias, enfim, diversas formas que independiam dos lugares para comprar livros.<sup>12</sup>

E quais seriam os leitores dessas obras? A elite letrada, composta de homens e algumas mulheres, como a cearense Emília Freitas<sup>13</sup>. A escritora apreciava Victor Hugo, Charles Baudelaire, Eugène Sue, Alexandre Dumas, Gonçalves Dias, Castro Alves, Nísia Floresta, Juvenal Galeno, Amália Franco e Francisca Clotilde, “entre outros nomes que, certamente, ocupavam a biblioteca de seu pai, as listas dos livreiros e as estantes do Gabinete de Leitura, bem como as páginas dos jornais que circulavam na província”<sup>14</sup>.

No entanto, embora elas fossem consideradas o principal alvo da ficção romântica, eram os homens a maioria a consultar os títulos literários, inclusive os romances. Até porque eles eram alfabetizados em maior número e estavam mais presentes no espaço público. Predominavam, portanto, nos registros das bibliotecas no período.

---

<sup>12</sup>Ver estudo de SILVA, Ozângela de Arruda. *Livros & Cia: as livrarias e o comércio livreiro em Fortaleza nos oitocentos*. Monografia de graduação em História - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

<sup>13</sup>A poetisa Emília Freitas nasceu em 11 de janeiro de 1855 em Aracati, Ceará. Quando seu pai, o tenente-coronel Antônio José de Freitas faleceu (na então Vila de União, hoje Jaguaruana), Emília mudou-se com a família para Fortaleza. Era 1869. Dedicou-se aos estudos do francês, do inglês e da geografia. Em 1885, frequentou a Escola Normal. Colaborou, a contar de 1873, em jornais como o *Libertador*, o *Cearense*, *O Lyrio* e *A Brisa*, além dos periódicos *Amazonas Commercial* e *Revelação*, do Pará. Publicou *Canções do Lar*, pela Typographia Universal, com uma introdução intitulada *Aos Censores*. Em 1899, saía o romance *A Rainha do Ignoto*. Outro livro de sua autoria é o até então desconhecido *O Renegado*. Acompanhada de um irmão, em 1892, transferiu-se para Manaus, onde lecionou no Instituto Benjamim Constant. Naquela cidade, Emília faleceu, a 18 de agosto de 1908. (SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *A mulher e a abolição*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 1984. p.40-1; STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p. 242).

<sup>14</sup>CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. *op. cit.*, p. 39.

No livro de consulentes da Biblioteca Provincial do Ceará, que abrange o cotidiano de leitores e leituras da instituição entre 1878 e 1887<sup>15</sup>, apenas no dia 7 de setembro de 1886 foi encontrada uma quantidade expressiva de mulheres. Entre as 38 assinaturas localizadas neste diário institucional de leituras, encontra-se a de Francisca Clotilde B. de Lima como uma das primeiras. Nos registros, consta a indicação de “visitantes”, sem menção das obras que teriam consultado ou do motivo da reunião. Na relação, aparecem alguns nomes de mulheres abolicionistas que fizeram parte da Sociedade Cearense Libertadora<sup>16</sup>, como Elvira Pinho e as irmãs Júlia e Judite Amaral. Outras consulentes eram estudantes da Escola Normal e alunas de Francisca Clotilde.

A Biblioteca, aberta ao público todos os dias úteis, das 4 horas às 8 horas da noite, pode ser percebida com outro olhar, para além de espaço de consulta de livros e leituras. O endereço localizado à rua Formosa, número 92, no prédio onde já funcionavam o Gabinete Cearense de Leitura e o Museu Provincial, também era lugar de convivência e estimulava o espírito associativo entre seus freqüentadores, que também se encontravam em cafés e praças. Também é certo, como sugere Leila Mezan Algranti, que “a literatura era apenas um dos numerosos meios de um sistema mais amplo de comunicação e as mensagens que transmitia somente um dos ingredientes na mistura de elementos que constituía a opinião pública”<sup>17</sup>.

O registro de consulentes apresenta os impressos mais solicitados naquele tempo, para fins de instrução ou entretenimento. Eram freqüentes as escolhas de jornais e de títulos de Alexandre Dumas, Alexandre Herculano (*Eurico, o Presbítero*), Bocage, Cícero, Friedrich Schiller, Gonçalves Dias, Jules Michelet (*Napoleon*), Júlio Verne (*O Doutor Ox*), Miguel de Cervantes (*D. Quixote*), Molière, Perez Escrich (autor de *A Mulher Adultera, Amor dos Amores, Coração nas mãos, A mãe dos desamparados, A Esposa Martyr, O amigo íntimo, Casamento do Diabo, A Perdição da Mulher*), Victor Hugo (*Os Miseráveis*), Visconde de Chateaubriand (*Gênio do Christianismo*), Voltaire, Sófocles (*Tragédias*), Spinoza (*Filosofia*).878\*

---

<sup>15</sup>As consultas deste livro de consulentes começaram a ser anotadas em julho de 1878. Deste ano, constam somente os registros do mês referido. A partir do ano seguinte, o cotidiano de leituras é registrado sem interrupções, até 1887. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará. Fundo: Interior e Justiça. Série Arquivo Público, Biblioteca Pública e Museu Histórico do Ceará. Livro de Consulentes da Biblioteca Pública do Ceará. Data limite: 1878-1887.

<sup>16</sup>Cf. item 1.3. “Entre normas e afetos no espaço escolar”.

<sup>17</sup>ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP; 2004. p. 163.



Não se pode afirmar que os consumidores do mercado livreiro eram os leitores das obras adquiridas, já que não lemos todos os livros que possuímos e lemos muitos livros que nunca compraremos.<sup>18</sup> Os consulentes, talvez, não lessem as obras retiradas por completo. Resta ao historiador deter-se a indícios de leitura, como alguns legados pela escritora Francisca Clotilde. Esparsas em seus textos, essas evidências ajudam a compor parte de seu repertório intelectual. Um dos autores indicados era Victor Hugo.

Os sentimentos e idéias despertados pelo autor francês deixaram marcas nos escritos de Clotilde, em cuja estante seus livros deveriam ocupar lugar de destaque. Filho do império, nascido em 1802, Victor Hugo – que acaba por se convencer do interesse da democracia liberal e humanitária, abandonando a postura monarquista e conservadora – torna-se um dos maiores expoentes do romantismo em seu país, com textos que trazem aspectos textuais formais e singular riqueza de imagens.

Ao autor, Francisca Clotilde presta homenagem, revelando a atenta leitura de duas de suas principais obras (*Os Miseráveis* e *Notre Dame de Paris*), além de um terceiro título que deve ter sido consultado no original em francês, *Han d'Island*. A crítica ressoa em timbre feminino e surge para explicitar seus itinerários de leitura, influenciados pelo romancista francês.

A escritora demonstra que as personagens femininas criadas por Victor Hugo chamam sua atenção. Para ela, o autor “elevou a mulher, idealizando as mais bellas criações femininas, e iluminando-as com as irradiações de seu prodigioso cérebro que se banhava n’um oceano de luz e inspiração”.<sup>19</sup> Valioso indicativo de leitura, que revela sua prática de “caçar” essas personagens e, quem sabe, se inspirar neste repertório oferecido, com temáticas relacionadas às mulheres.

A mulher ocupa sempre um lugar proeminente em todas suas obras, e quer se mostre pura ou criminoso deixa os rastos luminosos de uma alma susceptível de aperfeiçoar-se e engrandecer se pelo amor.  
Em – *Notre Dame de Paris* – palpita uma de suas melhores criações femininas – a Esmeralda.<sup>20</sup>

Esse esforço de crítica evidencia uma prática de leitura, etapa de difícil apreensão no circuito do livro, por ser uma marca quase sempre apagada pelo tempo ou não registrada, de grande valor para os pesquisadores.

---

<sup>18</sup>DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. *op. cit.*, p.152.

<sup>19</sup>CLOTILDE, Francisca. Victor Hugo. *Revista A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 31/05/1887, p.79

<sup>20</sup>*Idem, Ibidem*, p. 80.

Enredos como *Han d'Island* traziam crimes, vinganças, conflitos familiares. Clotilde sintetiza a história: “E’ um homem que se transforma em féra para, no delírio de uma febre infernal, beber no craneo do filho assassinado o sangue de uma raça inteira”.<sup>21</sup> As palavras de Victor Hugo, quando percorridas, causavam sensações. Especialmente nas mulheres, estimulava os sentidos e propiciava novas idéias. Reações nem sempre desejadas pela sociedade.

Foi o que ocorreu com Francisca Clotilde, que utilizou o espaço na revista *A Quinzena* para comentar as impressões provocadas pelas obras de Victor Hugo. Sentimentos que talvez a impeliram a escrever. Em sua morada, no espaço privado, durante um tempo disponível, a escritora viveu os “prazeres do céu” e os “horrores do inferno”, alternando os mundos do cotidiano e da fantasia. Roger Chartier fala que os leitores “eram tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a trama. Toda sua sensibilidade estava engajada nessa nova forma de leitura intensiva”. Era inevitável que os leitores, principalmente as mulheres, não controlassem as emoções e “com freqüência, tomavam de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas”.<sup>22</sup>

A leitura não se revela somente como “uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”.<sup>23</sup> Decifrar aquelas palavras em silêncio significava um encantamento perigoso, representado pelos autores como “mais apta que a palavra viva, recitante ou leitora, a tornar crível o incrível”<sup>24</sup>. Basta perceber o entusiasmado vocabulário com que Clotilde se expressa: vibrante, vigorosa, elétrico, palpita, sonha, estremece, prazeres. A descrição revela que “justamente a leitura silenciosa, na qual todas as emoções deveriam ser interiorizadas, podia também intensificar o retorno ao mundo da fantasia”<sup>25</sup>. Tolerado ou furtivo, o prazer da leitura significou,

---

<sup>21</sup>CLOTILDE, Francisca. Victor Hugo. *op.cit.*, p. 80.

<sup>22</sup>CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002. p. 25.

<sup>23</sup>*Idem*, *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Universidade de Brasília, 1994. p. 16.

<sup>24</sup>*Idem*, Leituras e leitores “populares” da renascença ao período clássico. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2. p.125.

<sup>25</sup>WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. *op. cit.*, p.149.

para muitas mulheres, “um jeito de se apropriar do mundo e do universo erótico dos corações”<sup>26</sup>.

Basta uma de suas obras – os Miseráveis – para ostentar a onipotencia de seu genio.

Ao lê-la, a mente devassa mundos desconhecidos, o coração palpita, a alma sonha e os versos estremecem sob as mais doces e agradáveis sensações.

Por vezes a phrase é vibrante, vigorosa e produz o efeito de um choque electrico, as vezes é meiga, suave, deliciosa com o resaiço do beijo maternal: ora sóbe em espiraes de poesia aos prazeres do céo, ora desde no redemoinho das paixões até os horrores do inferno.<sup>27</sup>

Os protocolos de leitura de Clotilde não incluíam, pelo visto, obras de autores da escola naturalista, consultadas por outros leitores de seu tempo. Não foram encontradas referências diretas em seus textos a nomes como Émile Zola ou Gustave Flaubert. Aparecida Paiva cita as palavras do Frei Pedro Sinzig que, em 1923, condenam os livros assinados por estes autores.

Zola é o representante mais forte do naturalismo no romance, que não recua de descrever o que há de mais baixo e animal no homem, pelo que é muito prejudicial. Suas obras são tão ignóbeis que até seus amigos acabaram por ter náuseas delas. Assim diz o Pe. Bethléem. Todos os seus livros estão no Índex. Flaubert. Discípulo de Balzac. Foi tão realista na descrição de cenas ambíguas e imorais que seu romance *Mme Bovary* foi impugnado diante do tribunal. Seus livros não podem ser lidos por quem preza a moral cristã.<sup>28</sup>

Alguns livros eram vistos como perturbadores da ordem. Diversas personagens femininas da literatura da época apareciam “negativamente” influenciadas pelas leituras “alcoviteiras” e “impuras”, representadas pelos arquétipos de transgressão social contidos em criações como Emma Bovary, do francês Gustave Flaubert. As meninas de *A Normalista* (do cearense Adolfo Caminha) se entretinham, por exemplo, com o português *O Primo Basílio*.

Depois que saíra da *Imaculada Conceição* a vida não lhe era de todo má. Ora estava ao piano, ensaiando trechos de música em voga, ora saía a passear com a Lídia Campelo, de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Ultimamente a Lídia dera-lhe a ler *O Primo Basílio*, recomendando muito cuidado: “que era um livro obsceno”, lesse escondido e havia de gostar muito. (...)

- Não contes, atalhou Maria, tomando o livro – quero eu mesmo ler... Gostaste?

<sup>26</sup>PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1998. p. 32.

<sup>27</sup>CLOTILDE, Francisca. Victor Hugo. *op.cit.*, p. 80.

<sup>28</sup>SINZIG, Frei Pedro. Através dos romances: guia para as consciências. Petrópolis, Vozes, 1923. apud PAIVA, Aparecida. A leitura censurada. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p. 425.

- Mas muito! Que linguagem, que observação, que rigor de crítica!... Tem um defeito – é escabroso demais.  
- Onde foste tu descobrir esta maravilha, criatura?  
- É da mamãe. Vi-o na estante, peguei, li-o. (...)  
Uma noite o padrinho quase a surpreende no quarto, deitada, com o romance aberto, à luz de uma vela. Porque ela só lia *O Primo Basílio* à noite, no seu misterioso quartinho no meio da casa pegado à sala de jantar<sup>29</sup>.

Até então, Maria do Carmo lera apenas romances de José de Alencar e o folhetim *Consciência*, de Heitor Mallot, publicado na *Província*. A mulher, então, cruza “as páginas dos livros, cruza ao mesmo tempo os limites dos comportamentos desejados”.<sup>30</sup> Mas o livro da mãe em mãos despertara interesse extraordinário e a fizera experimentar as temíveis sensações que uma leitura dessas poderia causar. O corpo se engaja nesta experiência.

A primeira entrevista de Basílio com Luísa causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária superexcitação nervosa; sentiu como um formigueiro nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado de um gozo infinito...<sup>31</sup>

Algumas mulheres, contudo, procuravam entretenimento através de obras amenas e sãs que – sem pretensão de afrontar a crítica, transtornar o espírito ou criar uma escola à parte – contribuiriam para fortalecer os preceitos morais das jovens, sem conteúdos atentatórios à moral. Sinal dos tempos em que o livro e a experiência da leitura e suas entrelinhas se configuravam como estratégia de alargamento das margens do ainda estreito mundo feminino de idéias.

Francisca Clotilde, como se verá adiante, prezava e divulgava os preceitos cristãos em seus escritos, mas não se furtava a abraçar outras influências literárias além de Victor Hugo, como o inglês George Gordon Byron (1788-1824), Lord Byron, e o alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749 -1832). Os livros de Byron, que traziam uma aura de sedução e certa elegância mundana, poderiam dividir as mesmas prateleiras que os pensamentos do literato e homem de ciências Goethe, que participava do movimento *Sturm und Drang* (“Tempestade e impetuosidade”), em meados do século XVIII, e apresentava uma linguagem emotiva e vital em seus textos.

---

<sup>29</sup>CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 26.

<sup>30</sup>LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 284.

<sup>31</sup>*Idem, Ibidem*, p. 27.

Em paralelo, a escritora realizava leitura de jornais, reportagens sobre a cidade e outras informações que fugiam ao domínio da imaginação, tão presentes nos romances ligeiros e folhetins de preferência feminina. Um conjunto de leituras variadas que, continuamente, incorporava novas indicações, retiradas de periódicos que chegavam a suas mãos ou conhecidas por intermédio de colegas e amigos. Diversas referências, de outros autores e leituras, se depositam em espaços intertextuais e tornam a investigação dos textos de Clotilde ainda mais fascinante. Tarefa é empreendida ao longo de todo o presente estudo.

Era um tempo em que se acreditava nas leituras modeladoras de comportamentos. O pensamento corrente falava de obras “frívolas” que guiariam as mulheres para a perdição dos adultérios, rebeldias e outras idéias perniciosas. Muitos livros eram previamente escolhidos por familiares, pelo marido ou pela Igreja. O cerceamento ou seleção dos temas também era poderia ser praticado durante a leitura em voz alta do jornal pelo marido, na sala, com a família. Nesse sentido, Diana Gonçalves Vidal afirma que “o aumento da quantidade de livros e de leituras gerou uma necessidade de controlar a apropriação do lido, constituindo-se maneiras adequadas de ler”<sup>32</sup>.

Medidas prescritivas visavam manter as mulheres fora do mundo do trabalho e das idéias avançadas, devendo ocupar-se preferencialmente com o trato dos filhos e o cuidado com o lar. A interiorização de normas morais deve ter retardado ou até mesmo impedido muitas mulheres de se dedicarem à literatura.

Tema recorrente nos textos da época, as supostas virtudes femininas têm grande valor dentro da sociedade finissecular. Caridade, modéstia e civismo, por exemplo, deveriam ser cultivadas pelas mulheres do período. Abel Garcia fala da bondade como a “feição proeminente” do caráter feminino. A mulher “tem o segredo de saber soffrer e consolar”.

No exercicio da caridade e da virtude a mulher cearense attingiu muita vez a essas culminações da perfectibilidade moral da humanidade. Si d'entre a media em que fazemos as nossas observações não surgiu ainda uma mulher que roubasse ao homem a luz de um talento extraordinario, como Rattazi, ou usurpasse seus habitos varonis, como George Sand, muitas tem-se apresentado aureoladas pelo duplo e brilhante diadema do altruismo e do civismo, estancado a sède e suavizando a fome do

---

<sup>32</sup>VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p. 353.

emigrante azorragado pelas seccas ou influenciando no movimento abolicionista provincial.<sup>33</sup>

Para o público feminino de romances, operava-se uma disputa velada entre leituras: de um lado, livros e manuais castos e pedagógicos; do outro, a encantadora transgressão de algumas obras. Para muitos, o livro era um objeto a ser possuído, em um tempo em que as belas letras e a instrução representavam signos de distinção social. O *Libertador* relata roubos de obras na Biblioteca Pública, evidência de que alguns leitores não se deram ao trabalho de retirar alguns mil-réis da algibeira para adquirir as próprias obras no mercado. Em nota, o bibliotecário Antônio Augusto de Vasconcelos diz chegar a seu conhecimento o fato de que “diversas pessoas conservam em seu poder livros pertencentes a Bibliotheca”. Augusto pede a essas pessoas que as venham restituir, sob o argumento de que “é o bom censo que reclama”.<sup>34</sup>

Na contramão dessa postura, há leitores que se dispõem a doar obras aos espaços de leitura, a exemplo de William Studart, que ofereceu livros ao Reform Club e ao Gabinete de Leitura. A nobre atitude é registrada no *Cearense* com o título “Offerta importante”.

O ilustrado Sr. Dr. William Studart acaba de oferecer (...) vários números de jornaes inglezes do século passado e documentos de alto interesse histórico, entre os quaes os fac-similes da Magna Carta, das sentenças de morte proferidas contra Carlos I da Inglaterra e Maria Studart, e proclamação da Independência dos Estados Unidos<sup>35</sup>.

No Brasil dos oitocentos, a cultura letrada era presidida de um certo “caráter ornamental”<sup>36</sup>. Os impressos representam poder, são reconhecidos como fontes de conhecimento e de deleite, além de acessarem o sagrado. Desta feita, os livros “inscreviam-se em relações de saber, poder e prazer, sendo importantes nas vidas privada e pública, definindo redes de sociabilidade”<sup>37</sup>.

A cultura escrita estava impregnada na sociedade provincial cearense e adquiria um novo valor na consciência pública. Acompanhava o desenvolvimento da cidade, trazia alguns ventos de emancipação a homens e mulheres, estimulava o

---

<sup>33</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense III. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 28/02/1887, p. 25.

<sup>34</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 6/04/1888, p. 3.

<sup>35</sup>Jornal *Cearense*, Fortaleza, 5/4/85, p.1.

<sup>36</sup>MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de leitura do Império: casas esquecidas da censura? In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p.402.

<sup>37</sup>VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p. 185.

sentimento gregário de intelectuais, inseriu escritores na força produtiva e na carreira social, além de alargar o horizonte moral e espiritual, principalmente das classes médias e altas, da Fortaleza do fim do século XIX.

Os jornais constituíam outro relevante objeto de leitura, e sua presença intervinha social e intelectualmente no espaço urbano. Suas páginas podem se configurar em um território dividido, no qual os homens buscavam a política, as cotações de preços e a literatura, enquanto as mulheres tomavam para si as sessões mais “imaginativas”, dedicadas aos folhetins em série, poemas, ficções estampadas nos rodapés, além dos anúncios de elixires e pomadas para o cuidado da família. Isso sem esquecer das novidades da moda chegadas diretamente da Europa, especialmente da França.

Folhas como *A Quinzena*, *Libertador* e, posteriormente, *A República*, por exemplo, registravam permanentemente contos, artigos e folhetins de autoria nacional ou estrangeira em suas páginas. Quantas mulheres não teriam colecionado fragmentos de textos, compondo sua biblioteca privada improvisada, de livros montados com esses recortes? Quantos desses cadernos não seriam matéria de intercâmbio, em uma rede de sociabilidade estimulada pela avidez feminina por histórias? O que elas conversavam quando se encontravam? Que sentidos, imaginações e sensações as palavras despertavam?

A alfabetização das mulheres progredia nas cidades do século XIX e a imagem de uma leitora mais ativa, que apresentava novas idéias, era vista com desconfiança. Afinal, tradicionalmente, a mulher deveria ler e se instruir dentro de uma perspectiva dos “bons costumes”, como a guardiã que mantém os rituais familiares. As motivações deveriam se restringir à religiosidade ou ao viés utilitário e, quase sempre, afastadas das preocupações centrais da vida pública. Caso a leitora se deleitasse com os devaneios da leitura frívola, poderia até ser acusada de negligente com a casa, os filhos e o marido – afinal, teriam “tempo de sobra” para se deleitar com romances.

O livro, portanto, estava presente em casa, no cotidiano de algumas famílias. Para aqueles poucos que dispunham de condições, um mobiliário especial, defendiam os fabricantes de luxo, facilitaria a apreensão da leitura demorada, que antes ocorria em posições pouco adequadas. Assim, criaram-se “*chaises longues* com púlpito embutido, móveis multifuncionais para as damas de classe (...), escrivaninha, penteadeira ou mesa de refeição; confortáveis ‘cadeiras inglesas para

leitura ou sono' e coisas semelhantes"<sup>38</sup>. A requintada cadeira para leitura anunciada no *Libertador*, por J.A. Amaral & Filho, destinava-se 'as pessoas "que se dedicam à leitura" e servia para o descanso "em qualquer posição", além de reservar estante para conservar a pena, o papel e a tinta.

Esta importante cadeira que pussue todas as commodidades necessárias, serve para descanso em qualquer posição. Elasticada forma-se uma grande cama de dormir para o que tem 3 grandes colxões de couro da Rússia. Tem um aparelho estante que serve para prender o livro aberto na posição que se desejar sem occupar as mãos. O aparelho-estante tem espaço para conservar-se penna, papel e tinta. Convidamos as pessoas que se dedicam á leitura a virem ao nosso estabelecimento para vêr a peça que anunciamos por preço barato.<sup>39</sup>

A estrutura possibilitava que o leitor tomasse notas e tirasse o máximo proveito da atividade. Acreditava-se que o conforto do mobiliário poderia favorecer a compreensão e o aproveitamento da leitura, com um suporte especial para livros e acolchoamento, que criavam a atmosfera ideal para ler. A posse de aparelhos sofisticados como este, "um conjunto de máquinas complicadas e caras", dava ao leitor a vantagem "ou sensação de vantagem – sobre os leitores menos afortunados"<sup>40</sup>.

Havia a preocupação em proporcionar uma atividade intelectual em boas condições, denotando-se, ainda, o hábito da leitura individualizada. Modalidade que se distinguiu, para além da leitura em voz alta, compartilhada, praticada no século XIX, principalmente em círculos operários e escolas. Leitura que proporciona mais intimidade com as palavras.

Os móveis também refletiam a necessidade de tomar notas para reter o conteúdo. A presença de pena, tinta e papel poderia remeter a um hábito humanista de leitura e acumulação de conhecimento mencionado por Roger Chartier: "copiar citações que leu e observações que tinha feito ou coletado sobre uma série de tópicos, que permitiam o reaproveitamento das informações e exemplos acumulados para a produção de novos textos"<sup>41</sup>. Para muitos intelectuais, não seria possível compreender um texto sem copiá-lo. Escrever, portanto, era uma forma de leitura.

---

<sup>38</sup>WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental. op.cit.*, p.149.

<sup>39</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 18/02/1887, p.4.

<sup>40</sup>GRAFTON, Anthony. O leitor humanista. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental. op.cit.*, p. 38.

<sup>41</sup>CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. *op. cit.*, p. 25.



Quem sabe, este hábito possa ter estimulado o surgimento de mulheres e homens dispostos a iniciar exercícios de escrita.

Possivelmente mais mulheres do que se imagina eram então capazes de ler. (...) A Igreja católica tinha se esforçado ao máximo para incentivar as pessoas a ler, mas não a escrever. (...) Por essa razão, é possível que muitas mulheres soubessem ler, mas não assinar seu nome ou escrever. Em algumas famílias, havia uma divisão rígida do trabalho com a escrita, pela qual as mulheres liam para a família, enquanto os homens cuidavam da escrita e da contabilidade<sup>42</sup>.

A maior divulgação dos livros e dos hábitos de ler e escrever fez com que o século XIX testemunhasse um fenômeno relativamente novo até então: o da mulher com pretensões literárias. Aprendendo a ler e mais familiarizada com os impressos, algumas inventavam seus próprios enredos e aspiravam tornar-se *femmes de lettres*.

No Ceará, a presença feminina passa a ser notada com maior frequência nos jornais da época e deriva da formação de um campo intelectual ampliado, especialmente, após 1875. À maneira de demiurgos e profetas, escritores, professores, profissionais liberais e trabalhadores, com trajetórias intelectuais próximas, impulsionaram a formação de bibliotecas, gabinetes de leitura, tipografias e agremiações literárias. Viam-se, enfim, impressos e impressas.

Pensamentos diversos em seus registros – sem serem, necessariamente, divergentes – acabavam por trazer à tona, no periodismo ou em romances, discussões e questionamentos a respeito de valores femininos e lugares sociais da mulher, entre outros assuntos pouco explorados até então. Era o momento de elas mesmas escreverem sua versão da história.

Oscilando entre tradição e modernidade em relação à condição feminina, algumas conseguiam romper com as normas sociais que lhes eram impostas. Em sinal de redefinição de papéis, elas passam a ocupar novas funções e lugares. A campanha abolicionista do último quartel do século XIX foi, no Ceará, a valiosa oportunidade que elas encontraram para ingressarem no cenário das decisões, ao lado dos homens.

---

<sup>42</sup>LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental. op.cit.*, p. 167.

## 1.2. CAMPANHA ABOLICIONISTA E A FAGULHA DA CRIAÇÃO

Era 14 de maio de 1883, no Club Cearense. Após participar de algumas manifestações a favor da libertação dos escravos, na capital, D. Carollina Carlota Cordeiro protestou. Tirou das orelhas os brincos de brilhantes, os anéis dos dedos e um colar de pérolas, levantou-se, dirigiu-se à mesa do presidente da reunião. Depositou as jóias nas mãos dele e declarou, em voz alta: “Eis aqui a minha contribuição”<sup>43</sup> A esposa de João Cordeiro, um dos líderes da campanha da abolição e senador da República, assumia publicamente estar do lado favorável à abolição.

Carollina foi apenas uma, entre as dezenas de mulheres entusiasmadas pela causa no Ceará. A campanha agregou professoras, músicas e escritoras, como Alba Valdez, Elvira Pinho<sup>44</sup>, Emília Freitas, Maria Tomásia, Francisca Clotilde e Serafina Pontes. Inspiradas pelos relatos dos horrores da escravidão, elas agiam. Maria Correia do Amaral (1826-1904), por exemplo, chegou a auxiliar as fugas dos cativos, ajudando-os com esconderijo no fundo de casa. Dali, os negros lançavam-se a um complexo roteiro de fuga, enviados à mata dos Barreiros e do Porangabussu e, em seguida, até a serra de Maraguape<sup>45</sup>.

Nesta etapa do trabalho, procuro retomar o percurso de idéias liberais e abolicionistas, para, a partir destes elementos, vislumbrar parte da produção poética e intelectual feminina nos últimos anos dos oitocentos. Escritoras como Nísia Floresta<sup>46</sup>, Ana Luisa de Azevedo Castro e Maria Firmina dos Reis, já utilizariam a pena para tecerem questionamentos sobre a escravidão. Muitas, em manifestações

---

<sup>43</sup>GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, 1969. p. 159.

<sup>44</sup>Elvira Pinho nasceu em 12 de julho de 1860 em Maranguape, Ceará. Fez seus primeiros estudos naquela cidade, com a professora Martiniana de Paula Tavares Coutinho. Órfã aos 12 anos, foi criada por sua tia Maria Correia do Amaral, sendo matriculada no Colégio Imaculada Conceição de Fortaleza em 2 de fevereiro de 1873, para prosseguir os estudos. Tornou-se educadora e uma pianista de mérito. Também foi abolicionista, sendo uma das principais companheiras de Maria Thomázia – ocupou, aos 22 anos de idade, o cargo de 2ª secretária das Senhoras Libertadoras. Em 1893, viajou ao Rio de Janeiro para aperfeiçoar os conhecimentos musicais. Em 1913, foi a primeira mulher a ocupar a diretoria da Escola Normal – posto em que permaneceu por apenas três meses, devido à intervenção federal que sobreveio. Continuou lecionando em sua cadeira de música, da qual se aposentou em 1919, após 37 anos de magistério público. Cf. SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *Op cit.*, p. 38-9.

<sup>45</sup>SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *A mulher e a abolição. op.cit.*, p.51

<sup>46</sup>Sobre a autora, é de relevo consultar obra que guarda a compilação de muitos de seus escritos, da pesquisadora DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005; *Idem*, Nos primórdios do feminismo brasileiro: direitos das mulheres e injustiça dos homens. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

sociais, insurgiam-se contra a monarquia. Conseqüência política estimulada a partir de vivências, que inclui a prática da leitura de romances, folhetins e jornais que traziam á tona a problemática escravagista.

Da mulata Maria Firmina dos Reis<sup>47</sup>, *Úrsula* é considerado o primeiro romance de uma brasileira. Publicado no Maranhão ao custo de dois mil réis pela Typografia do Progresso, em 1859, narra o amor entre uma jovem e um bacharel de direito. A heroína, perseguida pelo tio materno, senhor de terras e escravos, anseia pela viagem que a levaria para longe – a ponto de invejar um ex-escravo que, liberto, teria maior mobilidade que ela. Úrsula e o bacharel tentam fugir, são capturados e ele é morto. Ela enlouquece e amaldiçoa o vilão, o que causa a morte dele<sup>48</sup>.

Algumas mulheres também se faziam presentes no plano abolicionista cearense através da inteligência e da atuação pública. Escreviam, liam, davam aulas, participavam de reuniões, demonstravam sua filantropia e intervinham de várias formas. Em janeiro e março de 1883, a escritora Emília Freitas demarcava seu posicionamento político ao discursar para a nova sociedade abolicionista feminina Cearenses Libertadoras.

Anos depois, Alba Valdez analisa a atuação feminina na campanha pela libertação dos escravos, destacando “os pródomos do movimento abolicionista” que despertam os escritos de Emilia de Freitas e Francisca Clotilde. Elas estrelavam as colunas dos jornais “com a comovente música humanitária de suas estrofes”<sup>49</sup>. Neste horizonte, é possível relacionar a produção literária de autoria feminina à intervenção social.

Credenciada colaboradora do *Libertador*, Francisca Clotilde participava ativamente de celebrações da sociedade, como a solenidade da libertação total da província. Representou seu “município natal”, Baturité (embora nascida em Tauá),

---

<sup>47</sup>Nascida em 1825, a maranhense Maria Firmina dos Reis colaborou para a imprensa local, publicou contos e livros e participou de antologias. Foi música e compositora. Como muitas mulheres de seu tempo, foi professora e a única aprovada em um concurso estadual, ocorrido em 1847, para a instrução primária na Vila Guimarães, onde residia. Anos depois, fundou, a poucos quilômetros da Vila, em Maçarico, uma aula mista e gratuita para alunos que não podiam pagar. Nessa época, ela contava 34 anos de magistério público oficial, faltando apenas um ano para se aposentar. Cf. MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 264-284.

<sup>48</sup>Sobre o livro *Úrsula*, ver OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação de mestrado em Estudos Literários - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

<sup>49</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenário do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 429.

como um dos “anjos do quadro de luz, encarnação brilhante do nosso patriotismo”<sup>50</sup>. Era recomendada “toda a simplicidade no *toilette*” para as senhoras: “vestido de cambraia branca, luvas e botinas à vontade: uma flor no cabelo e no peito, facha azul com o simples nome do município e a bandeira que o symbolisa”.<sup>51</sup> A comemoração ocorreu em frente à Estação Central da Estrada de Ferro, num pavilhão aberto, da qual participaram cerca de quatro mil pessoas, de todas as classes sociais. As senhoras cearenses cantaram o Hino da Redenção em coro, antes do discurso do presidente. Gisela Schimmelpfeng recupera fatos do ponto culminante da cerimônia.

Não faltavam discursos, como também declamações de poesias, sempre acompanhadas de orações entusiásticas, chegando então o ponto culminante deste extraordinário dia. Com duas penas de ouro que foram oferecidas ao Sr. Presidente e ao Bispo Diocesano, em nome das senhoras e senhores da “Sociedade Libertadora”, fora assinada a ata taosignificativa desta sessão, que declarava LIVRES todos os ESCRAVOS RESIDENTES NO CEARÁ<sup>52</sup>.

Dias depois, Francisca Clotilde publica, na edição comemorativa de 25 de março do *Libertador*, poema que saúda a abolição, formando a frase “O Ceará é Livre”. Uma característica importante de seus textos é que a autora não atribuía voz aos escravos – limitava-se a falar por eles e sobre eles.

Aos libertadores

**O fim é este! Ousados Paladinos  
Chegastes ao thábor cheios de glória  
E a fronte ides alçar ao som dos hymnos  
Aos cânticos festivos da victoria  
Ressoe o brado augusto da amplidão:  
Aqui hoje se estreita um povo irmão!**

**É livre o Ceará, reina a igualdade:**

**Livres somos! Triumpho a nobre idea!  
Immensa se levanta a liberdade  
Vencendo aos bellos cantos na epopea  
Rompe as brumas c’o loura alvorada  
E a aurora de Deus, surge abrasada<sup>53</sup>**

Eventos como esse traziam à tona a idéia de que a mulher “nem sempre volveu ella a vista tão somente para a intimidade do lar”, colocando seu espírito a favor de

<sup>50</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 14/03/1884, p.3.

<sup>51</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 17/03/1884, p.2.

<sup>52</sup> SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *A mulher e a abolição. op.cit.*, p. 21-2.

<sup>53</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 25/03/1884, p.2.

causas relevantes para toda a província. “Ao advento da mulher cearense aos arraiaes do abolicionismo” diz Abel Garcia, “se debandaram os ultimos *pavilhões negros*”. A palavra feminina, “palpitante de amor pela humanidade” ocasionava a capitulação dos “reaccionarios”.<sup>54</sup> O escritor revela o conhecimento de biografias de mulheres ilustres e cita as cearenses abolicionistas, “as Maria Tomásia”, como integrantes desse panteão de figuras gloriosas.

Joanna Hachette, prototypo do valor civico, Roland, uma das figuras mais fulgurantes da revolução franceza, Corday, Steil, modernos exemplos da mulher como elementos de força e signal de triumpho de uma idéia social, não preenchem toda a pagina da historia consagrada ao registro do tributo feminino para a formação da civilsação. As Maria Thomazia têm direito a um logar no concerto universal do progresso humano e podem tranquillas comparecer perante o austero tribunal da historia.<sup>55</sup>

Francisca Clotilde participava de um cotidiano de solenidades, comissões e atividades em prol da libertação dos escravos, revelado nas páginas do jornal. Na *Gazetilha*, espaço do *Libertador* reservado a acontecimentos relevantes da cidade, ela estava presente na “rellação das Exm<sup>as</sup> Sr<sup>as</sup> que prestaram seu concurso ao convívio dos mendigos”<sup>56</sup> e em manifestações que reuniam políticos e representantes da igreja e das elites, a exemplo da celebração promovida pelas senhoras cearenses e a Cearense Libertadora a Dr. Satyro d’Oliveira Dias, no palácio do governo. Um escolhido concurso de senhoras e cavalheiros reuniu-se no salão de honra, contando com a presença do Bispo diocesano Exm<sup>o</sup> Sr. D. Joaquim. No decorrer da cerimônia, Francisca Clotilde Barbosa Lima toma a palavra, em nome de suas dignas companheiras de comissão. “Em voz clara e vibrante”, registra o jornal, “a illustre senhora disse que as cearenses [...] tinham com os louros da victoria formado uma corôa que offereciam ao distincto administrador incansável no serviço da causa grandiosa da liberdade. Clotilde, então, ofertou a Dr. Satyro uma rica coroa de louros e ouro, da qual pendia um laço de fita, em cujas extremidades lia-se “Ao Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. Satyro Dias as Cearenses Agradecidas!”. “Beijando a mão da distincta senhora, o Sr. Dr. Satyro recebeu a preciosa prenda entre ruidosas palmas do immenso auditório”<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense III. *op.cit.*, p. 26.

<sup>55</sup>*Idem, Ibidem*, p. 26.

<sup>56</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 5/04/1884. p. 3.

<sup>57</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 7/04/1884. p. 3.

Essas ocorrências durante a campanha abolicionista mostram a cidade como lugar de mulheres participantes, que começavam a refletir – e a questionar – as situações de subordinação. Embora contribuíssem mais com iniciativas filantrópicas do que participassem de debates e decisões, as mulheres, gradativamente, criaram outras iniciativas e estratégias, tomando aquele movimento sócio-político como um impulso para a participação política. June Hahner historiciza algumas dessas modalidades de participação. A maior parte era de manifestações que preservavam os papéis femininos – as mulheres estavam envolvidas com culinária, a benevolência ou a delicadeza das notas musicais ao piano, em ocupações sem grande destaque.

Árias ou concertos de piano executados pelas filhas ou esposas dos líderes abolicionistas davam graça aos encontros abolicionistas. Desde que as mulheres da elite de há muito vinham divertindo reuniões sociais fechadas, poucos brasileiros poderiam achar inconveniente que a talentosa Luiza Regadas do rio de Janeiro emprestasse sua adorável voz para levantamento de fundos para a causa abolicionista. Como outras abolicionistas, ela também vendia flores e saborosos docinhos em favor da causa. Algumas mulheres eram enviadas por membros masculinos de clubes abolicionistas às portas de cemitérios e igrejas para angariar fundos. Embora essas atividades exigissem uma certa resolução e determinação para suportar o desconforto físico, tal como permanecer na chuva durante todo o dia, também podiam reforçar a imagem feminina de nobreza e auto-sacrifício.<sup>58</sup>

Outras mulheres podem ter despertado para esse novo momento através da leitura de jornais, onde encontravam a poética antiescravista de Juvenal Galeno ou Castro Alves, entre outros. Os anúncios de compra e venda de escravos também faziam parte do repertório dos periódicos. Havia, ainda, as lembranças de um dia-a-dia marcado pela estrutura escravagista. O escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo descreve uma passagem, provavelmente da juventude, que envolvia sua avó.

As senhoras de distinção iam à missa em palanquim. Entre estas estava minha avó paterna, para quem o marido, o português Manoel José Theophilo, negociante abastado, mandara vir da terra um muito lindo. Comprara uma parelha de escravos, parecidos, como se fossem cavallos de sége. Aos domingos, lá iam aquelles desgraçados, atrelados, carregando a senhora para a igreja. Quando minha avó me contava esta historia, eu, que era tão abolicionista quanto ella escravagista, condemnava aquela barbaridade; a velhinha ria-se e dizia-me que o escravo vinha do começo do mundo<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup>HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 46.

<sup>59</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Através do passado*. In: *Idem, Scenas e Typos*. Fortaleza: Typographia Minerva, 1919. p. 36-7.

As mulheres abolicionistas que buscavam romper com esta situação foram alvo de resistência masculina e até de outras mulheres. Quanto mais distantes de seus papéis domésticos e presentes nos espaços públicos, realizando atividades que não eram extensões de suas funções maternais e de esposa, maior oposição enfrentavam. Muitas delas não se preocupavam com as más línguas e saíam sozinhas à rua, pelas ruas sem iluminação pública, para participar de reuniões e outros acontecimentos. Mulheres envolvidas com política, invadindo espaços outrora masculinos, eram um fato desconcertante para a época. No caso das abolicionistas, o impacto só não fora maior porque essas mulheres priorizavam as tarefas filantrópicas, mais bem aceitas como ocupação fora do lar.

Abel Garcia, em seu ensaio sobre a mulher cearense, fala de uma demonstração de “superioridade” feminina nesta conjuntura, destacando seu papel relevante para o êxito da campanha anti-escravista: “a mulher foi poderoso factor da abolição do regimem escravista na provincia, contribuiu para a genesis deste eforço de regeneração nacional”<sup>60</sup>. Quem sabe algumas delas, segundo as palavras da escritora Alba Valdez, não nutrissem, intimamente, “veleidades de ser homem para proporcionar-lhe um grande destino”<sup>61</sup>...

Os acontecimentos do período também possibilitaram uma convergência intelectual, de homens e mulheres que se expressavam na imprensa sobre a causa abolicionista. O jornal, além de dar a conhecer a atuação das novas escritoras, como Francisca Clotilde, era um espaço de diálogo. Também a deixava a par do processo de urbanização, das transformações de costumes, de notícias e de outras histórias<sup>62</sup>.

A redação do *Libertador*, onde Clotilde colaborava freqüentemente, reunia nomes como Antônio Bezerra, Antônio Martins, Clóvis Beviláqua, Frederico Borges, Martinho Rodrigues, João Lopes, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno e Rodolfo Teófilo. Todos pareciam estar coesos em torno de um só propósito e tratavam aquele jornal como uma “escola de patriotismo e instrução”.

Com o aparecimento da *Sociedade Cearense Libertadora* em 1880, que fez olvidar os estragos da secca pela soffreguidão de que se achavam os

---

<sup>60</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense III. *op. cit.*, p. 25.

<sup>61</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenario do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 426.

<sup>62</sup>Sobre três publicações da imprensa cearense do período, há o estudo comparativo de FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: Jornais Pedro II, Cearense e Constituição*. Coleção Outras Histórias, 47. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.

consocios possuidos para debellarem o inimigo commum – a escravidão, ninguém pensou mais nos resentimentos despertados por esta ou aquella doutrina, e todos animados do mesmo sentimento, do mesmo zelo, da mesma energia, desdobrando aos quatro ventos a bandeira branca da confraternização universal, vieram ensaiar as armas de combate nas paginas do *Libertador* (...).<sup>63</sup>

O jornalismo e a literatura funcionavam como instrumentos capazes de gerar distinção. Homens e mulheres de letras, como arautos do saber, se inbuíam do objetivo de difundir o progresso, a civilização, a instrução e o patriotismo. Essas camadas sociais buscavam afirmação através da produção intelectual e adotavam o “aperfeiçoamento cultural como critério de ascensão social, passando a interessar-se pelos três temas que apaixonavam igualmente as camadas urbanas da Corte: a literatura, a libertação dos escravos e a República”.<sup>64</sup> José Ramos Tinhorão observou, inclusive, que o “movimento em favor da liberdade para os escravos ia assinalar, no Ceará, a fase literária e politicamente mais atuante de toda a série de movimentos encabeçados pelo pequeno grupo de intelectuais da capital”<sup>65</sup>.

A propagação dessas idéias foi acompanhada e estimulada pela ampliação do papel da imprensa na vida social da província que, ainda singela, chegou bem próxima à Corte em nível intelectual e literário. “Entre 1880 e 1889, apareceram no Ceará 175 novos jornais (...) neutros, literários, diversionais, críticos, científicos, em sua grande maioria de vida efêmera, muitos dos quais não passaram do primeiro número”.<sup>66</sup>

O jornal fazia parte do dia-a-dia da cidade, era assinado por leitores e estabelecimentos comerciais e suas matérias eram objeto de discussões na cidade. Essas páginas populares já eram utilizadas como tribuna pela jovem Francisca Clotilde, em 1882. Na *Gazeta do Norte*<sup>67</sup>, o poema abolicionista *A Liberdade* falava da necessidade de marchar contra a opressão dos “infames negreiros”.

---

<sup>63</sup>BEZERRA, Antônio. Nosso progresso. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 3/05/1888, p. 52.

<sup>64</sup>TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC; UFC; Museu do Ceará; Arquivo Público do Estado do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, 2006. p. 24.

<sup>65</sup>*Idem, Ibidem*, p. 47.

<sup>66</sup>ROCHA, Demócrito. A imprensa do Ceará. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966. p. 327.

<sup>67</sup>A *Gazeta do Norte* surgiu em 8 de junho de 1880, como órgão político da facção liberal conhecida na província pelo nome de Pompeus e chefiada pelo Dr. A. P. Nogueira Accioly. Entre os redatores, estavam João Lopes, Thomaz Pompeu, Júlio César da Fonseca, João e Virgílio Brígido e João Câmara.



Somem-se as trevas horríveis  
Além desponta uma luz  
É a liberdade que surge  
Nos horisontes azuis.

Dos lábios puros de um mártir  
Nasceu repleta de luz  
Traz em seus lábios a paz  
É santa... Vem de Jesus!

Tem por preceitos sublimes  
O amor, a caridade,  
É grande, imensa divina;  
Esta sublime deidade.

A sua voz poderosa  
Faz heróis na mocidade.  
Todo aquele que a defende  
Tem por templo a eternidade<sup>68</sup>.

O exemplo bíblico de Judite<sup>69</sup> enriquece o poema com um olhar religioso e feminino, voltado aos feitos de uma mulher, sem deixar de destacar a atuação da mocidade. Judite, citada em alguns textos de Clotilde, representa outro pólo feminino exercitado pela escritora, o da mulher sedutora e astuta. Em certo sentido, semelhante à antagonista de Nazaré, do romance *A Divorciada*, a decaída e bela Maria da Glória.

Clotilde também investe seu escito de um sentido cívico, ao rememorar o episódio histórico de Tiradentes e falar do Brasil como uma “pátria de heróis”. Ao final, conclama o povo cearense a lutar contra a escravidão e demonstra uma sensível percepção da dimensão histórica que esse contexto poderá assumir.

Aos vis, infames negreiros  
Seus nobres filhos mostrou  
E o cativo maldito  
Seus pés baqueou.

Qual a Judith da história  
Que a seus irmãos libertou  
Com um heroísmo sublime  
A Holofernes matou.

Na pátria de Tiradentes  
A liberdade raiou  
É grande, heróica altaneira  
O cativo esmagou.

---

<sup>68</sup> Jornal *Gazeta do Norte*, Fortaleza, 6/08/1882. p. 2.

<sup>69</sup> O livro de Judite é considerado apócrifo. Narra o cerco que o exército de Nabucodonosor, rei da Assíria, fez ao povo de Israel e sua libertação pela ação de uma mulher. Quando Holofernes e os assírios sitiaram Betúlia, esgotou-se a água na cidade. A viúva Judite, então, traçou e pôs em prática um plano que afastou os invasores à debandada e deu a vitória aos israelitas.

No Brazil, patria de heróis  
Não deve haver mais escravos  
Não deve esta mancha negra  
Tingir a fronte de bravos.

Ei! Oh! Moços cearenses  
Avante, avante, marchai,  
De nossa Pátria querida  
O cativo expulsa! (...)

Tereis depois do combate  
Os louros verdes da glória  
Que os heróis sempre reviyem  
No grande livro da história<sup>70</sup>.

Outro jornal em que Clotilde colaborou, nesta linha, foi o *Libertador*, um dos principais porta-vozes dos anseios abolicionistas. O periódico evocava os princípios revolucionários franceses de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, construindo uma existência longeva para os padrões da imprensa no período – circulou durante 11 anos como o porta-voz da Sociedade Cearense Libertadora de Fortaleza, instituída em 8 de dezembro de 1880. À solenidade, compareceram representantes das principais instituições beneficentes e culturais da província, intelectuais, artistas e outros grupos identificários com aquele ideário. Diversidade que evidenciava a heterogeneidade do pensamento em torno do tema da escravidão. As páginas do jornal estimulavam o diálogo entre os intelectuais e representavam um lugar de primeira escrita, uma escola de circulação de idéias, segundo o escritor Antônio Bezerra. Ele conta que, “quem tinha aptidão, era logo convidado para vir auxiliar a obra de nobilitação da provincia, já com seu denodo, já com os encantos da sua intelligencia”. Francisca Clotilde fora uma das autoras que passaram pelo *Libertador*, que tiveram ali sua “aprendisagem, pois que quasi todos os que se applicam hoje com afinco a trabalhos de litteratura ou investigações scientificas aperfeiçoaram-se nesta escola ou se orientaram estimulados por habeis companheiros”.<sup>71</sup>

A Sociedade Libertadora estivera envolvida em acontecimentos emblemáticos, como o fechamento do porto de Fortaleza, impedindo a saída de escravizados da província, entre os dias 27 e 30 de janeiro de 1881. Os trabalhadores do porto e a população se organizaram na praia para impedir a embarcação de catorze escravizados que seriam levados para as províncias do Sul, no navio Pará.

---

<sup>70</sup>Jornal *Gazeta do Norte*, Fortaleza, 6/08/1882. p. 2.

<sup>71</sup>BEZERRA, Antônio. *Nosso progresso. op. cit.*, p. 52.

A greve dos jangadeiros seria, três décadas depois, revisitada em artigo de Francisca Clotilde, em 1911. N’O *Jangadeiro*, a autora recupera uma imagem que que deveria ser corriqueira nas praias da província, nos oitocentos. Uma “leva de escravos” se aproximava “tristemente” do porto, escoltada pelo “sinistro mercador de carne humana”.

Braços unidos, corações despedaçados, os míseros volviam um ultimo olhar para as areais alvejantes da terra da pátria que iam deixar para sempre. Lagrimas profundas brilhavam naqueles rostos onde a fatalidade estampára desde o berço o ferrete da maldição (...)

O que os esperava nas paragens do Sul? O engenho, o trabalho forçado, a tarimba, a minguada ração, o azôrrague do feitor cruel, o opprobio, a miséria enfim!

Ali a escravidão ainda era mais negra!...

E se aproximavam os míseros da praia, enquanto o marulho das ondas quebrava a monotonia da tarde que passava.<sup>72</sup>

Nostálgica, descreve a “casaria branca de Fortaleza sombreada de coqueiros, iluminada pelos revérberos do sol triunphante que afugentára as nevoas hybernaes” e reforça o sentido heróico das ações do jangadeiro Francisco da Matilde, o Dragão do Mar. Ele teria sugestionado aos companheiros “a gréve mais honrosa que se tem registrado na história da humanidade”, motivado pela revolta de sua consciência, que “sobrepujou ao dever do jangadeiro”.

o brado vibrante que immortalizou o seu nome suplantou os protestos de negociante negreiro que não queria ser estorvado no seu commercio vantajoso.

Como um clarim apregoando as harmonias da liberdade saiu dos lábios do “Dragão do Mar” o grito humaintario e potente: “Neste porto, não se embarca mais um só escravo!”<sup>73</sup>

A atuação das mulheres nestes eventos culminou, em 6 janeiro de 1883, na formalização de sua participação do projeto abolicionista. As esposas de sócios da Sociedade Libertadora Cearense e outras senhoras de Fortaleza – num total de vinte e duas mulheres na direção e outras sessenta e seis apoiadoras<sup>74</sup> – se aglutinaram em torno das Cearenses Libertadoras.

As comemorações tiveram lugar na chácara de José do Amaral, no bairro do Benfica. As mulheres contaram com a presença de José do Patrocínio, que chegara

<sup>72</sup> Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 26/03/1911, n. 12, p.1.

<sup>73</sup> Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 26/03/1911, n. 12, p.1.

<sup>74</sup> Gisela Schimmelpfeng lista 80 mulheres devotadas à causa da abolição dos escravos no Ceará. O nome de Francisca Clotilde Barbosa Lima é o vigésimo-primeiro a figurar na relação, junto de Elvira Pinho, Emília Freitas, Júlia Correia do Amaral, Judite Correia do Amaral, Maria Thomázia Figueira Lima e Serafina Rosa de Pontes. (SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *A mulher e a abolição*. *op.cit.*, p. 16-8).

a Fortaleza na manhã de 30 de novembro de 1882. As distintas filhas do Ceará ficaram reunidas até as duas e meia da madrugada.

Como “poetisa dos escravos”, Emília Freitas foi a escolhida para proferir o discurso de fundação. Optou por uma linguagem moderada, modéstia afetada e um enredo que recupera episódios significativos da luta pela abolição dos escravos no Ceará, como o fato de a vila de Acarape ter sido a primeira da província a libertar os negros, em janeiro de 1883. Freitas implorava “permissão para (...) aliar os seus esforços aos dessas distintas e humanitárias senhoras”. Oferecia a elas os “únicos meios” de que dispunha: “meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é em compensação guiada pelo poder da vontade”.

Como na França a admirável Roland ia às grades de um cárcere animar os desventurados republicanos, eles hoje nos animam a trabalhar na grande obra que edifica a humanidade.

Com razão, a ninguém mais que a mulher assiste o direito de enxugar lágrimas.

Socorrer a miséria, mitigar dores, é a sublime missão que nos confiou a Providência.

A voz de nossos corações será em todos os tempos um hino de amor e consolação: portanto é de nosso dever auxiliar os heróis na árdua empresa de remissão dos cativos.<sup>75</sup>

Discursos, reuniões e a organização de mulheres fomentavam relações entre elas e outros escritores. Após a libertação dos escravos no Ceará, o jornal *Libertador* perderia, sua razão de ser como veículo de combate político. Ganhando contornos de periódico “literário e noticioso”, o jornal sobreviveu até 1892, em virtude de acordo estabelecido entre o Centro Republicano e a União Republicana, que o transformou em *A República*, órgão do novo partido político, Federalista, no qual se fundiram aquelas duas agremiações. Clotilde apareceria como colaboradora desse novo jornal e, ao lado de outros intelectuais do período, ingressou nas frentes favoráveis à república.

Algumas explicações biológicas e psicológicas justificariam esta “evolução” da mulher cearense, que se via habilitada a participar das “fases de agitações” da província. O escritor Abel Garcia informa que Jean Babtiste Lamarck (1744-1829) já havia assinalado “a influencia da acção do meio na transformação das especies animaes e, conseguintemente, do homem, modificando-o em suas disposições physico-psychicas”. Para validar seu argumento, Garcia ressalta que o processo

---

<sup>75</sup>FREITAS, Emília. Apud CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. *op. cit.*, p.56.

“crítico-naturalista” explica certos fenômenos da vida humana, à luz de pensadores como Comte, Buckle, Taine e outros.

Nesse crescendo de aperfeiçoamento moral do povo cearense, acumulou a mulher principalmente novos capitais de potencial cerebral e flexibilidade de sentimento. Em concorrência com o homem, nas fases de agitações physico-sociais por que tem passado esta provincia, a mulher conquistou, por sucessivas accumulações, hereditarias qualidades superiores d’espírito, que habilitaram-n’a mais tarde a representar uma figura distincta na historia da civilização brasileira. (...)

A aproximação mental e moral entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um facto excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psychologica, isso verifica-se de modo admiravel<sup>76</sup>.

A escritora Alba Valdez acreditava que não se podia prescindir do meio biológico nas manifestações do espírito. Não bastaria a “aproximação mental e moral entre o homem e a mulher” para desenvolvê-la, como disse Abel Garcia. Para Valdez, a inteligência necessitava de um “clima propicio, de uma agradável tranqüilidade, de uma liberdade criadora, para se entregar com eficiência às suas tendências literárias e artísticas” Prova disso, para ela, está no fato de que “a maioria dos nossos grandes homens se fez longe da terra natal”. A grande dificuldade, portanto, para elas se aperfeiçoarem intelectualmente estaria na falta desta liberdade criadora, na ausência de contato direto com a civilização, bem como a “rigorosa educação familiar e os conceitos desairosos, que sobre o cérebro feminino ativaram certos filósofos”<sup>77</sup>.

Idéias positivistas e religiosas, para Abel Garcia, vinham redimindo a mulher, no sentido de rever seu papel na sociedade, de “mero ornato”. Esta tendência exaltava a superioridade da mulher, proveniente de sua suposta capacidade de subordinação e obediência. Ela sairia de seu “cativeiro” e, quiçá, poderia ocupar outros espaços públicos.

A mulher, a quem diversas religiões, o Christianismo e o Brahmanismo, tem procurado remir desse cativeiro e mais de uma philosophia, como a concepção do positivismo do immortal pensador Augusto Comte, tentado utilizar-se d’ella para a reconstrucção politico-social, tem vivido sem autonomia, desprovida de vontade, prestando-se a mero ornato em apuradas civilizações mesmo da Europa contemporanea.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 30/01/1887, p. 9-10.

<sup>77</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenario do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 428.

<sup>78</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense II. *op.cit.*, p. 23-4.

Terá sido esse tipo de raciocínio um estímulo à aceitação de Francisca Clotilde nos círculos sócio-literários daquele tempo? O fato é que a escritora passa a empregar sua pena em favor da república e adere ao novo regime político. Anos depois, associar-se-ia aos intelectuais do Centro Literário no primeiro número da revista *Iracema* (1895-1900), de inspiração patriótica, que agregava textos do “festejado escritor cearense” Antônio Bezerra e a “fantasia” *Via Deserta*, de Clotilde, entre outros.<sup>79</sup>

Durante a década de 80 do século XIX, o nome de Francisca Clotilde ganhou força. Ela, que publicara seu primeiro poema quando contava apenas 14 anos, em 1877 – *Horas de Delírio*, no jornal *Cearense*. A tradicional folha, fundada a 4 de outubro de 1846, tinha orientação liberal e abria espaço para manifestação do Partido Operário do Ceará em seu último ano de circulação, publicando atas, estatutos, convites e artigos assinados do partido entre 1890 e 1891.

Suas colaborações na forma de contos, poemas e artigos afirmavam aos poucos o nome de Francisca Clotilde no cenário do periodismo. A escritora era destaque no anúncio de capa das edições de 8, 10 e 11 de novembro de 1884 do *Libertador*. A mensagem informava o lançamento da *Revista Contemporânea*, e apareceu em diversas ocorrências: onze edições do mês de novembro e oito do mês de dezembro na folha *Cearense*, no mesmo ano. A revista circularia em Manaus e em “edição cearense”, passando a ser distribuída “logo que o número limitado de assignantes (...) esteja pretendido”.

#### **Revista Contemporânea**

Publicação dedicada as famílias cearenses

Quatro paginas de capa e doze de texto sobre

Litteratura, critica Litteraria, Sciencias, Artes, Philosophia, Viagens.

A publicar-se em 10, 20 e 30 de cada mez

Redacção e Direcção

De

Theodorico Magno, Marques de Carvalho e Mucio Javrot

Com a collaboração da distincta escriptora cearense a Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D.

F. CLOTILDE BARBOZA LIMA

E outros notáveis escriptores

Assignatura mensal 1\$000

Recebem-se assignaturas: em casa dos Srs. Jacques Weill & C., Hotel do Norte e no escriptorio da redacção.

46 Largo do Patrocínio 46

Ceará – Brazil<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup>BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1948. v. 1. p. 238-9.

<sup>80</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 8/11/84, p.3.

Mucio Javrot e Marques de Carvalho, de Manaus, começaram a incursionar em publicações de Fortaleza e apareciam nos jornais associados à “Litteratura amasonica”. Anunciavam, por exemplo, sua “série de romances contemporaneos” à venda na Livraria Confúcio, rua Major Facundo, número 59. Um desses livros era *O Pagé*, para o qual Carvalho solicitava a contribuição de subscritores, para financiar a publicação.

O PAGÉ  
Por  
Marques de Carvalho  
Preço da assignatura – 2\$000

Formaria este romance um elegante volume de 200 páginas, impressas em bom papel velino e em edição estereotypada.

Os Srs. assignantes serão brindados com primorosas gravuras de pagina, intercaladas no texto.

As folhas de assignaturas estão francas ao publico cearense em casa dos Ilms. Srs. Jacques Weill & C<sup>a</sup> e Joviniano Moreira & C<sup>a</sup> a rua do Major Facundo, na **Libro-papelaria** do Ilmo Sr. Gualter R. da Silva, a rua Formosa e nos escriptorios do *Cearense* e do *Libertador*.

Fazem-se grandes abatimentos aos Srs. Livreiros que assignarme para mais de 25 exemplares.

**O Pagé** será publicado em fins de janeiro<sup>81</sup>.

Pois bem, a *Revista Contemporânea*, redatoriada pelos literatos manauenses, foi lançada em 20 de novembro de 1884, sob a epigrafe *Nocturna versate manu, versate diurna*<sup>82</sup>. Apresentava seu artigo-programma na edição daquele dia, no *Libertador*. Os moços que “tibia e modestamente ensaiam seus passos no mundo das lettras”, de antemão, prometiam a seus leitores que, de 1º de janeiro de 1885 em diante, o número de páginas seria duplicado. O que é um prognóstico de sucesso. O objetivo era oferecer ao leitor uma “publicação completamente affastada das luctas estereis de nossa politica e destinada a desenvolver entre nós o gosto pelo estudo ao que é *útil*”, sem abrir mão do que é interessante e variado. Apesar de se afastar da política atrelada a partidos, a revista declara a inclinação “altamente” abolicionista e respeitava “todas as crenças e princípios”. A publicação oferecia um programa variado e interessante, “vastíssimo em relação às suas forças”, e pretendia tornar “francas e gratuitas suas paginas a todos os que quizerem (...) concorrer para a diffusão dos múltiplos e úteis conhecimentos”.

---

<sup>81</sup>Jornal *Cearense*, Fortaleza, 1885, n.2, p.4.

<sup>82</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. Fortaleza: Typographia Moderna; F. Carneiro, 1924. p. 86.

Pensando assim, sem outras idéias, mais que os seus princípios democráticos há largo tempo professados, e suas convicções altamente abolicionistas, como devem ser as de todos os bons brasileiros, esta redacção, composta de filhos de outra província, julga que, com os seus pobres esforços, (como é seu dever) procura lançar também a gotta de gratidão no oceano d'essa dívida, para com os filhos d'esta magnífica Terra da Luz e pela hospitalidade fraternal e cavalheiresca com que sempre e muito honra aos seus irmãos do Norte.<sup>83</sup>

A democracia e a abolição eram os ideários que agregavam “filhos de outra província” e alguns colaboradores da “Terra da Luz”, como Francisca Clotilde, em torno da empreitada. Dolor Barreira refere-se ao segundo número da *Revista Contemporânea*, que traz em suas páginas “Uma plêiade de moços instruídos e trabalhadores, que se ilustram nas lides honrosas da imprensa”<sup>84</sup>, como Alphonse Lévy, Carlos Marcial, Clotilde Lima, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Marques de Carvalho e Múcio Javrot.

Contudo, no mês seguinte, uma nota de esclarecimento seria divulgada. Tratava da temporária suspensão da circulação da *Revista*, “por motivos que não veem á pêllo explicar á digna sociedade cearense”<sup>85</sup>. Eles afirmam que o impresso tornará a aparecer a 10 de janeiro, em formato duplo e impressa em bom papel.

Nem sempre a presença constante na imprensa e em selecionados círculos sociais da cidade assegurava uma boa condição de vida. É o que deixa pensar a intrigante nota na folha abolicionista *Libertador*. O recado mantém o “sigilo” a identidade da devedora de uma conta de aluguel, alertando que seu nome completo será publicado caso não salde a dívida. “A' Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> F.C.B.L pede-se o obsequio de mandar pagar a conta, que deve de aluguel de casa: e para não ser estampado o seu nome por estenço, tem o praso de 3 dias, para fazer o pagamento”<sup>86</sup>. A sigla indica que seria Francisca Clotilde Barbosa Lima. Ao menos, ela ainda não tinha filhos – os primeiros quatro chegaram entre os anos de 1889 e 1892 –, o que talvez pudesse ampliar suas dificuldades. E a professora deve ter conseguido levantar a quantia suficiente, já que a ameaça não foi cumprida nas edições seguintes.

Algumas mulheres, naquele tempo, assumiam a responsabilidade de sustentar sozinhas a casa. “Não é raro ver a mulher cearense, resguardada na singeleza de

---

<sup>83</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 20/11/1884, p.1.

<sup>84</sup> BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense. op. cit.*, p.125.

<sup>85</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 19/12/ 1884, p.2.

<sup>86</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, edições de 21 e 22/11/1884, p.4.



seus sentimentos e aspirações, sem o amparo do homem, com os recursos de sua pequena indústria”<sup>87</sup>, observa Abel Garcia.

Às mulheres, uma das atividades socialmente autorizadas era o exercício do magistério, visto como extensão de seus papéis domésticos. Esta foi a profissão abraçada pela escritora Francisca Clotilde, que ingressou na carreira aos 20 anos de idade. Quem sabe, ansejava construir sua própria felicidade com o trabalho.

### 1.3. ENTRE NORMAS E AFETOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Enquanto viveu em Fortaleza, Clotilde conciliou os papéis de mãe, escritora e professora. Além dos clubs, jornais e rodas sociais, algumas cenas da “realidade extra-muros” chegavam a um pequeno grupo de cearenses através da instrução. A educação era valorizada principalmente se ocorresse em estabelecimentos particulares. “Não se compreendia uma menina rica da sociedade, a instruir-se gratuitamente, nivelando-se com as pobres dos areais e dos subúrbios. Naquele tempo era assim”, conta a escritora Alba Valdez. O *chic* era estudar fora, “cursar o Colégio do Sacré-Coeur ou de Sion, no Rio”<sup>88</sup>.

Não foi o caso de Francisca Clotilde. Filha de João Correia Lima e Ana Maria Castelo Branco, nasceu na Fazenda S. Lourenço em São João dos Inhamuns – hoje município de Tauá –, em 19 de outubro de 1862. Passou a infância na fazenda e na serra – talvez por conta da seca de 1877, a família deslocou-se para Baturité, onde residiam familiares de sua mãe. Naquela região, Clotilde tomou as primeiras lições com Dona Ursulina Furtado. Deviam tratar-se de noções elementares de história ou geografia, além do aprendizado de prendas domésticas e boas maneiras.

Mesmo essas moças privilegiadas tinham reduzido acesso à leitura, pouco ou nada sabiam de história ou geografia, possuíam vagas noções de literatura e cálculo, dedicavam-se mais à aprendizagem de uma língua, de preferência o francês, vivendo nos limitados horizontes domésticos, aguardando o casamento que deveria ser sua suprema aspiração e para o qual eram preparadas por toda a vida<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup>GARCIA, Abel. A mulher cearense III. *op.cit.*, p. 25.

<sup>88</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenário do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 424.

<sup>89</sup>ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 56.

Francisca Clotilde conseguiu prosseguir nos estudos. Seguiu para Fortaleza ao final da década de 1870 e ingressou no Colégio Imaculada Conceição<sup>90</sup>, das Irmãs de S. Vicente de Paulo, “no qual estudavam as moças vindas do sertão, desejosas de uma instrução e uma educação melhor”<sup>91</sup>. A tônica do ensino praticado pelos estabelecimentos da capital estava na agulha, não na caneta. Situava-se em uma casa “espaçosa e boa”, além de ter a “vantagem de ser muito ventilada, e por isso muito sadia”. Ali eram admitidas para a educação regular e religiosa as órfãs desvalidas e pensionistas menores de doze e maiores de seis anos – como devia ser o caso de Clotilde –, “filhas de pessoas que querem ali mandar educar”<sup>92</sup>. Em 1898, fora freqüentado por 109 pensionistas e 90 órfãs<sup>93</sup>.

Outro estabelecimento da capital era o Colégio Cearense, dirigido por D. Carolina Herbster da Assumpção, que promete tratar “as suas alumnas com amor maternal e despenderá sempre com ellas os deveres de mãe e mestra”, participando inclusive dos passeios de suas pupilas. A escola tinha por fim a “instrucção e a educação moral e religiosa das meninas que lhe foram confiadas”<sup>94</sup>, de 5 a 12 anos. Oferecia, ainda, o ensino de outras disciplinas, além das ministradas no Imaculada Conceição.

Dona Carolina e suas professoras praticavam métodos de premiação e o uso de meios corretivos para educar as alunas, pensionistas que pagavam 260\$000 para permanecerem no Cearense durante um ano. Os prêmios por “procedimento, aplicação e progresso” podiam ser um livrinho de conto moral ou uma grinalda de flores artificiais, enquanto os meios corretivos consistiam em repreensão particular, repreensão perante todas, estação em pé, privação de recreio com obrigação de trabalho, privação de passeio e saída para casa de seus pais ou parentes, prisão em quarto escuro ou bolos em caso de desobediência ou reincidência<sup>95</sup>. Outra particularidade era o enxoval solicitado às internas, com objetos de higiene pessoal e vestuário típicos das meninas da época.

---

<sup>90</sup>Instalado a 15 de agosto de 1865, o colégio Imaculada Conceição localizava-se em uma casa térrea na rua Formosa e, a 25 de agosto de 1867, foi transferido para o edifício onde funcionou o extinto colégio dos órfãos, no Oitero dos Educandos. Sua direção era confiada a oito irmãs de caridade, sob a inspeção da Irmã superiora Maria Bazet, que o dirigiu até 1887. *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1899*. p. 18.

<sup>91</sup>GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário de Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987. p. 86.

<sup>92</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1870*. p. 444.

<sup>93</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1899*. p. 18.

<sup>94</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1870*. p. 446.

<sup>95</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1870*. p. 447.

4 vestidos pretos  
2 ditos brancos  
12 camisas  
12 pares de meias  
6 ditos de calças  
5 lençóis  
6 toalhas de rosto  
6 lençóis brancos  
1 orinol  
3 cobertas de chita  
6 saias  
5 fronhas  
1 travesseiro  
1 cama ferro  
1 cadeira  
1 estojo (pentas, escovas, tesouras)  
1 bacia de rosto  
1 dita para banho<sup>96</sup>

Já nos colégios para meninos, esperava-se uma educação em parâmetros diversos dos das meninas. O Ateneu Cearense demonstrava em seu programa a intenção de educar os rapazes com especial atenção às “sólidas bases de instrução litteraria”. O colégio dedicava-se à “educação religiosa da mocidade (...) afim de poder a seu tempo applicar-se com proveito aos estudos maiores nas academias e seminários do Império”. Jovens de quaisquer idades poderiam ser admitidos como internos, meio-pensionistas ou externos pela quantia de 50\$000 anuais. O colégio estaria encarregado “da educação e alimentação, luz para estudo, serviço domestico”<sup>97</sup>.

O Ginásio Cearense, por sua vez, recebia alunos de ambos os sexos, de 5 a 12 anos de idade, para as aulas de primeiras letras, com a professora Ana Facó. Mas apenas os meninos continuariam os estudos nas demais matérias. Seu anúncio, localizado na capa do *Libertador*, também apresentava os preços cobrados pelo estabelecimento situado à rua do Conde D’Eu, número 190, dirigido e gerenciado por “A. Duarte Bizerra”, provável segundo companheiro de Francisca Clotilde, como será visto mais adiante. Pelo curso de primeiras letras pagava-se 4\$000 mensalmente; por trimestre, 10\$000, sempre adiantados<sup>98</sup>. A equipe de professores era formada de atuantes participantes da imprensa: Bezerra lecionava Aritmética, Geometria, Álgebra e Trigonometria; João Lopes dava aulas de

---

<sup>96</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1870*. p. 447.

<sup>97</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1870*. p. 439.

<sup>98</sup> *Jornal Libertador*, Fortaleza, 15/2/1887, p.1.

Português; Guilherme Studart era lente de Inglês; Abel Garcia ensinava Geografia e Virgílio Brigido, Italiano.

A tabela a seguir relaciona os estabelecimentos educacionais e as disciplinas ministradas em cada um, possibilitando uma visão comparativa. Há poucas coincidências entre o Ateneu Cearense, com matérias como retórica, e as escolas voltadas à educação feminina, que ensinavam tapeçarias e pinturas. O Cearense era quase que completamente voltado às prendas domésticas, ocupando quase todas as linhas referentes a trabalhos manuais. Essa distinção revela que a preparação dos meninos enfatizava a atuação pública e as letras, enquanto às meninas ofereciam-se conteúdos que as direcionavam às ocupações domésticas e incumbências do cuidado do marido e dos filhos. Não se cogitava que elas pudessem desempenhar uma profissão assalariada. “A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano”, registra June Hahner<sup>99</sup>.

Matérias	Colégio Imaculada Conceição (meninas)	Colégio Cearense (meninas)	Ateneu Cearense (meninos)	Ginásio Cearense (meninos)
Alemão				X
Álgebra				X
Aritmética	X	X		X
Bordados	X	X		
Catecismo da religião cristã		X		
Catolicismo			X	
Chá		X		
Ciências físicas e naturais				X
Civildade	X	X		
Costura e tecidos	X	X		
Dança		X	X	
Desenhos e pinturas a pastel	X	X		
Diversas tapeçarias		X		
Filosofia			X	X
Flores de pano, papel e lã	X	X		
Francês	X	X		X
Frutas artificiais		X		
Geografia	X	X	X	X
Geometria			X	X
Ginástica			X	
Gramática portuguesa	X	X	X	X
História		X	X	X

<sup>99</sup>ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível. op. cit.*, p. 18-9.

História sagrada	X			
Instrução religiosa	X			
Inglês			X	X
Italiano				X
Labirinto		X		
Latim				X
Música			X	
Piano e música vocal	X	X		
Pontos de meias		X		
Primeiras letras	X	X	X	X
Retórica			X	X
Trigonometria				X

*Tabela 1 - Relação de estabelecimentos de ensino e matérias lecionadas*

Para as mulheres, não havia muitas opções para continuar os estudos senão a Escola Normal, freqüentada por 518 alunas em 1901<sup>100</sup> e destinada a aspirantes ao magistério primário. Campo profissional abandonado pelos homens, que se retiraram para buscar empregos mais bem remunerados e que lhes rendessem prestígio. No estabelecimento, estudariam as mais humildes, “que se habilitavam para o cargo de professora, indo depois lecionar honestamente o que aprenderam durante o curso”<sup>101</sup>.

Instrução e educação visavam primeiramente preparar a mulher para o exercício dos seus papéis fundamentais: esposa-companheira do marido, educadora dos filhos, dona-de-casa. Poderiam, no máximo, abraçar carreiras consentâneas com sua feminilidade, como professora, enfermeira ou modista. “A mulher pode, agora, receber instrução e trabalhar, mas seu universo ainda é o da família, da casa e do marido, ao cabe dedicar-se”.<sup>102</sup>

Contudo, o destino reservado à grande parte das ex-normalistas era, geralmente, a casa paterna ou a do marido, para onde retornariam após a satisfação desse capricho, como alguns poderiam apontar no período. Os conhecimentos aprendidos durante o curso iam-se dissipando e elas, novamente, encontrar-se-iam distantes da corrente civilizadora.

Mas, para outras mulheres, um ofício como o de professora representava a possibilidade de ocupar gradativamente o espaço público. Foi esse o caminho trilhado por Francisca Clotilde, aluna e futura professora da Escola Normal. Em 1882, foi nomeada para a segunda cadeira de sexo feminino e, dois anos depois,

<sup>100</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1902*. p. VII.

<sup>101</sup> VALDEZ, Alba. O Quinquagenário do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 425.

<sup>102</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. *op. cit.*, p. 263.

tornara-se professora da cadeira feminina superior, anexa à Escola Normal, criada com intuito de educar meninos e meninas carentes no turno da noite.

Instrucção publica – Por acto da mesma data foram declarados effectivos afim de continuarem a exercer o magistério nas cadeiras que occupam os professores (...) Francisca Clotilde Barbosa Lima (...). visto haverem sido approvados no exame a que se submeteram, por força do disposto no artigo 5º da lei nº2058 do 1º de Dezembro do anno passado (...) <sup>103</sup>

O *Libertador* comentou o desempenho de Clotilde, ressaltando o quão “brilhantes foram as provas que exhibia”. Seus exames foram “mais uma prova do mérito com que sempre se tem havido a digna professora, honrando a classe a que pertence”<sup>104</sup>. Foram declaradas efetivas, além dela, as professoras Elvira Pinho (que ministrava aulas de música), Idalina Salles Corrêa, Arsênia Augusta de Magalhaes, Rosa de Viterbo Nogueira Passos e Maria Magdalena Correia<sup>105</sup>. Persistente na realização de suas provas, Clotilde inscreve-se em 17 de junho de 1884 para lecionar na Escola Normal de Fortaleza, aos 22 anos de idade. A Escola surge naquele ano com o objetivo de treinar professores primários. Afinal, as mulheres que ensinavam meninas nas poucas escolas destinadas a elas tinham pouco ou nenhum treinamento – menos ainda que os homens que instruíam os meninos.

Escola Normal – encerrou-se hontem o praso para o concurso das duas cadeiras: do ensino primário superior, annexas às Escola Normal. Acham-se inscriptos os professores D.F.C Barbosa Lima, Thomaz de Carvalho e Sobreira.<sup>106</sup>

Aprovada, Clotilde conquistou uma posição proeminente na Escola e tornou-se a primeira professora do sexo feminino a lecionar no estabelecimento, então dirigido por José de Barcelos<sup>107</sup>. Talvez ganhasse por volta de 5\$000 mensais, ordenado que Barcelos recebia no início de sua carreira como professor adjunto de escolas públicas em Fortaleza. Ele passou a receber 7\$000 e, ao terceiro ano de exercício,

---

<sup>103</sup> Jornal *Cearense*, Fortaleza, 3/04/1884, p. 2.

<sup>104</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 20/03/1884, p. 3.

<sup>105</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 3/04/1884, p. 2.

<sup>106</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 17/06/1884, p. 2.

<sup>107</sup> José de Barcelos nasceu a 7 de Julho de 1843. em Baturité. Mudou-se com para Fortaleza, quando contava dois anos de idade. Concluídos os estudos, foi nomeado professor adjunto das escolas públicas de Fortaleza, vencendo o ordenado de 5\$000 mensais, depois 7\$000 e finalmente 10\$000 no 3º ano de exercício. Em 1866, foi incumbido pelo presidente Dr. Ignácio Marcondes Homem de Mello de estudar a organização da Escola Normal da Bahia. No ano seguinte, foi nomeado bibliotecário público. Na *Gazeta do Norte*, publicou traduções de romances de Octave Feuillet, Zola e outros. Em setembro de 1881, tornou-se professor de Pedagogia e Metodologia da Escola Normal, sendo nomeado diretor do estabelecimento em julho de 1885 – cargo que ocupou até 1891. (STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.2. *op. cit.*, p.98).

seu pagamento era de 10\$000<sup>108</sup>. Nos anos de 1887 e 1888, eram freqüentes as menções ao nome de Clotilde como membro de bancas examinadoras das normalistas ou como avaliadora para o ingresso de professores na escola mista.

Instrucção publica – Tiveram lugar no 27 d'este os exames da 2ª escola mixta d'esta capital, dirigida pela incansavel professora D. Francisca de Vasconcelos. A comissão examinadora compôz-se do Rvdº cônego João Paulo Barboza, e dos professores Tristão Pacheco Spinosa e Exmª D. Francisca Clotilde B. de Lima (...)<sup>109</sup>

A grade de disciplinas ministradas às normalistas era dividida em curso preparatório de um ano e curso normal de três anos<sup>110</sup>. Tinham aulas diárias das nove horas da manhã às duas e quarenta da tarde. Estudavam Geografia, História, Caligrafia, Aritmética, Música, Álgebra e Geometria, História Natural, Pedagogia, Francês, Trabalhos de Agulha, Português e Desenho<sup>111</sup>. No preparatório, detinham-se a leitura, recitação, compreensão, ortografia e gramática para a Língua Portuguesa e Francesa; Sistema Métrico e Aritmética; Música Vocal e Prendas Domésticas<sup>112</sup>. No curso Normal, eram inseridos conteúdos de Pedagogia, Metodologia, Legislação de Ensino Provincial e História da Pedagogia<sup>113</sup>. A relação de professores e matérias em 1897 era a seguinte, com destaque para o número superior de homens como docentes.

Director: Dr Waldemiro Cavalcante  
Secretario: Justiniano Ferreira de Freitas Ramos  
Continuo: Olegário de Freitas Ramos  
Porteiro: Antônio Jose dos Santos

Professores  
Portuguez - Thomaz Antônio de Carvalho  
Arithmetica - Antônio Pinto Nogueira Brandão

<sup>108</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.2. *op. cit.*, p. 98.

<sup>109</sup>Jornal Cearense, Fortaleza, 29/11/1884, p. 2.

<sup>110</sup>Artigo 3º do Regulamento da Escola Normal. 1889. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará. Caixa 336. Fundo: Instrução Pública. Grupo: Diretoria da Escola Normal. Série: Correspondências Expedidas. Subsérie: Inventário de livros e móveis. Lançamento da pedra fundamental. Quadro das notas. Regulamento. Relação de alunas. Data limite: 1881-1899.

<sup>111</sup>Ata de 3 de julho de 1899. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará. Caixa 336. Fundo: Instrução Pública. Grupo: Diretoria da Escola Normal. Série: Correspondências Expedidas. Subsérie: Inventário de livros e móveis. Lançamento da pedra fundamental. Quadro das notas. Regulamento. Relação de alunas. Data limite: 1881-1899.

<sup>112</sup>Artigo 5º do Regulamento da Escola Normal. 1889. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará. Caixa 336. Fundo: Instrução Pública. Grupo: Diretoria da Escola Normal. Série: Correspondências Expedidas. Subsérie: Inventário de livros e móveis. Lançamento da pedra fundamental. Quadro das notas. Regulamento. Relação de alunas. Data limite: 1881-1899.

<sup>113</sup>Artigo 6º do Regulamento da Escola Normal. 1889. Documentação encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará. Caixa 336. Fundo: Instrução Pública. Grupo: Diretoria da Escola Normal. Série: Correspondências Expedidas. Subsérie: Inventário de livros e móveis. Lançamento da pedra fundamental. Quadro das notas. Regulamento. Relação de alunas. Data limite: 1881-1899.

Geographia geral e chorographia do Brasil - Padre Carlos Antônio Barreto  
Historia universal e instrucção cívica - Antônio da Cunha Fontenelle  
Portuguez e litteratura nacional - Thomaz Pompeu Pinto Accioly  
Pedagogia, methodologia e hygiene - José de Barcellos  
Physica, chimica e historia natural - Antônio Augusto de Menezes  
Desenho e calligraphia - Luiz Sá  
Álgebra e geometria preliminar - D. Francisca de Mello Cezar  
Prendas - Raymunda Cândida Nonato  
Musica - Elvira Pinho

Cadeira da escola mixta primaria annexa - Maria Amélia Torres Portugal  
Cadeira da classe infantil - Anna Facó  
Cadeira de francês - Maria José Gondim<sup>114</sup>

Ao menos para as normalistas, portanto, a caneta se sobressaia em relação aos bordados. Contudo, disciplinas como “Trabalhos de Agulha” ou “Prendas Domésticas” revelavam que um dos motivos para a feminização e posterior desqualificação do magistério foi o fato de ele ter se convertido em extensão de tarefas do lar e papéis maternos. Esta situação desvalorizava, inclusive, mobilizações de mulheres articuladas em torno da instrução feminina, da necessidade de formação de professoras e da importância das mulheres nas decisões públicas. Esse era um grupo que começava a se definir e já não podia mais ser marginalizado.

O magistério apresentava relativa aceitação pela sociedade por ser baseado na premissa de a mulher “cuidar de alguém” e “doar-se”. Desta forma, ela não se desprenderia de todo de sua “vocação”. Definia-se um delicado equilíbrio entre uma condição desejável e uma condição possível.

Por outro lado, ao saírem desacompanhadas para lecionar, essas mulheres ganhavam um mundo percebido através de seu próprio olhar, povoado de atividades diversas, de uma cultura letrada, de moda, de outras práticas sociais. Este contexto contribuiu para que elas comesçassem a escrever romances e livros escolares, além de ingressarem na redação de jornais.

Resistências e preconceitos eram reações freqüentes diante das normalistas, que buscavam estender seus conhecimentos. Não é difícil compreender as tensões em relação à escola que visava formar mulheres educadoras. Daí a ambigüidade do papel da Escola Normal em uma sociedade que aspirava progresso e civilidade, mas apresentava resistências a mudanças comportamentais, principalmente entre as mulheres.

---

<sup>114</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1897*. p. 5.



Nem todas, entretanto, demonstravam tal inclinação. A escritora Ana Facó (1855-1926) confessa em suas memórias, publicadas com o título de *Páginas Íntimas*, que só exercera o magistério “porque, órfã aos vinte anos, ‘não quis se tornar um fardo’ para seus irmãos, e essa era a sua única possibilidade de ganhar a vida e conservar a sua independência. Nada de vocação, pois”<sup>115</sup>.

A escrita de Francisca Clotilde refletia algumas percepções elaboradas em seu cotidiano docente. Acreditava na vocação feminina em educar e via a mãe preparando a criança para ser entregue à professora. O conjunto de seus textos apresentava acentuado teor pedagógico, revelando o desejo de perpetuar sua missão de instrução. O jornal foi o espaço para discorrer sobre assuntos relacionados a este tema, que também despertaria a atenção do ascendente público leitor feminino.

No artigo *A educação moral das crianças na escola*, Francisca Clotilde pensa uma educação baseada na delicadeza, na paciência e no amor da professora pelas crianças, dando prosseguimento (ou corrigindo, quando necessário) à educação que elas receberam no lar. A infância é apresentada como o tempo em que se molda o caráter, pelas vias da religião e da moral. Nomes como o do suíço João Henrique Pestalozzi (1746 - 1827) aparecem no texto, explicitando o embasamento científico de que a literata pretendia investir seus escritos.

Pestalozzi, segundo o diretor da Escola Normal, José de Barcelos, era autor da “ideia mais fecunda dos tempos modernos: a regeneração dos povos pela educação elementar”<sup>116</sup>. O suíço apresentaria um viés democrático de instrução, que tinha pelas classes menos favorecidas um amor “inexcedível, inexhausto pelos pobres, fracos e ignorantes”, a quem empenhava “seu sublime sacrifício pelo bem estar moral e intellectual da humanidade”<sup>117</sup>.

As crianças deveriam ter assegurado o direito de desenvolver os valores e os meios de socialização já existentes nelas próprias, sendo os conhecimentos espontaneamente desenvolvidos – e não adquiridos, necessariamente, segundo Pestalozzi. A estrutura da escola deveria estimular essa capacidade infantil, subordinada à educação moral e espiritual. O professor é exemplo de retidão de

---

<sup>115</sup>FACÓ, Ana apud KETTERER, Valérie. Mulheres de letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. *Revista de Letras*. Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 102-109, jul-dez 1996. p. 105.

<sup>116</sup>BARCELOS, José de. Pestalozzi. *Revista A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/06/1887, p. 81.

<sup>117</sup>*Idem, Ibidem*, p. 81.

caráter e de bons costumes, a quem Clotilde atribui a função de preceptor. Para ela, a educação moral “é a parte mais importante da missão da escola, porque forma o character, purifica os costumes, desenvolve os bons impulsos do coração e tem sobre a educação physica e a intellectual uma incontestavel superioridade”.

Quando a creança passa da família para a escola, trocando os innocentes brinquedos do lar pelas lides do estudo, è mister que a pessoa que vae desempenhar junto a ella as funcções do preceptor guie com desvelo e sabedoria os seus primeiros possos atravez d’aquelle mundo que lhe é inteiramente desconhecido.

Até alli a tenra creaturinha so conheceu a duçura das caricias maternas; mas ao completar 7 annos e às vezes mais cedo é arrancada à ledice de seus gentis folguedos e passa da tutella affectuosa de sua mãe para a do professor – uma entidade que ella não conhece e que por essa razão deve receiar e temer.

Desde que o primeiro sorriso desponta nos labios da creança deve-se principiar a educal-a, disse-o um illustrado sacerdote, e é à mãe que cumpre encarregar-se da primeira educação do filho e infiltrar-lhe no coração o germen do bem e as notas principaes do character.<sup>118</sup>

Aproximando-se de um lar bem organizado, a escola daria prosseguimento aos estudos inicialmente ministrados em casa. “A escola completa o lar”, confirma a quadrinha escrita por Justiniano de Serpa. Ao mesmo tempo em que reitera a sedução da leitura, Serpa observa como os professores vão abolindo as ameaças e os castigos físicos, para demonstrar a seus alunos o mesmo carinho dos pais.

O livro, como uma aurora.  
Tem seducções como um céu!  
O velho terror de outr’ora  
Cahiu do Olympio, morrêo!  
O Mestre não se impõe mais  
Pelas tormentas do olhar.  
Agora – prolonga aos paes  
E a Escola – completa o lar!<sup>119</sup>

Para alguns escritores, as crianças passariam a ter motivo para sentir saudade do colégio durante as férias, sentindo falta da convivência dos colegas e dos mestres. “Desapareceram as velhas instituições, o systema reprovado de educação de creanças baqueou”, anuncia o autor ocultado pelo pseudônimo Aurelius. Com afeto, os professores transmitiam os verdadeiros valores a serem cultivados, entre patriotismo e generosidade. O saber, em síntese, é indispensável para que o indivíduo se sobressaia.

---

<sup>118</sup> CLOTILDE, Francisca. A educação moral das creanças na escola. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/02/1887, p. 21.

<sup>119</sup> SERPA, Justiniano de. A Escola. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/01/1887, p. 8.

Hoje a ternura e o amor são a arma de que se serve o professor para inocular nos espíritos da infância os conhecimentos que possui e dar-lhes as primeiras noções de educação.

Por conseguinte a escola tem atractivos, e os meninos se despedem della com saudades e lágrimas sentindo que alli estavam muito bem sobre a tutela affectuosa do preceptor que lhes ensinava o culto do dever, o amor da pátria, a união, a generosidade entre os collegas, o respeito e a obediência ás leis do paiz.

Felizmente fazemos algum progresso a respeito do ensino e nesses últimos tempos tem se desenvolvido o gosto pela instrução e todos procuram mais ou menos aprender porque está sufficientemente provado que “*quem nada sabe nada vale*”<sup>120</sup>.

O deataque do processo educacional era atribuído às mães. Boa parte do cultivo do conhecimento começava em casa. José de Barcelos cita uma passagem do próprio Pestalozzi, que fala sobre suas marcantes referências maternas. “Minha mãe – diz Pestalozzi no *Canto do cysne* – sacrificou-se pela educação dos filhos com uma completa abnegação, privando-se de tudo o que lhe podia ser agradável”. Barcelos fala das “impressões indeléveis” n’alma de Pestalozzi, o que exerceu decisiva influência “sobre seu character e sua vida”.

Pestalozzi, durante toda a sua existencia, não passou de uma creança quanto à intelligencia pratica, diz Frederico Dittes. O centro de sua personalidade era o coração e o amor. A mulher, a *mãe*, tornou-se para elle o idéal do educador; foi às mães que dirigiu seus conselhos, suas exhortações; é a ellas que confia a mais importante posição na educação dos meninos.<sup>121</sup>

Francisca Clotilde reitera o pensamento de Pestalozzi e de José de Barcelos, afirmando que o lar e a família são a primeira e a melhor instituição de educação, base para a formação moral, política e religiosa das crianças. Para ela, o professor seria encarregado de continuar a desenvolver os ensaios de educação feitos pela criança no lar, tomando a cautela de corrigir pequenos defeitos nascidos da indulgência de algumas mães, que deixam os filhos seguirem os impulsos da indole e os estouvamentos próprios da idade.

A epocha mais importante da vida, como disse Richter é a da infancia, quando a creança começa a modelar-se por aquelles com quem convive , por isso a influencia do primeiro professor excederá sempre a dos outros ; portanto os Paes devem ser cautelosos na escolha d’aquelle que tem de continuar logo depois delles na educação moral e intellectual de seus filhos e nunca entregal-os a uma pessoa destituida de virtudes e incapaz de dar-lhes bons e salutaes exemplos.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 6/12/1888, p.1.

<sup>121</sup>BARCELOS, José de. Pestalozzi. *op. cit.*, p. 81.

<sup>122</sup>CLOTILDE, Francisca. A educação moral das creanças na escola. *op. cit.*, p. 22.

Diante desta apologia ao carinho maternal, Clotilde evoca uma escola possível, sem castigos “vis e estúpidos” ou intimidações aos alunos. Tratava-se de uma proposta progressista, que não abria mão da valorização do amor. O professor, a seu ver, deveria empregar todos os meios para fazer-se amar pelas crianças. “Assim tudo conseguirà dellas, porque ninguem resiste ao amor, nem ao encanto da amabilidade”. O vínculo afetivo entre professores e alunos facilitaria a apreensão de bons impulsos pelas crianças, além de “tornar-lhes faceis os deveres da escola”.

Hoje que a escola já não é o pesadello horroroso que assaltava o somno infantil, nem a prisão sombria onde se encerravam longas horas as louras creancinhas; hoje que a palmatória e os castigos vis e estupidos foram abolidos como indignos na civilisação e do adiantamento da nossa sociedade, o menino considera o preceptor como um amigo a quem deve amar e venerar. E', pois, facilimo a este aproveitar-se da influencia de que gosa entre aquelles que educa, para colher optimos e proficuos resultados na sua nobre missão.<sup>123</sup>

Revelando seu método pedagógico, a escritora reafirma a religião e a moral como elementos indispensáveis à formação do caráter e menciona o método de leituras e exercícios orais para desenvolver a inteligência das crianças, aguçando seu espírito de observação, “infundindo-lhe ao mesmo tempo o amor às sciencias naturaes”.

Quanto à instrução moral deve ser dada por meio de narrações singelas, historietas ao alcance das intelligencias infantis, exercicios oraes que deverão ser repetidos para ficarem bem impressos no espirito das creanças, para as quaes o melhor compendio de moral é o exemplo. Uma palavra, uma pergunta, qualquer incidente da vida escolar póde fornecer ao professor variados themas para essas licções.<sup>124</sup>

A escritora reitera os valores presentes nessa missão educativa – Patriotismo, Caridade e a desinteressada prática do Bem<sup>125</sup>. Clotilde expressava a nobreza do

---

<sup>123</sup>CLOTILDE, Francisca. A educação moral das creanças na escola. *op. cit.*, p. 22.

<sup>124</sup>*Idem, Ibidem*, p. 22.

<sup>125</sup>Um artigo assinado com o nome Íris D’Arc, na folha literária bimestral *O Orvalho* (sob a “direção e redação das afilhadas da escola normal”), traz semelhança com os argumentos de Francisca Clotilde e destaca a necessária educação da mulher para propagar a instrução entre as crianças, futuros cidadãos e cidadãs.

“A educação da mulher é mais importante que a do homem, pois esta é o fruto d’aquella”.

O desenvolvimento desse pensamento de Felenon nos mostra que, sendo a educação da mulher a base de suas principais virtudes e dependendo destas o progresso da totalidade humana, é dele principalmente que nos devemos ocupar.

A sua influencia é tal que sem ella não haveria sociedade bem formada.

A mulher bem educada e bem instruída não exhitara jamais ante o cumprimento de seus deveres; e, a creanças, a cujos cuidados tam, se formarão segundo seus conhecimentos a excellencia de suas virtudes.

Se tivermos educadas mães de família teremos bons filhos e distinctos cidadãos.

Feliz a epocha em que estamos!

trabalho feminino voltado a educação, mostrando como a mulher influenciava a “formação do caráter” e, conseqüentemente, contribuiria para “o desenvolvimento e progresso de sua pátria” por meio das primeiras lições e princípios morais ensinados aos filhos.

O professor deve esforçar-se sobretudo para acostumar seus discipulos a *fazerem o bem pelo bem* e sem o interesse de premios que, longe de serem um estímulo, trazem sempre como funestas consequencias a inveja, o orgulho e o ressentimento. (...)

Emfim, si o professor possuir qualidades Moraes elevadas e si à vocação juntar uma instrucção complete e uma educação aprimorada, concorrerá honrosamente para a formação do caracter de seus alumnos e contribuirá para o desenvolvimento e progresso de sua patria realizando a phrase do grande Pestalozzi : <<O futuro das nações está nas escolas.>><sup>126</sup>

Estas deveriam ser as diretrizes aplicadas por Clotilde no colégio que fundou na capital, em abril de 1893. O Externato Santa Clotilde funcionou durante três anos<sup>127</sup> à rua Marquez de Herval, número 6. Contava 52 alunos, sendo 46 meninas e seis meninos. O anúncio do estabelecimento é registrado pela pesquisadora Cecília Maria Cunha:

#### EXTERNATO SANTA CLOTILDE LIMA

Fundado em Fortaleza em 1893, começou a funcionar nesta cidade a 09 de março do anno proximo findo. O programa é o mesmo do Curso annexo à Escola Normal e o horário das 11 às 3 1/2 da tarde.  
Diretora do externato Sra. Dona Francisca Clotilde.<sup>128</sup>

Um comparativo de datas revela que a professora não interrompe sua participação em semanários locais e de outras províncias. Seus textos figuram ao lado dos de Álvaro Martins, Pedro Moniz, Sabino Batista e Rodrigues de Carvalho no *Ceará Ilustrado*, surgido um ano depois, em 20 de janeiro de 1894.

De 13 de maio de 1894 data, ainda, o prefácio de Francisca Clotilde à coletânea de poemas *Livro d’Alma*, da amiga Serafina Pontes<sup>129</sup> – considerada, por Otacilio Colares, a primeira ultra-romântica do Ceará. Boa parte do texto traz um

---

Podemos antecipadamente assegurarmos a nossa felicidade futura!

Mui diferente disto pensavam os antigos: que desconhecendo e negando a importância desta educação, julgavam-na até prejudicial às famílias; não conheciam, pois, como nós, o centro de todo bem – a educação da mulher. (Jornal *O Orvalho*, Fortaleza, 13/09/1888, n. 2, p. 1).

<sup>126</sup>CLOTILDE, Francisca. A educação moral das crianças na escola. *op. cit.*, p. 22.

<sup>127</sup>STUDART, Guilherme, barão de. Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense. v.1. *op. cit.*, p. 279.

<sup>128</sup>Jornal *O Rosário*, 9 de janeiro de 1909, p. 1. Citado por CUNHA, Cecília Maria. *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

<sup>129</sup>Serafina Rosa Pontes nasceu no Rio de Janeiro e foi adotada por uma família cearense, com a qual se mudou para Fortaleza, em 1873, onde viveu até falecer, em 1923. Sobre a escritora, Cf. DUARTE, Constância Lima. Serafina Rosa Pontes. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. *op. cit.*, p. 455- 468.

forte acento melancólico. Assemelha-se a uma carta destinada à “minha querida Serafina”, mas que tinha sua leitura pública autorizada por Francisca Clotilde. Desiludida, parece não ver mais alegria e inspiração em sua vida.

Escolheste-me para apresentar á pia batismal da imprensa o teu – Livro d’Alma –.

Se eu ainda encarasse a poesia pelo prisma fascinante com que ella outro’ra me sorria, com certeza faria uma analyse, embora succinta e imperfeita de teus versos; mas hoje que se foram todas as minhas illusões e cahi no arido terreno do prosaismo com o coração calcinado de desenganos e o cerebro esterelizado para as luminosas e boas inspirações, me é quasi impossível corresponder condignamente á honra que me fazes.<sup>130</sup>

Mesmo depois de confessar seus desenganos, Clotilde realiza um esforço de crítica e conta suas impressões da leitura da obra de Serafina. Destaca imagens e temas sugeridos pelo livro desta nova autora, a quem Clotilde diz compreender-lhe de coração, nesta apresentação à imprensa.

No teu livro revelas os anseios de uma alma que busca através dos desertos da vida a palmeira verdejante, que nos areaes da África seduz o viajante requeimado pelo sol e pelas ardentias da terra, e que buscamos nos desertos ideaes na doçura de alguma afeição correspondida. Exaltas a sublimidade da virtude, rendes um preito eloquente á liberdade, cantas a gloria, o amor, a amizade, sabes emfim apresentar sôb as mais singelas e encantadoras imagens as concepções de teu talento que vão bem alto, attrahido pela luz da inspiração, fanatisado pelo encanto do bem. Eu que comprehendo teu coração, que o tenho visto expandir-se a extravasar ternuras, quando mais rude o sacode o embate da dôr, faço votos para que o teu – Livro d’Alma – seja acolhido entre applausos e bênçãos, apreciado e festejado pelo público mais exigente.<sup>131</sup>

1894 foi um ano marcante para Clotilde. Ela registrou em seu diário<sup>132</sup>, redigido em Fortaleza entre 14 de maio e 1º de junho daquele ano, os pensamentos de uma mulher que, aos 32 anos, se mostrava amargurada e desiludida. Seu companheiro, Antônio Duarte Bezerra<sup>133</sup>, falecera em 1893 e uma filha do casal, Maria, nascida a

---

<sup>130</sup>CLOTILDE, Francisca. Minha querida Serafina. In: PONTES, Serafina. *Livro d’Alma*. Fortaleza: Typographia Universal, 1894. p. 1.

<sup>131</sup>*Idem, Ibidem*, p. 1.

<sup>132</sup>O diário fora encontrado por Ângela Barros Leal em Aracati, na casa da bisneta da escritora, Rosângela Ponciano, que conserva parte do espólio de Francisca Clotilde, entre fotografias, revistas e outros objetos. Agradecemos à Rosângela e sua família pela gentileza e solicitude oferecidas durante toda a pesquisa, disponibilizando diversos materiais que ilustram este trabalho.

<sup>133</sup>Antônio Duarte Bezerra, filho do major Raymundo Duarte Bezerra e natural de Várzea Alegre, foi, segundo Barão de Studart, “um dos mais acreditados professores das ciências matemáticas de Fortaleza”. Fez parte do quadro de sócios do Clube Literário (1886-1887), do qual também participou Francisca Clotilde. Foi capitão, reformado em 1886, por motivos de doença. Duarte organizou um livro didático de acordo com o programa do 1º ano do curso normal e publicou-o sob o título *Elementos de Arithmetica*. Redigiu em Fortaleza *A Evolução*, jornal científico e literário, entre 1888 e 1889. De acordo com registro do jornal cearense *Libertador*, na edição de 4 de agosto de 1884,

22 de maio de 1889, seguira o mesmo destino, um mês depois do pai. “O dia de hoje comemora o quinto aniversário de nossa primeira filhinha – 22/05/94”<sup>134</sup> é o que está anotado no diário, cuja organização é analisada pela jornalista Ângela Barros Leal.

“Desde muito cedo que me tem o destino infligido as maiores torturas” – escreve Francisca Clotilde. A letra angulosa, inclinada para a direita, caminha firme sobre a pauta do caderno, como deve ensinar uma professora. O sofrimento das palavras não abala a precisão do traço, nem resvala para qualquer engano. Uma vez escritas, as palavras são definitivas, sem rasuras ou correções. E os pensamentos, por mais dolorosos que sejam, são contidos nas 30 linhas de cada folha (...)

As sextas-feiras estão indicadas no topo da página, e a omissão do ano ao lado do dia não é obstáculo para identificação. Uma consulta a calendários do século passado, tomando por base as sextas-feiras, revela que o ano foi o de 1894. Tinha ela 32 anos, e mágoas profundas a suportar, sem poder descuidar um instante de suas atividades profissionais.

“Julgo-me só, desalentada. Às vezes tenho medo de enlouquecer” – registra o diário (...). Num tempo em que as mulheres ficavam resguardadas em suas casas, ela ficara sozinha, sem apoio sequer da família, única responsável pelo sustento de duas crianças, os dois filhos que lhe restavam dos quatro que havia tido. (...)”<sup>135</sup>

Os textos são como uma correspondência solitária<sup>136</sup> com o marido já falecido, a quem chama carinhosamente de “Capitãozinho”. Maria Angélica fora o “primeiro fruto de uma *paixão proibida*”, como Ângela Barros Leal se referia à união. Duarte também foi pai de Antonieta Clotilde (com apelido de “Etinha”, nascida a 4 de abril de 1890), de Aristóteles Bezerra (o “Maninho”, nascido a 29 de maio de 1891) e do caçula Arquimedes (nascido em 20 de setembro de 1892 e falecido a 16 de fevereiro de 1894). Há referências, no estudo de Maria Stella B. de Araújo, a outros filhos da escritora, nascidos após seu retorno ao interior do Ceará: Tertulina e Angelita Clotilde. Elas seriam filhas do reencontro de Francisca Clotilde e seu primeiro marido, Francisco de Assis Barbosa Lima, com quem se unira aos 18 anos

---

Duarte completava 26 anos em 1884. Portanto, nascera em 1858. Falecera aos 35 anos, em 1893. (com informações de STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p.82).

<sup>134</sup>LEAL, Ângela Barros. Em busca de Francisca Clotilde. In: CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996. p. 72.

<sup>135</sup>*Idem, Ibidem*, p. 73.

<sup>136</sup>Sobre a leitura e análise de diários femininos, recomendo a consulta aos detalhados estudos de VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Faculdade de Letras da UFMG, 1995; MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. Para ampliar a compreensão acerca de arquivos pessoais, é recomendada a leitura de ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.9-34, 1998; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: CUNHA, Maria Teresa Santos; BASTOS Maria Helena Camara; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

de idade, em 1º de novembro de 1880<sup>137</sup>. O pai da escritora faleceu apenas 25 dias depois do consórcio.

Clotilde teria se apaixonado por Duarte Bezerra e, sem ter a certeza do desaparecimento de seu primeiro marido, ela se angustiara. O escritor Abelardo Montenegro afirma que ninguém “precisou mais do divórcio do que Clotilde. Casou-se com um homem sem personalidade, conhecido na intimidade pela alcunha de *Zeguedegue*”.

O marido da professora-romancista, certa vez, disse ao pai: – Meu pai, se a Chiquinha morrer eu boto uma bodega.  
Dado ao hábito da embriaguês findou por enlouquecer, sendo internado no Asilo de Alienados do Rio, de onde fugiu para lugar ignorado.  
Clotilde desejava ardentemente construir um novo lar. Não podia, pois não sabia se o marido vivia ou não. A sua inteligência foi cada vez mais se deixando envolver pelos tentáculos do misticismo.<sup>138</sup>

A família da escritora não teria aprovado “o novo lar” constituído por Clotilde e Duarte Bezerra. O estudo da historiadora Régia Agostinho da Silva reforça a hipótese de que a escritora tenha sido fora discriminada na sociedade por ser uma mulher “separada”. Aponta que a relação “rendeu uma série de preconceitos e pequenas lutas diárias travadas em uma sociedade onde as mulheres deviam se resguardar e se resignar na manutenção de um casamento, mesmo sem amor, até o fim dos seus dias”<sup>139</sup>.

O estigma fora retratado por Francisca Clotilde em seu único romance publicado, *A Divorciada*, cuja primeira edição sairia do prelo em 1902, em formato *in-oitavo*. A segunda reimpressão, de versão fac-similar, apareceria 94 anos depois. A escritora trata, através da narradora da obra, da condição experimentada pela mulher sem marido, no início do século XX<sup>140</sup>. Fala de uma mulher que “fora

---

<sup>137</sup>LEAL, Ângela Barros. Em busca de Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 72.

<sup>138</sup>MONTENEGRO, Aberlardo F. *O romance cearense*. Fortaleza: A. Batista Fontenele; Typ. Royal, 1953. p. 111.

<sup>139</sup>SILVA, Régia Agostinho da. *Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emilia de Freitas e Francisca Clotilde*. *op. cit.*, p. 60.

<sup>140</sup>Sobre o romance de Francisca Clotilde, há alguns estudos disponíveis em CUNHA, Cecília Maria. *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*. *op. cit.*; GOTLIB, Nádia Battela. *A Divorciada (1902): um romance de Francisca Clotilde*. In: CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. *op. cit.*; *Idem*. *A Divorciada (1902): um romance de dona Francisca Clotilde*. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990; LEAL, Ângela Barros. Em busca de Francisca Clotilde. *op. cit.*; MONTENEGRO, Aberlardo F. *O romance cearense*. *op. cit.*; OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: Edições UFC, 2000; SILVA, Régia Agostinho da. *Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emilia de Freitas e Francisca Clotilde*. *op. cit.*



castigada simplesmente porque se casara deixando o coração ocupado pela imagem de outro”.

Perguntava a si mesma no silêncio, recolhida e desolada, o que havia feito para merecer tão rude castigo, e a sua consciência de nada a exprobase. Repousava serena na certeza do dever cumprido.

Quantas súplicas levantava todos os dias ao Deus bondoso para que desviasse o marido do caminho do mal!

Ele não escutara a prece fervorosa, queria acrisolar su'alma virtuosa na adversidade. Era cristã, resignava-se. Tinha de viver dali em diante totalmente seqüestrada do mundo ocupando a mais triste posição na casa paterna. Quantos comentários se faziam a respeito dela! (...)

Divorciada! Embora se encerrasse entre quatro paredes, vivendo exclusivamente para seu filho havia de atingi-la o bote traiçoeiro da calúnia! (...)

Depois a sua posição de mulher separada do marido pungia-a cruelmente até os recessos d'alma, como um estilete agudo.<sup>141</sup>

Estruturado em 37 episódios, precedidos de delicadas vinhetas, em listas gregas, o romance foi impresso na Tipografia Moderna, à rua Formosa, número 71, em Fortaleza. Era dedicado às amigas literatas Alba Valdez e Serafina Pontes.



Figura 1 - Capas do romance *A Divorciada*, edições de 1902 e 1993 (Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano).

Não se tem notícias de listas de pedidos de assinaturas para financiar a publicação. Apesar do título e da temática polêmicos, o livro fora relativamente bem recebido pela crítica. O redator da *Folha do Commercio*, de Aracati, interior do Ceará, conta que “com o máximo interesse” realizou a leitura do romance,

<sup>141</sup> CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. op. cit., p. 270-3.

“composto decididamente pela exm<sup>a</sup> d. Francisca Clotilde, inspirada poetiza cearense e bastante conhecida nas letras pátrias”.

Os quadros estão bem traçados e numa linguagem doce e compreensível, sem esses atavios dos escriptores pedantescos, que no intuito de notabilidade, se precipitam muitas vezes no labyrintho do gongorismo. Comovem, quando desenham os soffrimentos da valorosa Nazareth; e inspiram tédio, si descrevem os repugnantes vícios do Dr Arthur e de Maria da Gloria.<sup>142</sup>

A obra fora ofertada ao jornal pela filha da escritora, Antonieta Clotilde. A filiação ao cristianismo e a promoção de valores como a caridade e a resignação femininas são elogiadas, bem como o enredo, “dentro das órbitas da pudicícia”.

A penna da illustre escriptora fortalecida pelo sopro do christianismo, gravou com perfeição essas virtudes tão necessárias, especialmente à mulher, e que se vestes da caridade e da resignação. Falando no divorcio, obtido pela protagonista do romance, não lhe emprestou as côres deslavadas da sociedade moderna: apontou o, mas, dentro das órbitas da pudicícia, e como remédio extremo às almas que buscavam repouso e não a seqüência de prazeres mundanos. É um livro para os espíritos sentimentaes, que repellem os dramas sanguinolentos de Ponson du Terrail e ficam enternecidos com as descrições ingênuas de Bernardin de Saint-Pierre.<sup>143</sup>

Imagina-se, portanto, que o lançamento da conceituada escritora tenha despertado o interesse dos leitores e leitoras, habituados a ver as poesias e contos de Clotilde nos jornais. Outro indicio de leitura é captado pelo jornal *A Cidade*, de Sobral que, em primeira página, recupera as “esplêndidas produções” de Clotilde. *A Divorciada* seria “mais um magnífico estudo de observações e de fatos sociais, que um simples trabalho recreativo e fantasista (07/06/1902)”<sup>144</sup>.

A folha *A República* também faz menção ao livro da “apreciada escritora cearense”, que representa uma “demonstração irrecusável de uma insistente e perseverante atividade intelectual”. Segundo o autor da resenha, a incursão de Francisca Clotilde pelo romance, uma modalidade “mais vasta e complexa”, revela “novas e significativas manifestações de um espírito acostumado à observação diária dos fatos, auxiliado por estimáveis faculdades de análise”. O tema central do livro, o divórcio, é posto como uma “controvertida” questão social daquele tempo. Outro ponto evidenciado foi a observação e registro que Francisca Clotilde realiza de seu meio, tratando dos costumes e inserindo a natureza local em sua prosa –

<sup>142</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 16/04/1911, n. 15, p.1.

<sup>143</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 16/04/1911, n. 15, p.1.

<sup>144</sup>Apud MONTENEGRO, Aberlardo F. *O romance cearense. op. cit.*, p. 111.

com algumas influências da poética de Casemiro de Abreu, um dos autores lidos por Clotilde.

Inspirada e retratada pelo nosso meio, a auspiciosa tentativa da inteligência e operosa romancista é um estudo de costumes a que comunica vida a uma das nossas controvertidas questões civis \_ o divórcio. O enredo é tratado com carinho, e vê-se que a autora muito se esforçou por explorar todos os acidentes locais, fazendo vingar a índole da sociedade que serviu de teatro à sua produção”<sup>145</sup>.

Para Otacílio Colares (1977)<sup>146</sup>, contudo, as reações ao trabalho de Clotilde foram acanhadas, o que o motivou a cunhar a expressão “cinturão de gelo” para caracterizar a recepção à obra da escritora, que chegava aos 40 anos de idade.

De fato o tema era tratado com discrição e cautela, para não colocar em risco os conceitos cultivados pela sociedade. E Clotilde certamente conhecia o poder de influência das leituras no comportamento e baseava seus escritos em bons exemplos. Outro motivo para a falta de entusiasmo diante de *A Divorciada* seria o contexto em que a obra chega ao mercado – tratava-se de um romance romântico, que surgia durante o auge da escola realista-naturalista no Ceará. Daí nas palavras de Colares, a “indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora, determinando a quase total ignorância, por parte de várias gerações subseqüentes”<sup>147</sup>.

Francisca Clotilde, ciente da posição ocupada por seu romance, às margens da cena literária da província, afirma que seu livro não está filiado “a escola alguma dos grandes Mestres”. Além desta questão, o “Cartão de Visita” que abre *A Divorciada* contém pistas que despertam no leitor para uma dúvida instigante: seus personagens teriam realmente existido?

---

<sup>145</sup> Jornal *A República*, Fortaleza, 24/04/1902, p.1.

<sup>146</sup> Em sua série de livros, *Lembrados e Esquecidos*, o autor estabelece já no título a tentativa de criar um cânone, segmentando as personalidades em lembradas e em legadas ao esquecimento. Para o caso das mulheres estudadas, como Francisca Clotilde e Emília Freitas, o ponto de partida era a idéia de que, de antemão, as escritoras são esquecidas. Durante essa pesquisa, foram encontradas inúmeras menções na imprensa cearense e de outras localidades à escrita de Francisca Clotilde e suas realizações no campo da literatura e da pedagogia. Para seus contemporâneos, ela não era “esquecida”. A respeito de cânones da literatura feminina, um bom ponto de partida são os artigos de DUARTE, Constância Lima. Estudos de Mulher e literatura: história e Cânone Literário. In: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro: NIELM; UFRJ, 1996; DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

<sup>147</sup> COLARES, Otacílio. *A Divorciada*, de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido. In: *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977. v. 3. p. 59-60.

Não pense o leitor benévolo que vai ter diante dos olhos um romance de cenas aparatosas, cheio de peripécias emocionantes e de lances extraordinários.

É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada.

A maior parte da ação desenrola-se no campo, num pequenino povoado, em plena existência matuta, por entre a harmonia dos ninhos, traduzida pelos gorgeios das aves festivas.

Trescala a narração o aroma das flores agrestes, é um inocente idílio que pode ser compreendido pelo olhar mais casto.

Não está filiado a escola alguma dos grandes Mestres; os seus personagens existem, e a cor verdadeira que apresentam é o mérito único da obra extremamente singela.

Relevem os inúmeros defeitos, a simplicidade rústica da forma, a pobreza de colorido, devida talvez ao meio excessivamente burguês em que se deslizou a vida da – Divorciada.

A Autora<sup>148</sup>

A narrativa de Francisca Clotilde preocupa-se em mostrar a importância do amor no casamento e a necessidade de um sentimento desinteressado, espontâneo e eterno da esposa devotada. E lança o tema do divórcio, experimentado pela própria escritora. O enredo se passa em Redenção e Fortaleza (cidades do Ceará onde Clotilde viveu) e no Amazonas. Nazaré, jovem e exemplar moça de Fortaleza, vai passar uns tempos no interior com as irmãs, a fim de fortalecer-se após uma doença. Em Redenção, conhece Chiquinho, sacristão da igreja do povoado, por quem acaba se apaixonando. O rapaz “tinha alguns conhecimentos bebidos na leitura constante de livros que lhe emprestava o vigário, que o nomeara procurador da capela e que nele depositava a maior confiança”<sup>149</sup>.

Os pobres adoravam-no, e raro era o casal desprotegido da fortuna que não o escolhia para padrinho dos filhos.

Para as moças era um – Santo Antoninho onde te porei, - e noite de S. João choviam as priminhas de voz melíflua e olhares ternos a convidá-lo para passar a fogueira<sup>150</sup>.

Junto com a irmã, Loló, Chiquinho passa a freqüentar a casa do Coronel Pedrosa, pai de Nazaré. No entanto, por diferenças de classe social, o Coronel não permite a união, ao saber da paixão da filha pelo humilde sacristão. Aos poucos, Chiquinho é levado a deixar de visitar a casa de Nazaré, principalmente após a chegada do primo da moça, Artur. “Bom partido”, galanteador e com bom traquejo social, era jovem concludente do brilhante curso de Direito. Era um grande

---

<sup>148</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. *op. cit.*, p. 81-2. grifos meus.

<sup>149</sup>*Idem, Ibidem*, p. 84.

<sup>150</sup>*Idem, Ibidem*, p. 85.

apologista dos direitos femininos e tinha “idéias muito originais sobre o papel que a mulher há de representar quando compreender bem os seus deveres”<sup>151</sup>.

Coronel Pedrosa conduz a filha a casar-se com Artur, garantindo boa posição social. Caso contrário, tornar-se-ia irmã de caridade. O novo casal passa então a residir em Fortaleza. A narradora prognostica: “seria ela também uma das vítimas do casamento? Ver-se-ia algum dia na dura contingencia de pedir a proteção dos outros?”<sup>152</sup>.

Artur revelou-se um homem de péssimo caráter. Omisso como provedor e marido, era viciado em jogos<sup>153</sup> (bacará e voltarete) e bebidas. Junto com a prima de Nazaré, Maria da Glória, divertia-se, aplicava pequenos golpes e levava uma vida desregrada. Era a perdição de Artur, arrastado para o Norte por sua maléfica influência.

O bacharel se envolve em dívidas, acaba tornando-se um ladrão e provoca grande sofrimento na protagonista, que já tinha um filho com ele, Oscar. Diante dos sofrimentos da filha, Coronel Pedrosa toma a decisão de divorciar a filha, preocupado com a reputação e seu nome sem máculas.

- Ja ando envergonhado, eu que sempre caminhei de frente erguida. O Sr. atira todos os dias lama ao meu nome impoluto. Sua mulher sofre-o por dignidade e eu sinto que um dia não poderei conter-me e o escândalo será maior. Cumpre, portanto, de evitá-lo<sup>154</sup>.

Na capital cearense, Artur morre de tuberculose após ter pedido perdão a Nazaré, que ainda guarda dois anos de luto. Somente após esse tempo ela se casa com seu verdadeiro amor, Chiquinho.

A publicação, como se vê, não faz a “esperada” apologia ao divórcio – os remédios para a tristeza conjugal de Nazaré são a resignação e a confiança na providência divina na solução dos problemas. Por um lado, o sofrimento de Nazaré

---

<sup>151</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada. op. cit.*, p. 115-116.

<sup>152</sup>*Idem, Ibidem*, p. 180.

<sup>153</sup>O tema do jogo estava em evidência na pauta de discussões do período. Um ano depois, em 1903, ele seria abordado por João Brígido, em um artigo para a folha Unitário. O hábito, aponta o jornalista, está generalizado em todas as classes sociais. “Por que se joga tanto no Ceará? Jogam os homens, jogam as mulheres, jogam os velhos, jogam os moços, os amos e os criados, grandes e pequenos; jogam até os bebês. Diz-se geralmente que por perversão dos espíritos, por deturpação dos costumes. Mas se isso que se dá como causa, não passa dos efeitos. Por que se pervertaram os espíritos e os costumes se deturparam? – nos perguntam. Não é verdade que essa perversão da moral pública seja vício que se radicou nas classes inferiores e superiores? A nós parece que não. Nem todos, que hoje praticam o jogo em tôdas as suas escalas, até as mais baixas, foram homens perdidos nos bons tempos, em que começamos a estudá-los. (BRÍGIDO, João. O Jogo. In: CARVALHO, Jáder de. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Terra de Sol, 1969. p. 198).

<sup>154</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada. op. cit.*, p. 208.

parece ser uma motivação secundária. Mas será que a “transgressão” de Francisca Clotilde não estaria exatamente na escolha do título provocador do livro e na escolha de uma experiência tão pessoal e controversa para tematizar um romance? E quantas senhoras não teriam lido *A Divorciada* em seu quarto, às escondidas?

Otacílio Colares diz que é “interessante verificar como Francisca Clotilde, nos idos do princípio desde século, encarava o divórcio como solução tão lógica e plausível”<sup>155</sup>. A escritora trata do divórcio 75 anos antes da aprovação do projeto deste projeto de lei, em 1977, que também permitia novo casamento. O livro é, para Colares, “revelador do modo avançado de pensar da mulher cearense, naqueles tempos em que a expressão ‘liberdade individual’ parecia uma constante no seio da sociedade feminina do Ceará”.<sup>156</sup>

Para Abelardo Montenegro, o romance da escritora tratava de outras questões presentes naquele tempo, como “os problemas do lar, a função do filho no casal, o casamento por conveniência, a intromissão dos pais no ato da escolha. Tudo é examinado à luz da moral dominante”<sup>157</sup>. Como sublinha Nádida Gotlib, o livro se aproxima do “texto de testemunho, do relatório de eventos, do quase diário de vida, da crônica de costumes”.

Esta voz, intensa, é já pois a de uma consciência. Pela força do estereótipo, e à revelia da própria autora, voz de uma consciência *em formação*. Que flagra a mulher no seu aprisionamento, na mais violenta forma de exploração, mas que acaba provando que, como dizia Sartre, na sociedade capitalista, os homens não têm vidas, mas apenas destinos.<sup>158</sup>

Clotilde trabalha conceitos tradicionais e conservadores e, em um tempo em que predominavam as visões masculinas sobre a mulher, *A Divorciada* lança outro olhar sobre as representações e expressões do universo feminino, ampliando as possibilidades de compreensão da condição da mulher, sem infringir a moral. Reabilita o gênero romance à sua maneira, propondo uma leitura que pode ser absorvida por moças direitas, sem uma marcada intenção de ruptura da ordem, nem a sugestão de que a mulher se rebelasse – apesar de constar no enredo ações de divórcio e de adultério. Contudo, ao apresentar a possibilidade de separação consentida pela família, revelava um novo horizonte para a liberdade feminina.

---

<sup>155</sup>COLARES, Otacílio. *A Divorciada*, de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido. *op. cit.*, p. 76.

<sup>156</sup>*Idem, Ibidem*, p. 78.

<sup>157</sup>MONTENEGRO, Abelardo F. *O Romance Cearense*. *op. cit.*, p. 111.

<sup>158</sup>GOTLIB, Nádida Battela. *A Divorciada* (1902): um romance de Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 65.

Por momentos, os mundos de Clotilde e de Nazaré, a protagonista forte, feminina e honrada d'*A Divorciada*, se sobrepõem. Não é possível dissociar de sua escrita as reflexões e os desdobramentos impregnados de sua condição feminina. Estavam presentes em seus escritos sinais de sua posição social, da cultura incorporada, da dimensão de suas experiências e de seus livros, como as leituras sentimentalistas do romance *Paulo e Virgínia* (1787). Do autor francês Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), retratava o amor inocente de dois adolescentes em meio à natureza edênica das Ilhas Maurício<sup>159</sup>.

*A Divorciada* fora lançado cinco anos após o retorno de Clotilde ao interior do Ceará. As saudades da vida movimentada na capital e a insatisfação com a monotonia do interior são atribuídas a Nazaré. A protagonista, que antes amava os lugares “ermos, silenciosos, calmos”, vivia a nostalgia da cidade, de suas “ruas alinhadas, bem claras, onde passavam grupos desenfasiando-se dos pesares da vida. Desejava ver de novo as avenidas e o vaivém dos *habitués* do passeio fazia-lhe saudades”. Lamentava não estar “em uma praça bem populosa, onde não faltasse movimento e de manhã à noite houvesse a mais delirante animação, o mais ardente frêmito da vida”.<sup>160</sup> Na perspectiva de Sandra Jatahy Pesavento, a literatura

---

<sup>159</sup>Todavia, este enredo sobre um amor casto e fraternal poderia perverter um coração puro. É o que ocorre com a personagem Véronique Graslin, do romance *Cure de Village* (1839), de Honoré de Balzac. (A indicação está presente no estudo de HOUBRE, Gabrielle. Como a literatura chega às jovens. França, primeira metade do século XIX. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, jul. 2000. p. 15). Outra referência a *Paulo e Virgínia* está na obra *Helena* (1876), de Machado de Assis. O diálogo ocorre entre a protagonista e Estácio e traz o nome *Manon Lescaut*. Trata-se de um livro, cujo original foi publicado em 1731, que foi queimado em praça pública e não era considerado leitura sã. A obra, do francês Abbé Prévost, narra a história de um jovem bem-nascido que arruína sua vida por causa da cortesã Lescaut.

“- Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochê? perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

- Não?

- Não senhor, fiz um furto!

- Um furto!

- Fui procurar um livro na sua estante.

- E que livro foi?

- Um romance.

- Paulo e Virgínia?

- Manon Lescaut.

- Oh! Exclamou Estácio. Esse livro...

- Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.

- Não é um livro para moças solteiras...

- Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo caso, li apenas algumas páginas”. (ASSIS, Machado. *Helena*. São Paulo: Ática, 1990. p.22).

<sup>160</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. op. cit., p. 114-5.

pode ser pensada como “uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos”.<sup>161</sup>

O casamento quando muito jovem, os vícios do marido, a mudança da cidade para o interior, a vida distante da agitação da capital, o estigma de uma mulher separada, a dor e a infelicidade de se perceber solitária e com filhos para criar. Detalhes que podem intrigar o leitor, remetendo-o a episódios pontuais da vida de Clotilde. Fatos passados que podem revelar apenas o que o narrador “permite” que seja dito, “uma vez que é ele quem traduz o conteúdo factual e imprime nele uma significação”.<sup>162</sup>

No romance, fala-se da morte da mãe de Nazaré, quando ela tinha oito anos de idade. Nos relatos sobre a trajetória de Francisca Clotilde, é citada apenas a morte do pai, João Correia Lima, quando ela contava 18 anos. Até o fim da vida da escritora, não foi possível encontrar registro algum sobre sua mãe, o que faz supor que ela falecera antes do pai, quando Clotilde era muito pequena. “Felizes os que se vendo repelidos de todos tem para descansar a fronte um regaço amoroso de mãe indulgente e sempre disposta ao perdão!”<sup>163</sup>

Não se sabe a opinião de João Correia acerca do primeiro casamento de Francisca Clotilde – se ele incentivou ou foi contrário ao matrimônio. “Não desgostaria o pai casando contra a vontade dele; mas também não se sacrificaria aceitando por marido um homem que não amasse. Estava sempre a ouvir dos graves inconvenientes de um casamento sem amor”.<sup>164</sup>

Os vícios de Artur, marido de Nazaré, em jogos e bebidas, podem remeter ao primeiro marido de Clotilde, de apelido Zeguedegue. Assim como Nazaré, Francisca Clotilde pode ter suportado as agruras impostas diariamente pelos vícios. Em nome do amor ou das convenções sociais, “não queria absolutamente que ninguém desconfiasse do seu sofrimento”.

Passam as horas, soam umas após outras com a lentidão que tem as noites passadas em claro, já os fulgores da aurora começam a rosear o horizonte, quando ela, exausta da vigília, consegue dormir um pouco. Acorda assustada, pois sente empurrarem a porta do quarto com violência. O marido entra cambaleando, o olhar desvairado, o hálito encervejado.

---

<sup>161</sup>PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano, Paris - Rio de Janeiro*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 10.

<sup>162</sup>MALUF, Marina. *Ruídos da Memória. op. cit.*, p. 82.

<sup>163</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada. op. cit.*, p. 169.

<sup>164</sup>*Idem, Ibidem*, p.133.



Agarra a mulher bruscamente, sacode-a com força e depois cai sobre o tapete a expelir o vômito.  
Nazaré compreende que Artur está embriagado e um sentimento de asco invade-a toda.  
Lágrimas profusas lhe irrompem dos olhos e, como se um círculo de ferro lhe comprimisse a garganta, sente falta de ar, levanta-se desorientada e aproxima-se mais do berço do filho. É ali que vai procurar refúgio para a dor cruel que lhe causa o despertar do sonho. (...)  
Resignou-se a sofrer calada, e no outro dia ao entrar em casa do pai aparentou o mesmo ar prazenteiro dos bons tempos.<sup>165</sup>

“Mas por que insiste tanto a posteridade em procurar o modelo?”<sup>166</sup>, pergunta o autor Otto Maria Carpeaux, em ensaio sobre a obra *Madame Bovary*, de Flaubert. A questão dialoga também com o caso de Clotilde e uma suposta intenção autobiográfica em seu livro.

Evidentemente, aqui não se toma a literatura como espelho da realidade, que encontra exata correspondência em fatos. Não se pode desprezar a imaginação literária e a livre criação de Francisca Clotilde, que elaborou um enredo, desenvolveu as personagens e construiu uma ficção. É preciso, no entanto, considerar que a literatura de uma época traz “sintomas” de um período, evocando “o sistema de idéias e imagens dos homens em um outro tempo”<sup>167</sup>, sem constituir-se em “um guia prático de ação”<sup>168</sup>.

Ao mesmo tempo, a vida da escritora não era representativa de seu meio social, nem tampouco um caso único, à parte. Não será através de sua história de vida que se encontrarão elementos para a “explicação de uma época”. A riqueza do estudo biográfico reside na recuperação de processos complexos que envolvem o social, desvincilhando-se das explicações que dissolvem e simplificam as práticas individuais dentro de representações gerais. Miriam Lifchitz Moreira Leite afirma que, raramente, “as particularidades do biografado deixam de ser desdobramentos de condições da vida coletiva de que participou, da cultura incorporada, do trabalho exercido e da influência (...) que sua camada social, nacional, religiosa ou política exerceu”.

Dada a variabilidade de cada universo social, não é representativo apenas o indivíduo conformado, que recebeu, aceitou e desempenhou bem ou mal o seu papel social, reprimindo seu potencial renovador, mas também os

<sup>165</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. *op. cit.*, p. 184-7.

<sup>166</sup>CARPEAUX, Otto Maria. Gustave Flaubert e Madame Bovary. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. p. 359.

<sup>167</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*, Paris - Rio de Janeiro. *op. cit.*, p. 15.

<sup>168</sup>*Idem, Ibidem*, p. 55.

rebeldes em diferentes graus, que receberam atribuições sociais e culturais, refletiram ou não sobre elas e as recusaram parcial ou totalmente, carregando consigo frações maiores ou menores de participantes.<sup>169</sup>

As vivências individuais possuem uma singularidade que deve ser preservada sem, ao mesmo tempo, deslocá-las de um contexto histórico-social que as torna possíveis de ocorrer. Ronaldo Vainfas comenta a importância de estudar “a teia social concreta onde os atores se movem, exercendo múltiplos papéis sociais e individuais”.

o reconhecimento desse pertencimento dos indivíduos a determinada classe social, a uma categoria de ofício ou a determinada região em certa época assume tanta importância quanto seu estado civil, suas sociabilidades, seus talentos e afetos individuais.<sup>170</sup>

Separada e com filhos para criar, Clotilde trabalhava como professora em escolas e dava aulas particulares para sustentar a família, além de participar ativamente da escrita de jornais e almanaques. Como se verá, é possível que tenha recebido encomendas de anúncios, charadas e outros textos – prática que lhe renderia algum dinheiro. Literatas como Francisca Clotilde encontraram na ficção um espaço que lhes possibilitou expor valores, inquietações e experiências, resguardadas em suas personagens. Inscrevendo-se em seu romance, perpetuou suas memórias e sua vida.

(...) a memória pessoal necessita de outras lembranças e por isso invoca conjuntos referenciais instituídos pela sociedade. Sem esses instrumentos referenciais – “as palavras e as idéias” – que os indivíduos tomam de empréstimo a seu meio, compromete-se o funcionamento da memória de cada um e de todos.<sup>171</sup>

Em toda memória pessoal estão inscritas marcas da existência coletiva. Através da escrita, Francisca Clotilde se produziu ao público. Em suas memórias e escritos existe uma dimensão da posteridade e a perspectiva de “deixar” o público perceber suas influências literárias, as causas pelas quais lutou, sua atuação como professora, o universo onde habitava e algumas etapas de sua rica trajetória. Não é exagero afirmar que Francisca Clotilde deva ter escrito milhares de páginas. A atuação em agremiações literárias e a presença cada vez mais afirmada no periodismo multiplicaram o alcance da ação de suas palavras.

---

<sup>169</sup>LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. p. xii.

<sup>170</sup>VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história*: os Protagonistas Anônimos da História. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 117-9.

<sup>171</sup>MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. *op. cit.*, p. 36.

## CAPÍTULO 2

### IMPRESSÕES FEMININAS

*Que ressoe pela imprensa, o grito que nos vem do íntimo.*  
Francisca Clotilde

A professora Francisca Clotilde afirma-se escritora na Fortaleza do final do século XIX. As lições ministradas na Escola Normal somavam-se ao trabalho de periodista, participante do movimento abolicionista e colaboradora ativa de círculos letrados. A escrita projetou Clotilde e garantiu uma rede de trocas intelectuais a esta mulher de trajetória invulgar. Seu itinerário de vida constitui-se em um recurso promissor para “lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos”, graças a suas atitudes e a seu “modo peculiar de inserção no processo social”<sup>172</sup>.

Clotilde era uma leitora a circular na província, ganhando o mundo através da palavra. Praticava uma escrita detalhista e, ao mesmo tempo, lacunar, reservando às entrelinhas incursões por experiências de vida de mulheres, sentimentos, opiniões sobre as virtudes femininas, em frases freqüentemente unguidas de patriotismo, religiosidade e observações da natureza. Temas que contribuíram para a experiência literária das leituras comuns praticadas na província e deviam ter um bom nível de resposta, já que seus textos de Clotilde eram publicados em grande número e com estreita periodicidade, simultaneamente, em diversos veículos.

Clotilde trazia uma “consciência ordenadora implícita nos textos”<sup>173</sup>. Seu projeto de escrita e a natureza de sua carreira literária se insinuam por diversos gêneros, passeando entre o conto, a crônica, a poesia, o teatro, as charadas. E qual seria o universo de idéias oferecido pela escrita de Francisca Clotilde? Combativa, mãe e mulher, aventurou-se a “resistir ao invés de existir”, em uma discreta e persistente luta por direitos, para ter opinião, pela liberdade – em palavras ora avançadas ora comedidas. Foi-se construindo uma base para sustentar seus pensamentos, um solo para cultivar idéias. É sobre isso que se vai falar, desta trajetória impressa e das muitas certezas que moviam o íntimo dessa senhora.

---

<sup>172</sup>DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 13.

<sup>173</sup>DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. *op. cit.*, p. 272.

No Ceará do último quartel do século XIX, mais de uma centena de jornais circulava e a participação em clubs e grêmios literários aglutinava a burguesia e os setores médios em torno de atividades culturais e expressões artísticas, entre as letras, o teatro, a música. Nesse período, são fundadas instituições e grupos como a Biblioteca Pública (1865), o Instituto do Ceará (1887), a Fênix Caixeiral e a Padaria Espiritual (ambas em 1892), a Academia Cearense de Letras e o Centro Literário (ambos em 1894). Também data dessa época a *Revista Mercantil*, uma das primeiras da imprensa cearense, publicada em 1872.

Os filhos da classe média e os membros da elite da província passavam a “erigir ‘as coisas do espírito’ como valor novo para a medida de importância do trabalho social”<sup>174</sup>. Neste cenário, em meio ao tafetá brilhante das saias armadas das senhoras e das valsinhas tocadas ao piano, sobressai Francisca Clotilde.

## 2.1. TEMAS E AUTORIA FEMININA NO CLUB LITERÁRIO

Comprometida com as aulas na Escola Normal, Clotilde encontrava tempo para exercitar a pena no principal grêmio literário de que participou. Foi a única mulher a tornar-se sócia efetiva do Club Literário, criado em 1886<sup>175</sup>, com a intenção de “promover e activar o progresso intellectual de seus associados”<sup>176</sup>, segundo o primeiro artigo de seu estatuto.

No documento, constam exigências como o pagamento de uma “joia de 5\$000 e a mensalidade de 2\$000” pelos sócios efetivos – que só poderiam ser “os homens dados às lettras”<sup>177</sup>. O estatuto prevê no cotidiano da agremiação a correspondência com órgãos de imprensa nacionais e estrangeiros, a realização de conferências e a conduta adequada em relação a livros e jornais que compunham o acervo do Club.

Art. VIII – Para realização de seu programma o Club manterá um organ na imprensa, promoverá conferencias publicas, procurará relacionar-se com os vultos da litteratura, das artes, e da sciencia, corresponder-se-à com as corporações congengeres do imperio e do estrangeiro, e intervirá perante os poderes publicos quando assim for necessario.

<sup>174</sup>TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo. op. cit.*, p.34.

<sup>175</sup>Sobre o Club Literário, Cf. OLIVEIRA, Cláudia. As idéias científicas do século XIX no discurso do Club Literário. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

<sup>176</sup>ESTATUTOS DO CLUB LITTERARIO. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 17/09/1887, p. 135

<sup>177</sup>*Ibidem*, p. 135

§V – Ver em boa ordem e guarda, à disposição dos socios, todos os livros e jornaes do Club.

§VI – Avisar delicadamente aos socios que não é permittido conduzir do Club nenhum livro ou jornal<sup>178</sup>.

No Club Literário, a circularidade de idéias era favorecida pela realização de reuniões noturnas, inicialmente promovidas na sede da rua Senador Pompeu, número 123D e, posteriormente, à rua Major Facundo, número 56. Por alguns anos estes saraus prosseguiram, como se pode observar na edição de 4 de outubro de 1894 d’*A República*, que comunicava a reunião “da benemérita sociedade, no salão nobre do *Clube Cearense*”<sup>179</sup>. Nos encontros, discutiam-se obras literárias, ciência e outros assuntos, além de realizarem leituras em grupo. João Lopes, na revista *A Quinzena*, comentou algumas reuniões ocorridas, como a primeira, em abril de 1887. Sociabilidade que era um dos meios de ter acesso aos lançamentos de livros.

Outro facto litterario dos quinze dias que estou chronicando é a leitura da *Lyra Sertaneja*, do Sr. Castello Branco, em sessão do Club.

Mais do que para apresentação de um livro novo, serviu a leitura para estreia das palestras, muito proveitosas e muito agradaveis<sup>180</sup>.

Além dos encontros, os participantes da agremiação tinham à disposição o espaço do Club para leituras. Era franqueada, “todos os dias, das dez da manhã às dez da noite, a leitura de jornais e revistas de Fortaleza, da Corte e demais Províncias e dos livros publicados na Corte e no estrangeiro”<sup>181</sup>. A revista e o Club mantinham sócios e ocasionais freqüentadores a par do movimento beletrístico corrente no Brasil e em outros países. Noticiava novidades como *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, “que, em breve, desapparecerá das livrarias tal é o assalto dos seus entusiastas”

Agora temos uma outra novidade litteraria: “A Reliquia”, de Eça de Queiroz, um romance há tanto tempo anunciado, esperado, impacientemente, todos os dias (...).

*A Relíquia* está sendo publicada na *Gazeta de Noticias*, em folhetim e já apareceu nas livrarias da côrte e do Pará.<sup>182</sup>

A *Quinzena* também não deixava de mencionar – e ironizar – a dificuldade das livrarias locais em sincronizar os lançamentos literários da província com as leituras

<sup>178</sup>ESTATUTOS DO CLUB LITTERARIO. *op. cit.*, p. 135

<sup>179</sup>BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense. op. cit.*, p.126.

<sup>180</sup>LOPES, João. Os Quinze Dias. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 30/04/1887, p. 63.

<sup>181</sup>ESTATUTOS DO CLUB LITTERARIO. *op. cit.*, p. 135-6.

<sup>182</sup>LETTRES E ARTES. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/06/1887, p. 86.

em evidência no mesmo período na Europa e centros mais desenvolvidos. “Ao Ceará é que ha de chegar quando ninguém mais por ahi quizer lel-a, pois que, aqui, em tratando-se de novidade literaria as livrarias são ainda da opinião da preguiça – andar de vagar para chegar de pressa”.<sup>183</sup>

Decerto os intelectuais acreditavam que a leitura pudesse contribuir para a formação de bons escritores. Inclusive, o “desprêzo dos literatos pela ignorância satisfeita dos homens bem sucedidos da Província, isso sim, revelava antes o aprofundamento das contradições entre os intelectuais da classe média e a elite dirigente”<sup>184</sup>. José Ramos Tinhorão destaca um trecho do discurso proferido na solenidade de instalação do Gabinete Cearense de Leitura anos antes, em 2 de dezembro de 1875, no sobrado do prédio 92 da rua Formosa, em Fortaleza.

(...) o orador, Doutor Gonçalo Souto, deixaria muito clara a apreensão das elites a êsse respeito.

“Nota-se entre nós – afirmava o orador – muito pronunciado o prurido de escrever. Se é isto um bem, até certo ponto, pode ser, por outro lado, um grande mal, segundo a opinião de um sábio francês, que dizia do seu tempo: “*Un grand malheur de notre époque est qu’on écrit beaucoup sans avoir lu.*”<sup>185</sup>

O livro era considerado “a palavra em ação”, no dizer de Oliveira Paiva<sup>186</sup>. Para o escritor, autor de *D. Guidinha do Poço* (1892), “nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e acender os brios de uma nação, como a Litteratura. O Livro acompanha o individuo onde quer que ele vá. Custa-lhe barato. Que mais? Deve ser uma arma para o cearense”. Paiva, no mesmo discurso, fala da importância de estimular intelectualmente o povo e acordar suas “bellas aptidões adormecidas”.

Todos nós, mesmo na maturidade, temos um quê de creança e de mulher, e feliz d’aquelle que, ao masculino do homem voluntarioso, reúne aquellas duas doçuras. (...) Os nossos bons patricios convençam-se de que elles não foram feitos somente para comer carne e farinha (...)

---

<sup>183</sup> LETTRAS E ARTES. *op. cit.*, p. 86.

<sup>184</sup> TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo. op. cit.*, p. 59.

<sup>185</sup> *Idem, Ibidem*, p. 41.

<sup>186</sup> Manoel de Oliveira Paiva nasceu em Fortaleza, em 12 de junho de 1861. Estudou no Seminário do Crato e foi aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, que deixou em 1883, já doente de afecção pulmonar a que sucumbiu. De colaboração com João Lopes e Antônio Martins, escreveu *A Semana*, crônica que o *Libertador* publicava aos sábados, assinada por Gil, Pery e C<sup>a</sup>. É autor do romance *A Afilhada*, publicado originalmente no rodapé do *Libertador*. Em 1887, com João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcellos e José Olympio, redigiu *A Quinzena*, propriedade do Club Litterario. STUART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense. v.2. op. cit.*, p.307.

(...) resta demonstrar em como a palavra, n'esta provincia, é o necessário e bastante para accordar as bellas aptidões adormecidas na alma d'este bom e aventureiro povo.<sup>187</sup>

Nomes de muitos dos intelectuais cruzavam-se no expediente de várias redações de jornal e agremiações. O principal fundador do Club fora João Lopes<sup>188</sup>, diretor da folha *Libertador*, colaborador do *Cearense* e vice-presidente do Club, presidido por Juvenal Galeno. Justiniano de Serpa fora encarregado como o 1º secretário; Antônio Sales, o 2º secretário; e Oliveira Paiva desempenhava a função de tesoureiro.

Abel Garcia, Antônio Bezerra, Antônio Martins, José de Barcelos e José Olímpio também pertenceram ao grêmio, que se torna espaço de leitura, experiências e convivência. Dolor Barreira informa que “entraram em seu quadro de sócios efetivos, com menos de um mês depois de formado: Francisca Clotilde, Augusto Xavier de Castro, Manoel Pereira, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Rodolfo Teófilo e Alfredo Bomilcar”.<sup>189</sup> Barreira também cita a saudação do *Libertador* à inauguração do Club: “os espíritos mais cultos e progressistas tomam a vanguarda dessa útil empresa, da qual com sobejas razões esperamos grandes proveitos às nossas letras”. Para Tinhorão, a “produção literária só surgiu no Ceará, de maneira constante, com o aparecimento do Clube Literário (...), congregando já agora os intelectuais da classe média propriamente dita”.<sup>190</sup>

A revista daquele grupo de escritores era *A Quinzena*, impressa na mesma tipografia do *Libertador*, que circulou entre 15 de janeiro de 1887 e 10 de junho de 1888, perfazendo 30 edições. Publicação que, para João Lopes, pode “servir no futuro como documento bibliographico e historico, devendo, portanto, registrar com escrupulo os factos capitaes de sua epocha”<sup>191</sup>. Além de apresentar pretensões “puramente literárias”, em um meio tido como hostil às letras. Tratava-se se uma

---

<sup>187</sup>PAIVA, Oliveira. As conferencias do Club Litterario. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 31/07/1887, p. 105.

<sup>188</sup>João Lopes Ferreira Filho nasceu a 10 de Agosto de 1854. Foi empregado público na repartição dos Correios e na Secretaria do Governo do Ceará, professor de português no Liceu Provincial e secretário do governo do Amazonas na administração Theodorato Souto. Ali, como no Ceará, prestou serviços à causa da libertação dos escravos. Fez parte das redações do *Cearense*, *Gazeta do Norte*, *Libertador* e *República* e, no Rio de Janeiro, escreveu para o *Tempo*, a *Tribuna* e o *Dia*. STUART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p. 494-5.

<sup>189</sup>BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. *op. cit.*, p. 116-7.

<sup>190</sup>TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. *op. cit.*, p. 91.

<sup>191</sup>LOPES, João. Os Quinze Dias. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/10/1887, p. 140

“reacção violenta, sem gradações, sem medida, contra crenças religiosas, cujo enraizamento no espirito publico é escusado encarecer e demonstrar”.

Em relação a imprensa, e é este o ponto capital para a nossa argumentação, nota-se a mesma tendencia boa e progressista; (...) Esta não exprimia simplesmente uma brecha nos habitos da população pouco afeita a letras.(...) Ora, nada mais natural do que, sobre os factos que ahi ficam apontados, constituir *A Quinzena* o castelo de suas esperanças, de sua confiança mesmo no meio cujo gosto vae tentar, apresentando-se-lhe como publicação puramente litteraria.<sup>192</sup>

Paradoxalmente, a católica Francisca Clotilde desfrutaria no Club o conceito de hábil contista. Além da religiosidade, apresentava uma escrita romântica em um ambiente que já exaltava o realismo e o naturalismo. É de se imaginar que, para esta mulher, a agremiação tenha aberto uma boa exceção.

A temática da revista era diversa e incluía comportamento, cotidiano, filosofia, psicologia, ciências, políticas, literatura, história. Do evolucionismo de Spencer à grafologia criminal, passando pela psicologia experimental ou pela metafísica, presume-se que todos os assuntos pautados eram os principais interesses em debate nos últimos anos dos oitocentos em Fortaleza.

Tratava-se de um ambiente pouco receptivo a arroubos emotivos e românticos, portanto. Mesmo assim, Clotilde conseguiu projetar-se n’*A Quinzena*. Na visão de Dolor Barreira, a escritora ali “fez os primeiros passos, apercebendo-se e aprumando-se para o cultivo de outro gênero, de maior amplitude e complexidade: o romance”<sup>193</sup>.

Um dos contos publicados foi *A Engeitada*. Revela os sentimentos de uma mulher enganada pelo homem a quem se entregou, tendo sido abandonada, grávida. “Pobre mãe! O miserável que murchou a corôa da tua virgindade não pensa decerto nas angustias porque estás passando. Ri neste momento, quem sabe?”<sup>194</sup>

A narradora continuamente se reposiciona, dirigindo-se ao leitor ou à personagem. Como a sociedade finissecular reagiria a essa questão moral? Francisca Clotilde, aos vinte e cinco anos de idade, ainda sem filhos, observa a

---

<sup>192</sup>LOPES, João. Preliminares. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/01/1887, p. 2

<sup>193</sup>BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense. op cit.*, p. 120.

<sup>194</sup>CLOTILDE, Francisca. *A engeitada*. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/10/1887, p. 143.



diferenciação do tratamento dispensado ao homem e à mulher, em um veredicto que atesta a onipotência masculina.

A sociedade não o ha de repellir, elle tem o direito de entrar com a fronte erguida nos salões, onde se ostenta a gente melhor e será recebido com atenções e obséquios.

Mas, tu, victima indefesa, serias arremessada ao charco onde se revolvem as creaturas sem pudôr.

Não te vendeste, o amor te perdeu, te entregaste generosamente e sem restricções ao homem que te fez pulsar o coração ainda virgem; porem o mundo não indaga dessas coisas.<sup>195</sup>

Assim como o divórcio, a má reputação de engravidar sem ter um marido recairá sobre a enjeitada – que pode ser a mulher abandonada, a filha que ela espera ou ambas. A infâmia é o destino daquelas mulheres. “Há de salpicar-te o rosto com a lama da degradação a marcar-te-há a fronte com o sêllo da ignominia e da deshonra! Nem mesmo a maternidade te dá o direito de esperar indulgência”<sup>196</sup> A mãe, a fim de preservar a reputação e garantir um futuro melhor, resolve tomar uma decisão extrema e abdicar da filha, em meio a uma “vertigem do desespero”. A pressão da sociedade se sobrepõe aos sentimentos e à consciência da mãe.

Depois, como impellida por força sobre humana ergue-se do leito dos soffrimentos, deixa a mansarda humida e estreita e volta para a casa da família.

Vae continuar a freqüentar o mundo.

Ninguém lhe verá a pallidez das faces e as palpitações nervosas do coração.

Sua honra está salva, porque o mundo contenta-se com exterioridades.<sup>197</sup>

Só uma escritora reconhecida estaria autorizada a tratar de modo tão contundente as questões de gênero, delicadas nuances do privado e suas implicações. No tempo em que a pena e a tinta também são armas, Clotilde não se isola para ensaiar seu estilo, mas se cerca de intelectuais e impressos para escrever. O regime da escrita vai se afirmando pelo reconhecimento social, de seus pares, e o contato com homens de letras e pensamentos libertários pode ter semeado uma escrita de traço mais politizado, desenvolvido alguns anos depois<sup>198</sup>.

Alguns escritos da escritora seriam enfeixados no livro *Coleção de Contos*, publicado em 1897, com textos do período entre 1895 e 1896. A brochura, editada

---

<sup>195</sup>CLOTILDE, Francisca. A enjeitada. *op. cit.*, p. 143-4.

<sup>196</sup>*Idem, Ibidem*, p. 143.

<sup>197</sup>*Idem, Ibidem*, p. 143-4.

<sup>198</sup>Cf. 2.3. “Falem contra a mulher cearense política; eu applaudo-a”

pela Typographia Cunha, Ferro & Cia, tinha 126 páginas e fora dedicada “À memória de meus pais: Joao Correia Lima e Ana Maria Castelo Branco”<sup>199</sup>.

Um texto de Tibúrcio de Oliveira, ex-aluno de Francisca Clotilde, anuncia a obra, dizendo que “Prefaciador livro escrito por Senhoras é um grande perigo”. Esta ação representa uma temeridade

para as autoras, que incidem no risco de um desastre evitável; para o prefaciador, vitimado a representar de Juiz, se não tiver ânimo de Salomão para isentar-se da poderosa influência das escritoras, e do preconceito da idéia de não ser desagradável ao belo sexo<sup>200</sup>.

A obra, inclusive, recebeu apreciações de fora da província. Do jornal a *Província do Pará*, como mostra a folha cearense *A Evolução*, vem a notícia do aparecimento “do brilhante livro de contos” de Clotilde. Após “ligeira, mas attenta leitura”, o autor da opinião captou o “temperamento artístico” que ditou aquelas páginas. “Revela-se em cada uma dellas a vocação, o talento litterario da auctora”, afirma.

Seus pequeninos contos á Catulle encantam pelo mimoso da phrase, pelo sentimento que transborda de cada período. Escriptos num estylo fácil, natural, despresando os gongorismos já decaídos, que emmaranham as idéas, os referidos contos desdobram-se singellamente, amorosamente, não lhes faltando de quando em quando uma nota sentida, ála cre, cheia de vida, que os enchem de verdadeiro encanto.<sup>201</sup>

É o que se espera de um “livro de mulher”. Há ressalvas que insinuam uma atitude condescendente para com a obra, cumprindo o protocolo de encorajar a autora a prosseguir.

E’ um livro impecável? Não; não é mesmo de mestre, mas é, sem duvida, um livro que encanta e deleita, pela naturalidade e pela singelleza. Se quizessemos synthetisar a nossa opinião diríamos ser um livro de mulher, com todos os defeitos e toda a gracilidade, com todas as expansões do sentir inherente ao seu sexo.<sup>202</sup>

Para que as mulheres adquiram o “vigor mental” e a “privilegiada organização psychologica” dos homens, que auxiliariam no desenvolvimento de seu talento, o

---

<sup>199</sup> OLIVEIRA, Tibúrcio. Apud MOTA, Anamélia Custódio. *Francisca Clotilde: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará*. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2007. p. 61.

<sup>200</sup> *Idem, Ibidem*, p. 61.

<sup>201</sup> *Jornal A Evolução*, Fortaleza, 3/11/1988, p. 2.

<sup>202</sup> *Jornal A Evolução*, Fortaleza, 3/11/1988, p. 2.

escritor Abel Garcia<sup>203</sup> aconselha, em sua série de artigos dedicados à mulher, que elas estabeleçam maiores relações com os homens e seu “modus vivendi”. A “aproximação de sua intellectualidade da do homem” é tomada como causa do “progresso” da inteligência das mulheres, ocultas na “penumbra da família”.

A mulher cearense compartilhando, portanto, o *modus vivendi* do homem iriçado de dificuldades, alargando o circulo de sua actividade, adquiriu esse exaggero de sensibilidade, a extremada vivacidade de sentimento e vigor mental que deu-lhe direito de occupar saliente posição nos ousados commettimentos que convulsionaram a provincia e repercutiram em todos os angulos do paiz. (...)

Formado o seu character, começaram então a expandir-se livre e brilhantemente os thesouros de sentimentos sadios e energia verdadeiramente espartana, que occultavam-se na penumbra da familia. Extraordinario progresso é o que constata a observação séria e aprofundada das inspirações filhas do sentimento e das creações oriundas da intelligencia da mulher.<sup>204</sup>

O Club Literário representava algo além do que o seu rótulo poderia indicar. A agremiação e sua revista *A Quinzena* refletiam no plano das letras um conjunto de idéias avançadas. Seus sócios – alguns pertencentes ao *Libertador* – acenavam positivamente para as causas humanistas, como a libertação dos escravos e a participação social da mulher, entrando em conflito com ideários conservadores.

Neste espaço cultural e literário, a presença feminina foi aceita, de forma geral, com um ar próximo da indiferença ou da condescendência. Em alguns casos, podia-se até pensar em certa solidariedade entre mulheres e homens escritores. Jornais da virada do século XIX revelam cortesias e a dedicatória recíproca de textos e poemas. Publicavam-se escritos do outro sexo nos seus jornais, aniversários eram lembrados, informações sobre lançamentos de revistas e livros se multiplicavam, além de ensaios e críticas literárias.

Para as literatas, dois elogios freqüentes: a escrita com características masculinas – caso a mulher escrevesse “quase” tão perfeitamente quanto um homem – e o conteúdo exemplarmente digno dos textos. E ainda havia os observadores que tentavam adivinhar que famoso escritor se esconderia sob os pseudônimos femininos.

---

<sup>203</sup>Abel Garcia era o filho mais velho do Desembargador Manoel de Souza Garcia. Tornou-se bacharel em Direito pela Academia de Recife em abril de 1886. Serviu ao movimento abolicionista e à política republicana do Estado como orador e redator do jornal *Libertador*. Membro influente do Club Literário, foi um dos redatores de *A Quinzena*, “na qual escreveu, entre outros, um trabalho sob o título *a Mulher Cearense*”. STUART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p. 3.

<sup>204</sup>GARCIA, Abel. *A mulher cearense II*. *op. cit.*, p. 23-4.

Álvaro Martins, que assinou como Alvarins o poema a seguir, abre sua escrita com uma frase de João Ribeiro, que talvez sintetize um pensamento corrente no período sobre as escritoras.

Curvas e Rectas

As mulheres que escrevem são MACHONAS.  
João Ribeiro

Ora *machonas*! Mulheres  
Assim dizel-as, (que nova  
Idéa!) justo requeres  
Motivos para uma sova!

Porque as senhoras que escrachas  
Nesta palavra ratona,  
Provar-te-hão que são machas,  
Dando-te prova machona.

Portanto, ponha entre os poucos  
Conceitos, mais um conceito;  
Entre mulheres e loucos  
Amigo, leva-os com jeito.<sup>205</sup>

Rachel Soihet aponta “a utilização de discursos cômicos para desmoralizar a movimentação feminina quanto à obtenção de direitos”<sup>206</sup>. Ironias, caricaturas, marchinhas de carnaval, crônicas e até pesquisas médicas foram empregadas como instrumentos que fortaleciam os mitos da inferioridade e domesticidade femininas. Pretendia-se retratar as escritoras e outras profissionais como masculinizadas, invejosas de papéis vistos como exclusivos dos homens ou desejosas de seus atributos físicos. A historiadora cita o texto *Mais uma reivindicação feminina*, da edição de 4 de janeiro de 1908 da revista *Fon-Fon*, que bem ilustra a situação.

já não se limitam aos direitos civis e políticos; não param também nos vestuários as reivindicações das nossas ardentes feministas. Há agora uma tendência pronunciada para usar coisas até agora permitidas ao sexo feio. É assim que brevemente aparecerá uma obra da ilustrada sra. X... reivindicando o direito de senhoras usarem barbas também.<sup>207</sup>

A mulher não parecia ser levada a sério, como se seus versos e contos fossem enfeites exagerados e engraçados, gracilidades desprovidas de conteúdo, escritos fúteis e melodramáticos. A prosa e a poesia de autoria feminina são associadas a

<sup>205</sup> Jornal *Libertador*, Fortaleza, 14/02/1891, p. 2.

<sup>206</sup> SOIHET, Rachel. Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação In: PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie (Org.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 100.

<sup>207</sup> *Idem, Ibidem*, p. 105-6.

termos como “delicados”, “misteriosos” e “graciosos”, destacando qualidades que seriam representativas das mulheres, aprofundando a oposição entre valores culturais masculinos e femininos.

Neste panorama, o escritor cearense Antônio Sales<sup>208</sup>, recupera os nomes que considera importantes na escrita feminina do século XIX no Ceará. Elabora uma retórica que reitera a mulher como “companheira dedicada ao homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa”. Essa ainda seria a “suprema aspiração” das moças e uma das razões para que poucas se aventurassem nas letras, “pelo menos publicamente”.

Não tem sido grande – felizmente diria um anti-feminista contumaz, - o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente.

(...) Não que lhe falte inteligência. Ao contrário: sempre que é posta a prova a mentalidade feminina em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes.

Mas, em nosso meio e em nosso clima, a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte que ser dona de um lar é ainda a suprema aspiração de uma moça cearense.<sup>209</sup>

Sales qualifica a índole da cearense como “resignada” e “um tanto oriental”, destacando a personalidade passiva dominante nas mulheres. De acordo com o autor de *Aves de Arribação* (1914), as moças com algum aprendizado e inteligência seriam plenamente capazes de desempenhar algumas simples tarefas, acaso sejam privadas da presença masculina. Como Francisca Clotilde, que sustentava os filhos.

Isso não exclui a sua capacidade para o trabalho material ou mental, a sua faculdade de cultivar a inteligência quando é preciso tirar partido dela para ganhar a vida ou auxiliar a manutenção dos seus, quando privados da assistência do trabalho masculino.

Neste ponto a mulher cearense é inexcedível em atividade e dedicação, e pode ser apresentada como modelo da companheira do homem.

Mas a rotina da educação provinciana, a timidez, a resignação um tanto oriental do seu temperamento, tudo a leva a negligenciar o cultivo do espírito em proveito das utilidades e virtudes da feminilidade tradicional.<sup>210</sup>

---

<sup>208</sup>O escritor Antônio Sales nasceu a 13 de junho de 1868 na Villa do Alto Alegre, hoje Paracuru, Ceará. Foi para Fortaleza em 1884 como caixeiro de uma casa comercial e, três anos depois, começou a escrever para o *Libertador*. Em 1888, abraçou a carreira de funcionário público, como empregado na Intendência de Socorros Públicos de Fortaleza. Cultivava idéias democráticas e foi um dos fundadores do Centro Republicano, em julho de 1889. Em maio de 1892 instalou, com outros rapazes de Fortaleza, a agremiação Padaria Espiritual, cujo órgão, *O Pão*, publicou muitas de suas produções suas, sob o pseudônimo Moacyr Jurema. STUART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.2. *op. cit.*, p.133.

<sup>209</sup>SALES, Antônio. História da Literatura Cearense. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. *op. cit.*, p. 102.

<sup>210</sup>*Idem, Ibidem*, p. 102.

Masculinizando a mulher feminista, sugere não ser socialmente aceitável uma senhora casada, por exemplo, comportar-se de maneira autônoma e reivindicar novos espaços e papéis. Como se feminilidade, independência e inteligência fossem características que não se pudessem irmanar. Ou a mulher continuava desempenhando sua função de guardiã do lar e da família – sempre prestando conta de suas atividades aos pais, ao marido e aos filhos – ou perderia a beleza e a doçura dos gestos para conquistar a liberdade<sup>211</sup>.

Diante desse quadro, “poucos nomes se podem citar, pois, entre as mulheres que teem brilhado nas letras, além das que se distinguem no magistério”, de acordo com Antônio Sales. Alba Valdez, Ana Nogueira Batista<sup>212</sup>, Emília Freitas e Francisca Clotilde são as exceções apontadas pelo escritor, que revela possuir conhecimento sobre a trajetória literária de cada uma delas. A seu ver, Clotilde e Emília Freitas foram “na passada geração, os dois únicos nomes de escritoras que se tornaram conhecidas em nosso meio”.

A primeira colaborou abundantemente na imprensa, publicando artigos e contos, reunindo parte dêstes num pequeno volume – **Coleção de Contos**. E’ autora também de muitos versos, que não foram publicados em volume, e de um romance - **A Divorciada**. (...)

Logo após, surgiu um estro delicado de um feitio artístico bem acentuado, o de Ana Nogueira, que há longos anos emudeceu, tendo, deixado, porém, alguns atestados eloqüentes de sua inspiração e do seu bom gosto.

Alba Valdez é sem duvida a pena mais aprimorada, que tem produzido a mentalidade feminina entre nós. Em dois livros já antigos, **Dias de Luz e Em Sonhos**, ligeiras narrativas e poemas em prosa, Alba Valdez revela o espírito culto e senhor da expressão, e estas qualidades mais se teem acentuado em numerosos trabalhos posteriores, não reunidos ainda em volume.<sup>213</sup>

---

<sup>211</sup>Décadas depois, Eduardo Campos relaciona o crescente número de salões de beleza na cidade à ínfima quantidade de mulheres que freqüentavam a Biblioteca Pública. “Pelos dias de 1918 cresce o número de estabelecimentos que se propõem a cuidar do aformoseamento da mulher. Só cabeleireiros são dezoito. Mas as mulheres, no entanto, sob análise até mesmo menos exigente – mas certamente muito distante das circunstâncias – sugerem pouca ou quase nenhuma aplicação em favor da cultura do espírito. Pelos índices de freqüência da Biblioteca Pública (hoje Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel), em 1916, do total de consulentes, de janeiro a dezembro, 20.721 são homens, 36 menores... e apenas 19 *mulheres*. É como está dito no relatório do Dr. João Thomé de Saboya e Silva (Relatório do Dr. João Thomé de Saboya e Silva, vol. III, p. LIII, Fortaleza, 1916) (grifado no original)”. CAMPOS, Eduardo. *O inventário do quotidiano: breve memória da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1998. p. 38.

<sup>212</sup>Ana Nogueira Batista nasceu em Icó, em 22 de outubro de 1870 e faleceu em 1965. Colaborou nos jornais *Libertador*, *Constituição*, *República*, *O Pão*, *O Domingo*, *O Repórter* e *Evolução* (todos de Fortaleza), *O Rio Negro* (Manaus), *A Província do Pará* (Belém), *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), *Cidade de Campinas* (São Paulo), e *O Lyrio*, revista mensal publicada em Recife a 5 de Novembro de 1902, tendo D. Amélia Freitas Bevilaqua como redatora-chefe e Francisca Clotilde como colaboradora. Compôs um livro de versos publicado postumamente, intitulado *Carmes* (s/d). STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p.1.

<sup>213</sup>SALES, Antônio. *História da Literatura Cearense*. *op. cit.*, p. 102.

Curiosamente, Sales afirma haver ainda “algumas inteligências femininas brilhantes, mas tão ocultas sob o véu da modéstia, que seria indiscrição arrancá-las ao segredo e à sombra em que se comprazem viver”. Mas, se ele conhece essas mulheres, por que não revela esses nomes, no texto dedicado à escrita feminina?

Já Abel Garcia, do Club Literário, deteve-se de forma mais aprofundada na análise da obra de Francisca Clotilde, sua colega de agremiação. Disserta sobre a qualidade dos textos da escritora e propõe uma crítica “como é hoje feita em litteratura, em arte, etc, serena, com fóros de sciencia, como comprehendem-n’a os Taine, os Véron, os Sylvio Romero”. Sua intenção era “abrir o verdadeiro caminho á marcha de vosso bello espirito”, utilizando a obra da autora como contra-exemplo para abordar a decadência do Romantismo.

Pensais e sentis com uma vibração que nos toca e surprehede pela doçura e profundeza do accento que vos singulariza, isto é, que communica ás vossas composições uma nota original, intima, toda pessoal. E’ que não vos fallece a condição vital da arte - o poder de expressar e transmitir a emoção moral e a exaltação intellectual, a viva sensação da forma e do colorido<sup>214</sup>.

O argumento de Abel Garcia inicia com a comparação entre Francisca Clotilde e as escritoras Adelina Lopes Vieira e Carolina Von Koseritz, no sentido de destacar seu êxito no campo das letras. Adelina Lopes, nascida em Portugal em 1850, foi professora da Escola Normal e estabeleceu-se no Brasil. Tornou-se célebre por seus contos e versos infantis e pela parceria literária com a irmã Júlia Lopes de Almeida, colaborando em revistas, como *A Mensageira* (editada em São Paulo entre 1897 e 1900). Tratava-se de uma polígrafa, como Clotilde, que produzia peças teatrais e traduções. Na mesma linha, a gaúcha Carolina Von Koseritz, nascida em 1865, traduziu Goethe, foi contista e publicou textos em jornais.

O conteúdo e a forma dos textos de Clotilde são comparados à “correção plastica da estatuaria grega, são uma Vênus de Milo, “molde supremo da formosura primitiva eternizada no mármore, completa, sem falhas, tendo até braços”. Coincidentemente, um artigo de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, do periódico *O Sexo Feminino*, se opunha à idéia de ser Vênus de Milo.

Nós, as mulheres, não queremos ser a Venus de Milo, mas sim, queremos ser a Venus Urania, para que possamos percorrer brilhantemente todos os

---

<sup>214</sup>GARCIA, Abel. N’um album. Exma. Sra. D. F. Clotilde Barbosa Lima. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 31/07/1887, p. 110.

circulos concentricos que a actividade humana tem de descrever na aurora da vida da humanidade e social sociedade<sup>215</sup>.

Clotilde teria apreciado a metáfora da Vênus, no sentido de alcançar a perfeição? Não se podem afirmar as intenções da literata, somente aferi-las através de indícios. Mas é fato que ela almejava ser lida e comentada, dada a profusão de participações que somava na imprensa. Abel Garcia faz parte deste público de leitores e encontra em seus textos características que a filiarium ao Romantismo. Um “defeito”, a seu ver. O que dá a entender que ele possuía relativo conhecimento do conjunto da obra que Clotilde legava.

Mas nem a exquisita delicadeza da contextura, da fôrma, nem a originalidade, o sainete do inesperado, que procurais imprimir em vossa poesia e em vossa prosa, vos pode remir do defeito que, antes resultado de vossa educação esthetica e intellectual do que originado por imperfeição organica de vosso talento, ressalta em quantos trabalhos vossos tenho lido. Este defeito posso resumir n'isto : a preocupação do absoluto e a inexactidão de observação, productos legitimos do – romantismo que desvirtua vossa organização de artista e da – crença religiosa – metaphysica que impede-vos de ter clarividencia das coisas.<sup>216</sup>

O traço principal destacado por Abel Garcia nas obras de Francisca Clotilde são os exageros, a fantasia e as “inexatidões de observação”, pressupondo uma “indisciplina mental” ao retratar “cenas piturescas das magnificencias da natureza tropical, da terra opulenta saturada de sol”. Em síntese, a convida a abandonar o romantismo para abraçar o naturalismo e o romance psicológico – escola de festejados autores como Eça de Queiroz ou Émile Zola –, onde lhe prognostica promissora carreira.

Durante o século XIX, como já foi visto, havia no meio intelectual e literário a prevalência da ciência moderna e da racionalidade em oposição à religião, à magia, à metafísica e ao abstrato. Teorias positivistas, empiristas e evolucionistas se amalgamavam, deixando marcas profundas no estudo da natureza (Charles Darwin), da sociedade (com o positivismo de Auguste Comte e o darwinismo social de Herbert Spencer), no direito e na psiquiatria (com a antropologia criminal de Cesare Lombroso e Enrico Ferri). Os avanços científicos fizeram o homem acreditar em seu completo domínio da natureza e os pensadores passaram a defender a importância

---

<sup>215</sup>DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. “Igualdade de Direitos”: O Quinze de Novembro do Sexo Feminino, 6 de abril de 1890. In: HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. *op. cit.*, p. 132.

<sup>216</sup>GARCIA, Abel. N'um album. *op. cit.*, p. 110.



da experiência e da investigação. Tais preceitos, como se sabe, influenciaram a produção intelectual do século XIX.

Na visão de Abel Garcia, a observação “inexata” dos fatos e a “indisciplina” dos textos de Clotilde estariam relacionadas diretamente ao romantismo que ela seguia na literatura. Vertente que apresentaria, para ele, limitações intelectuais e o domínio da imaginação, da emoção e da frivolidade. Garcia, então, oferece-lhe uma solução.

O grande remedio eil-o: - o methodo naturalista. Desprendei-vos da falseada supposição de que o romantismo é a forma immutavel da poesia, é a verdadeira intuição no romance ou no drama, quando essa phase litteraria, transitoria, que já passou, não pode ser hoje mantida sem pervertimento do bom gosto, da verdade e da emoção esthetica. (...) A questão, a que me refiro, não é de fórmula, de vestidura, puramente exterior: é de idéa, de pensamento.<sup>217</sup>

A nova arte preconizaria, portanto, a expressão dos sentimentos e as idéas adquiridas “pela observação e analyse das coisas e dos factos. O que della afastar-se será facticio, superficial ou postiço”. Garcia aconselhava Clotilde a inspirar-se no método da observação e da experiência, para então vir a ser “a nossa M.me Ackerman e a nossa M.me Daudet”<sup>218</sup>, referindo-se ao francês Alphonse Daudet (1840-1897), escritor de verve satírica que se filiou à escola naturalista e produziu uma variada obra com personagens da vida parisiense.

O estilo que Clotilde exercitava em sua prosa e poesia era de sabor romântico e não encontrava sintonia com as cenas sensuais ou a linguagem crua dos textos realistas. Indiretamente, a escritora respondeu as ressalvas de Abel Garcia a seu estilo – anos depois, o “hebdomadário independente, literário e noticioso” *Gazeta do Sertão*, de Ipú, no Ceará, publicaria o soneto romântico *Ninho Desfeito*, que relaciona natureza e sentimentos em uma metáfora que remete à separação de um casal. O poema é seguido de uma crítica que se assemelha à opinião de Abel Garcia, afirmando o talento da escritora, que ousa “affrontar o burguezismo do meio”. Sugere a ela que invista em uma nova escola literária.

Inda há pouco cantava docemente  
Num transporte de cândidos amores  
O casal de avesinhas innocente,  
A tecer o seu ninho de entre as flores.

Embebidas num sonho transparente  
Elles iam saudando os esplendores

<sup>217</sup>GARCIA, Abel. N'um album. *op. cit.*, p. 111.

<sup>218</sup>*Idem. Ibidem*, p. 111.

Do sol que, despontando sorridente,  
Resplendia da serra entre verdores.

Mas ah! Um caçador despiedado  
Perturbou os idyllios do noivado  
Roubando ao par gentil a f'licidade

Hoje o ninho balouça-se deserto,  
- Monumento gentil que lembra incerto  
Um mysterio de amor e de saudade!<sup>219</sup>

N.da.R – Dona Francisca Clotilde é uma das raras mulheres cearenses que se dão ao cultivo da litteratura e ousam affrontar o burguezismo do meio, dando á publicidade versos de sua lavra.

Para se impor ao mundo belletrista e se tornar uma grande poetiza bastava que D.F.Clotilde se desvencilhasse da forma bolorecida da poética de antanho e se exercitasse sob a bandeira das novas escolas, porquanto bastamente comprovado já está o seu talento.<sup>220</sup>

O estudo de sua escrita nesta pesquisa demonstra que o efeito dos conselhos não replicou. Permaneceu romântica. O também escritor Adolfo Caminha diz, sobre as críticas, que “nenhum espírito superior vai se deixar guiar pelo desejo, às vezes incongruente, deste ou daquele indivíduo, ainda que ele mereça toda a consideração possível”. Foi desta forma que Francisca Clotilde se portou diante dos juízos de valor sobre seu trabalho. Para Caminha, ditar regras e modelos a faz literatura “é negar talento ao escritor, julgando-o capaz de se amoldar ao gosto especial da crítica e a preferência individuais”<sup>221</sup>.

Em seu projeto literário, Francisca Clotilde estabelecia um plano dicotômico: imaginação, delicadeza e devaneios em oposição ao eixo de pensamento racional filológico e científico em sua argumentação. Se o termo “escrita feminina” não tem neste estudo a intenção de incluir e homogeneizar todas as variedades textuais produzidas pelas mulheres, abrange menos ainda a multiplicidade de estilos, temáticas e suportes presentes na escrita de Clotilde. Cotidianamente, ela “inventava”, conscientemente ou não, formas de alargar margens sociais (que, naturalmente, não se restringiam apenas às mulheres) através da escrita que, independente de seu conteúdo, era transgressora.

Oscilava entre tradição e modernidade, ao lutar por participação e falar da mulher como “companheira do homem”, “educadora dos filhos”, admitindo a coexistência de papéis. Colocava a religião, o civismo e a instrução ao lado de

---

<sup>219</sup> Jornal *Gazeta do Sertão*, Ipú, 4/07/1893, p.1. Este soneto seria republicado no *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905*, p. 157.

<sup>220</sup> Jornal *Gazeta do Sertão*, Ipú, 4/07/1893, p.1.

<sup>221</sup> CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Fortaleza: Edições UFC, 1999. p. 53.

pressupostos de emancipação feminina. Suas ficções, aparentemente ingênuas e despretensiosas, versavam sobre flores e paisagens e, ao mesmo tempo, angariavam novos lugares de atuação. A seu repertório literário incorporou, posteriormente, temas áridos como a política e o divórcio. Francisca Clotilde não masculinizou sua escrita ou buscou legitimação através do universo do homem, nem em temáticas ou nos nomes com que assinava seus textos – F.C.B.L, F. Clotilde, F. C. Barbosa de Lima ou o pseudônimo Jane Davy<sup>222</sup>. A pesquisadora Cecília Maria Cunha traz a hipótese de que Clotilde seja a “Mademoiselle” que assina textos na revista do Club Literário, *A Quinzena*<sup>223</sup>.

Clotilde trouxe matérias femininas à revista *A Quinzena* e outros periódicos. Teria encarnado, no século XIX, a “utopia de desafiar o universo masculino”<sup>224</sup>, através da literatura? Era mulher que falava de si, sobre sentimentos, partindo do próprio olhar. Para viabilizar a divulgação de seu trabalho, associou-se ao Club Literário e conheceu outros intelectuais com o mesmo objetivo. “Essa era, realmente”, segundo Tinhorão, a forma que eles encontravam “para conseguir a publicação de seus estudos, romances e poemas, embora sujeitos à efemeridade dos seus jornais e revistas, surgidos (...) sem alicerce econômico mais sólido”.<sup>225</sup>

No ambiente do Club Literário, a troca de influências entre Clotilde e os outros escritores deveria ser recíproca. Sua presença no corpo redatorial da publicação também indicava o esforço de atender a um público em formação, de mulheres e homens interessados em textos femininos. A participação de Clotilde e a atuação mais discreta da poetisa Ana Nogueira Batista apresentavam aos homens do Club pensamentos e assuntos femininos, como a maternidade, a gravidez indesejada ou a educação.

A formação intelectual, política e pedagógica de Francisca Clotilde lhe confere lugar especial como leitora, e ela contrariava estes escritores afoitos desta

---

<sup>222</sup>O pseudônimo de Francisca Clotilde fora relacionado em listagem organizada por Barão de Studart no *Almanach do Ceará*, grafado como “Jane David”. Francisca Clotilde e Maria Rodrigues (Alba Valdez) foram as únicas escritoras citadas. No Dicionário Bio-Bibliographico de Barão de Studart, contudo, a grafia apresentada é Jane Davy, possivelmente uma correção. A lista do Almanach traz a curiosidade de homens com pseudônimos femininos, como Carmem Floresta e Dolores Bevilaqua (do escritor Mário Linhares) e Delisle (de Antônio Martins). *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1917*. p. 163.

<sup>223</sup>CUNHA, Cecília Maria. *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*. op. cit., p. 147.

<sup>224</sup>LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. op. cit., p. 255.

<sup>225</sup>TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. op. cit., p. 59-60.

“sociedade sem leitores”<sup>226</sup>. É possível compor, como exercício de imaginação histórica, uma diversificada biblioteca desta *femme de lettres*, que ganha novas referências em diversos momentos do presente trabalho.

Influências do pessimismo que vigorava na literatura da época, dos autores românticos e a leitura de obras de Goethe<sup>227</sup> podem tê-la despertado para o tema do suicídio, abordado em vários textos. A solução era comumente adotada no desfecho de histórias românticas, como no conto *Mors Amor*, que conta a história de uma paixão não-correspondida.

Uma idéa criminosa assaltou-lhe a mente.  
Comprou um punhal e pensou em embelê-lo no sangue do rival.  
Não, aquelle casamento não se realisaria. Ella tornaria a ser livre, e elle poderia ao menos adorar-a todos os dias, sem que alguém viesse profanar a santidade do seu fervoroso culto.  
Esta idéa insensata arraigou-se-lhe ao cérebro de tal forma que uma manha intentou executal-a.  
Foi esperar os amantes. O sangue queimava-lhe as carnes, o olhar despedia chispas de odio. Estava feroz no delirante ciúme que o arrastava até á consumação de um crime.<sup>228</sup>

O assassinato do rival acabou frustrado, quando ele viu que sua amada jurou amor ao outro: “Si morreres eu morreria também, disse ella depois de tel-o ouvido queixar-se de um pequeno incommodo”. Não se podia matar sua amada de tristeza.

Escondeu o punhal. Agora só lhe restava um recurso.  
E a idéa da morte lhe appareceu no cerebro como o derradeiro lenitivo á sua enorme dor.  
Pensou no suicídio.<sup>229</sup>

Na noite do casamento, o rapaz, torturado, viu fugir-lhe o último lampejo de razão. Como um louco, “deitou-se junto ás rodas do carro que ia leval-a á casa”. O cocheiro nada viu e, “quando quis conhecer a causa do violento choque que o carro experimentara, encontrou um cadáver com o craneo frascaturado e todo inundado de sangue.”<sup>230</sup>

Já no roteiro de *Fausto e Carlota*<sup>231</sup>, Francisca Clotilde fala de um jovem casal de primos, que se amavam “com o ardor dos 17 annos, com as esperanças gentis

<sup>226</sup>TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo. op. cit.*, p. 59.

<sup>227</sup>Na edição de 3 de março de 1889 do jornal *A Evolução*, de Fortaleza, há a tradução do folhetim *Mignon*, de Goethe. Há evidências de que ela teria traduzido outras obras do autor, como *Fausto* e *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.

<sup>228</sup>DAVY, Jane. *Mors Amor*. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/04/1887, p. 55.

<sup>229</sup>*Idem, Ibidem*, p. 55.

<sup>230</sup>*Idem, Ibidem*, p. 55.

<sup>231</sup>*Fausto e Carlota* foi publicado nas edições 155, 156 e 157 do jornal *Libertador*, em julho de 1884.

que nos traz essa idade de risos, com o entusiasmo de um amor apaixonado e puro”. A protagonista Carlota “era linda como uma criação ideal de poeta, como um esboço inspirado do pincel de Murillo, morena como a Grasiella de Lamartine com olhos negros que fascinavam, lábios rubros que pareciam botões de flôr”. Sua ambiciosa mãe, “uma d’essas grosseiras e mesquinhas criaturas que só se curvam ante o brilho deslumbrante do ouro”, proibiu o namoro dos dois. Carlota torna-se irmã de caridade e passa a chamar-se Cecília. A narradora revela, então, os nomes de dois personagens da literatura que parecem tê-la inspirado.

Perder Carlota! Perdel-a para sempre, perder o seu Deos, o seu thesouro, o seu universo, o seu tudo!  
E era a religião que lh’a roubava, em nome do Deus que estabelecera o mandamento do amor. Fausto vertiginou!...  
Como Eurico ao dizer a Hermengarda: <<Impossível>>, sentiu-se estalarem as fibras de seu coração, n’um acervo de infernaes torturas, assim Fausto, ao ver esconder-se Carlota por traz do altar sentia uma lamina de ferro em brasa cortar-lhe a alma lenta e dolorosamente.<sup>232</sup>

Os nomes dos personagens, neste conto, trazem uma clara intencionalidade, ao remeterem ao romance *Eurico, O Presbítero*, do português Alexandre Herculano. O enredo sentimental aborda o misticismo religioso e o celibato como refúgio e sacrifício. Como é inerente à estética romântica, a trama é conduzida a um clímax trágico – irmã Cecília não pode se unir a Fausto, sob pena de ser condenada pela Igreja; por outro lado, se o abandona, o amor rejeitado o levará à loucura e ao desejo de morte. No texto de Herculano ocorre o contrário: é o homem, Eurico, que abraça a vida religiosa, distanciando-se do amor de Hemengarda. Os diálogos são dramáticos e desnudam o interior dilacerado pela renúncia, embora voluntária, de Cecília.

Soffres... mas não vês que é impossível o nosso amor? Sim, impossível, sempre, sempre impossível!  
Fausto! Ouvia-a fo’ra de si.  
Um suor glacial lhe inundava o extenuado corpo, uma convulsão forte lhe agitava os membros. Soffres horrivelmente. Carlota, por piedade, continuou, dize que mentiste, que não és de ninguém... que me enganaste. Enganar-te, eu? Disse a pobre irmã. Desgracadamente tudo é verdade. Estou agrilhoada aqui nesta casa... não dever sequer pronunciar o meu nome... Perdi-o, morri... sou um phantasma... a tua Carlota morreu... existe a irmã Cecília.<sup>233</sup>

Outra matriz experimentada por Francisca Clotilde foi a conduta feminina, no artigo *A mulher na família*. A escritora, que exerce uma profissão e tem ativa vida

---

<sup>232</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 31/07/1884, p. 2.

<sup>233</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 31/07/1884, p. 2.

pública, fala da propensão do belo sexo de crescer no interior do lar, sem entregar-se às agitações públicas – tarefa reservada aos homens. Clotilde parece aderir à doutrina positivista, que condicionava a mulher a uma posição subordinada e a valorizava se adotasse tal postura modesta.

Estaria Francisca Clotilde assumindo-se como exceção, como mulher que subvertia os papéis tradicionais? Ou percebia-se como as outras, de “constituição fraca e um temperamento nervoso”, ajustando-se como filha, mãe e esposa nos limites do lar? Decerto a primeira hipótese parece ser a mais provável. Ela chega a mencionar a existência de mulheres que se immortalizaram por seus gloriosos feitos – “e que a história nos apresenta como verdadeiras heroínas”. Mas afirma que é no lar, “santuário íntimo de seus mais puros affectos”, onde a mulher deve “ostentar verdadeiramente a bondade e ternura de seu coração, tornando-se o anjo da guarda do esposo e dos filhos e lhes inspirando o bem e a virtude”.

A natureza dando á mulher uma constituição fraca e um temperamento nervoso não a destinou a vida na lucta, no seio da sociedade, entregue ás agitações e ao afan dos negocios ; reservou-a como uma reliquia mimosa para a familia, para aformosear este pequeno mundo íntimo, onde ella tem de exercer sua benfazeja influencia no triplice papel de filha, esposa e mãe.<sup>234</sup>

Clotilde assume e transmite um limite imposto à mulher, que não deve se aventurar na “vida tumultuada que só compete ao homem”, definindo-a em expressões como “anjo da guarda”, “constituição fraca”, “temperamento nervoso”, “reliquia mimosa”, “tríplice papel de filha, esposa e mãe”. Compara a figura feminina às flores cultivadas por mãos hábeis - que desabrocham melhor entre muros. Seu papel na família é ser “a companheira do homem, a educadora dos filhos”.

Com effeito, si ella ultrapassando o limite que lhe foi traçado por mãe sabia e previdente atirar-se no torvelinho do mundo, entregando-se á vida tumultuada que só compete ao homem, gastará as forças e cahirá extenuada sob o peso da difficil tarefa que empreendera, sem ter realisado o ideal que aspirára e conhecendo talvez muito tarde que não era este o seu papel.

Ha flores que se desenvolvem na liberdade do campo; ha outras, porem, que apenas nos limites de um jardim e cultivadas por mão habil podem crescer e desabrochar.

A mulher assemelha-se a essas ultimas flores, e no recinto da familia, cercada dos cuidados dos entes que a idolatram, e por sua vez enchendo-os de desvelos e solicitude é que pode mostrar a exuberancia de seu coração e a belleza de sua alma.<sup>235</sup>

---

<sup>234</sup> CLOTILDE, Francisca. A mulher na família. Revista *A Quinzena*, Fortaleza, Edição fac-similar. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984 Edição de 15/03/1887, p. 40.

<sup>235</sup> *Idem, Ibidem*, p. 40.

Alguns homens aparentavam ser mais afáveis em relação às conquistas femininas do que Clotilde. Um dos avanços reconhecidas pelo escritor Antônio Bezerra, apontados no texto *Nosso Progresso*, consiste na atuação de mulheres na redação da folha literária da qual também participava. *A Quinzena* apoiou, em certa medida, as investidas femininas na literatura, dedicando-lhes espaço – mesmo que um lugar de “coadjuvação”. As mulheres, desta feita, não estariam interessadas em desenvolver-se como escritoras e intelectuais, mas buscariam “renome”.

O *Club Litterario*, sociedade mais elevada, que se distingue pela maior somma de conhecimentos dos seus associados em diversos assumptos do saber humano, compõe-se em sua maioria dos redactores e collaboradores do *Libertador*.

Progredimos, e a prova está na coadjuvação que à *Quinzena* prestam diversas senhoras com os seus bem elaborados trabalhos em prosa e em verso. Outras mais avidas de renome estudam sciencias naturaes e discorrem com habilidade sobre a materia.<sup>236</sup>

Francisca Clotilde, não estaria “ávida de renome”. Acreditava na imprensa como agente do progresso, da civilização e da liberdade. A escritora reflete sobre o papel da invenção de Gutemberg em artigo publicado n’*A Evolução*, o semanário científico, noticioso e literário que ela fundou em 1887 ao lado Antônio Duarte Bezerra e Fabrício de Barros. O primeiro número saíra a 19 de julho daquele ano<sup>237</sup>, e o último, em 1888. A redação e o escritório localizavam-se à Praça Marques de Herval, 45. Em seu programa, afirmava neutralidade entre os partidos e a sintonia com o espírito do século. No artigo de apresentação do jornal, afirma Clotilde: “A evolução é a palavra do século, deve, portanto, ser a bússola do jornalista criterioso”<sup>238</sup>.

A imprensa marcou para a humanidade uma nova epocha de civilização e adiantamento (...).

A imprensa sempre invencível continuou com sua missão civilizadora através de obstáculos quasi insuperáveis pugnando pelas boas idéas, querendo jungir ao seu carro triumphal os espíritos sadios e elevados.

Nestes últimos tempos, ella tem representado entre nós um papel brilhante.<sup>239</sup>

A missão “civilizadora” trabalhava pelas “boas idéas” e pelos “espíritos sadios e elevados”. A escritora reconhece que se “aventura” nesta empresa “extrema e arriscada”, mas se mostra otimista quanto ao êxito de suas palavras. O olhar de

<sup>236</sup>BEZERRA, Antônio. *O Nosso Progresso*. *op. cit.*, p. 52.

<sup>237</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. *op. cit.*, p. 92.

<sup>238</sup>MONTENEGRO, Aberlardo F. *O romance cearense*. *op. cit.*, p. 109.

<sup>239</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, [s.d.], p. 2.

Francisca Clotilde conduz o leitor a uma percepção politizada da imprensa – não menciona a publicação de poesias ou o jornal como revista literária, mas o define como instrumento capaz de viabilizar grandes causas, como o progresso.

Pois bem, a fundação do presente jornal é mais uma prova evidentíssima de nossa adesão às idéas grandiosas.

Conhecendo que a imprensa é uma das forças mais potentes que conduzem o homem ao estado de perfectibilidade nos aventuramos n'esta empresa extrema e arriscada, podem da qual esperamos sair airoso desde que a nosso lado se colloque a opinião sensata dos verdadeiros apologistas do progresso.<sup>240</sup>

Suas colaborações são assinadas, em maioria, com o pseudônimo Jane Davy, com exceção de sua tradução do folhetim *Mignon*, de Goëthe. Naquele período, a infância era o principal mote dos textos de Clotilde. N'*O aniversário do Bebê*, a escritora exalta a infância e o encanto das crianças, cujas brincadeiras imitavam tarefas domésticas. A menina mais velha faz a dona-de-casa, provavelmente inspirada na repetição de papéis maternos e de estereótipos consagrados. A escritora trabalha os lazeres amenos de crianças investidos com um sentido de pedagogia do exemplo.

Bebé – uma boneca branca e loura  
Que parece sorrir e encanta a gente  
Com as faces mais rubras do que a aurora  
E o doce olhar azul tão transparente!

Traja um rico vestido cujas rendas  
Revelam os requintes do bom gosto  
Da *poupée* e os matizes das fazendas  
Ficam tão bem á alvura do seu rosto!

A creançada em faina buliçosa  
Vae preparando a mesa do festim,  
A mais crescida, seria e cuidadosa  
Faz de dona de casa, ralha enfim.

É um quadro que encanta, e que extasia  
Ver aquellas creanças innocentes  
Em fadiga suave todo o dia  
A preparar os doces e os presentes!<sup>241</sup>

A doçura dos alfenins oferecidos no banquete não esconde o esforço das crianças em realizar os preparativos.

---

<sup>240</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, [s.d.], p. 2.

<sup>241</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 4/01/1988, p. 4.



Uma faz ramalhetes de açucenas,  
Outra tece grinaldas de jasmins,  
Esta traz umas chicaras pequenas,  
Aquell'outra a bandeja de alfinins.

Nada falta ao banquete encantador  
Tem petiscos e vinhos saborosos,  
O serviço da mesa é um primor  
E os convivas... são anjos buliçosos.<sup>242</sup>

Francisca Clotilde não se exime de inserir a oratória na recreação inocente, envolvendo récitas, auditório e aplausos, na linha da pedagogia modelar. Mostrava que a eloquência e o talento de falar em público podem ser recompensadores.

Luisinha recita em comprimento,  
A Neném faz prodígios de eloquência,  
E o mimoso auditório escuta attento  
Suas phrases repletas de innocencia

Chovem palmas e flores sobre ellas,  
E a Mimi toma uns ares de doutora  
Ordenando silencio ás tagarellas  
Para não perturbar a oradora.

Oh! A infância essa quadra deleitosa  
Em que a vida é um sonho calmo e puro,  
Só tem risos, e folga decaidosa  
Sem pesar na incertesa do futuro!<sup>243</sup>

Já em *Conto de Maio*, Francisca Clotilde traz a história de Adelita, morta aos quatro anos de idade de uma febre perniciososa. A mãe permanecia “de pé, junto do seu pequenino luto vasto, com o olhar immerso em um infinito de saudades”. A infância aparecia associada ao luto, em diversos textos de Francisca Clotilde.

Dedicado a Francisca de Mello Cezar, que se tornaria professora de álgebra e geometria preliminar na Escola Normal, o conto relata os sentimentos implicados na maternidade, as sensações ao escutar a voz do filho e a abnegação da mãe ao velar o sono do rebento. “Quantas noites viera de mansinho contemplal-a adormecida, socegada em sua innocencia (...)! Depois pela manhã quando a Adelita acordava que festa! Quantas emoções! Quantos carinhos!”

Intimidade feminina, fantasia e imaginação chegam junto como desfecho da história. Entristecida, a mãe se debruça no berço de Adelita e vê um pássaro entrando pela janela. Ela desperta de seu êxtase e o pássaro “sem assustar-se começou a cantar, mas tão docemente, tão suavemente que era impossível ouvi-lo

---

<sup>242</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 4/01/1988, p. 4.

<sup>243</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 4/01/1988, p. 4.

sem admiração”. No singelo animalzinho, sente escutar “os accents maviosos da voz de Adelita” e celebra o eterno laço que as mantém unidas..

A pobre mãe julgava ouvir n'aquelle canto Levou a mão ao coração, fechou os olhos, como si não quizesse perder uma só d'aquellas deliciosas variações e escutou-as soffrega e religiosamente.

(...)

E a mãe ouvia Adelita dizer-lhe:

- Não chores, mamãe. Para que estas lagrimas? Não sabes que sou muito feliz agora? Escuta, estou sempre junto de ti, embora não me vejas.

O perfume das flores que crescem sobre meu tumulo, a aragem que as balouça de leve, os gorgeios das aves que vem saudar o dia nascente trazem-te as minhas saudades e minhas caricias.

Enxuga, pois este pranto.

Alli onde estou só há risos e praseres, e si me lembro deste mundo triste e aborrecido é porque ainda vives nelle<sup>244</sup>.

Enquanto Clotilde colaborava na escrita d'*A Evolução*, enviava textos a outros impressos. Teria participado do *Ceará Ilustrado*, surgido em 1894; na *Revista Escolar* e no *Ceará Intelectual* – ambos dirigidos pelo professor Joaquim da Costa Nogueira<sup>245</sup>. Também é possível encontrar colaborações n'*A Cidade*, de Sobral, e n'*A Ordem*, de Baturité.

Dolor Barreira (1948) destaca a participação da escritora na folha cearense *O Domingo*, que circulou a partir de 20 de maio de 1888, tendo como redatores Jorge Miranda, José Martins e Papi Junior<sup>246</sup>. De início, tinha oito páginas e era concebida como “folha literária”, alterando seu cabeçalho para abranger outras áreas do conhecimento, a partir do décimo número. Passou a ser “folha literária, crítica e científica”, cuja administração localizava-se à rua Senador Pompeu, número 166<sup>247</sup>.

Há, ainda, evidências de sua participação em revistas e jornais fora do Ceará, como *O Lyrio*, de Recife (1902-1904), de Amélia de Freitas, esposa do renomado cearense Clóvis Beviláqua; *O Bathel*, da Paraíba, de Cordélia Sylvia; *Paladino*, do Acre, de Rubens Taumaturgo; *A Família*, de São Paulo (1881-1883) e Rio de Janeiro (1883-1897), redatoriada por Josefina Álvares de Azevedo; e *A Mensageira* (1897-1900), também paulista. Nesta última, Francisca Clotilde, ao lado de

<sup>244</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 4/01/1988, p. 4.

<sup>245</sup>Cf. MOTA, Anamélia Custódio. *Francisca Clotilde: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará. op. cit.*

<sup>246</sup>Entre seus colaboradores, escritores remanescentes d'*A Quinzena*, como Francisca Clotilde (publicando novamente o *Conto de Maio*), Francisca de Melo César, Abel Garcia, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Antônio Sales, Clóvis Beviláqua, Drumond da Costa, Farias Brito, Guilherme Studart, J.M. Brígido, Joaquim Olimpio, José Carlos Junior, Julio Tabosa, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Paulino Nogueira, Pedro de Queirós, Raimundo de Arruda, Rodolfo Teófilo e Virgílio Brígido.

<sup>247</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924). op. cit.*, p. 91.

escritoras como Edwiges de Sá Pereira e Julia de Azevedo, é incluída no rol de literatas que “nunca deverão ser esquecidas”<sup>248</sup>.

*A Mensageira* era uma publicação quinzenal que trazia como eixo temático a importância da educação da mulher, que não deve interferir em seus papéis de mãe e esposa. O posicionamento mais conservador, contudo, não significa que a revista, redatorizada por Presciliana Duarte de Almeida, não assumisse artigos de teor mais avançado, que proclamam a defesa do voto feminino e o trabalho como instrumento de independência econômica.

Neste espaço, Clotilde optou por colaborar com o conto romântico *A Ceguinha*. A história fala de uma moça que era feliz por ter a afeição do noivo, Taciano, e “a certeza de que elle faria tudo para se unir a mim eternamente”. Apesar de pobre, “não invejava as ricas”: “quem é amada possui a maior das riquezas, e eu na minha quase miséria, julgava-me milionária”. E Taciano, seduzido exatamente pela ambição de riqueza, a abandonou. A ceguinha cansou de chamá-lo pelas praias desertas.

Chorei tanto, tanto, tanto, que perdi pouco a pouco a luz dos olhos, e um dia não pude mais ver o dorso azulado das águas.  
Mas continuo a ver o meu noivo com os olhos da alma, e não maldigo esta cegueira porque foi motivada pelo amor.<sup>249</sup>

Enquanto a escritora realizava colaborações para cada vez mais jornais e revistas, a diretora e professora Francisca Clotilde dava férias a seus alunos, na escola do sexo feminino anexa à Escola Normal. Na comemoração de 1888, “fizeram as alumnas uma sessão litteraria, que consistia na recitação de trechos e poesias escolhidas”, seguidas pelo hino da escola. Ao final, “acompanharam a professora à sua residência entre as maiores expansões de ternura e cordialidade”. A comissão era composta pelas estudantes Amélia Alencar (seria ela a irmã de Olga Alencar, com quem fundaria, em 1904, a revista *O Astro*, em Baturité?), Anna Samico, Cândida Samico, Emilia Botelho, Emilia Vieira, F. Peregrino Viriato de Medeiros, Judith Amaral, Maria Luiza, Rosa Chave, Sinhá Alencar e Synphronia de Sousa.<sup>250</sup>

---

<sup>248</sup>Revista *A Mensageira*. 15 de novembro de 1887, n. 3. São Paulo (SP). Edição fac-similar. n. 1. Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 45.

<sup>249</sup>Revista *A Mensageira*. 30 de agosto de 1898, n. 22. São Paulo (SP). Edição fac-similar. n. 1. Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 346.

<sup>250</sup>Jornal *A Evolução*, Fortaleza, 3/03/1988, p. 3.

A agitada vida pessoal e profissional não impediram Clotilde, que já transitava pelos meios liberais, de somar seus esforços à causa operária, através do jornal *O Combate*. A redação da folha, de periodicidade variável e com o preço de 12\$000 anuais<sup>251</sup>, localizava-se na rua Senador Pompeu, número 8, no Centro de Fortaleza. O jornal surge em 5 de abril de 1891, como uma publicação do Partido Operário de Fortaleza, tendo como redatores Aderson Ferro e Antônio Duarte Bezerra – companheiro de Clotilde e pai de Maria Angélica, falecida em 1899; de Antonieta, que completava um ano de vida; e de Aristóteles, que nasceria apenas dois meses depois da fundação do jornal, a 29 de maio de 1891.

A publicação se comprometia a difundir “programa e doutrina partidárias”, constituindo-se em “lugar de luta política pela construção e afirmação de identidade para os artistas, operários e trabalhadores”. Apresentava o dístico “Perseverança e Coragem” e se pretendia ser “um constante e dedicado paladino da causa dos oprimidos, dos enteados da sociedade, dos parias que a fatalidade enterrou em vida no olvido social”.<sup>252</sup>

Gomes de Matos, Tiago Ribas e Tibúrcio de Oliveira foram outros nomes engajados na feitura do jornal, lido no interior e nas mais de vinte seções do Partido Operário em Fortaleza, sendo encontrado na Praça do Ferreira, no Café Java, no Café Brazil, na Fábrica de Tecidos Pompeu, no Café Central, na Barbearia 25 de março, na Fundação Cearense e no Salão Izidro<sup>253</sup>. Não havia mulheres no grupo de editores, muito menos na direção do Partido. Mas Francisca Clotilde encontra espaço para publicar artigos doutrinários. No Dia da Mulher, em 8 de março de 1896, dirige-se a elas. Dizia que “as vitórias parciais alcançadas pelos oprimidos mostram (...) que o dia da batalha decisiva está prestes a soar. Seria, pois, uma probabilidade certa de vitória colocar a nosso lado a mulher”.

É mister, portanto, arrancar a mulher ao sono da indiferença em que jaz, quebrar os preconceitos estultos a que está jungida, associá-la a nossas empresas, dar-lhe direitos, levá-la conosco à campanha, fazê-la tomar parte na luta (...)<sup>254</sup>

---

<sup>251</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. op. cit., p. 99.

<sup>252</sup>GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: história e memórias. In: SOUZA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 272-3.

<sup>253</sup>*Idem, Ibidem*, p. 272-3.

<sup>254</sup>CLOTILDE, Francisca. Apud GONÇALVES, op cit., p. 273.

A exortação da mulher e o questionamento dos lugares ocupados por ela foram o teor de outro artigo de Clotilde, destacado por Abelardo Montenegro. O “papel da mulher na sociedade”, segundo o autor, é um dos temas preponderantes “em toda a sua vida literária”. Francisca Clotilde diz que, “em plena civilização, quando direitos femininos deviam ter uma esfera mais ampla, vejo ainda a mulher restringida ao papel de dona de casa (*A República*, 4/09/1897)”.<sup>255</sup>

As distintas formas de recepção e leitura podem ter gerado novos significados aos textos da escritora, que ultrapassa os limites da escrita realizada por mulheres cearenses até então.

Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. (...) Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo medo de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?<sup>256</sup>

Para compreender a obra de Francisca Clotilde, é necessário conhecer as muitas nuances de sua escrita. Não se limitava à ficção ou aos versos “de teor romântico-confessional ou paisagístico”, mas investia também em um “ativo e atrevido jornalismo ideológico e político”<sup>257</sup>.

A relação com grupos libertários seria reafirmada, anos depois, através da colaboração da escritora no mensário *A Fortaleza*, que apareceu na capital em 1906, impresso na Tipografia Minerva, na rua Major Facundo, números 55 e 57. Sob a epígrafe “Durate, et vosmet rebus servate secundis (virgilius, en I, 211)”, a revista, que circulou durante um ano, intitulava-se “litteraria, philosophica, scientifica e commercial”. Em sua redação, trabalhavam Eurico Mattos, Genuíno de Castro, Jayme Alencar, Joaquim Pimenta, Mário Linhares (que foi aluno de Francisca Clotilde) e Raul Uchoa. A assinatura trimestral custava 2\$000 e era feita na Livraria Araujo, à Praça do Ferreira, 13.

O impresso contava com colaboradores de renome. Entre eles, Antônio Bezerra. Genuíno de Castro, Juvenal Galeno, Liberato Nogueira, Miguel Cunha, Nilo de Vasconcelos, Padre. Antônio Thomaz, Rosalia Sandoval e Soriano

---

<sup>255</sup>MONTENEGRO, Abelardo F. *O romance cearense. op. cit.*, p. 109.

<sup>256</sup>PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2. ed. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 186.

<sup>257</sup>GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário de Literatura Cearense. op. cit.*, p. 86.

d'Albuquerque. Discutiam doutrinas científicas, autores como Spencer e Comte, metodologia da história, curiosidades geográficas, além de publicarem poemas e contos – alguns inéditos, como de Rodolfo Teófilo.

O terceiro número da publicação trazia poema de Clotilde, de 11 de novembro de 1906. Nele, relata a alegria com que recebera a revista, valorizava o talento da mocidade e a previne das dificuldades de manter em circulação um órgão de imprensa. “Espinhos” que tornam o desafio ainda mais compensador, pois “nascerão na aspereza d’esses penosos caminhos flores de rara beleza”. O valor da instrução também é lembrado no poema. É no estudo onde eles encontrarão “o mais poderoso escudo para mil louros colher”.

Com que doce alacridade  
Eu recebi a <<Revista>>,  
Nova e brilhante conquista  
D’essa altiva mocidade!

Sinto tão grande ufania,  
Ao ver assim exaltada  
A minha terra adorada,  
Pela vossa galhardia!

(...)

E à gentil <<Fortaleza>>  
Deus dando propicia sorte  
Será deveras princeza  
Do jornalismo do norte!<sup>258</sup>

Algumas relações intelectuais podem ter sido firmadas nas páginas d’A *Fortaleza* – Rosália Sandoval, de Alagoas, seria um dos nomes a integrar a “constelação” da revista *A Estrella*, redatoriada por Antonieta Clotilde<sup>259</sup> entre 1906 e 1921. *A Fortaleza* também contribuiu para divulgar a obra e exaltar o estilo de Francisca Clotilde, que atingiu “a plena evolução intellectual, a maturidade de pensamento” e “honra incontestavelmente com seus bellos escriptos a mentalidade da Mulher cearense”. O jornal dedicou algumas linhas para falar de um livro que seria publicado em breve – *Miscelânea Infantil*, ainda desconhecido.

Surgirá brevemente á luz um interessante e bem lapidado livro de D. Francisca Clotilde com o titulo de “Miscellanea Infantil”. (...) O seu novo livro vem affirmar com vivo esplendor a vigorosa organização artística de que é dotada, merecendo por parte de nosso circulo letrado um acolhimento sympathico e carinhoso.

---

<sup>258</sup>Revista *A Fortaleza*, Fortaleza, 13/12/1906, p. 6.

<sup>259</sup>Cf. Capítulo 03. “A Estrella: Páginas de Encontro”.

E' de justiça esta consagração, pois ella occupa o primeiro lugar entre nossas litteratas, caminhando com brilho e galhardia á frente do movimento intellectual feminino do Ceará.<sup>260</sup>

Consagração que poderia implicar em alguns percalços. Em episódio ocorrido no início de sua carreira, ela passou a ser apontada como autora de textos que não havia escrito e era envolvida em polêmicas. Foi em 1885, quando o *Cearense*, atendendo ao apelo da escritora, publicou uma nota sob a rubrica “Publicações Solicitadas”, em que ela se retira do episódio e resguarda sua reputação. A redação do jornal também se exime de qualquer culpa, em relação à publicação do texto *Uma professora feliz*, atribuído a Francisca Clotilde.

Sou com surpresa informada de que minha illustre collega, D<sup>a</sup> Anna Maria de Oliveira attribue-me a autoria de um artigo publicado no *Cearense* de 6 do corrente, referente a ella, e accusa-me de ter instigado a algumas pessoas da cidade de Baturité a insultal-a!

A escritora associa seu caráter e sua condição de ser pessoa conhecida por muitos. Reitera, ainda, escrever somente poesias e romances, procurando cumprir sua “árdua missão” sem se importar com “a vida alheia”. Uma escrita com finalidades definidas, para ela.

Poderá desprezar tão graves affontas a meu character – pela consciência de meus actos, e pelo bom senso e critério de todos que me conhecem. Entretanto, venho declarar que só escrevo para os jornaes – poesias e romances – e peço aos Srs. Redactores o obsequio de declararem si sou a autora de tal artigo. Sentindo profundamente os desgostos que tem tido minha illustre collega, a quem tributo a maior consideração, peço-lhe que não acredite em intrigas e enredos, e si é boa e nobre julgue por si suas companheiras. Venho prevenir ódios e censuras que não mereço. (...) O enredo só é próprio de armas vis. Fortaleza, 7 de fevereiro de 1885<sup>261</sup>

Outra demonstração de notabilidade foi a apresentação pública de um de seus sonetos, durante sessão do Centro Literário, agremiação inaugurada em 1894 em Fortaleza. Foi no salão nobre do Clube Euterpe, em fins daquele ano. À ocasião, compareceram “Justiniano de Serpa e José Lino da Justa, que fez a leitura de um esplêndido artigo *O Golgota*, sendo entusiásticamente aplaudido”. Em seguida, diversos trabalhos foram apresentados, como o conto *Vivendo no passado* os versos de *Madalena*, de Francisca Clotilde.<sup>262</sup>

<sup>260</sup>Revista *A Fortaleza*, Fortaleza, 30/04/07, p. 14.

<sup>261</sup>Jornal *Cearense*, Fortaleza, 8/02/85, p. 3.

<sup>262</sup>BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense. op. cit.*, p. 236.

O soneto *Madalena*, publicado sob o pseudônimo Jane Davy sete anos antes, no *Libertador*, falava de uma moça de vida impura, inspirada na Maria Madalena das histórias bíblicas. Triste, perdera a beleza e só recuperaria o viço dos anos perdidos com o aparecimento de um amor.

Quando eu a conheci, de todo ella perdera  
O viço da belleza, em noites de loucura,  
Nas dansas, nos festins, na longa vida impura,  
No lado das paixões em que se revolvera.

Nem mais uma illusão gentil lhe apparecera  
Nos sonhos adejando. A pobre creatura  
Ao peso do destino, à fera desenvoltura  
A fonte sem alento, lânguida, pendera.

Mas... n'aquell'alma um dia ao raio luminoso  
De um terno olhar, o amor – lyrio mimoso –  
Que às vezes desabrocha em pântano dormente,

Surgio... E como o sol os astros aclarando  
As trevas do passado atroz afugentando  
Tornou-lhe a negra vida pura e transparente!<sup>263</sup>

O exame da trajetória da escritora dá a medida de sua expressão pública, revela seu diálogo com intelectuais e reitera seu desejo de ser reconhecida por seu talento e boa reputação. Os lugares que freqüentou na cidade representavam uma redefinição dos espaços de relacionamento das mulheres no período. As margens foram alargadas e Francisca Clotilde, de leitora, consolida-se como escritora, conhecida por seus pares. As letras femininas passaram a ser objetos de leitura, admiração e críticas no círculo intelectual, predominantemente masculino. Já não eram mais indiferentes em relação a autoria de uma mulher.

## 2.2. AS VÁRIAS ESCRITAS DE ALMANAQUE

A casa número 52 da rua Major Facundo era freqüentada por damas e cavalheiros à procura de artigos da moda, vindos da Europa ou do Rio de Janeiro, no último vapor. Em 1903, no “grande e importantíssimo” estabelecimento Estrella do Oriente, de Arêas & C., as mulheres podiam se deleitar com o rico sortimento de essências “delicadas, puras, finas / De Roger, Houbigant, Lubin, Pinaud”, assim como fitas, flores, rendas, arminho, chapéus, finas luvas, calçados, lenços, leques e espartilhos.

---

<sup>263</sup>Jornal *Libertador*, Fortaleza, 15/02/1887, p. 2.



O anúncio da loja trazia o original formato de poema, “dedicado ao bello sexo” e aos homens que desejavam manter-se elegantes, trajando flanelas, linhos, casemiras e camisas bem cortadas.

Cobrirão com costumes bem talhados  
Vossos corpos perfeitos e elegantes  
Que bellos mais serão si perfumados  
Dos extractos dos nossos fabricantes.<sup>264</sup>

Os 76 versos do poemeto *Idyllios*<sup>265</sup> eram mostra do acentuado interesse despertado pela literatura, em um público que também revelava predileção por novidades em matéria de estilo e moda do Velho Mundo. O objetivo do poema era atrair a atenção para ofertas e produtos da Estrella do Oriente, através de rimas e estrofes. O texto era elaborado de forma a estabelecer um contato amistoso com leitores e leitoras.

Assim é que vós todas, ó Senhoras,  
Do Ceará gentis filhas mimosas  
Não deveis mais perder as vossas horas  
Tão boas... para nós tão preciosas...

Sem visitar a – ESTRELLA DO ORIENTE, -  
Onde o bom gosto está, onde a elegancia  
Das modas de Paris atrae ridente  
Desde a velhice a mais dourada infancia!<sup>266</sup>

A propaganda de artigos de consumo também revela novos hábitos e gostos característicos daquele ambiente que definia a Fortaleza finissecular. A província tinha como principais fontes de riqueza produtos agropecuários, como a borracha da maniçoba, o café, o algodão e a indústria pecuária<sup>267</sup>. O *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará*<sup>268</sup> também exibia evidências da chegada do progresso nos meios de comunicação, como a linha telegráfica estadual que somava 710.904 metros<sup>269</sup> nos primeiros anos do século XX. A variedade de atividades acompanhava os novos desejos e necessidades de

---

<sup>264</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1904*. p. I.

<sup>265</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1904*. p. I-III.

<sup>266</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1904*. p. I-III.

<sup>267</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1899*. p. XVII.

<sup>268</sup> Segundo Geraldo Nobre, o primeiro Almanach do Ceará data de 1870, organizado por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. Três anos depois, o Almanach com o mesmo organizador voltou a circular e, em 1895 – 22 anos após a última publicação de Joaquim Mendes – saiu o Almanach organizado por João Câmara, com o nome de Almanach de Fortaleza. No ano seguinte, o título foi modificado para Almanach do Ceará, sendo publicado até 1962. Cf. NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975. p. 34-5.

<sup>269</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1901*. p. 13.

algumas camadas da população: padarias (21), oficinas de cabeleireiros e barbeiros (21)<sup>270</sup>, oficinas de marmoristas (2), oficinas fotográficas (2), ferreiros (6), funileiros (5), oficina de malas e cadeiras de viagem (1), desenhistas (3), tinturarias (3), concerto de piano (1), hotéis (3) e bilhares (2)<sup>271</sup>.

O hábito da leitura crescia em igual medida. A cidade contava com quatro livrarias: Viuva Gualter (rua Major Facundo, número 74), De Lacy Wardlaw (livraria evangélica, à rua Major Facundo, número 97), Joaquim José de Oliveira & C<sup>a</sup> (Praça do Ferreira, número 10) e Satyro Verçosa (rua Major Facundo, número 51, que também era oficina de encadernação)<sup>272</sup>.

Quanto às oficinas tipográficas, havia oito, em 1900. Eram a Ceará-Libertador (de uma sociedade anônima, à rua Floriano Peixoto número 55 e rua Coronel Bezerril), a Estado (de uma sociedade anônima, à rua Formosa, número 130), a Costa Souza & C<sup>a</sup> (também era oficina de encadernação, à rua Formosa, número 68), a Econômica (do Tenente-coronel Antônio Joaquim Guedes de Miranda, Praça do Ferreira, número 43, que também abrigava oficina de encadernação), a Minerva (de M.Bezerra, rua Major Facundo, número 55), a Universal (de Cunha, Ferro & C<sup>a</sup>, rua Formosa, número 98<sup>a</sup>), a Apollo (de Paiva & Irmão, rua 24 de Maio), o Atelier Louis (de Louis Cholowiescki, rua Formosa, número 71, incluindo uma oficina de encadernação) e a Studart (do Dr, Guilherme Studart, rua Formosa, número 36).<sup>273</sup>

Um ambiente que estimulava a popularização e a circulação de impressos, como livros, revistas e jornais que apresentavam informações sobre as novas atividades comerciais, serviços e produtos. Esta característica é enfatizada nos almanaques, que documentavam dados da vida social e econômica. Expressavam, em sua diversidade, a idéia de modernidade, na medida em que conectaram jogos, divertimentos, informações, crenças, hábitos. A publicação estabelecia um equilíbrio entre um conjunto estabilizado e a inserção do novo.

Ao folhear as páginas desses compêndios de saberes vários, o leitor entra em contato com um apanhado de assuntos em evidência no seu tempo. O índice dessas publicações informava os assuntos tratados: signos, astros, cuidados com a saúde, informações sobre política, biologia, geografia, economia e ensino, relações de estabelecimentos comerciais e logradouros, notas da frequência na biblioteca e

---

<sup>270</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1901*. p. 124-5.

<sup>271</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905*. p. 134-5.

<sup>272</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1900*. p. 125.

<sup>273</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1900*. p. 125.

miscelânea de jogos de inteligência, divertimento, anúncios, frases, charadas, perfis de personalidades célebres. Uma “manta de retalhos”, no dizer da pesquisadora portuguesa Maria Carlos Radich<sup>274</sup>.

No seu conjunto, os almanaques parecem querer agarrar-se a tudo, dirigir-se a toda gente, alastrar a todas as regiões sociológicas, geográficas, ocupacionais, a centros de interesse e de actividade de qualquer tipo. Ao percorrer uma coleção, mesmo incompleta, de almanaques, colhe-se a impressão de ir desdobrando as pregas de uma sociedade multifacetada, de lidar com um caleidoscópio que a cada pequena passagem apresentasse um novo quadro de gentes, de gêneros, de interesses e de gostos e que aos poucos fosse tracejando, mesmo se caótico e esfarrapado, um fresco social.<sup>275</sup>

O *Almanach do Ceará* tratava-se de um painel que expunha a diversidade de serviços e equipamentos urbanos, desenhando a paisagem social e urbana, enquanto desvendava espaços de lazer e convivência na cidade. Foram, ao lado dos jornais, canais de informação, civilização, publicidade e difusão da literatura.

A folhinha estava impregnada dos elementos de um universo de trocas e movimento de circulação, empréstimos, leituras compartilhadas, resolução de passatempos e outras atividades que ensejavam sociabilidades em torno do propósito de ler. O lastro intelectual era, por muitos, cultivado naqueles pequenos livros em capa dura e boa qualidade de impressão, editados com o objetivo de durar um ano inteiro.

Francisca Clotilde elegeu o *Almanach do Ceará* como mais um suporte de publicação de seus escritos – o que ocorreu nos anos de 1897, 1898, 1900, 1901, 1904, 1905, 1908 e 1910. Em monólogos, contos, crônicas, poesias, charadas e decifrações, a respeitada literata se apresentava eclética, participando da cena literária existente em torno do *Almanach* dirigido por João Câmara<sup>276</sup>.

Volte-se ao tema da moda para conhecer um monólogo escrito pela autora. Em *Devaneio*, através de Laura, Clotilde fala de futilidades femininas com certa

<sup>274</sup>RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes*. Coimbra: Centelha, s/d. p.31.

<sup>275</sup>*Idem, Ibidem*. p. 7-8.

<sup>276</sup>João Eduardo Torres Câmara nasceu em 13 de outubro de 1840 e fez os estudos na escola do professor Joaquim Alves de Carvalho e no Liceu de Fortaleza, onde teve por contemporâneo José de Barcelos. Foi vereador da Câmara Municipal de Fortaleza, deputado na Assembléia Provincial, Diretor da Secretaria do Governo e, por muitos anos, exerceu o lugar de diretor-secretário da Junta Comercial. A ele deve-se o *Almanach da Cidade de Fortaleza* (1895) e *Almanach Administrativo, estatístico, mercantil e industrial do Estado do Ceará* para 1896, que tem continuado a aparecer ininterruptamente até hoje [1910?], sendo de 1907 em diante, confeccionado sob as vistas de seus filhos Carlos Camara e Sophocles Camara. Veterano da imprensa, pertenceu ao *Cearense* desde Pompeu, figurando ainda na *Gazeta do Norte*, no *Libertador* e n' *A República*. Faleceu em Fortaleza a 6 de Outubro de 1906. STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. op. cit., p.455.

ironia e adota uma postura feminista, diferente de seu habitual. Sugestivamente, esta escrita distinta das demais é tratada como “devaneio” pela autora.

Decerto a personagem Laura não se comoveria diante das fartas rendas e delicados brocados ofertados pelo estabelecimento Estrella do Oriente. Preferia, ao invés de se envolver em sedas e arminhos, assumir sua personalidade, sem curvar-se às exigências que cerceavam a liberdade feminina. “Não sou escrava da moda. Absolutamente não me sujeito nos caprichos desta deusa varia”. Na verdade, aprecia o que é belo, entusiasma-se pelas novidades. “Gosto mesmo às vezes de ser um tantinho original; mas sou refractaria a tudo que cheira á exigencia.”<sup>277</sup>

Laura não se encanta por “cousas extravagantes, utopias maravilhosas e irrealisaveis” da moda, assim como não demonstra apreço às atividades do domésticas, descritas com notável ojeriza. Nega a moda e os trabalhos do lar, duas ocupações tipicamente associadas às mulheres. Ela não nasceu para o fogão. “Já se viu cousa mais absurda do que uma dona de casa ou uma moça de avental de cozinheira, com as mãos callejadas, a pelle amarellada pela fumaça, que é antihygienica e insupportavel?”<sup>278</sup> No monólogo, a escritora deixa algumas pistas de sua insatisfação quanto ao aprimoramento feminino e os lugares da mulher.

E, se a cozinha também não é o espaço ideal para a mulher, qual seria? A autora contraria o discurso dominante, que apregoava o lar como o ambiente mais adequado às senhoras respeitáveis e lamenta que os livros cubram-se de poeira, enquanto a dona-de-casa queima os dedos em carvões e pudins saídos do forno. Mostra que a biblioteca e os espaços literários são uma possibilidade para as mulheres que desejam se instruir.

Essa premissa é utilizada por Francisca Clotilde para inserir, de forma implícita, um viés de aconselhamento no que concerne às leituras. A escritora divide os livros entre “prejudiciais” e “sérios”, acolhendo uma atitude corrente no período. “Algumas vezes pegam num romance que mais prejudica a sonhadora. Leituras sérias, quem viu! A mulher literata é uma aberração, é bicho de sete cabeças. De que serve conhecer-se Byron, Goéthe, Tasso, Milton!”<sup>279</sup>

Então, ser literata é uma “aberração”. Observe-se aqui que o título “devaneio” faz ainda mais sentido, nestas linhas irônicas da autora. E aberrações são, ainda, as

---

<sup>277</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1908*, p. 167.

<sup>278</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1908*, p. 167.

<sup>279</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1908*, p. 167.

outras mulheres que exercem quaisquer ofícios, julgadas e apelidadas pela sociedade. Clotilde enumera os estereótipos: as mulheres são “ridículas” quando apegadas à moda, “sabichonas” quando estudam, “beatas” se freqüentam as igrejas, “românticas” ao cismar “com noites claras e poéticas” e ganham o título de “solteironas” quando não se casam. As preocupações convergem para as mulheres que saem de casa e se lançam a novos interesses para preencher seu tempo, além de exercerem condutas pouco comuns na sociedade. “Muitos temiam que, se o mais puro e nobre dos sexos descesse do pedestal e escapasse do isolamento do lar, ele poderia ser maculado ou corrompido e a sociedade arruinaria”<sup>280</sup>.

O sentimento de inadequação da mulher é revelado, em tempos de redefinição dos papéis. A vivência pública de Francisca Clotilde faz enxergar um rearranjo de funções e espaços femininos, além de refletir os anseios da sociedade neste sentido, aceitando ou desaprovando as mudanças. Clotilde aproveita para sugerir um lugar para a mulher, sem a pecha de títulos infames. Cumpriria seus “deveres” munida de armas civilizadas e com direitos equiparados aos dos homens. Um “devaneio”, enfim.

E a proposito devaneio um pouco e, aqui para nós, acho que a mulher tem o mesmo direito que o homem de figurar na sociedade e, tendo deveres a cumprir, faz-se mister estar preparada e disposta á lutar pela vida. (...) Aprecio as doçuras da paz. Como é bello combater-se com as armas da civilização: a penna e o livro, em vez da espada e do canhão!<sup>281</sup>

A pena e o livro são os instrumentos de literatos sonhadores, “escravos da sorte”, e não renderiam compensações que tragam sustento e garantam o futuro. Experiência própria de Francisca Clotilde, que sempre conciliou atividades literárias e ocupações do ensino, sua outra grande “vocação” profissional.

(...) e fiquei sabendo que é bem inconveniente ser artista, se não podemos garantir o futuro.

(Canta)  
Já se vê, pois, que poetas,  
Literatos, sonhadores,  
Artistas, inovadores,  
Descobridores, atletas;

Todos têm a desvantagem  
De ser escravos da sorte;  
Embóra tenham coragem

<sup>280</sup>HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. op. cit.*, p. 78.

<sup>281</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1908*, p. 167-8.

Não se libertam da morte!<sup>282</sup>

Anos antes, em 1852, Joana Paula Manso de Noronha se queixava dos preconceitos que cercavam aqueles com pretensões intelectuais. Para muitos, “um ente inútil”, relata a redatora do *Jornal das Senhoras*, ciente da oposição entre círculos letrados e o grupo desinteressado no progresso intelectual.

No círculo ilustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pôde dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguém.

N’outra roda de gente que considera o progresso do género humano como uma heresia, e os litteratos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar com uma enxada, porém o trabalho intelectual é para essa gente uma alocução em grego: e por tanto o Redactor é... um vadio mesmo, um ente inútil<sup>283</sup>.

E o percurso escrito legado por Francisca Clotilde continuamente se mostrava surpreendente. A multiplicidade da forma de sua literatura ganhava outra vertente – o anúncio literário. Ao deparar-me com um comentário no artigo de Valérie Ketterer<sup>284</sup>, soube da possibilidade de a escritora ter composto anúncios para o Café Pery. Seguindo a pista, encontrei as propagandas em duas edições do *Almanach*. Uma, mais elaborada, relacionada a seguir, apresentava o pregão dos produtos vendidos no número 28 da Praça do Ferreira, assim como o modo de preparo da bebida, citando quantidades e porções, em formato de receita. O anúncio dá a conhecer as vantagens do café, ideal “para as pessoas que viajam por terra, nos trens, ou a bordo de navios, onde o café é sempre de má qualidade”.

#### CAFÉ PERY

Torração a vapor

Especial Café torrado e moido na presença do freguez

Vende-se

Café moido simplesmente.

Café torrado com assucar.

Extracto de Café em garrafas.

Creme ou chocolate de Café.

Assucar refinado e cristalizado.

<sup>282</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1908*, p. 168.

<sup>283</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. “As Nossas Assignantes”. *O Jornal das Senhoras*. 1 de janeiro de 1852. In: HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. *op. cit.*, p. 126.

<sup>284</sup> KETTERER, Valérie. *Mulheres de letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública*. *op. cit.*, p. 102-109.

(...) Prepara-se o creme ou café concentrado, dissolvendo-se n'agua fervendo os pequenos pães e colherinhas de café, já adoçados convenientemente. Cada porção regula uma chicara de saboroso café.<sup>285</sup>

A propaganda no almanaque tem um significado importante: motiva a lembrança efetiva e permanente do produto, do primeiro ao último dia do ano, atingindo diversas camadas sociais em diferentes lugares. Representa, enfim, “um cartaz inalterável em toda parte, no balcão do logista, na banca do advogado, na mesa do artista e do operário, na casa das famílias, na mão do rico, do pobre, do remediado, correndo desde a capital até às províncias”<sup>286</sup>.

Mas a propaganda não trazia assinatura. Como afirmar que se tratava de texto de Francisca Clotilde? É possível recolher, na feitura do anúncio, a matéria literária e o estilo que escapa ao formato convencional de propagandas do período, no modo de apresentar as virtudes do produto. Contudo, a suposição de que seja de autoria de Clotilde se confirma apenas quando encontro em outra edição do *Almanach do Ceará* o curioso conto *As mães*.

A história, escrita por Clotilde, fala de um “louro bebê” que convalesce, doente, e desperta preocupações na jovem mãe, assaltada por pensamentos lúgubres. Ela estremecia ao imaginar que a morte poderia lhe arrebatá-lo dos braços. “Era o seu primeiro filhinho e queria-o com tanto desvelo!”

Então... elle morreria! Vel-o-ia no caixãozinho azul, coberto de rosas, perfumado de jasmims, e sua fronte esmaecida como uma bonina fanada, repousaria para sempre longe de seu regaço amantíssimo. O berço ficaria vazio e não mais na alcova confortável ella o embalaria, a cantar suavemente, em harmonias castas, a musica ineffavel do poema sublime do amor materno.<sup>287</sup>

Ao final do texto, após o sofrimento da mãe, a criança é salva. Não pela medicina, “com todo o seu apparato therapeutico e scientifico”, nem pela ternura materna ou por um anjo da guarda. Na verdade, a cor bonita das faces do bebê retornou após o uso de outro artifício: “Foram simplesmente duas colherinhas de <<Café Pery>> que salvaram o *Bebê* e deram alegria e conforto ao coração de sua mãe extremosa!”<sup>288</sup> De mãe para mãe. A intimidade gerada com as leitoras, identificadas com essa experiência nitidamente feminina, os sentimentos de

<sup>285</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1898*.

<sup>286</sup> RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes*. op. cit., p.30-1.

<sup>287</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1901*. p. 211.

<sup>288</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1901*. p. 211.

preocupação com os filhos e o cuidado com a família, as levaria a acreditar nos bons predicados do Café Pery. Em um expediente semelhante ao da loja Estrella do Oriente, Clotilde utilizava a forma literária para envolver o leitor e comunicar a eficácia e a qualidade do produto anunciado.

Em sua estrutura narrativa, mesclavam-se elementos de anúncio, conselho e prescrição médica, com um mote utilitário para o cotidiano. “Sem dúvida o almanaque é um repositório de indicações úteis, um bazar de utilidades onde se pode encontrar de tudo”<sup>289</sup> e tal conteúdo produzido por Clotilde reafirmava o sentido deste tipo de publicação. Sentido relacionado ao mundo do saber prático e dos conhecimentos de uso cotidiano.

Através de um enredo que envolvia os leitores em uma história com todos os elementos reais do dia-a-dia de uma mãe zelosa, a escritora transmitia, de forma criativa, a mensagem sobre as qualidades do Café Pery. E ainda lhe atribuía características de medicamento. “No século XIX, as mulheres estavam cercadas por imagens e convites à doença e à morte”, explica Norma Telles. Portanto, estavam sempre se voltando a este assunto, preocupando-se com doenças “como se estivessem demonstrando a força sobre-humana que era necessária para lutar contra a fragmentação e a inércia”.<sup>290</sup>

Outro núcleo temático presente na obra de Francisca Clotilde era o comportamental. Indicava determinadas condutas que, se praticadas, tornariam a mulher mais respeitável e graciosa. Aponta “a beleza, a graça, a louçania da idade, os atrativos do saber, as seducções da elegância”<sup>291</sup>, potencializados graças à adoção da modéstia no jeito de ser. Em oposição, estaria a vaidade, entre outras características “negativas”. “Si não lhe realçarem esses dons os encantos da modestia, tornar-se-á uma creatura grosseira, vaidosa, amiga de ostentação e bem depressa cairá ao ridículo de querer ser apreciada”, diz no artigo *A Modéstia*. O mais valioso requisito feminino, a seu ver, está na “irradiação mais esplendida de sua verdadeira beleza – a beleza d’alma”<sup>292</sup>.

A escritora Alba Valdez repara que, naqueles dias, o desejo de se sobressair também podia ser confundido com pedantismo. “Se se imprime à palestra um

---

<sup>289</sup>RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes. op. cit.*, p.63.

<sup>290</sup>TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990. p. 133.

<sup>291</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905.* p. 151.

<sup>292</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905.* p. 151.



aspecto mais elevado; se se destaca por maneiras mais polidas e elegantes; se, em síntese, procura criar nova mentalidade em contraste com a existente, atribui-se tudo ao pedantismo, ao desejo de se salientar”<sup>293</sup>.

É de importância perceber que a instrução feminina era freqüentemente mencionada nos textos que lançavam opiniões sobre o modo de ser das mulheres. Sinal de que o assunto interessava a comunidade de leitores onde circulavam aqueles escritos. A educação feminina seria adequada quando relacionada ao bem-estar da família e praticada em âmbito doméstico, no intuito de garantir os estudos dos filhos ou entreter o marido. A hierarquia estabelecida pelo autor anônimo do texto a seguir, colocava a instrução ao lado de características frívolas, como a formosura e outras condutas que definiriam o caráter da mulher.

A virtude é a unidade que dá valor a todas as qualidades da tua futura esposa. Sem esta unidade, a formosura, a nobreza, o dinheiro, as habilidades, a instrução e mil outros predicados que tivesse ainda, nada valeria, eram zeros. Mas pela virtude adquiriram um extraordinário valor.<sup>294</sup>

As atitudes que denotassem humildade e modéstia eram cultivadas por Francisca Clotilde à maneira dos ensinamentos católicos. A escritora compartilhava bons conselhos com leitores e leitoras, através de textos que insinuavam uma “escrita de si”.<sup>295</sup> Teria a intenção de realizar uma escrita exemplar?

Outra temática recorrente nos escritos de Francisca Clotilde é, de certa forma, complementar à da mulher bondosa, abnegada e generosa – os maridos envolvidos em jogos e bebidas. Sempre ávidos “de sensações novas”, têm a personalidade desvendada na figura do *Noivo Pródigo*.

Antes de falar sobre a história desse conto, é relevante informar que ele era publicado no *Almanach do Ceará* para o ano de 1897, edição em que ocorria a estréia da parte literária da publicação, anteriormente intitulada “Administrativa, Estatística, Mercantil e Industrial”. No prefácio, o editor João Câmara revela que a mudança acontecia em virtude de “pedidos instantes de muitos dos nossos leitores”.

Accedendo a, resolvemos abrir uma secção litteraria para a qual collaboraram quasi todos os moços que formam a pleiade de litteratos do nosso meio.  
Abre a secção uma lindissima poesia do festejado e popular litterato Juvenal Galeno.

<sup>293</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenario do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p.427-8.

<sup>294</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1904*. p. 196.

<sup>295</sup>MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa*: discursos pedagógicos destinados a família no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p.51.

A produção não é inédita, porém por sua naturalidade, por seu primor, revelladores do espírito altamente observador do poeta das Lendas e Canções Populares, escolhemol-a, de preferencia, para ornar a 1ª pagina da parte litteraria do nosso Almanach.<sup>296</sup>

Foi, portanto, na edição de estréia da seção literária do que Clotilde dava vida a seus personagens. Roberto, o noivo, é um rapaz dominado por um imenso desejo de liberdade, descobertas e novidades, além de apreciar prazeres e “afeições compradas”. Traços marcantes do “homem de Clotilde”, presente em algumas de suas criações literárias<sup>297</sup>. A noiva, sem nome, parece representar uma suposta essência feminina: “generosa”, “meiga” e “cheia de ternura e dedicação para com elle”. Apesar dessa irrepreensível e adorável personalidade, ela se vira “abandonada, repellida quasi em vesperras do casamento, sem que a consciencia a accusasse de haver dado o menos motivo áquelle rompimento brusco”. E o marido? Ele “percorria as cidades, embriagando-se em deleites, gastando dinheiro a mãos cheias, ouvindo a cada passo protestos mentirosos, atordoando-se nos beijos fementidos das borboletas de amor”<sup>298</sup>. A imagem da noiva sequer lhe perpassava a imaginação.

Este tipo masculino descrito por Francisca Clotilde parecia deveras típico – e desprezado – na literatura e na sociedade finisseculares. O escritor espanhol Perez Escrich apresenta personagem semelhante no conto *O Jogador*. As características negativas em destaque são próximas às imaginadas por Clotilde, como o desconhecimento da “sensibilidade, a ternura, o carinho da família”.

Quando a altas horas da noite, sae da casa de jogo, onde perdeu sua ultima moeda, seria capaz, se pedisse, de lançar fogo ao universo e vender a alma ao diabo, se o encontrasse no seu caminho.

Quando lhe falta ouro, para conseguir não repara obstáculos: a trapaça, a falsificação, o roubo. Tudo aceita porque o jogador, nestes momentos não é outra cousa senão uma alma abandonada de Deus e impellida pelo sopro do inferno.<sup>299</sup>

Como em outras histórias de Clotilde, o noivo se arrepende do caminho de perdição, após consumir sua fortuna em uma vida desregrada – destino traçado também por Escrich. O homem percebia-se solitário, as cortesãs já não o festejavam

---

<sup>296</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1897*. p. 1.

<sup>297</sup> O conto traz enredo semelhante à história d’*A Divorciada*, romance de Francisca Clotilde publicado em 1902. Cf. 1.3. “Entre normas e afetos no espaço escolar”.

<sup>298</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1897*. p. 133.

<sup>299</sup> *Jornal Folha do Commercio*, Aracati, 25/06/1911, n. 25, p.1.

mais. Diante das privações, esta “alma abandonada” se recorda da noiva angelical que o aguarda. Um verdadeiro alento.

É quando a escritora ressalta a grandeza, a generosidade e o desinteressado amor femininos. A seu ver, estes atrativos conservariam por perto os maridos e garantiriam a desejada felicidade conjugal. A mulher até cogita recriminar as ações do noivo, mas censura suas ações. Prefere estender a Roberto sua vocação materna, ao acolhê-lo e dedicar-lhe o sincero perdão. E certa ironia é reservada, ao falar da grandeza do coração feminino.

A noiva ao vê-lo sente um ímpeto de indignação, um assomo de dignidade ofendida. Quer recriminá-lo, fallar-lhe de sua felicidade tão rudemente esmagada, mas (oh! grandesa do coração feminino!) ao sentil-o pobre, infeliz, sem amigos, sem os fastigios da riqueza; abre-lhe os braços, e aperta-o de encontro ao coração, e a chorar acariciando-o, prova exuberantemente que somente ella que o amava sem interesse tinha poderosos elementos para fazel-o feliz.<sup>300</sup>

Quantas mulheres não terão se identificado com sua escrita? Temas como o casamento e as delicadas virtudes eram tratados por Clotilde com um vocabulário de sentimentos que poderiam gerar identificação com o público feminino. Os acontecimentos domésticos e a rotina conjugal, banais para alguns, ganham através da literatura o espaço público.

Aos homens, o cérebro, a inteligência, a capacidade de decisão, a liberdade. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. Michelle Perrot liga a incorporação destes estereótipos pela sociedade aos estudos que emergem no século XIX, às descobertas da medicina e da biologia e à adesão do positivismo pelos intelectuais. Para a historiadora, prevalece “um discurso naturalista, que insiste na existência de duas ‘espécies’ com qualidades e aptidões particulares”<sup>301</sup>. Esta noção é legitimada em significativa parcela do legado literário de Francisca Clotilde, acompanhando a tendência da época.

A divisão sexual é materializada em suas ficções ou artigos, através de funções, papéis e espaços bem delimitados que criavam um cenário de protagonismo feminino. Em destaque, a mãe que curou o filho com colheradas de Café Pery ou Laura, a moça que questionava os estereótipos a que submetiam as mulheres de seu tempo. Outras escritoras, como Adília de Luna Freire, Adelaide

---

<sup>300</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1897*. p. 134.

<sup>301</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a história*. *op. cit.*, p. 177.

Arneaud, Olympia Arneaud<sup>302</sup> e Donatila de Oliveira eram outras colaboradoras da sessão literária do *Almanach*. A poetisa Ana Nogueira Batista, cujos textos figuravam ao lado de Clotilde na revista literária *A Quinzena*, também aparecia nas listas de autores presentes, através de sonetos e cromos.

Através de seus variados textos, essas mulheres contribuíam para o fortalecimento do grupo de escritoras das primeiras décadas do século XX. As páginas eram compartilhadas entre personalidades que ostentavam títulos de magistrados, professores ou doutores, mencionados ao lado de seu nome. As mulheres surgiam agrupadas apenas ao final da lista de colaboradores do *Almanach do Ceará*, que não seguia ordem alfabética e aparentemente trazia uma organização baseada na notabilidade social. Francisca Clotilde encabeça a relação de mulheres, enquanto sua filha, Antonieta, é a última.

Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, vice-diretor da Faculdade de Direito  
Dr. Barão de Studart, historiador  
Dr. Alfredo de Miranda Castro, procurador da Republica  
Dr. Manoel Soriano d'Albuquerque, lente da Faculdade de Direito  
Dr. Antônio Augusto de Vasconcellos, lente da Faculdade de Direito  
Dr. Antônio Adolpho Coelho de Arruda, lente da Faculdade de Direito  
Dr. José Lino da Justa, delegado fiscal do Governo junto ao Lyceu  
Dr. Manoel Augusto de Oliveira, magistrado  
Dr. Abner de Vasconcellos, promotor publico da capital  
Dr. Alvaro Bomilcar da Cunha, advogado  
Dr. Mario Freire  
José Luiz de Castro  
Juvenal Galeno da Costa e Silva  
Dr. Quintino Cunha  
Fausto Sobreira de Andrade  
Professor Joaquim da Costa Nogueira  
Mario Romulo Linhares  
J.L. de Alencar Sobrinho  
Anacleto Pamplona  
D. Francisca Clotilde  
D. Adelaide Arneaud  
D. Olympia Arneaud  
D. Donatila de Oliveira  
D. Antonieta Clotilde<sup>303</sup>

Entre elas, Francisca Clotilde era a colaboradora que aparecia com maior frequência, em todos os espaços do almanaque. Sua obra atingia um público mais abrangente ao ser transformada em passatempos, como o poema que se tornou recreação através do formato de logogrifo<sup>304</sup>.

---

<sup>302</sup>Adelaide e Olympia Arneaud também colaboravam no *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil*.

<sup>303</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1910*. p. 181.

<sup>304</sup>Além dos logogrifos, outros estilos de enigmas eram encontrados no *Almanach do Ceará*, como este assinado por Angelita de Cercy, de Fortaleza.

Esta menina gentil                    11-14-13-5-8.  
Mimosa como uma flôr                8-9-1-1-6-7-10.  
Guarda no seio infantil  
Da innocencia o esplendor    3-14-13-10.-\*

Ao vêl-a sente-se n'alma  
Uma celeste alegria;  
Seu riso tem harmonia                4-2-9-1-12.  
Que as nossas dores acalma.

CONCEITO  
Como é linda e feiticeira,  
Sempre, sempre a fascinar  
Oh! que mocinha faceira,  
Encanto e mimo do lar!<sup>305</sup>

Não se pode afirmar se era a própria escritora que elaborava as charadas, com seus poemas. Mas ela e sua filha Antonieta Clotilde teriam habilidade para tanto – sua presença era cativa no grupo de decifradores de enigmas, segundo notas registradas em edições do *Almanach do Ceará*. Francisca Clotilde aparece na listagem de “Decifrações da secção charadística” da edição para o ano de 1906 e 1908, enquanto Antonieta figura nos anos de 1905 e 1908, ao lado de nomes (e pseudônimos) que já eram comuns à seção: Catilina, Epaminondas Cavalcante, Hygino B. Lima, J. Nogueira, Japhet Motta, Lynce, Nemo, Neophyto, Raymundo J. da Silva Vianna, Sixto Pardal e Smith Wesson<sup>306</sup>.

Algumas dicas de escrita eram apresentadas pelos próprios almanaques, no intuito de esclarecer o estilo da redação de passatempos. Incentivava aos leitores a se aventurarem por essa seara e estimulava o aperfeiçoamento dos experientes.

Conselhos charadísticos - (...) no charadismo, a consisão é sempre uma virtude muito apreciável, e não se exigem poemas para emoldurar charadas, enigmas ou logogrifos. A parte charadística, a propriedade e

---

De seis letras é formado  
O enigma em questão  
Havendo porem perigo  
Em achar a solução  
Se acharem a palavrinha  
Lhe retirem a deradeira  
E um golpho encontrarão  
Sem trabalho e sem canceira (*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1910*. p. 138)  
Já este passatempo, de Lynce, era chamado de charada sincopada:  
4 - 2 Esta mulher é bonita.  
4 - 2 Mas a mulher é muda.  
4 - 2 Este homem é poderoso.  
4 - 2 A este homem espreito. (*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905*. p. 141)

<sup>305</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905*. p. 154.

<sup>306</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1905*. p. 174.

sutileza dos conceitos e ardis, deve sobrelevar a parte literária, que todavia não deve deixar de primar pela correção<sup>307</sup>.

Um dos logótipos assinados por Clotilde chama a atenção. Enviado da cidade cearense de Aracati, foi publicado no *Almanach das Senhoras Brazil/Portugal*<sup>308</sup>, com dedicatória a “Ex.<sup>ma</sup> Sr<sup>a</sup> D. Marietta S. Codro e aos Srs. José Cupertino Tenório e Felismino Graça”. Indicava que as palavras da escritora atravessaram o oceano e atingiram terras lusitanas.

Fogem do céu as estrelas !  
As flores, ao sol nascente,  
Vicejam puras e bellas . – 11, 2, 8, 5 ,4, \*.  
Na campina, alegremente,

Canta a lêda passarada. – 7, 3, 10, \*.  
Grasnam as rãs no paul,  
Emquanto a rosea alvorada  
Desponta no ceu azul.

Evapora-se, ligeira,  
A *sombra*... o dia radioso – 8, 9, 1, 10, 6.  
Traz a data alviçareira  
De monarcha venturoso.<sup>309</sup>

O *Almanach*, propriedade da portuguesa Felismina Torrezão, foi um dos dois exemplares encontrados entre os guardados de Francisca Clotilde, depositados na casa de sua bisneta, Rosângela Ponciano, em Aracati, Ceará. O maior volume de seus pertences, como livros, jornais e revistas, foi perdido durante enchentes na região. Salvaram-se somente duas edições do *Almanach das Senhoras Brazil/Portugal*, alguns exemplares da revista *A Estrella*, alguns retratos e a primeira edição do romance *A Divorciada*.

---

<sup>307</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1928*. p. 19.

<sup>308</sup> A pesquisadora Gisele Martins Venancio pontua interessantes questões a respeito de publicações destinadas a portugueses e brasileiros no final do século XIX e XX, mesmo após o Brasil tornar-se independente e preservar certos traços anti-lusitanos. “Como então explicar que uma publicação que se pretendia popular pudesse se auto-promover utilizando a idéia de que era uma leitura destinada à instrução de portugueses e brasileiros? Uma explicação possível pode estar na própria tradição das editoras portuguesas de destinar parte de suas publicações ao mercado brasileiro. É verdade que romances portugueses eram muito lidos no Brasil do século XIX e que alguns dos principais autores portugueses eram conhecidíssimos e admirados por aqui. Uma outra justificativa pode ser buscada na hipótese de que, mesmo após a independência, os portugueses tenham mantido o desejo de continuar exercendo sua influência sobre o Brasil por meio da construção da idéia de uma comunidade cultural luso-brasileira”. (VENANCIO, Giselle Martins. “*Um verniz de instrução*”: ciência de almanaques e coleções de vulgarização científica para portugueses e brasileiros. Atas do 3º Colóquio do Pólo de Pesquisa Sobre Relações Luso-Brasileiras, on-line, Rio de Janeiro, 2006. Disponível: [http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3\\_coloquio\\_outubro/paginas/8.htm](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3_coloquio_outubro/paginas/8.htm). Acesso em 13 out 2008. ISSN 1809-2748).

<sup>309</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 338.

A edição de 1928 do *Almanach* não trazia escritos de Clotilde e fora adquirida em Fortaleza. O carimbo azul na folha de rosto do livro fornece a pista: “Livraria e Papellaria Humberto, rua Major Facundo, 132”. Já a edição mais antiga, de 1911, reproduz textos de Antonieta e Francisca Clotilde. Deve ter sido remetida diretamente à escritora, de Portugal. Clotilde colaborou com a publicação enviando o logogrifo e o conto *Maria*, em homenagem a mãe de Jesus<sup>310</sup>. Já Antonieta dedicou à poetisa D. Julia de Gusmão, diretora do periódico entre os anos de 1900 e 1910, o diálogo *A aurora e o crepúsculo*<sup>311</sup>.

Outro motivo para Clotilde ter guardado com carinho este exemplar do *Almanach das Senhoras* é a menção, em seu Boletim Bibliográfico, de revistas e outros periódicos remetidos à redação, em Lisboa. Constava no topo da lista, “A Estrella. – Jornal litterario. – Redactora D. Antonietta Clotilde. – *Aracaty, Ceará. 1909-1910*”<sup>312</sup>. Outras publicações brasileiras referidas foram o *Almanach Popular Bahiano para 1910*, dirigido por Affonso Costa; *Musa eclética*, versos reeditados e inéditos por J. Eustachio de Azevedo (Jacques Rolla), do Pará; e *O Proscenio*, Órgão da Sociedade Dramática da Feitosa, dirigido por Odilon Ramos, de Pernambuco.

Muitos textos que compunham a publicação vinham do Brasil, das capitais e pequenas cidades do Amazonas, Acre, Belém, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Através das localidades, pode-se mapear parte da circulação deste impresso, concentrada na região norte. De Lisboa e Moçambique originava-se outro bom número de contribuições.<sup>313</sup> Na materialidade do *Almanach*, leitores e escritores de diversos pontos se encontram, em um processo que perpassa editoras, livrarias, comerciantes, ruas das cidades e o espaço privado.

Diversas características evidenciavam a qualidade editorial do *Almanach das Senhoras Brazil/Portugal*, além da abrangência de circulação e o reconhecimento de seus pares. Suas páginas eram repletas de tabelas, vinhetas e fotografias. Há evidências de que era lido por grandes escritores do período, como o autor d’*A Normalista* (1893), Adolfo Caminha, e o português Ramalho Ortigão. Em suas Cartas Literárias, afirmara ter tomado conhecimento de uma polêmica ao ler a publicação:

---

<sup>310</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 326-7.

<sup>311</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 173.

<sup>312</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 37.

<sup>313</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 42-45.

“e essa crença robusteceu quando mais tarde o Sr. Ramalho Ortigão veio nos comunicar também pelo *Almanaque das Senhoras* a agonia do Naturalismo”<sup>314</sup>

As capas duras eram desenhadas e trabalhadas em cores vivas, com imagens de mulheres em situações que continham uma mensagem de emancipação através da leitura e da escrita. Em 1911, a senhora cavalgava um cisne, envolta por estrelas, flores, pássaros, borboletas e um anjo. Altiava, ostentava uma pena em sua mão. Além do desenho colorido, a capa incluía fotografia em preto-e-branco de sua mentora, com os dizeres: “Fundado por Guiomar Torrezão em 1871. Sucessora Felismina Torrezão. Para 1911. 41º ano”.

Guiomar, inclusive, é tida como “estrella de primeira grandeza”<sup>315</sup>, pela redatora da revista paulista *A Mensageira*, com quem troca correspondências. A portuguesa enviara missiva à revista brasileira, felicitando-a como “porta estandarte do movimento feminista no Brazil”<sup>316</sup>.

Pois bem. A folha de rosto do *Almanach* listava conteúdos oferecidos além de literatura, com destaque para a presença de propagandas<sup>317</sup>: “diferentes tabellas, receitas, anedotas humorísticas, charadas, enigmas e logogrifos e uma desenvolvida série de annuncios dos principais estabelecimentos”.

Na edição de 1928, duas mulheres eram retratadas em plena atividade de leitura. Saíram de casa para se entregar à introspecção em meio à natureza, devidamente equipadas de chapéus e sombrinhas. Uma terceira moça observava. As publicações eram dedicadas a “Sua Magestade A Rainha A Senhora D Maria Pia”, editadas na Livraria Editora, “fundada em 1848; premiada com medalhas d’ouro nas Exposições do Porto; 1897, e Rio de Janeiro, 1908”, situada à rua Augusta, números 44 a 54, em Lisboa. Seu preço era de 240 réis<sup>318</sup>.

---

<sup>314</sup>CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. *op. cit.*, p. 65.

<sup>315</sup>Revista *A Mensageira*. 31 de março de 1898, n. 12. São Paulo (SP). Edição fac-similar. n. 1. Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 181.

<sup>316</sup>Revista *A Mensageira*. 31 de março de 1898, n. 12. São Paulo (SP). Edição fac-similar. n. 1. Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 189.

<sup>317</sup>“O Almanaque das Senhoras, que começava em 1870, sob os bons auspícios de Guiomar Torrezão, muito cuidado e com um corpo de colaboradores escolhido, surge em 1905 a abarrotar de anúncios invasores e desastrosos: pequenas frases extraídas de textos de Alexandre Herculano e de Candido de Figueiredo, entre outros, passam a ombrear com o Apíol dos Drs. Joret e Hommolle e o Leptandrine Royer, entre os remédios”. (RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes*. *op. cit.*, p.30)

<sup>318</sup>RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes*. *op. cit.*, p.101.





Figura 2 - Capas das edições de 1911 e 1928 do Almanach das Senhoras Brazil/Lisboa (Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano).

Como era do feitio dos almanaques, o das Senhoras era redigido à várias mãos, a partir do esforço colaborativo de diversos intelectuais. O grupo era composto “de diversas nacionalidades”, contando com escritores de Portugal, Brasil e França. E, do Ceará, não eram somente as Clotilde a aparecer. Entre os decifradores do *Almanach das Senhoras* para 1911, constam: Pergentino Costa (Ubajara), com 313 decifrações; D. Isabel Omphale Gondim (Sobral), 312; Catullo Argentino (Ubajara), 277; D. Antonietta Clotilde (Aracaty), 273; D. Adelaide Arneaud e D. Olympia Arneaud, ambas de Fortaleza, com 267 decifrações; Deriones Santos (Aracaty), 251; M.C. Vieira (Pentecoste), 156 e Adrião Filho (Cariré), 150.

Muitos enviavam charadas e textos diversos na esperança de serem apreciados e aprovados pela diretora literária Maria O’Neill. Alguns eram educadamente negados em justificativas chistosas. Deveriam ser escritores e escritoras ocasionais, estimulados, quem sabe, pelo cultivo da leitura. Tentavam ingressar, através do *Almanach*, no espaço público e nas primeiras letras, nesta bem conceituada rede de colaboradores. A Dr. Landoff, disseram: “andou V. Ex<sup>a</sup> a rebuscar as palavras mais arrevezadas para compôr o seu arrevezado logogrifo; mas como isso não era, nem é, das condições para ser admittido, remettemo-lo para

o *esquecimento*".<sup>319</sup> Ao colaborador J. C. N., de Manaus, perguntaram: "por que acordou tão tarde? Quando nos chegou a sua Cruz de Christo já as nossas portas estavam fechadas. E, apesar de perante ella se abrirem as portas do próprio inferno, as nossas não se abriram".<sup>320</sup> Já o artigo de Thiago, de Cabo Verde, "marchou logo para o logar que lhe competia – cesto dos papeis inúteis".<sup>321</sup>

Mas os novatos e novatas não precisavam perder a vontade de escrever. Os "Conselhos litterarios" vinham com palavras de estímulo e ensinamentos práticos para os "estimados colaboradores de um e outro sexo, principalmente aos que de novo pretendem ser incluídos nos nossos registos". A linha evolutiva inicia nos "artigos de pouca monta", desenvolvidos aos poucos.

Tudo se começa pelo principio, e... quantos ha que não chegam ao fim, nem mesmo ao meio!

Ensaiai poesia, por exemplo, a fazer sonetos, é o mais rematado dos disparates, e dará o mais contraproducente dos resultados; para começar... uma quadrasinha popular, e algumas conhecemos que são deveras encantadoras na sua simplicidade.

Depois, pouco a pouco, poderão ir abrindo as azas para mais largos vôos<sup>322</sup>.

Folheando as páginas e avançando na leitura do *Almanach das Senhoras*, foi encontrado, em letra pequena e cursiva, o nome "Francisca Clotilde" escrito com a data "1910". A literata não escolhera as páginas iniciais para marcar, à lápis, a posse de seu exemplar – a assinatura fora encontrada na folha que iniciava a biografia da poetisa e prosadora portuguesa Julia de Gusmão. O texto era adequado para retratar outras tantas mulheres que se destacaram como escritoras e construíram expressiva trajetória pública e intelectual naquele tempo, a exemplo da própria Francisca Clotilde. Teria ela se identificado com aquelas palavras?

(...) essa senhora, elevando-se no conceito de todos, popularizando o seu nome, affagado pelos applausos da multidão, perde o banal titulo de Dama, com que toda a gente hoje se enfeita, e passa a ser conhecida simplesmente pelo nome e appellido, como pessoa muito da nossa intimidade.

Esta perda, que para um espirito mesquinho assumiria as graves proporções de offensa, representa n'este caso a consagração do talento, sobejamente manifestado por muitas e variadas formas.<sup>323</sup>

---

<sup>319</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 18.

<sup>320</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 18.

<sup>321</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 27.

<sup>322</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1928*. p.18-9.

<sup>323</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 7.

Outro texto interessante, provavelmente lido por Francisca Clotilde, foi o artigo *O Feminismo*, de autoria de Maria Amália Vaz de Carvalho, que se dirigia a “simples mulheres a que falta aquela fé poderosa e firme que tanto facilita e tão facilmente resolve todos os problemas da vida, e ás quaes falta igualmente a audácia nihilista, a sêde de destruição dos modernos radicaes.”<sup>324</sup>

A reflexão de Maria Amália está situada em uma perspectiva de negociação, ao rejeitar os “excessos condenáveis” do feminismo e as posições extremas de ambos os lados – a total liberdade da mulher ou sua eterna escravidão. Maria Amália lamenta que a mulher esteja relegada a um “lugar subalterno que de fôrma alguma lhe convém, e por isso procura sahir d’elle”. A proclamada guerra dos sexos também é observada com reprovação. Segundo a autora, esta batalha seria estimulada por romancistas, poetas e psicólogos que atestam a inferioridade feminina e incitam a hostilidade entre os gêneros, construindo uma incompatibilidade que desgasta as bases da harmonia e gera desconfianças.

(...) ao passo que o talento do homem tenta fazer da mulher uma inimiga, a secular inimiga que é necessário afugentar ou escravisar de novo, a dura concorrência dos tempos faz d’ella, em muitissimos misteres, uma rival, uma adversária do seu antigo protector, do seu antigo amigo!...  
O homem do povo, inculto e rude, começa a perceber que a mulher deve proteger-se a si mesma e não esperar pela proteção do seu braço. D’aqui o abandono, o desamor, a desconfiança que os separa.<sup>325</sup>

Portanto, à mulher caberia a responsabilidade de se proteger deste “desnorreamento absoluto”, diante da indefinição dos papéis e espaços da mulher no início do século XX. Maria Amália aponta duas expectativas de comportamento social das mulheres. De um lado, a Igreja pretende manter as senhoras atadas aos grilhões da perfeição e da virtude; no oposto, os “avançados, os radicais, os socialistas” pregam “uma liberdade que seria a pior das escravidões”, incluindo o “amor livre”.

(...) a escravidão da alma aos sentidos, do espirito immortal ás paixões ephemeras que devastam e não consolam, essa horrivel utopia do *amor livre*, que não é mais nem menos que a antiga e ignóbil sujeição da mulher ao vicio masculino, soffrego, como os abutres, de carne e de cadaveres!  
Pregam-lhe a igualdade e a emancipação, que não são mais que o entregarem-se sem defeza a uma lucta em que ella, a mais fraca, a mais desarmada, não pôde deixar de ser vencida!<sup>326</sup>

---

<sup>324</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 109.

<sup>325</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 108.

<sup>326</sup> *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1911*. p. 109.

Em busca de igualdade e almejando preservar as diferenças que determinam os gêneros, as mulheres enfrentam um conflito interno. O que Maria Amália deseja é expressar sua opinião acerca do feminismo, que, pelo visto, já se fazia notar nos ambientes urbanos. Essa expressão, que para muitos remetia a mulheres masculinizadas em busca de superioridade, na leitura da autora portuguesa representava a equiparação de direitos, esclarecendo que a feminista deseja se casar e ter filhos - sem precisar abdicar de suas virtudes ou tornar-se subalterna.

Os escritos de Maria Amália refletiam o sentimento de desorientação vivido pela sociedade lusitana em relação à compreensão do lugar da mulher. O processo de urbanização e industrialização ditava o ritmo de transformações e interferiu, de diferentes maneiras, no cotidiano. Permanências, transformações e rupturas foram provocadas na vida das famílias, e os novos papéis femininos deviam ser compatibilizados com suas clássicas funções de mãe e esposa. Algumas escritoras, como Maria Amália e Francisca Clotilde, perceberam este movimento e sobre ele escreveram, cada uma a seu modo.

Vária escrita feminina coexistia nesse horizonte, em que as entonações de mulheres – que deveriam transmitir submissão, incerteza, surpresa ou um entusiasmo ingênuo –, passaram a exprimir opiniões mais marcantes. Buitoni (1981) aponta uma direção progressista na imprensa feminina, que seguiria a linha da defesa dos direitos das mulheres, com ênfase na educação. E aponta para uma vertente mais tradicional, que não permitiria liberdade de ação fora do lar e engrandeceria as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”. Os escritos de Clotilde pertenciam a esses dois grupos, incorporando conservadorismo e ruptura, conformismo e ousadia. Traziam a ambigüidade deste tempo de transição, em que as mulheres buscavam o pertencimento.

Apesar dos conselhos masculinos de se reservarem ao lar, mulheres como ela insistiam em escrever. E, através da palavra impressa, passaram a integrar uma rede de sociabilidade, cultivando um relacionamento cordial entre intelectuais e escritores de diversas localidades. Já em 1890, de acordo com June Hahner, “o número de mulheres que editavam esses jornais ou neles escreviam era suficientemente grande para proporcionar apoio mútuo e intercâmbio intelectual”<sup>327</sup>. No *Almanach das Senhoras e do Ceará* também eram numerosos os textos com

---

<sup>327</sup> HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. op. cit., p. 61.

dedicatórias. Alguns deles apontam para vínculos existentes entre Francisca Clotilde e outras personalidades.

Ao Major J. Câmara, por exemplo, ela ofereceu o soneto *A Imprensa*, onde, ao mesmo tempo em que revela sua admiração e devoção por esta “deusa portentosa”, critica seu uso inadequado por homens desvairados, espalhando trevas. A quem ela estaria se dirigindo? No poema, explorava as metáforas antropomórficas ou recorria à natureza idealizada, referindo-se à “pureza do lírio”, entre outros elementos.

Eu te saúdo, oh! deusa portentosa,  
A cujo olhar o mundo s'illumina,  
Filha do genio, inspiração divina,  
Nuncia do bem, estrella radiosa.

De Gutemberg a criação pasmosa,  
Tu debes ter a força leonina,  
E do lyrio a pureza que fascina,  
Até á consciencia mais trevosa.

Mas quanta vez o homem desvairado,  
Pelo instincto do odio aconselhado,  
Descendo-te do solo a que te elevas;

Faz-te perder a sólida firmesa,  
E então descida ao throno de grandesa,  
Em vez de luses só espalha trevas!<sup>328</sup>

Francisca Clotilde viu no almanaque um espaço possível para dar a conhecer sua técnica e encontrar novas possibilidades de desenvolver sua poligrafia, bem como construir novas relações intelectuais. Seu exercício plural de gêneros, formas e temáticas faz pensar sobre seu desejo de atingir e sensibilizar variados públicos. Aonde Clotilde queria que suas reflexões chegassem?

A forma de seus textos também remete a critérios e intencionalidades. Temas e linguagem acessíveis, aliados a um estilo de interpelar o leitor, proporcionavam um ritmo original à sua escrita. Recurso estilístico que pode ser empregado com o objetivo de estimular os leitores e fazê-los produzir suas próprias respostas.

Através do jornal e do almanaque - compartilhados, emprestados, grifados, possuídos -, ela se fazia presente no cotidiano dos leitores, em rodas de discussão, nas praças e inclusive no ambiente doméstico. Transmitia ao mundo letrado da província suas idéias e revelava visões de mundo através da escrita.

---

<sup>328</sup> *Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1904*. p. 191.

Sua participação no *Almanach* não foi interrompida nem em virtude das mudanças de cidade que Clotilde realizou. O retorno da escritora ao interior ocorreria após seu afastamento da Escola Normal de Fortaleza, em março de 1895, “por motivo independente de sua vontade”<sup>329</sup>. Uma possível razão para sua transferência seria um surto de tuberculose e outras epidemias, que atingiu a capital nos últimos anos do século XIX. Seguiu para Redenção, no ano de 1897, e rumou para Baturité, onde viveu entre 1904 e 24 de fevereiro de 1908. Naquela localidade, onde a “população a recebeu em surtos de hospitalidade e cortesia”<sup>330</sup>, a escritora e professora fundou um externato misto, mantido durante dois anos.

E março de 1908 veio junto com a chegada de Francisca Clotilde à cidade de Aracati. A calorosa recepção teria se repetido na região, para onde fora “a convite de pessoas de destaque”<sup>331</sup>. Sua missão pedagógica tinha prosseguimento com a fundação do Externato Santa Clotilde, a 9 de março. Tornou-se o “melhor de toda a zona jaguaribana”, segundo Stella Barbosa de Araújo, que afirma ter se educado ali “a elite da juventude feminina da terra dos ‘bons ares’”. O colégio teria sido ampliado posteriormente, “com um curso masculino que deu bons resultados, continuando, de então até a sua morte, a ser um colégio misto”<sup>332</sup>.

Esta retirada de Francisca Clotilde ao interior do Ceará não implicou, de forma alguma, em busca de anonimato. A pena não arrefeceu e prosseguia traçando linhas que davam alma a um universo ameno, habitado por mulheres, crianças e flores. Mas havia uma diferença. Foi no ano de 1911 que a carreira de aproximadamente três décadas da literata encontrou um expressivo ponto de inflexão - o ofício de jornalista e polemista sobrepôs-se ao de escritora, durante a tensão ocasionada pela conjuntura política. Assim, surgia a série de artigos *Pelo Ceará*.

---

<sup>329</sup> FRANCISCA CLOTILDE. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, ano LXVI, n. 31, p. 156, 1962.

<sup>330</sup> *Idem*, p. 156.

<sup>331</sup> ARAÚJO, Maria Stella B. de. Francisca Clotilde. In: *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. v. 1. p. 239.

<sup>332</sup> *Idem, Ibidem*, p. 239.

### 2.3. “FALEM CONTRA A MULHER CEARENSE POLÍTICA; EU APPLAUDO-A”

Em mesas e gavetas, misturavam-se papéis, tintas, livros, cadernos em branco, páginas escritas e diversos apetrechos do ofício da literata e professora. Somados à imaginação literária, eram matéria-prima que dava à sua generosa produção textual a condição de existir. Palavras que tinham muitos destinos, endereçadas a larga variedade de leitores. Entre crianças, mulheres e homens comuns, poucos pareciam indiferentes àquela figura pública, que primava pelo cultivo da inteligência.

Em casa, Clotilde deveria reservar à introspecção algumas horas por dia, conciliando as atividades de escrita em jornais e revistas, as leituras, o cuidado dos filhos, as tarefas do lar e outros compromissos. Em 1911, passou a ministrar aulas particulares a pequenos grupos de meninas, de acordo com anúncio publicado na capa de uma edição de *Folha do Commercio*. “Francisca Clotilde - No intuito de facilitar aos illustres Pais de família, residentes no interior, a instrução de suas filhas, recebe duas a trez alumnas internas em condições favoráveis e mediante ajuste prévio. Rua do Commercio 97”<sup>333</sup>.

E, residindo em Aracati, Francisca Clotilde desfrutava de uma privilegiada posição de observadora dos fatos correntes da capital. Naqueles dias, a escritora se via diante de uma importante contenda política: legitimar a derrocada da oligarquia Acioly, que governava o Ceará desde 1896. Somente com “a abnegação patriótica dos verdadeiros republicanos” poder-se-ia vencer as “mentiras oficiais”<sup>334</sup>.

Para ela e outras personalidades de seu tempo, a situação inspirava mudanças. Em 1896, Antônio Pinto Nogueira Acioly assumira a presidência do Ceará em clima de euforia e confiança. Contudo, seus anos de mandato mostraram que as necessidades do povo não foram priorizadas em sua gestão. A omissão do governo durante as secas de 1898 e 1900 desgastaram a imagem do político, entre outros atos questionados por amplos setores da população. “A açudagem, que se impunha como medida inadiável de salvamento contra os efeitos das secas, não cuidou della”<sup>335</sup>, cita o escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo<sup>336</sup>.

---

<sup>333</sup> Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 26/02/1911, n. 8, p.1.

<sup>334</sup> CLOTILDE, Francisca. Manejos Políticos. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. Aracaty: Typographia Commercial, s/d. p. 49-50.

<sup>335</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará*: queda da oligarquia Accioly (1914). Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. p. 7.

Após ocupar o cargo de senador da República, durante o quadriênio 1900-1904, Nogueira Acioly retorna à presidência da província para o mandato seguinte. Para manter-se no poder, ele teria obstruído o alistamento de novos eleitores que votassem nos partidos de oposição e efetivado duros métodos repressivos a quem se opusesse a suas decisões. Irregularidades e desmandos geraram um evidente descontentamento em vários segmentos da sociedade cearense e não impediram a reeleição de Acioly para um novo mandato, de 1908 a 1912, acatada pelo presidente Afonso Pena.

A imprensa, que se poderia constituir um núcleo de resistência à oligarquia, era descrita nas atentas observações de Rodolfo Teófilo. Dizia que “a imprensa era uma miséria”. Na folha oficial, *A República*, “algumas pennas mercenárias, como a de um senhor Carlos Camara e outras, atassalhavam a reputação de qualquer homem de bem que fosse infenso ao governo do Sr. Accioly”. Ele afirma ter sido “muitas vezes insultado por essa imprensa venal, e como documento deixei nas paginas de meu livro – *Variola e Vacinação no Ceará* – transcriptos os torpes insultos a mim dirigidos<sup>337</sup>.

Entre pasquins e “penas mercenárias”, um povo “anestesiado de sofrimento” aguardava algum “escandalo medonho, um facto assombroso<sup>338</sup>”, para tomar uma iniciativa. De Acarati, através das páginas do jornal *Folha do Commercio*, Francisca Clotilde se unia ao movimento contra a oligarquia aciolina, em uma série de artigos.

Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, deixaram-me consultar o caderno com as edições da *Folha do Commercio* de 1911, ao invés de microfimes. O contato com as folhas em sua integridade foi precioso e permitiu uma melhor compreensão da disposição dos conteúdos. Não raro, a capa era espaço para reportagens sobre Francisca Clotilde, em suas festas de escola, celebrando datas cívicas e religiosas ou agradecendo a seus alunos e admiradores.

O jornal era propriedade de R. Deus e Cia e, posteriormente, foi assumido por “uma associação<sup>339</sup>”. Foi dirigido por Castro Lopes e depois por Bruno Porto, com redação localizada à rua do Commercio, número 210 A. O periódico em duas folhas,

---

<sup>336</sup>Para aprofundar os conhecimentos da obra do escritor, consultar VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

<sup>337</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly* (1914). *op. cit.*, p. 54.

<sup>338</sup>*Idem, Ibidem*, p. 67.

<sup>339</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Acarati, 16/7/1911, n. 28, p.1.



frente e verso, proclamava-se “semanário independente”. Podia ser adquirido em exemplares avulsos, a \$100 cada<sup>340</sup>, ou por assinaturas semestrais (3\$000) e anuais (6\$000). Destacava-se também o preço de venda para fora da cidade, no valor de 7\$000 ao ano. O expediente reiterava que a folha “franquia suas columnas a colaboração que trate sobre assumptos de geral interesse, especialmente do commercio e indústrias, sujeitas, porem, ao arbítrio de sua redacção”<sup>341</sup>.

Respaldada por essa orientação editorial, Clotilde escreveu artigos políticos, provavelmente entre dezembro de 1911 e julho de 1912, que incorporaram o clima da luta anti-oligárquica. A linhagem formada de vinte e um textos foi organizada e publicada posteriormente sob o título *Pelo Ceará: Série de artigos editados na Folha do Commercio, 1911*, brochura de 62 páginas, editada na Tipografia Commercial, também em Aracati. Em péssimo estado, suas folhas já se desmancham. Apressei-me em fotografá-las, para preservar ao máximo este registro.

Os vinte e um artigos selecionados para a coletânea não trazem data, o que pode significar um desejo de posteridade, um viés de atemporalidade que toma os escritos, intitulados *Victoria!*, *A mulher na política*, *O direito do povo*, *Appêllo patriótico*, *Carta aberta ao General Bezerril Fontenelle, 21 de janeiro*, *Como elles vencem*, *A verdade*, *Cores victoriosas*, *Em prol do Ceará*, *O eleito do povo*, *Candidato conciliador*, *O candidato do povo*, *A attitude do povo*, *Bemvindo!*, *Pela farça e pela força*, *Manejos políticos*, *Pelo Ceará*, *Rabellismo rubro*, *Ideal desfeito* e *Apotheóse de um nome*. O título *Pelo Ceará* arremata esse conjunto de escritos de intervenção e de combate, que fazem defesa ao regime republicano.

Reunidos, os artigos ganham novos sentidos e podem ser lidos aleatoriamente ou seguindo a trilha proposta pela seqüência da edição. Do jornal para a organização da brochura, há que se considerar a compactação do conteúdo, que permitia que os leitores imaginassem novas conexões entre os textos, não tão evidentes quando publicados espaçadamente no jornal. A disposição em livro tende a propor releituras e sublinha as questões centrais referentes à moralidade na política e às denúncias sobre a situação política no Ceará. A ausência de prefácio confia ao leitor a tarefa de interpretar, à sua maneira, os textos em conjunto e sua finalidade. Sem influências de notas que guiassem as possibilidades de leitura.

---

<sup>340</sup>O valor do exemplar da *Folha do Commercio* passa a ser o dobro, \$200, a partir da edição 23, de 11 de junho de 1911, que traz na página 01 um destaque ao Externato Santa Clotilde.

<sup>341</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 8/01/1911, n.1, p.1.

Para refletir e buscar uma abrangente compreensão deste conjunto de artigos, é útil problematizar o modo como foi editada<sup>342</sup>. A encadernação de *Pelo Ceará* é simples, com letras impressas em folhas de papel porosas em tom sépia, dobradas ao meio e presas por dois grampos ao centro, na forma de brochura.

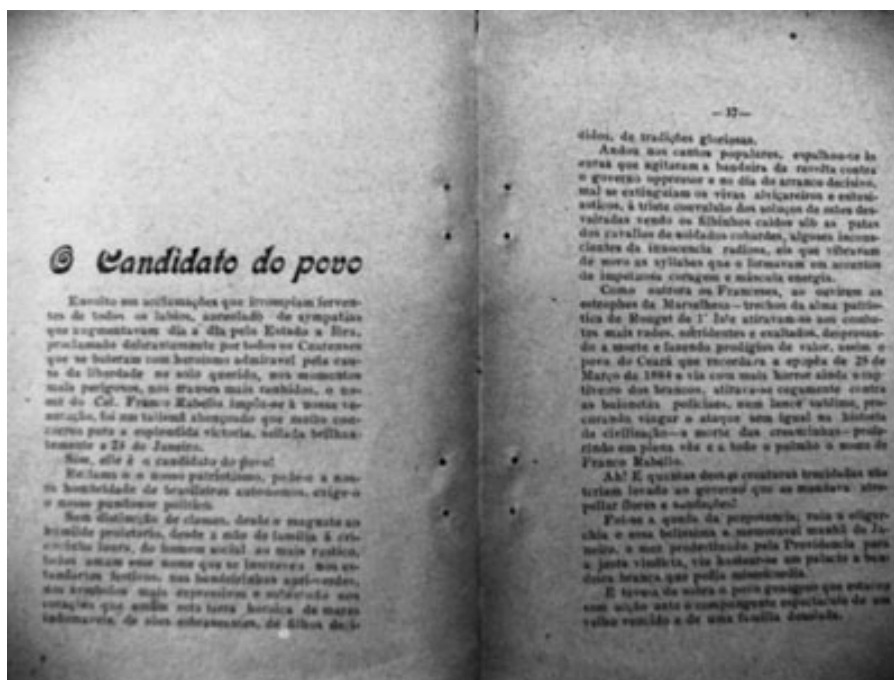


Figura 3 - *Pelo Ceará*, brochura com artigos políticos de Francisca Clotilde.

O formato indicia a insuficiência de recursos materiais da editora ou dos editores, que não permitia financiar uma publicação com encadernação, tinta e papel sofisticados. Não há fotografias e as vinhetas aparecem em pouca quantidade, miúdas, finalizando com discrição os textos. No entanto, a intenção pode ter sido exatamente a de criar um produto editorial popular e barato, de modo a facilitar o acesso e o manuseio da coleção de artigos, para que se propagassem entre um maior número de leitores.

(...) os livros têm a capacidade de difundir mais amplamente as idéias e com menor alarido: um orador discursando em praça pública ou até mesmo um homem confabulando com seus conhecidos não só difundiriam suas

<sup>342</sup>Para Jean-François Gilmont, “algumas categorias de obras parecem ligadas a determinado tipo de leitura: ora trata-se exclusivamente de leitura em voz alta, ora de leitura silenciosa. Em compensação, há também livros que são objeto de uma leitura alternadamente coletiva ou privada. Independentemente dos depoimentos externos, é útil considerar o próprio livro e perguntar pelas intenções de seus criadores. Sua apresentação material – formato, programação, ilustração etc – fornece indicações preciosas sobre o modo de leitura sugerido pelo editor”. GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p. 59.

idéias em menor escala, mas também seriam mais facilmente visíveis, identificáveis e passíveis de perseguição do que um leitor solitário, fechado em seu gabinete (...)<sup>343</sup>

Diversos seriam os “usos implícitos”<sup>344</sup> do livro. Atuando em uma conjuntura de combate à oligarquia, o impresso oferece uma leitura panfletária e uma escrita circulante inflamada. A imprensa é uma arena, onde se partilhavam as idéias de defesa da soberania popular e da República, além de assegurar a materialidade e a difusão do discurso, seguindo linha de pensamento de Roger Chartier.

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro (...)<sup>345</sup>

A escritora e jornalista Francisca Clotilde não tinha direito ao voto, benefício que só incluiria as mulheres em 1932. No entanto, a escritora forjou sua participação através de seu grande trunfo - a palavra escrita. Na *Folha do Commercio*, passou a discutir e a questionar as artimanhas políticas, o processo eleitoral, as instituições, a ética. A imprensa era um palanque. O desejo de comunicação imediata e suas opiniões circulavam na sociedade, motivando o debate. A escrita e a leitura que realizava não eram práticas neutras, mas campo de disputa e espaço de poder<sup>346</sup>.

A agitação popular teve lugar na Praça do Ferreira e no Passeio Público, em Fortaleza. Os encontros, além de darem vazão ao sentimento de revolta contra a oligarquia aciolina, articularam a oposição de comerciantes, intelectuais, jornalistas, estudantes, caixeiros e o povo em geral. Indignação que também se refletia nos textos de Francisca Clotilde, que estabelecia a defesa da Pátria e da ordem como prioridade, mesmo que o derramamento de sangue fosse inevitável. Predominam as conclamações à luta e à militância, com referências ao uso de armas para assegurar a paz, a soberania popular e o progresso. O povo era retratado pela escritora como um “manso cordeiro tantas vezes sacrificado” que “transformou-se em leão”<sup>347</sup>. Clotilde pretende legitimar “o dever [do cearense] de trabalhar pela sua liberdade e

---

<sup>343</sup>ABREU, Márcia. Prefácio: Percursos da leitura. In: ABREU, Marcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura. op. cit.*, p.13.

<sup>344</sup>Cf. VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa. *op. cit.*, p.184.

<sup>345</sup>CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. op. cit.*, p. 8.

<sup>346</sup>ABREU, Márcia. Prefácio: Percursos da leitura. *op. cit.*, p.15.

<sup>347</sup>CLOTILDE, Francisca. A Verdade. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará: série de artigos editados na “Folha do Commercio”*. *op. cit.*, p. 21.

de conquistá-la, mesmo á custa de sangue”<sup>348</sup> ou até da própria vida. “Ânimo, meus patrícios!”<sup>349</sup>

Para seres livres è preciso que derrames o teu sangue generoso nas praças e nas ruas, que esmagues os teus affectos mais doces, indo de armas na mão enfrentar esses irmãos desnaturados que desejam o teu aniquilamento e o teu captivo moral.<sup>350</sup>

Se fôr preciso, porém o sacrificio de nossas vidas não hesitaremos em pisar a arena (...) <sup>351</sup>

Seu vocabulário de exortação se volta à mobilização popular, sugerindo imagens de combate. Ao longo dos textos em que condena Acioly, a escritora incorpora juízos de valor e fatos da batalha política diária. Vistos em conjunto, os discursos alimentam uma perspectiva de negociação com a realidade, no sentido de moldar as atitudes à situação política. Concepções de timbre mais exaltado convivem com posicionamentos brandos, como "desta vez [o povo] saberá valer a sua força sem ultrapassar os limites da ordem e da lei”<sup>352</sup>. A autora afirma em outras passagens o intuito principal da batalha conclamada. “Estamos na arena da luta investidos com a armadura do cavalheiro leal que não teme levantar a viseira porque desconhece a treva do embuste, o disfarce da mentira, a cobardia da traição. Apresentamo-nos, porem, com o ramo de oliveira na mão.”<sup>353</sup>

Clotilde desaprova os conflitos desta guerra “fratricida” (“Não somos todos cearenses?”, questiona a polemista<sup>354</sup>) e sublinha ensinamentos cristãos, como o perdão e a misericórdia, ao dizer que, caso repugne “manchar as mãos com o sangue dos que te esmagavam nos furos de seu despotismo, perdoas os teus desvarios envolvendo-os na esmola de tua misericórdia”<sup>355</sup>. Defende, portanto, um método menos radical e mais civilizado para alcançar a transformação na sociedade. Considera uma virtude defender a pacificação e não deseja a guerra – contudo, acha justo que se reaja com sangue às investidas contra o povo, a serviço da Pátria.

---

<sup>348</sup> *Idem*, Cores Victoriosas. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 25.

<sup>349</sup> CLOTILDE, Francisca. O Candidato do Povo. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 38.

<sup>350</sup> *Idem*, O Direito do Povo. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. Aracaty: Typographia Commercial, s/d. p. 7.

<sup>351</sup> *Idem*, Candidato Conciliador. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. Aracaty: Typographia Commercial, s/d. p. 35.

<sup>352</sup> *Idem*, A Verdade. *op. cit.*, p. 22-3.

<sup>353</sup> *Idem*, Cores Victoriosas. *op. cit.*, p. 25.

<sup>354</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 25.

<sup>355</sup> *Idem*, O Direito do Povo. *op. cit.*, p. 7.

Sim, queremos a nossa liberdade; mas sem derramamento de sangue. Para os povos civilizados não há melhor garantia de que um governo moralizado e justo, firme à Constituição, prompto a fazer executar a lei e a facilitar o seu desempenho, contribuindo eficazmente para o bem publico e interesse do Estado.<sup>356</sup>

Foi nesse clima de ânimos exaltados que se chegou aos oponentes da campanha: Domingos Carneiro Vasconcelos, candidato da oligarquia aciolina, e o coronel Marcos Franco Rabelo. A mocidade ainda não o conhecia, pois “elle estava ausente do Ceará havia muitos anos”<sup>357</sup>. Rodolfo Teófilo definia Rabelo como um “militar culto, bom professor, vivendo para sua familia, para os seus livros, e de uma honestidade, de uma pureza de costumes fora do comum”.

O povo do Ceará, naufrago num mar de angustias, acceitou o seu nome como a primeira taboa de salvação que lhe fosse atirada. Que importava que elle não tivesse até o momento serviços á sua terra, se agora poderia prestal-os e relevantissimos, se elle era um homem intelligente, honesto e culto?

A sua candidatura tornou-se em breve a legitima aspiração do povo. Era um delirio, uma doença. Adoptaram logo uma divisa – as côres nacionaes<sup>358</sup>.

O consenso popular via Rabelo como a representação das forças políticas que, por mais de vinte anos, se achavam afastadas do poder. Os periódicos *Unitário* e *Jornal do Ceará*, de João Brígido e Agapito dos Santos, respectivamente, eram alguns dos responsáveis pela mobilização popular<sup>359</sup>. A esse coro, unia-se a *Folha do Commercio*, de Aracati, através dos artigos de Francisca Clotilde. Ela encontrou na defesa dos valores republicanos e nas manifestações populares pró-Rabelo a motivação para animar seu discurso.

“Victoria!” é a palavra que abre *Pelo Ceará*. A escritora utilizava nos artigos frases entusiasmadas que apareciam nos panfletos da época, como “Viva o Ceará Livre!”. É, segundo ela, o que se ouve por toda parte, “num grande ímpeto de entusiasmo, a vibrar em todos os lábios, estampada nos telegrammas, echoando pelas ruas e pelas praças como a estrophe de epopéa sublime, que festeja a Victoria de um povo heróe”.<sup>360</sup>

---

<sup>356</sup>CLOTILDE, Francisca. Candidato Conciliador. *op. cit.*, p. 33.

<sup>357</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará*: queda da oligarquia Accioly (1914). *op. cit.*, p. 85.

<sup>358</sup>*Idem, Ibidem*, p. 87.

<sup>359</sup>Sobre as atividades destes jornais no cenário de oposição, consultar trabalho de ALENCAR, Maria Emília da Silva. “*À Sombra das Palavras*”: A Oligarquia Acciolina e a Imprensa (1896-1912). Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

<sup>360</sup>CLOTILDE, Francisca. Victoria! In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 1.

A polemista via todos se agitarem, “num ímpeto de entusiasmo indescritível”<sup>361</sup>, criando um consenso entre as mais variadas camadas da sociedade. “Desde o rude jangadeiro ao mais afamado capitalista, desde o velho enfraquecido pelos annos á petizada loura”<sup>362</sup>, na visão de Francisca Clotilde todos estavam envolvidos, “sem distinção de classes”<sup>363</sup>, no movimento de apoio a Franco Rabelo. “Não posso pensar que haja um unico patricio meu, desses que se envolveram nas jornadas libertadoras, capaz de preterir a candidatura de nosso eleito”<sup>364</sup>. Em sua palavra impressa, estava presente o recurso à tradição, à memória heróica, aos símbolos do civismo, encarnando em Franco Rabelo o “corpo da pátria” ofendida e vilipendiada pelo nepotismo e desmandos aciولينos.

Sem distinção de classes, desde o magnata ao humilde proletário, desde a mãe de familia á criancinha loura, do homem social ao mais rustico, todos amam esse nome que se inscrevera nos estandartes festivos, nas bandeirinhas auri-verdes, nos symbolos mais expressivos e sobretudo nos corações que amam esta terra heróica de mares indomáveis, (...) de filhos decididos, de tradições gloriosas.<sup>365</sup>

Francisca Clotilde exaltava o compromisso com o povo e a nação, sendo “postos de lado os interesses mesquinhos, as ambições pessoas, os ódios de politicagem nociva e estreita!”<sup>366</sup>. Clotilde referenda que “trabalham todos para o bem commum e, acima das posições e honrarias que não constituem patrimônio de merecimento e servem apenas para fomentar invejas e ódios, visemos os interesses sagrados da Pátria”.<sup>367</sup>

Clotilde não precisava de porta-voz. Ao contagiar os leitores com sua palavra e participar do esforço de combate ao regime oligárquico no Ceará, ela convocava as massas, revelando a consciência de que sua ação poderia se transformar em mobilização. Os leitores de *Pelo Ceará* assimilavam as idéias que satisfaziam suas necessidades concretas, emocionais, intelectuais, sociais e pessoais.

A coletânea, bem como os artigos para a *Folha do Commercio*, poder-se-iam dirigir aos homens envolvidos e espectadores da tensão política. Sua mensagem

---

<sup>361</sup>CLOTILDE, Francisca. Appêllo Patriótico. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 10.

<sup>362</sup>Idem, *Ibidem*, p. 10.

<sup>363</sup>Idem, *O Candidato do Povo. op. cit.*, p. 36.

<sup>364</sup>Idem, *Manejos Políticos. op. cit.*, p. 49.

<sup>365</sup>Idem, *O Candidato do Povo. op. cit.*, p. 36-7.

<sup>366</sup>Idem, *Em Prol do Ceará*. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 28.

<sup>367</sup>Idem, *Ibidem*, p. 28.

poderia ser acolhida, ainda, pelos grupos de pouca instrução – mas não de menor interesse político -, que aprendiam em leituras coletivas realizadas em voz alta, talvez a noite, após o horário de trabalho.

Também pode-se supor que Clotilde escrevia para outras mulheres, como as participantes do movimento político e integrantes da Liga Feminina, que compunham o ainda restrito universo de leitoras e partilhavam valores culturais e políticos semelhantes aos da escritora. Realizariam as senhoras uma leitura mais discreta e solitária, em uma escrivaninha de seu quarto ou na sala de casa? Os artigos curtos eram ideais para uma leitura fragmentada, intercalada entre as tarefas do lar. “A leitura individual pode exercer um efeito de propagação que ultrapassa o leitor, desde que ele, convencido pelo texto lido, se torne propagador das idéias que aí descobre”.<sup>368</sup> E esse efeito poderia ser um objetivo de que Francisca Clotilde se imbuíu, nessa jornada política e literária.

A professora se dirigia, enfim, a seus “patrícios” e aos “bons cearenses”, que tinham acima de tudo “os santos interesses da Pátria”<sup>369</sup>. Ao povo, é atribuído o mérito da retirada do poder dos que “cobarde e indignamente” conspurcaram seus “direitos sagrados”. A “treva da noite” seria substituída pelo “rosicler da liberdade”.

Sim, mais uma vez a soberania popular arrancou das culminâncias do poder o oligarcha que abusou da confiança publica e, em vez de honrar a posição que ocupava, enveredou pelas sinuosidades do erro desviando se do verdadeiro caminho a seguir.<sup>370</sup>

No artigo *O direito do povo*, Clotilde repudia a conduta dos “políticos da situação decaída” que não se conformam absolutamente “com a eloquência esmagadora da verdade”<sup>371</sup>. Fala do desrespeito às conquistas e aos valores republicanos, o que, a seu entender, enfraquece as bases do sistema político. Denuncia, ainda, que “os *representantes* da vontade popular eram *eleitos* antes que os votos *obrigados* caíssem nas urnas”. Que triste espetáculo, assistido pelas “nações cultas da terra”.

Soberania popular! Bonitas palavras inteiramente vãs de sentido, no apregoado regimen das Republicas!

---

<sup>368</sup> GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. *op. cit.*, p. 65.

<sup>369</sup> CLOTILDE, Francisca. Appêllo Patriótico. *op. cit.*, p. 10.

<sup>370</sup> *Idem*, Victoria! *op. cit.*, p. 1.

<sup>371</sup> *Idem*, Pela Farça e Pela Força. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 44.

Temos o exemplo frisante no que se passa entre nós, neste triste espetáculo que o Brasil apresenta perante as nações cultas da terra. Para que serve o direito do voto? Qual é o fim dos comícios eleitoraes?  
Eleger os representantes do povo de um modo livre e de accordo com a lei?  
No entanto qual è o resultado do exercício desta attribuição sagrada e respeitável?<sup>372</sup>

A escrita era elaborada na forma de questões, artifício potente da escrita de interpelação. As perguntas movem o leitor, provocam o pensamento e impelem à ação. O texto traz a proposta de pensar junto com o autor, efetivando uma prática criadora. Configura-se um processo de troca através do qual se elaboram continuamente novos sentidos, de acordo com as situações de leitura e as relações com o material impresso, ocorridas em momentos histórica e socialmente variáveis. Clotilde prossegue com suas perguntas e denuncia o não-cumprimento dos princípios democráticos. “É isto que chamam república?”

Os partidos impõem o reconhecimento de seus adeptos, e, embora tenham elles tido minoria e seja isto um facto claríssimo e indiscutível, saem victoriosos e vão nas câmaras alardear o seu *prestigio* e apresentam projectos que fazem envergonhar os que dentre elles são mais escrupulosos e menos indignos.  
E' isto que chamam republica? Pobre povo!  
O teu direito é conspurcado a todo instante, só tens que supportar o vexame do imposto, o julgo dos mandões, a prepotência dos chefes que collocam os seus interesses acima de tudo.<sup>373</sup>

Para reverter o quadro de desordem das instituições políticas, a escritora conclamava as manifestações populares em defesa dos direitos conquistados. Ao mesmo tempo, não se furta a elogiar a índole do cearense, “o vosso patriotismo, a hombridade de vosso character, a grandeza dos sentimentos que vos animam dando o voto de cidadãos livres e autônomos”. Não será o “partidarismo imposto” a afastar o povo “do cumprimento de nosso dever cívico”.<sup>374</sup> Com base em seu conhecimento do texto da Carta Magna e do regime republicano, a literata apresentava, pedagogicamente, a importância dos direitos políticos, vinculados ao apelo patriótico. “Então, o que é a República? Não é o governo em que o povo tem direito de eleger seus governantes? Não são os estados autônomos sôb a forma federativa, manifestando-se expontaneamente na escolha do chefe do governo?”<sup>375</sup>

---

<sup>372</sup> CLOTILDE, Francisca. A Verdade. *op. cit.*, p. 21.

<sup>373</sup> *Idem*, O Direito do Povo. *op. cit.*, p. 6.

<sup>374</sup> *Idem*, Appêllo Patriótico. *op. cit.*, p. 9.

<sup>375</sup> *Idem*, O Candidato do Povo. *op. cit.*, p. 38-9.



A formação intelectual e política de Francisca Clotilde também se revela quando estabelece comparações entre distintos modos de governo. República federativa ou absolutismo “desregrado”? “Estamos em um país da livre America ou em algum governo da Russia onde impera (...) a vontade despotica do Czar?”<sup>376</sup>

Naquela conjuntura, o livro e a leitura reafirmaram-se como instrumentos viabilizadores do questionamento da sociedade vigente. Potencializam a organização e a força do povo. Através do impresso, Francisca Clotilde estabelece um sentido para as ações - elas devem funcionar para se obter justiça, garantir o bem-estar e, conseqüentemente, o progresso. “Estamos sob um regimen democrático; os estados são autônomos e o chefe da União não pode intervir na direcção da nossa política, máxime quando o seu feito único é a consolidação da justiça e a manutenção da ordem pública, o bem estar geral”.<sup>377</sup>

O candidato Franco Rabelo seria o agente regenerador da política local. Francisca Clotilde escolhera seu lado fundamentada por seu conhecimento dos fatos políticos, somado a uma série de leituras. Jornais, revistas e textos avulsos consultados faziam parte do repertório que municiava sua escrita. Francisca Clotilde afirmou haver comparado a “plataforma do eleito do povo com o manifesto do seu rival”<sup>378</sup> e concluiu “a olhos desarmados de que lado está a razão e qual dos dois merece o voto dos cearenses”.<sup>379</sup>

No texto *Pela farça e pela força*, ela cita o artigo da revista *Vozes de Petrópolis*, que dialoga com seus argumentos e parece ter contribuído para reiterar sua posição política. A escritora associa o caso mencionado pelo articulista ao conturbado contexto cearense, enquanto confirma sua inclinação por textos de viés instrutivo e moralizador. Evidência de que acreditava no poder de influência da literatura e seus ensinamentos na personalidade e na vida cotidiana. “Lendo há poucos dias a importante Revista ‘Vozes de Petropolis’ que muito aprecio pela leitura variada, moralizadora e instrutiva que offerece em suas paginas deparei com uma Resenha política assignada por Julio Tapajós”.<sup>380</sup>

Clotilde adapta algumas idéias apresentadas por Tapajós ao caso do Ceará e acrescenta que as motivações de alguns políticos locais não estariam relacionadas a

---

<sup>376</sup>CLOTILDE, Francisca. *Pela Farça e Pela Força*. *op. cit.*, p. 44.

<sup>377</sup>*Idem*, Carta Aberta ao General Bezerril Fontenelle. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 13.

<sup>378</sup>*Idem*, *Pela Farça e Pela Força*. *op. cit.*, p. 46.

<sup>379</sup>*Idem*, *Ibidem*, p. 46-7.

<sup>380</sup>*Idem*, *Ibidem*, p. 46.

um nobre sentido patriótico, mas a “paixões ambíguas inconfessáveis”. O trecho também encerra sua observação acerca do nepotismo como moeda eleitoral e o clientelismo como balcão de negócios na política.

(...) na competição para o cargo de presidente do Ceará está um coronel em lucta aberta com um general; que os opposicionistas cansados dos longos annos do afastamento das rendosas posições, agitam-se, armam-se, peitam e subornam pela lisonja em promessas e todo esse trabalho obedece não a um sentimento patriótico, mas a paixões ambíguas inconfessáveis etc’...<sup>381</sup>

Diante dessa reflexão, o nome de Franco Rabelo surge imperativo. Não obstante pretender cultivar isenção e racionalidade em sua escrita, é notável o tom passional no texto de Clotilde, envolvido em euforia, esperança e indignação. “Não queremos outro. Elle é o íris que prenuncia o bom tempo”.

Cearenses! Mostrai que sabeis ser bravos, como tendes sido tantas vezes e que, acima de tudo, amais vossa terra e não receiaes os maiores sacrificios para defendel-a.  
Querer outro candidato è um desrespeito às leis, é acabar com a integridade do direito, é derrocar a nobreza do eleitorado e a garantia do voto<sup>382</sup>.

Ela tem consciência da dimensão histórica ao registrar acontecimentos e evoca momentos de luta para afirmar o patriotismo às “gerações futuras”. Justifica a razão que torna inquestionável o voto contra a oligarquia. “Luctar por Franco Rabello equivale a luctar pela Pátria, é pisar na arena honrosa”.

-- A victoria é nossa porque a historia registrará o nosso patriotismo em caracteres indeléveis e as gerações futuras, referendo-se ao Ceará, dirão:  
-- A Terra da Luz repelliu a treva e conquistou a liberdade, não com o auxilio de tropas e de vasos de guerra; mas simplesmente pela coragem e pelo esforço de seus filhos.<sup>383</sup>

“Pelo esforço de seus filhos”, ela diz. E de filhas também. As mulheres eram convocadas por Francisca Clotilde, no artigo *A mulher na política*, a integrar a frente de batalha em favor da regeneração na política, afirmando-se no espaço matizado pela hegemonia masculina. Contudo, para Clotilde, a participação feminina não seria designada por iniciativas definidas pela própria mulher, mas como contingência natural do “movimento progressista da humanidade”, desenvolvido de “modo extraordinário”, permitindo que ela se deixasse “arrastar na onda do

<sup>381</sup> CLOTILDE, Francisca. *Pela Farça e Pela Força*. *op. cit.*, p. 46.

<sup>382</sup> *Idem*, *O Eleito do Povo*. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 31-2.

<sup>383</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 31-2.

entusiasmo”<sup>384</sup>. À mulher não caberia uma posição de destaque neste cenário, restando-lhe ficar “ao lado do homem na luta pelas boas causas”<sup>385</sup>.

Mas este não parece ser o lugar habitualmente ocupado por Francisca Clotilde. Como em outros textos seus, a polemista restringe os lugares de atuação feminina na sociedade. A mulher não era uma flor que deveria ser cultivada entre muros? Em contrapartida, sua presença pública põe à prova tais limites ora implícitos, ora explícitos. Talvez Clotilde se perceba como uma exceção - fugindo do estereótipo das mulheres ofuscadas, retraídas, subordinadas às tarefas do lar – opondo-se, na prática, às idéias preconizadas em seus próprios escritos.

Clotilde seguramente foi de encontro às concepções misóginas de seu tempo. Como as idéias do escritor português Ramalho Ortigão, ao dizer que a mulher “superiormente instruída” não devia ser “medica, philosopha, nem litterata e que empregue todo o seu espirito, indo o seu coração ser unicamente uma esposa e uma mãe.”<sup>386</sup> Ou de Emídio Castellar, que afirma não haver “virtudes publicas possíveis quando não se baseam na santa virtude privada, que é o verdadeiro pé da arvore da vida”.

O homem, para viver tranqüilo, deve procurar o seio do lar doméstico, erigir ahi altares á virtude, á paz, dar sempre uma rosada e formosa côr a esse ultimo refugio do coração (...).  
Mas si, para o homem, é tudo isso uma lei religiosa, é para a mulher alguma coisa ainda mais: uma lei de sua natureza.  
Onde mais luz, onde mais brilha a mulher, onde se vê o seu verdadeiro esplendor, é no seio do lar doméstico. Ahi tem ella o theatro dos seus triumphos.<sup>387</sup>

A imagem que pretendeu fixar de si e sua conduta foram a de uma mulher que, através de seu trabalho, de suas letras e de sua atitude, se inscreveu no espaço público e obteve projeção intelectual e respeito. Na quarta etapa da série *O momento litterario cearense*, na *Folha do Commercio*, foi citada no grupo de romancistas modernos como “a distincta buriladora do *Divorciada*”, uma escritora “*hors ligne*, corretissima e admirável”<sup>388</sup>. Outras literatas mereciam boas referências da imprensa, como “Alba Valdez, Antonieta Clotilde, Adylla de Luna Freire,

---

<sup>384</sup>CLOTILDE, Francisca. A Mulher na Política. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 3.

<sup>385</sup>*Idem, Ibidem*, p. 3.

<sup>386</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 23/7/1911, n. 29, p. 2.

<sup>387</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 16/07/1911, n.28, p. 3.

<sup>388</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 24/9/1911, n. 38, p.1.

escriptores apreciados e talentosos, e que, por certo, dispensarão os nossos elogios”<sup>389</sup>.

A estrutura narrativa do artigo *A mulher na política* prossegue apresentando figuras femininas notáveis que contribuíram para grandes feitos. Esta memória exemplar foi, inclusive, utilizada como recurso pedagógico, ao falar de episódios históricos tomando as mulheres como protagonistas e não como frágeis e inconstantes, como se verá adiante. Referências bíblicas, enfocadas por sua literatura, são estabelecidas como parâmetros de coragem, força e diplomacia das personagens. Mulheres capazes de preparar artimanhas e eficazes “planos de batalha”.

A história bíblica fala-nos de Débora doutrinando o povo á sombra das palmeiras e dando-lhe planos de batalha para repellar o inimigo; mostra-nos a linda viúva de Bethulia que, inspirada por Deus, penetrou no campo dos Assyrios e conseguiu degolar o general Holophernes trazendo-lhe a cabeça como um trophéo aos seus concidadãos que a proclamaram a gloria de Jerusalém, a alegria de Israel.

Ao lado de Judith destaca-se a figura não menos gentil de Esther que com uma diplomacia encantadora conseguiu vencer Assuero e salvar seus irmãos oprimidos.<sup>390</sup>

Francisca Clotilde descende de um tempo em que se construíam mitos e exaltavam heróis. A doutrina positivista, que orientava os debates do século XIX, focalizava personalidades excepcionais, como comenta a historiadora Rachel Soihet. As feministas daquele tempo, em suas revistas, enciclopédias e dicionários, buscavam “apresentar modelos femininos alternativos à imagem do tradicional feminino – passivo, fútil, sem maior iniciativa”. A função dessas biografias, assinala, seria a de “provar a capacidade feminina, idêntica à masculina, de fazer a história, de construir a civilização”.<sup>391</sup>

A admiração de Clotilde por tais personagens, em especial da Velha Europa, se evidencia em diversos outros trechos de *A mulher na política*. Destaco um trecho em que a escritora ressalta os ideais de integridade e patriotismo guardados pelas mulheres ilustres.

Clotilde, a esposa de Clovis, foi fundadora da monarchia francesa e á sua influencia deveu a França um período de prosperidades e de victorias.

Foi o próprio Deus que arrancou a pastorinha de Dom Remu á placidez de sua vida simples e atirou-a no campo da luta para fazer sagrar Carlos VII e

<sup>389</sup> Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 17/9/1911, n. 37, p.1.

<sup>390</sup> CLOTILDE, Francisca. *A Mulher na Política*. *op. cit.*, p. 3.

<sup>391</sup> SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.281.

salvar o império francez. O nome de Joanna d'Arc é venerado por todos e a Igreja a colocou entre os bemaventurados porque o seu patriotismo irradiava aos reflexos da virtude mais sólida, da pureza mais angelical.<sup>392</sup>

A Revolução Francesa, em 1789, também recebia menção, no sentido da expressiva presença feminina<sup>393</sup>. Marchas de mulheres se seguiram à tomada da Bastilha e clubs foram fundados, concretizando seu desejo de participação. Nos textos, a escritora ressalta a coragem feminina no convulsionado período político: “quando a França se debatia agotada, as mulheres inflamaram-se e acompanharam os cidadãos nessa tentativa audaciosa de tomar a fortaleza secular sem temer os canhões”<sup>394</sup>. A pesquisadora portuguesa Ana de Miguel Alvarez destaca: “Impulsionadas pelo seu autêntico protagonismo e o reconhecimento público do mesmo outras mulheres como Théroigne de Mericourt não duvidaram em defender e exercer o direito de fazer parte do exército”<sup>395</sup>, referindo-se a uma mulher que também mereceu observação de Clotilde.

Théroigne de Mericourt, a revolucionária das ruas, sobressaia nas caminhadas populares e foi Mme. Rolando a alma da revolução cujo cérebro idealisava planos da mais alta política entre os Girondinos e cuja cabeça ao cair no cadafalso ainda teve lampejos de inteligência e fulgores de patriotismo.

Carlota Corday livrou sua pátria desse sanguinário Marat, a mais hedionda figura da época do Terror, e sempre o apoio da mulher, o seu concurso se manifestaram em ocasiões solenes pela causa da Pátria, pela victoria da liberdade, pelo bem do povo.<sup>396</sup>

Enfim, a conexão que Clotilde estabelecia entre luta feminina, igualdade e Revolução Francesa fazia sentido, já que os postulados iluministas afirmavam que todos os homens nascem livres e iguais. Portanto, homens e mulheres teriam direitos semelhantes. Por quê, então, as mulheres deveriam ficar de fora deste projeto igualitário?

Acredita-se que, em suas leituras, Francisca Clotilde entrasse em contato com referências femininas modelares, basicamente semelhantes às construções que

---

<sup>392</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Mulher na Política. op. cit.*, p. 4.

<sup>393</sup>De acordo com Rachel Soihet, naquele tempo “(...) destacam-se aquelas obras que creditam especial atenção ao momento da Revolução Francesa, quando as mulheres se vêem despojadas da cidadania por uma ordem que ajudam a fundar. As reivindicações se mantêm latentes, manifestando-se em outros momentos críticos da história francesa, quando vislumbram a possibilidade de brechas no sistema de poder”. SOIHET, Rachel. *Historia das Mulheres. op. cit.*, p.282.

<sup>394</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Mulher na Política. op. cit.*, p. 4.

<sup>395</sup>ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Tradução de Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002. p.19-20.

<sup>396</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Mulher na Política. op. cit.*, p. 4.

chamavam sua atenção na obra de Victor Hugo<sup>397</sup>. Era como “uma outra versão” da História. Desse modo, ensaiava uma “subversão subterrânea dos modelos recebidos, o que sugere a busca de outros valores, além de se constituírem numa arma na defesa do gênero contra as tradições misóginas”.<sup>398</sup>

Sozinhas ou em atuação complementar a dos homens, os exemplos de mulheres ilustres ou as sugestões de conduta feminina poderiam ser seguidos na luta pela defesa de direitos e representavam, para Francisca Clotilde, uma concreta possibilidade de participação para as mulheres cearenses na campanha a favor da candidatura de Franco Rabelo. Às mulheres, era possível atuar e influenciar, não necessariamente apenas através do voto<sup>399</sup> – assunto que Clotilde não abordou de forma direta no conjunto de fontes pesquisadas.

Sua crença estava na possibilidade de contribuição feminina à transformação social. Para o contexto cearense, a autora sugeria e “aplaudia” a presença de mulheres em eventos populares, além de estimular sua participação na política por outros meios, como através da orientação e de atividades relacionadas à educação, atividades femininas aceitas no período. Na percepção de Michelle Perrot, “(...) o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história”<sup>400</sup>. Clotilde oferece às mulheres uma escrita de ritmo contagiante, em um discurso que fala com entusiasmo da presença da mulher na rua, com os estandartes, participando dos acontecimentos, ensinando os filhos da pátria. “Falem contra a mulher cearense política; eu aplaudo-a porque confio que a sua presença nestas festas populares é um prenúncio de triunfo para a boa causa”.

(...) concito-a a reanimar o valor de seus filhos e a ensinar lhes que, acima dos governos mal inspirados, está a imagem da Pátria pedindo amor e sacrifício, impondo-se à nossa veneração, pairando serena e constellada como o céu que se desdobra sobre nossas cabeças lembrando-nos que Deus para remir a humanidade deve também o concurso sublime de uma

---

<sup>397</sup>Cf. 1.2. “Campanha abolicionista e a fagulha da criação”.

<sup>398</sup>SOIHET, Rachel. *Historia das Mulheres*. *op. cit.*, p.281.

<sup>399</sup>June Hahner registra que “nas primeiras décadas do século XX, um número crescente de brasileiras advogou o sufrágio feminino, uma exigência expressa pela primeira vez no final do século XIX, mas negada pela Assembléia Constituinte de 1891. Surgiam organizações formais pelos direitos da mulher à medida que a causa sufragista ganhava aceitação limitada entre os setores da elite brasileira que tomara conhecimento da aquisição do direito de voto pelas mulheres na Europa ocidental e nos Estados Unidos”. HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. *op. cit.*, p. 26.

<sup>400</sup>PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a história*. *op. cit.*, p.187.

mulher que elle collocou á sua dextra, acima de todas as creaturas no fastigio da gloria e da immortalidade.<sup>401</sup>

A lei “ainda” não dá a mulher o direito de votar e ser votada, mas não impede que elas sejam chamadas a exercer seu “dever sagrado” e a participar ao lado dos homens dos acontecimentos da cidade. A mulher poderia sair de casa, talvez deixar os filhos por um instante, para acompanhar o marido em ocasiões importantes.

Em que se pese aos obscurantistas o tempo do fuso e da roca já desapareceu na voragem do passado e hoje a mulher não tem o direito de se apresentar nos comícios eleitoraes porque a lei não lh’o quiz ainda conferir, tem o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando elle se bate pela pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso.<sup>402</sup>

O “dever” de acompanhar o homem não implicava que as mulheres não pudessem adquirir uma organização autônoma. Então, indaga Clotilde: “Porque estranhar que se tenha creado a Liga feminina em prol de uma candidatura que é a esperança de um Estado opprimido e digno de melhor sorte?”<sup>403</sup>. A organização teria contado com a participação da também escritora Alba Valdez e articulado, ao lado de movimentos pró-Rabello, uma passeata para o 14 de janeiro de 1912, um domingo. Recomendava-se traje “a vontade, pedindo-se porem a todas que conduzam no braço esquerdo um laço com as cores adoptadas”<sup>404</sup>.

Os manifestos e panfletos eram instrumentos eficazes de mobilização. Um deles saudava a Liga Feminina, a família cearense e a soberania do povo. O impresso pedia, às famílias residentes nos prédios das ruas por onde iria passar a Liga, a ornamentação da fachadas das casas “afim de emprestar maior brilhantismo a esta digna e patriótica manifestação”. Desta forma, “demonstram a sua solidariedade com a causa dos que trabalham pela libertação do Ceará”.<sup>405</sup> Outro panfleto das mulheres, no dia anterior da passeata, apelava aos proprietários de estabelecimentos e até aos “rapazes do Club Iracema”, que se unissem ao esforço da Liga Feminina

---

<sup>401</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Mulher na Política. op. cit.*, p. 5.

<sup>402</sup>*Idem, Ibidem*, p. 5.

<sup>403</sup>*Idem, Ibidem*, p. 5.

<sup>404</sup>Panfletos, Boletins e Pasquins: sem titulo. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

<sup>405</sup>Panfletos, Boletins e Pasquins: sem titulo. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

O Prestito d'Amanhã

A Liga Feminina espera também contar com o valioso auxílio dos distintos proprietários do Maison Art-Nouveau, cafés do Comercio, Carmo, Java, Iracema, Elegante e Avenida; Polytheama, Rotisserie e Restaurant Heraclito, a fim de que a Avenida 7 de setembro apresente um aspecto verdadeiramente encantador.

O mesmo appello fica feito aos proprietários de hotéis, estabelecimentos comerciais por onde tem de passar o prestito, bem como aos valentes rapazes do Club Iracema<sup>406</sup>.

Para o escritor Rodolfo Teófilo, as cearenses tomaram parte ativa naquele contexto político, com destaque para Elvira Pinho, Maroca Sombra, Adelaide Amaral “e muitas outras cujo nome nos escapa”. Na manhã do domingo, começava-se a enfeitar as casas, fazendo crer que “o prestito da Liga Feminista devia ser uma cousa imponente. A passeata de 14 de janeiro confirmaria este ponto de vista, “a julgar pelos annuncios, pelos convites espalhados em boletins”.

Por toda a parte tremulavam bandeiras verde e amarelo e quasi a totalidade das casas de Fortaleza estavam enfeitadas. Uma comissão da Liga foi ao quartel general, convidar ao Coronel José Faustino para assistir a passeata. Prometteu ir. Não sei se por saber do que se dizia da dispersão do prestito foi aquelle militar a palacio e o Sr. Accioly disse-lhe que ia mandar a sua cavallaria policiar a cidade para manter a ordem<sup>407</sup>.

Às quatro em ponto, a passeata percorria o Centro de Fortaleza. A bandeira brasileira fora conduzida por Manoel Franco, seguido do estandarte auri-verde da Liga Feminista Franco Rabello, com suas 947 associadas<sup>408</sup>. As memórias de Rodolfo Teófilo falam de “cerca de duas mil senhoras e senhoritas, todas vestidas de branco, com um laço de fita verde a amarelo ao hombro e equal tambem no cabelo”<sup>409</sup>. A manifestação pública da mulher cearense “varonil e honesta” prosseguia, contagiando cerca de dez mil pessoas.

Para o domingo seguinte, em 21 de janeiro de 1912, anunciava-se a passeata de crianças, para promover mais apoio à campanha. Era uma forma que o movimento encontrou de anular eventuais represálias do governo e garantir a expressão popular, na Praça do Ferreira. Os símbolos de veneração<sup>410</sup> à Pátria se

---

<sup>406</sup>Panfletos, Boletins e Pasquins: sem titulo. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

<sup>407</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará*: queda da oligarquia Accioly (1914). *op. cit.*, p. 102-3.

<sup>408</sup>Panfletos, Boletins e Pasquins: sem titulo. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

<sup>409</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará*: queda da oligarquia Accioly (1914). *op. cit.*, p. 103-4.

<sup>410</sup>Rodolfo Teófilo descreve um pitoresco momento, em que a população utilizou jerimums para enaltecer o patriotismo e a imagem de Franco Rabello. “O seu retrato, em ponto grande, em rica



apresentavam. Fitas auri-verde no peito, sobre uma medalha com o retrato de Rabelo, além de estandartes, coloriam a rua.

Era quasi sol pôr...

O mimoso prestito formado de milhares de creanças trajando festivas galas e ostentando significativos emblemas chegara á Praça do Ferreira, principal arteria de vida e animação na lendaria Fortaleza, a Perola do Norte. (...) a cidade movimentava-se estadeando pompas, apresentando o aspecto que tem nas grandes solemnidades, nas festas patrioticas.<sup>411</sup>

Então, “a penna recua descrevendo o sinistro desfecho desta passeiata que tinha por objectivo render uma homenagem ao candidato querido do povo cearense”<sup>412</sup>. Francisca Clotilde conta como o ato foi dissolvido à pata de cavalo. A capital transformava-se em praça de guerra. A imaginação literária cede lugar ao exercício jornalístico no relato dos acontecimentos.

Subto houve uma transformação! As purpuras crepusculares tomaram cores sinistras, o ultimo viva quebrou-se ao grito lancinante que parecia um estertor...

A cavallaria infrene, por ordem superior, investira contra o bando, que fugiu espavorido, numa debandada horrorosa. Soluços e gritos desesperados augmentam a confusão. Mães desvairadas anathematisan os modernos Herodes que bem merecem as maldições dos céos porque atacar a innocencia é o maior dos crimes. Creanças jazem mortas ; outras feridas.<sup>413</sup>

Apesar da tragédia, a polemista reafirma que o povo não desistiu de seus objetivos e continuava a entoar expressões de ânimo e coragem, até a queda da oligarquia. “Não sei, mas parece-me que a magnanimidade excedera o heroísmo dos jovens combatentes e tornou-o ainda mais sublime”.

Andou nos cantos populares, espalhou-se às auras que agitaram a bandeira da revolta contra o governo opressor e no día do arranco decisivo, mal se extinguíam os vivas alviçareiros e entusiasticos, à triste convulsão dos soluços de mães desvairadas vendo os filhinhos caídos sôb as patas

---

moldura, havia sido levado em procissão e depositado na mais frequentada casa de diversões de Fortaleza, o Art-Noveau. Todos os dias lá iam os devotos daquelle idolo enfeitado com flores naturaes. Uma feita eu lá estava e vi um velho, homem do povo, chegar perto ao retrato e depositar com muito carinho um pequeno ramilhete de mangericão e perperuas, aos pés do seu salvador. O povo acreditava que Franco Rabelo era o enviado de Deus para salvar-o. Tiveram aviso d'isto pelos gerimuns que estavam sendo este anno de côres verde e amarella. Effectivamente muitos gerimuns com aquellas côres, e ao Coronel Franco Rabelo foi offerecido um destes fructos quando fez excursão ao interior. A abundancia de gerimuns com as côres nacionaes me chamou a attenção e investiguei a causa. Não era um aviso, um prognostico de Deus, mas uma esperteza do povo, talvez o mais intelligente do Brazil”. TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará*: queda da oligarquia Accioly (1914). *op. cit.*, p. 99.

<sup>411</sup>CLOTILDE, Francisca. 21 de Janeiro. In: CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na “Folha do Commercio”. *op. cit.*, p. 15.

<sup>412</sup>*Idem, Ibidem*, p. 16.

<sup>413</sup>*Idem, Ibidem*, p. p. 15-6.

dos cavallos de soldados cobardes, algoses inconscientes da innocencia radiosa, eis que vibravam de novo as syllabas que o formavam em accentos de impetuosa coragem e máscula energia.

(...)

Foi-se a queda da prepotencia; ruiu a olligarchia<sup>414</sup>.

A participação e o compromisso dos cearenses foram decisivos para o êxito da empreitada popular. Contudo, na visão da autora, havia uma parcela de influência do destino e de “providência divina”, a auxiliar na conquista dos objetivos políticos da maioria. Fala em “mez predestinado pela Providencia”.

Foi-se a queda da prepotencia; ruiu a oligarchia e essa bellissima e memoravel manhã de Janeiro, o mez predestinado pela Providencia para a justa vindicta, viu hastear-se em palacio a bandeira branca que pedia misericordia.

E teve-a de sobra o povo generoso que estacou sem acção ante o compungente spectaculo de um velho vencido e de uma familia derrotada.<sup>415</sup>

A batalha política adquire acento religioso, graças à imaginação literária de Clotilde. Os direitos da Pátria são classificados como “sagrados” e ela compõe metáforas para reiterar a oposição entre Deus – Rabelo – Verdade e Satanás – Acioly – Mentiras. A oligarquia e seus apoiadores são alçados à categoria de “inimigos da Igreja”. Pois “Satanas cedeu-lhes o privilegio da mentira, por tudo falsificam e deturpam; nós nos batemos pela verdade que é una, santa, indivisível e ha de infallivelmente vencer”.<sup>416</sup>

Não lhes fala à consciencia embotada o sentimento religioso porque votam com os inimigos da Igreja, nem os edifica o exemplo dos bons cidadãos que estão dispostos a sacrificar a propria vida em defesa dos direitos sagrados da Patria!<sup>417</sup>

Mesmo após momentos críticos, Nogueira Acioly recusou-se a entregar ao Exército o policiamento das ruas, e Tiros de Guerra de outras cidades foram convocados à capital e tomar parte na luta. Em 23 de janeiro de 1912, as tropas federais nas ruas concretizaram a intervenção. Francisco Sá, genro de Acioly, via na renúncia a única chance de salvar a vida do sogro, cuja residência era alvo de manifestantes. Em 24 de janeiro, assumiu o Governo o primeiro vice-coronel Antônio de Carvalho Mota. Clotilde questiona a manobra política dos Acioly, destacando os assassinatos ocorridos.

---

<sup>414</sup>CLOTILDE, Francisca. O Candidato do Povo. *op. cit.*, p. 37.

<sup>415</sup>*Idem, Ibidem, op. cit.*, p. 37.

<sup>416</sup>*Idem, Pela Farça e Pela Força. op. cit.*, p. 47.

<sup>417</sup>*Idem, Ibidem, op. cit.*, p. 45.

Levantou-se um punhado de moços, investiu de rifle em punho contra os infanticidas e em breve são elles mais numerosos, muito mais, cresce sempre o numero e no dia seguinte são mil, já è um exercito de bravos dispostos a tudo.

E ha quem ouse dizer que o presidente do Ceará renunciou o cargo para evitar o derramamento de sangue!

Mas de onde partiu o ataque brutal e sem exemplo na historia dos povos cultos?

Quem mandou atirar sobre os defensores da innocencia espesinhada durante 3 dias?<sup>418</sup>

O 24 de janeiro foi considerado pela escritora o “o dia culminante da história do Ceará”<sup>419</sup>, por marcar o fim do governo aciolino. As frases “Viva o Ceará Livre! Viva a soberania do povo!”, tão utilizadas por Clotilde, apareciam com frequência nos panfletos que agitavam a cidade. Neste, a história do 24 de Janeiro é inscrita nos lugares, que passam a trazer a memória do jogo político. “Esta data gloriosa para o povo de Fortaleza, representa o dia em que tombou para não mais se levantar, a olygarchia acciolyna”.

Convida-se ao heroico povo desta cidade, para assistir hoje, á 1 hora, a substituição das placas da Rua Municipal, por outras denominadas

**Rua 24 de Janeiro (...)**

Foi nesta rua, em que o velho tyranno assassinou creanças, que o mesmo içou a bandeira pedindo misericórdia.

Portanto, todas as classes e todas as ligas libertadoras, com os respectivos estandartes, devem comparecer a este acto, digno de toda solemnidade.

24 de Janeiro é uma tríplice gloria para todo o povo cearense, pois elle representa a queda do despotismo, a vingança da infancia e o heroismo da mocidade.<sup>420</sup>

De fato, para a escritora, “o povo não pode ser, não será jamais a victima dos oligarchas de tetrica memoria!”. Sua soberania “não será jamais vencida”, afirma. O Ceará, mesmo sendo um lugar “pobre, batido pelas seccas, mal compreendido pelos filhos ingratos”, tem suas “glorias, corações patriotas, almas generosas e puras que não recuarão ante os maiores sacrificios, que tudo invidarão para que seja respeitada sua autonomia. Nada de recùos!”<sup>421</sup>

Na manhã de 25 de janeiro, no entanto, a cidade foi perturbada pelo aviso de que Hermes da Fonseca ordenava a devolução do cargo a Nogueira Acioly. Rodolfo Teófilo estava na Praça do Ferreira, quando a notícia chegou ao povo. O escritor se

---

<sup>418</sup>CLOTILDE, Francisca. 21 de Janeiro. *op. cit.*, p. 16.

<sup>419</sup>*Idem*, Carta Aberta ao General Bezerril Fontenelle. *op. cit.*, p. 12.

<sup>420</sup>Panfletos, Boletins e Pasquins: sem titulo. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

<sup>421</sup>CLOTILDE, Francisca. 21 de Janeiro. *op. cit.*, p. 17.

achava na Praça do Ferreira “quando começou a circular a noticia e não sei em que instante aquelle logradouro publico ficou literalmente cheio de gente, tendo mais de quinentos homens em armas. Pude então avaliar o que é a colera popular”. E não se tratavam de homens comuns, mas “homens de certa cultura e bem nascidos”<sup>422</sup>.

Em 12 de fevereiro, a oligarquia lançou o general Bizerril Fontenelle como seu candidato. A ele, Francisca Clotilde dirige uma carta aberta em resposta ao manifesto de autoria do político. Um documento que, segundo Teófilo, “nada abona o seu criterio e cultura intellectual”<sup>423</sup>. O fato de o general ter firmado aliança com a oligarquia aciolina, para ela, determina o destino político do militar. Fosse em outra ocasião, poderia ser “acolhido com affecto”. Mas, naquele momento, para Clotilde, ele poderia ser incluído no grupo dos “odiosos” que “dizem por ahi afora que precisamos de conciliadores porque se fez a anarchia entre nós”<sup>424</sup>, referindo-se aos movimentos populares supostamente não-organizados.

Li o vosso manifesto e com franqueza causou-me desagradável impressão. Rejeitado pertinazmente pelo ex-oligarcha, quando podíeis ter sido apresentado com muito gáudio aos cearenses para candidato á suprema direcção do estado, repellido pelos áulicos que rodeavam o governo agonizante, o qual capitulou sem resistência ante a explosão dos heróicos batalhadores de Ceará escravizado, appareceis agora como taboa salvadora aos naufragos políticos que receiam cada vez mais ser arrastados no torvelhinho que aniquilou os prepotentes e mandões que se foram.<sup>425</sup>

Sem conquistar “as sympathias e a veneração dos bons patriotas”, o general traria a seu governo “se por accaso, se realizar a vossa eleição, uma série de desgostos e perturbações”. E afirma que a “apresentação tardia” do nome de Bizerril trata-se de “uma esperança suprema, a cartada última, o *maior de espadas*, como se diz vulgarmente, para os dacaídos, ávidos de posições e de gordas mammatas”.

Declaraste não ler os jornaes da opposição, hoje triumphante; mas haveis de ter ouvido, porque o facto ecoou nos centros mais civilizados dentro e fora do Brasil que o governo extincto se entregou não para evitar derramamento de sangue, mas porque não lhe era mais possível agoentar-se; que o povo ao troar da fuzilaria fazia do nome do Cel. Franco Rabello o seu grito de guerra hoje, como homem, está disposto a sustentar a sua candidatura (...)<sup>426</sup>

---

<sup>422</sup>TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly* (1914). *op. cit.*, p. 157.

<sup>423</sup>*Idem, Ibidem*, p. 178.

<sup>424</sup>CLOTILDE, Francisca. Carta Aberta ao General Bezerril Fontenelle *op. cit.*, p. 12.

<sup>425</sup>*Idem, Ibidem*, p. 11.

<sup>426</sup>*Idem, Ibidem*, p. 13.

A polemista dirige-se novamente ao general e conclui que esta aliança política poderá por em risco “a hombridade de vosso caráter de republicano correcto”, gerando novas discórdias – que poderiam culminar em tensão política semelhante a do mês de janeiro.

E’ um conchavo político, um arranjo partidário, uma convenção imtempéstiva; mas não será nunca, o affirmo convictamente e conmigo todo o cearense consciencioso, a expressão da vontade popular. Nunca! Os factos ahi estão comprovando o que ousou diser.<sup>427</sup>

Quando o governo federal resolve intervir na oligarquia cearense e indicar Marcos Franco Rabelo para governar o estado, os coronéis reagem brutalmente, com o apoio de Padre Cícero. Rabello venceu, tomou posse, mas não obteve a maioria na Assembléia. O grupo contrário então instalou uma Assembléia em Juazeiro e deu posse a Floro Bartolomeu, representante do Padre Cícero. Francisca Clotilde denuncia a situação e fala em derramar sangue, se preciso for, para assegurar os direitos do povo.

E’ preciso declarar bem alto perante o mundo civilizado, perante os homens de brio: Os Inimigos do Ceará contam com a Assembléia pára reconhecer o candidato derrotado nas urnas, no pleito de 11 de Abril. Querem por força dominar, reconquistar a terra que deviam acatar e engrandecer e nós contamos com a força do patriotismo que vem da consciência de um povo que não hesitará em derramar a ultima gotta de sangue na defeza dos seus direitos.<sup>428</sup>

A atitude da escritora de se pronunciar com veemência naquela conjuntura fortalecia o exercício de cidadania de uma mulher que mostrava ganas de tornar-se participante ativa de um momento crucial da política da província. Recorre à história como “mestra da vida”, associando o passado ao obscurantismo e, ao mesmo tempo, a um tempo de glórias que deve ser atualizado. Esclarece, ainda, os objetivos de sua luta: “queremos um governo justo que faça respeitar a lei, e realize o ideal da ordem e progresso e somente o candidato aclamado pelas multidões pode fazel-o”<sup>429</sup>.

A Terra da Luz não pode desmentir o seu glorioso passado. Tem escripta em caracteres de ouro, nas paginas de honra da Historia, a epopêa de sua grandeza; desde eras mais remotas até a magna campanha do abolicionismo que lhe valeu o bello cognome que tanto a ennobrece, não deve agora recuar quando se trata de sua liberdade republicana, de seu alevantamento moral.<sup>430</sup>

<sup>427</sup> CLOTILDE, Francisca. Carta Aberta ao General Bezerril Fontenelle. *op. cit.*, p. 13.

<sup>428</sup> *Idem*, Pela Farça e Pela Força. *op. cit.*, p. 46.

<sup>429</sup> *Idem*, Manejos Políticos. *op. cit.*, p. 50.

<sup>430</sup> *Idem*, A Attitude do Povo. *op. cit.*, p. 40.

Os textos de Clotilde representavam uma arena onde se confrontavam as mais representativas forças políticas de seu tempo. Longe de propor uma literatura amena, se impõe com tintas fortes. A escrita, de conteúdo distinto dos manuais de moças e catecismos lidos por muitas senhoras, revelava a intelectual que dominava o léxico militante.

Não teremos garantias no poder central que deve conservar firme o princípio constitucional?

Se tudo nos faltar temos ainda o patriotismo que não desfalece, a coragem que não recuará, um symbolo que nos dará alento e vigor e acima de tudo Deus, o arbitro supremo – que não consentirá no aniquilamento de um povo sobre cujas cabeças esplende o Cruzeiro retratando com o ouro das estrelas o emblema de nossa Fé e a grandeza de nosso martírio.<sup>431</sup>

A posição declarada por Clotilde é resultado de uma determinação social e histórica, que a permitia ultrapassar a fronteira entre público e privado, papéis masculinos e femininos. Como Bertha Lutz ou Maria Lacerda de Moura<sup>432</sup>, a cearense Francisca Clotilde também dedicava sua escrita a serviço de uma causa. Talvez a polemista talvez não agisse de acordo com o que era esperado de uma mulher na época. Aos 49 anos de idade, não subordinava sua arte à rotina do lar.

O contexto ilumina a personagem, imersa em uma rede de diversificadas relações sociais, onde desenvolve sua trajetória pública. O trânsito entre políticos e religiosos e o destaque na imprensa foram mérito seu, mas também eram inspirados pela dinâmica urbana do período. Como mulher, explorava de forma pioneira essa vertente e contribuía para as o exercício de cidadania através da escrita feminina. A estratégia de transmissão de seus textos em *Pelo Ceará* era imbuir-se do espírito que contagiava a província e lançar-se ao embate de idéias, no intento de contribuir para o debate travado entre partidários da oligarquia e seus opositoristas, com um discurso persuasivo e eficaz. Ressaltava o compromisso na direção da defesa intransigente da soberania popular e do patriotismo. “Para a victoria da causa santa pela qual nos batemos não ha necessidade de outra cousa, a não ser um accendiado amor ao Ceará”<sup>433</sup>.

---

<sup>431</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Attitude do Povo. op. cit.*, p. 41.

<sup>432</sup>Sobre a trajetória de Maria Lacerda de Moura, é interessante consultar os estudos de GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge. *Maria Lacerda de Moura: uma anarquista individualista brasileira*. In: *Utopia: revista anarquista de cultura e intervenção*. [s.l.]: [s.n.], 1999. n. 9; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

<sup>433</sup>CLOTILDE, Francisca. *Manejos Políticos. op. cit.*, p. 50.

Francisca Clotilde, contudo, jamais deixou de lado sua jornada literária e pedagógica. Uma mulher que vencera preconceitos e obstáculos através da missão de educar e instruir, tornando-se reconhecida como um expoente da literatura de seu tempo. Apesar de alguns infortúnios e tristezas, Francisca Clotilde cultivava uma existência cercada de reverências a seu trabalho.

Ao lado de Antonieta Clotilde, de Carmem Taumaturgo e de colaboradores de lugares vários, de ambos os sexos, a escritora participou ativamente da direção e da redação da revista literária *A Estrella*. O extenso material dá a medida da extensão desse projeto literário e educacional – das 194 edições publicadas entre 1906 e 1921, obtive cerca de cinquenta, em papel ou microfilme, algumas incompletas. As mais de mil páginas analisadas contam apenas parte da história de uma das publicações femininas mais duradouras de que se tem registro.

## CAPÍTULO 3

### PÁGINAS DE ENCONTRO

*Ser-nos-á preciso uma árvore e um pomo. A árvore é a tribuna e a imprensa; o pomo é a palavra dirigida á parte feminina do ser. Todos nós, mesmo na maturidade, temos um quê de criança e de mulher, e feliz d'aquelle que, ao masculino de homem voluntarioso, reúne aquellas duas doçuras.*

*Para ser nobre é preciso saber sentir.*  
*Oliveira Paiva*

Uma das filhas de Francisca Clotilde crescera mirando esta referência feminina. Antonieta Clotilde acompanhou a trajetória da mãe, que a criou junto com seus irmãos praticamente sozinha. Os modestos proventos garantidos nas aulas, na escola e em alguns textos e colaborações, sustentavam a família, que percorria o interior cearense em busca de uma tranqüila morada.

Antonieta tornar-se-ia literata e professora, como a mãe. Adotou o nome “Clotilde” para compor a assinatura que a consagraria, sem empregar sobrenome paterno, Duarte ou Bezerra. Homenageava a mãe que passaria a auxiliá-la na ousada de publicar uma revista de mulheres e crianças no interior do Ceará.

Talvez nem Antonieta, aos 16 anos, pudesse supor que os escritos “mimosamente” reunidos no primeiro número, redigido em modesto papel almaço, pudessem se propagar por 15 anos<sup>434</sup>. Talves nem as mais idealistas pudessem conceber sua duração – uma publicação de 194 números, entre 1906 e 1921, que seria conhecida por ser “interessante revista literaria, com a sua leitura amena, variada e sã”, que proporcionou um “impulso benefico de adiantamento intellectual no meio em que vive, como elemento efficaz dessa grande força motriz, que é a imprensa”<sup>435</sup>.

Era 28 de outubro de 1906<sup>436</sup>, em Baturité, a penúltima parada das Clotildes antes de chegarem a Aracati. Antonieta e a prima Carmem Taumaturgo eram meninas que brincavam de ser beletistas e iniciavam a desprestigiada publicação, a partir de um concurso de caligrafia.

---

<sup>434</sup>Sobre a publicação, realizei ensaio publicado em livro, sob o título ALMEIDA, Luciana Andrade de. *A Estrella: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)*. Coleção Outras Histórias, 45. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.

<sup>435</sup>ANGELO, R. Cinco Annos. *A Estrella*, Fortaleza, março de 1912, n. 109, p. 17.

<sup>436</sup>Quatro anos antes, em 1902, as irmãs Amélia e Olga Alencar fundaram *O Astro*, outra revista cearense dirigida por mulheres.



Foi hontem... e um triennio já percorre a <<Estrella>>, a principio tentamem jornalístico por entre garrulices infantis, á guisa de um concurso calligraphico, mais tarde um minuscuro jornal circunscripto ás collaboradoras, anjinhos de faces rosadas, cabecinhas louras e olhares doces (...); e hoje uma revista mensal, util e recreativa, fornecendo bôa e amena leitura (...)

Antonietta Clotilde é o exemplo do asserto. Filha de uma mulher intelligente e estudiosa, desde tenra idade inclinou-se á preocupação materna não só pela imitação, o que é commum ás crianças, como por indole.

(...)

E assim seguiu inscientemente a senda materna.<sup>437</sup>

Antonietta revelava pendor à palavra impressa e preferia a pena e o papel aos folguedos e bonecas. Carlyle Martins também recupera a história na edição comemorativa do décimo ano da publicação e fala dos motivos que tornam a existência d'*A Estrella* um feito notável, enquanto publicações do gênero oscilavam entre a indiferença e circulação efêmera, quase sempre por dificuldades financeiras.

Causa verdadeira admiração como a “Estrella” tem mantido a sua publicidade, através de dez anos, enfrentando os mais terríveis empecilhos, que tentam apagar o seu fulgor, num meio como esse em que certas empresas não têm o concurso de todos. Torna-se mais notável a sua longa existência, por ser ela uma revista literária e quase todos os jornais no gênero têm uma vida tão efêmera como as *rosas de Malherbe*. Antonietta, ao lado de sua querida mãe, a exímia poetiza F. Clotilde, enfrenta com denodo esta indiferença para sustentar o seu simpático periódico, que pugna pela causa do beletismo pátrio<sup>438</sup>.

“Quantas revistas de letras já têm, não direi no Ceará mas no Brasil, festejado seu décimo aniversário?”, indaga Odorico Castello Branco, no artigo intitulado *Uma Revista feminina*. Poucas, ele diz. “Será necessário buscá-la com cuidado, para descobrir-se alguma que possa ter a honra de formar ao lado da pequena ‘Estrella’<sup>439</sup>. As razões da longevidade do empreendimento editorial são diversas e se ramificam a partir da perseverança de suas editoras, da constante atualização da qualidade gráfica, da diversidade de colaboradores e textos, do projeto cívico e educacional representado em suas páginas e do crédito ao nome de Francisca Clotilde, cujos sonetos e peças de teatro figuram com destaque na publicação.

*A Estrella* inaugura, portanto, um novo tipo de procedimento no meio impresso. Diferença que ganhava ainda mais relevo em um meio intelectual

---

<sup>437</sup> *A Estrella*, Aracati, outubro de 1909, n. 82, p. 1.

<sup>438</sup> MARTINS, Carlyle. Atravez de um Decennio. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1916, p. 25.

<sup>439</sup> BRANCO, Odorico Castello. Uma Revista Feminina. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1916, p. 26.

acanhado, na revista feita por uma professora-literata e uma literata-professora que conquistavam a palavra e se reconheciam nas palavras escritas.

O crescimento deste novo público leitor infantil<sup>440</sup>, ocasionado em parte pela expansão da educação primária, estimula a existência da publicação, repercutindo no movimento editorial da região. A *Estrella* revelava uma possibilidade de leitura para além dos livros didáticos, incorporando ao repertório de crianças e da mocidade a leitura amena na forma de poema, teatro, crônica, conto e textos bíblicos, entrando em contato com os conteúdos autorizados pela boa moral.

### 3.1. “UM QUÊ DE CRIANÇA E DE MULHER”

Quando a família de Clotilde chegou em Aracati, em 1908, a revista contava cinquenta e seis edições<sup>441</sup>. Era impressa em folha quase transparente, de baixa gramatura, por ser mais em conta. Naquelas condições, realizava seu argumento de sedução introduzindo o cor-de-rosa ou o azul na coloração do papel. Já a partir de 1910, notam-se substanciais mudanças gráficas, a começar da capa colorida em papel acetinado. Uma larga variedade de chichês, com flores, delicados tipos, vinhetas decorativas e fotografias eram acabamentos de grande valor. A iniciativa das beletristas ganhava adesão de colaboradores que encamparam o projeto.

As capas d'A *Estrella*, até 1910, traziam um soneto de Francisca Clotilde, intercalados anos depois com imagens de mulheres e, principalmente, de crianças. Eram fotos acompanhadas de um perfil, no qual a “mimosa” criança “dizia” quem eram seus pais, a cidade onde vivia, seus sonhos. As imagens de mulher, por sua vez, vinham com referências a seu nome e de seu esposo, sendo comum a presença de versinhos ao lado.

Em busca de qualidade e bom preço, as redatoras buscaram diferentes tipografias. Mudanças que eram registradas nas capas d'A *Estrella*. Até outubro de 1910, a revista rodava nas máquinas da Secc. Graphica d'O Aracaty; a partir do mês seguinte, ganhava vida na prensa de Fortaleza, na Tipografia Escolar, à rua Sena Madureira, número 113A; de 1915 em diante, volta a ser impressa em Aracati, na Typographia Jaguaribe, à rua do Comercio, número 162.

---

<sup>440</sup>Sobre características de publicações voltadas ao leitor infantil, é interessante consultar o trabalho de LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. *op. cit.*, v.2.

<sup>441</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. v.1. *op. cit.*, p. 280.



Figura 4 - Capas das edições de dezembro de 1908; novembro de 1913; outubro de 1915; novembro de 1916; dezembro de 1918; outubro-dezembro 1920 (Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano).

Não havia registros das tiragens da revista, mas supõe-se larga, chegando a diversos lugares. Eram enviadas aos assinantes de acordo com uma tabela de preços praticamente fixa em toda sua existência - a assinatura anual custava 5\$000, a semestral era 3\$000 e o exemplar avulso, \$500. Com freqüência, solicitava “delicadamente” a gentileza de efetuarem o pagamento adiantado e a regularização dos atrasados, para custear as despesas de remessa, de tipografia e outros custos,

“afim de continuar a Revistasinha a lhes ser remetida com a punctualidade que temos empregado até hoje em sua expedição”<sup>442</sup>.

Sem nenhum tipo de anúncio, sua base econômica vinha desses assinantes, que auxiliavam a revista e divulgavam seu nome para ampliar a rede de leitores. Uma edição de 1912 lista os agentes d’ *A Estrella* e suas respectivas cidades. A articulação desta equipe deve ter sido feita através de Francisca Clotilde, uma mulher próxima de intelectuais reconhecidos e pessoas de projeção social que prescreviam leituras em seus lugares. A partir deles eram difundidos os impressos.

Beberibe - Rev<sup>o</sup> Padre Paulino Nogueira  
Limoeiro - Rev<sup>o</sup> Padre Arcelino Vianna  
Granda - Porfirio Motta  
Ibiapina - Pedro Ferreira  
Maceió - Carlos Rubens  
Rio de Janeiro - Hugo Motta  
S. Paulo de Olivença - Francisco Torres Cordeiro  
Anajás - Major Euclides Comarú  
Afuá - Major Jacintho Gama Nery  
Xapury (Acre) - Rubens Thaumaturgo<sup>443</sup>

Otília Sá, da localidade de Monguba, quis aderir ao grupo assim que tomou de empréstimo *A Estrella* e foi cativada pela publicação, passando a assiná-la. Em seus versinhos, mostra gratidão à amiga que lhe apresentou a revista e revela um costume em voga: a leitura de empréstimo, que passa de mão em mão. Leitura que seduziu Otília, que classifica a publicação como de entretenimento e companhia de horas de amargura, como uma leitura leve, de fuga.

Nada perdeste, Maria,  
Emprestando-me a <<Estrella>>  
Por ella fiquei captiva  
Nunca vi cousa tão bella.

Envio-te esta importancia  
Para uma assignatura,  
Pois a <<Estrella>> vem tirar-me  
Muitas horas de amargura.

Bella <<Estrella>>. Eu prometto  
Por ti muito trabalhar;  
Quero que todos conheçam  
Tão lindo astro a brilhar<sup>444</sup>.

---

<sup>442</sup>É BOM LER. *A Estrella*, Aracati, dezembro de 1915, n. 149, p. 14-5.

<sup>443</sup>EXPEDIENTE. *A Estrella*, [s.l.], [s.d.], p. 16.

<sup>444</sup>ALBUM DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, n. 172, p. 10.

Outra mulher que aderiu ao projeto foi a correspondente Maria da Silveira, a quem foi encaminhada a missiva assinada pelo ilustrado Dr. Hermes Parahyba, juiz substituto da cidade do Jardim, no Ceará. Esta demonstração de apreço e reconhecimento à Maria fora publicada na revista – talvez pelas palavras que atestavam o poder intelectual da mulher. A carta acabava sendo destinada a todas as Marias, Franciscas e Joaquinas que cultivavam o apreço pela cultura e se aplicavam na técnica da escrita.

Recebi, com imensa satisfação, o pedido que V. Exca. me fez para aceitar uma assignatura da <<Estrella>>, essa joia que dá um forte attestado do poder intellectual da mulher, que homens da estatura de Enrico Ferri e outros consideram inferior ao homem, e agradeço a lembrança que V. Exca. teve de meu humilde nome. Aceito a assignatura e desejo á <<Estrella>> muita vida. Sem mais, queira aceitar os meus protestos de consideração e estima.<sup>445</sup>

O público da revista era composto de expoentes da política, da religião e da intelectualidade; de literatos e literatas, experientes ou iniciantes; de crianças que se espelhavam nestes exemplos e realizavam seus primeiros ensaios na prosa e na poesia; de famílias burguesas que viam seus trajes, hábitos e idéias estampados em páginas cuidadosamente elaboradas.

O perfil destes leitores coincide com o dos escritores, que produziram folhetim, conto, crônica, artigo, soneto, tradução, dramaturgia, notas sociais e registros da história da própria publicação, em colunas ou nos rodapés. As indicações de leitura, de textos presentes na própria edição da revista, eram freqüentes e orientavam o leitor a aproveitar o conteúdo oferecido.

Chamamos a atenção de nossos gentis leitores para o interessante conto "A Princesa Bemvinda" que hoje ornamenta as paginas da "Estrella" e que, estamos certas, deixará a melhor impressão em todos os apreciadores do maravilhoso, proporcionando-lhes momentos agradabilissimos<sup>446</sup>.

<<As lagrimas de Marion>> é o nome de um lindo conto que começamos a publicar na presente edição com o intuito de deliciar os nossos leitoresinhos que amam esse genero da literatura. Esperamos que muito agradará sua interessante leitura<sup>447</sup>.

Entre os temas escolhidos pelos colaboradores, estavam as histórias envolvendo natureza, amizade, cotidiano, mulheres apaixonadas e sonhadoras, moda e casamento. Acompanhando o recurso editorial em voga, talvez pretendendo

---

<sup>445</sup>A *Estrella*, [s.l.], [s.d.], p. 10.

<sup>446</sup>A *Estrella*, Aracati, agosto de 1915, n. 146, p. 22.

<sup>447</sup>A *Estrella*, [s.l.], [s.d.], p. 13.

certo cosmopolitismo, recorria a poemas em italiano, inseria palavras em inglês e trechos em francês em seus textos. Também seguia a forma editorial de então, segmentando a edições sucessivas o conteúdo, a incentivar o hábito do colecionismo.

A *Estrella* contava com seções fixas. *Gracilidades* noticiava desde eleições até noivados, aniversários, mudanças de residência, viagens de conhecidos, presença de figuras ilustres na cidade e livros recebidos pelas redatoras.

Registramos com o maior prazer o nascimento de Carmelia, uma gentil criança que veio aformosear a residência do major Bento Collares, a 16 de Julho proximo findo. Almejamos á mimosa recém-nascida uma rosea e feliz existencia.

O nosso illustre assignante e habil pharmaceutico João Adolpho Gurgel do Amaral, realisou a 12 de Julho o seu enlace nupcial com a graciosa senhorita Dulce Costa Lima. Aos jovens desposados auguramos as mais doces venturas<sup>448</sup>.

É sempre bem recebida em nosso atelier a simpática visita da “Gazetinha” cuja leitura variada e deleitante é um verdadeiro primor. À gentil coleguinha almejamos longo existir acariciado pelo favor público que não deve regatear aplausos às idéias generosas.

Em boa hora apareceu nesta cidade sob a proteção da Virgem “O Rosário” que se dedica à causa santa da Religião. Que o novo campeão prossiga intemerato o itinerário honroso que iniciou são os nossos votos.<sup>449</sup>

Na direção oposta, os colegas da revista *A Fortaleza* fazem menção à publicação das Clotildes, em 1907. Agradecem a edição recebida do “mensageiro do pensamento infantil de Baturité” e fazem “sinceros votos para que a *Estrella* deslize sempre sobre uma alcatifa de petalas de rosas”<sup>450</sup>.

Já no *Almanach do Ceará*, a publicação foi tardiamente citada, figurando nas listas de revistas e jornais somente a partir de 1919.

No interior do estado:

Em Sobral – *O Rebate* (...), *A Ordem* (...), *A Lucta* (...), *Revista do Conselho Central* (...).

Em Camocim: - *Correio de Camocim* (...), *Folha do Littoral* (...), *O Rubi* (...), *O Íris* (...), *A Gazeta*.

Em Ipu – *Correio do Norte* (...), *O Campo* (...).

(...)

Em Aracaty – *A Semana*, hebdomadário independente e noticioso, director – dr Olívio Câmara, redactor-secretario – dr. Cezar Fontenelle; *O Tempo*, *O Progresso*, *A Estrella*, redactora – D. Antonieta Clotilde; *O Rosario*, proprietarios – J. Felismino & Irmãos<sup>451</sup>.

<sup>448</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, agosto de 1911, n. 103, p. 13.

<sup>449</sup>NOVOS JORNAES. *A Estrella*, Aracati, janeiro de 1909, p. 7.

<sup>450</sup>Revista *A Fortaleza*, Fortaleza, 6/10/07, p. 37.

<sup>451</sup>*Almanach do Estado do Ceará para o ano de 1919*, p. 223.

Outra seção d' *A Estrella* era a *Galeria Dourada*, espaço para registrar os aniversariantes. Já a agenda social era trazida ao público no espaço *Escrínio Sidereo*. Em *Gentilezas* e *Mensageiro da Estrella* eram anotados agradecimentos e outras pequenas notas, em tom informal. "Diana Gesnér (Guaramiranga) Porque nos esqueceu a mimosa e nívea flor das serranias?", pergunta a redatora.

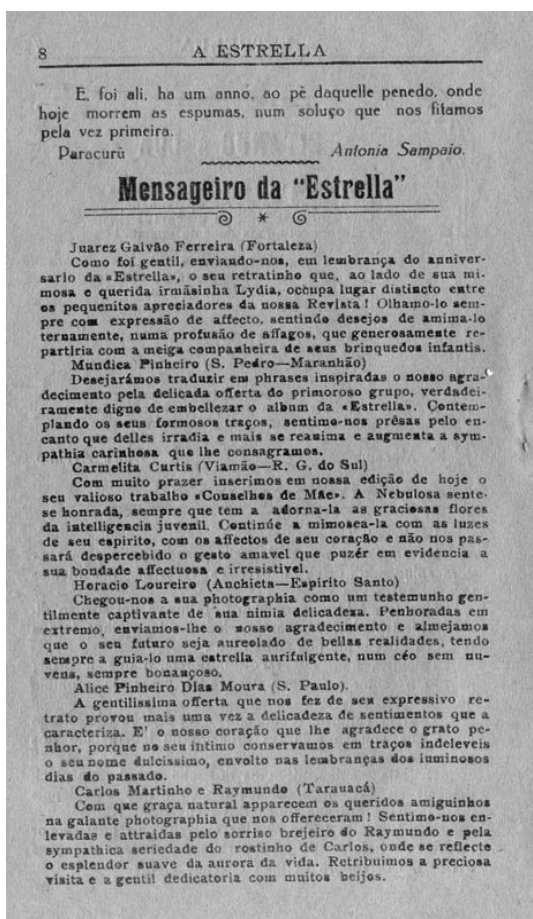


Figura 5 - Coluna Mensageiro da Estrella. (Abril de 1921, p.8).

Em *Gentilezas*, assim como em outros espaços do impresso, sempre era possível pinçar alguns nomes de publicações daqueles anos, com quem *A Estrella* mantinha relações. A rede de literatos e literatas ampliava-se em outras cidades. Este tipo de fonte torna-se de grande relevo ao pesquisador da história do livro e da leitura, já que realizam um inventário da imprensa do período no Ceará e no Brasil. Este levantamento de publicações era feito pelas jovens mulheres que compunham a redação d' *A Estrella*, em uma iniciativa de se abrir para o mundo dos periódicos e informar aos leitores sobre um vasto rol de jornais e revistas.

A “Estrellinha” agradece com um caricioso reflexo as gentis notícias que deram do seu aniversário os dignos colegas: a brilhante “Revista Escolar” e a apreciada “Instrução” de Fortaleza, a simpática “Evolução” do Rio G. do Norte, os graciosos “Gladiante” e <<ABC>> de Alagoas a luminosa “Gazeta de Pesqueira” e o cintilante “Popular” de Pernambuco e a gentil “Violeta” do Rio de Janeiro que, sob a direção de uma jovem e talentosa Redatora, tem conquistado os mais vivos aplausos.<sup>452</sup>

Da Capital da Republica recebemos em luxuosa e ilustrada edição, o numero commemorativo do sexto anniversario da <<Gazeta do Norte>>, um dos mais apreciados representantes da Imprensa brasileira. Apreciadores incondicionaes da <<Gazeta>> que nos distingue com a sua preciosa permuta, desejamo-lhes uma messe esplendida de louros e uma trajetoria illuminada pela estrella da felicidade<sup>453</sup>.

Mais cartas e recados na seção *Postaes*, enquanto o *Álbum da Estrella* oferecia miscelânea de poemas e frases, guardando semelhança com o gênero do almanaque, em páginas que primavam por variados registros literários.

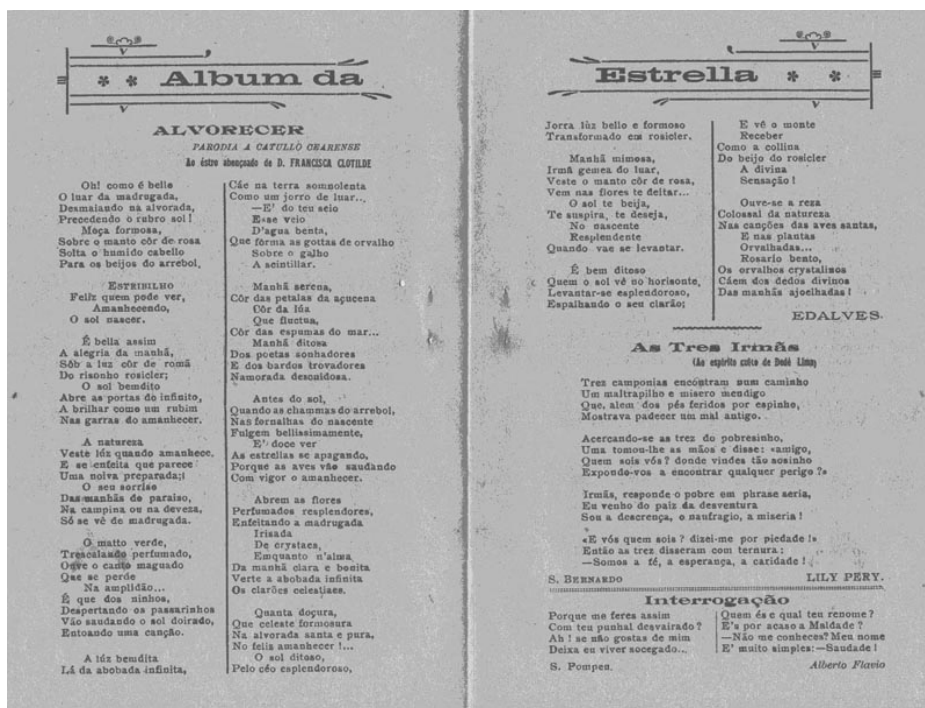


Figura 6 - *Album da Estrella*. (Abril de 1921, p.11-2)

As seções da revista eram, por excelência, uma escrita dos afetos compartilhados entre o impresso e seu público. A *Estrella* participava de acontecimentos públicos ou da vida privada de seus leitores e colaboradores, que ganhavam destaque na publicação. A pauta era formada de felicitações, necrológios, nascimentos, bodas. Os poemas eram quase sempre dedicados a um dileto amigo,

<sup>452</sup>GENTILESAS. A *Estrella*, Aracati, janeiro de 1909, p. 5

<sup>453</sup>GENTILESAS. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1909, p. 56.



a um familiar, a uma saudade ou – por que não? – ao amado. De Alagoa Grande, Célida Adamantina escreve para o noivo o soneto *Recordação*, “accedendo ao seu pedido”.

Caminho pela estrada então florida  
Que outrora a passeiar fomos seguindo,  
Almas presas á magua dolorida  
Nos corações sonhares refulgindo

Tão alheia a mim mesma distrahida  
Buscava apenas ver-te distrahindo...  
E Maio já findava, alma querida,  
Ultimas rosas para nós abrindo!

Do mysterio d'amor toda poesia  
Tu comprehendes, tal, como eu sentia  
No scintillar sublime desta aurora!

Nas azas do sentir, espaço em fóra,  
Saudade ! vai por mim falar-lhe agora  
Recordando, feliz, aquelle dia<sup>454</sup>.

Existe uma coerência entre o tratamento editorial e o tema das colunas. Como *Saudades*. A seção deixa de ser mero registro de falecimentos para, em seu título, trazer a idéia da dor da perda. “Faleceu em Passagem de Pedras nossa distinta assinante D.Rosa Bezerra de Paula, digna esposa do Sr. Francisco de Paula Filho”. Importante observar que, neste trecho, a mulher aparece referenciada por seu marido, “esposa de”.

Figuras célebres, como os escritores Machado de Assis e Arthur Azevedo, também foram citados por ocasião de sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro. A revista fazia um esforço de projeção de memória, três meses após o falecimento de Machado (29 de setembro de 1908) e dois meses depois do óbito de Azevedo (22 de outubro de 1908). A *Estrella* comunicava aos pósteros o vigor dos gênios das letras nacionais, os “mortos immortalizados”.

A <<Estrella>>, apesar de pequenina, não pode deixar de associar-se ao sentimento de pesar que dominou o Brasil inteiro pela morte dos dous genios que tanto enaltecera suas glorias litterarias: Machado de Assis, o Mestre, cujo estylo aprimorado attestava a grandesa de seu talento de eleição, e Arthur Azevedo, o contista inimitavel, o dramaturgo correcto, o espirito scintillante que brilhou sempre com vivido fulgor na imprensa carioca e cujo eclipse produz uma treva immensa.

O nosso jornalsinho, curvando-se ante a lousa que encerra os despojos dos mortos immortalizados, rende uma homanagem sincera ao talento e a bondade de que elles deixaram na vida tão luminosos traços<sup>455</sup>.

<sup>454</sup>ALBUM DA ESTRELLA. A *Estrella*, Aracati, outubro 1916, p. 21.

<sup>455</sup>HOMENAGEM. A *Estrella*, Aracati, dezembro de 1908, n. 72, p. 12.

O programa do mensário era abrangente e seguido à risca por todos os que contribuíam com textos e fotografias. Consistia em “ateiar nos corações juvenis a sentelha do bem que dimana da Religião, despertar o amor pelo estudo, exaltar as glórias da Patria (...), consagrar o maior esforço á propagação das idéas regeneradoras”<sup>456</sup>.

As colaboradoras de *A Estrella*, entre 15 e 25 anos, em média, difundiam a moral e a fé cristãs, prescrevendo comportamentos. Algumas atitudes mereciam acentuadas críticas, expressando uma nítida oposição ao que representava virtude. A se ver no texto *Decotes – para quem ama esta moda*, que traz o consumo e a moda como *leitmotifs*. Rauphans é o pseudônimo a ocultar o autor de Mossoró, Rio Grande do Norte, que abre “campanha contra os afetados decotes” e se atribui a função de fazer um proselitismo de fundo moralista.

Arvorando-me em moralista, e com isto me ufanando, torno-me temerário, lançando mão da pena para rabiscar mui ligeiramente uma meia dúzia de linhas, sobre esta moda que se diz “chic”.

Compenetrando-me da minha posição de admirador da boa moral, venho por meio das brilhantes páginas desta ilustradíssima revista, firme e resoluto, abrir campanha contra os afetados decotes, os quais poluem a cândida e radiosa face do Cristianismo. (...)

Eu próprio secundando, fazendo um esforço semi-titânico, tento realizar a gloriosa campanha em prol da boa moral! Um dos assuntos que tem preocupado os talentosos jornalistas e críticos católicos é: - a guerra contra o exagero da moda.<sup>457</sup>

A crítica dirige-se ao público feminino e coloca as individualidades, a beleza e a leitura em oposição à virtude, à humildade, ao trajar simples. O recato, a pureza e a castidade são as qualidades exigidas por excelência à mulher católica, para que ela não se corrompa pelas imagens de revistas. Esta cruzada moralizante combate a moda que eles julgam indecente – respaldada por referências da imprensa carioca.

E não é essa moda ultra-indecente criteriosamente combatida unicamente pelas colunas de órgãos religiosos?! (...)

Eis aqui um tópico de um artigo publicado, aos 22 dias de Julho, na empolgante “Rainha da América do Sul”, Rio de Janeiro.

“É natural que se ande bem vestido, consoante à sociedade em que vivemos, é natural que uma moça se decote, encurte o vestido mas até certo ponto... sem que ande semi-nua...” (...)<sup>458</sup>

---

<sup>456</sup> *A Estrella*, Aracati, outubro de 1909, n. 82, p. 1.

<sup>457</sup> RAUPHANS. *Decotes – para quem ama esta moda*. *A Estrella*, Aracati, janeiro de 1921, p. 15-6.

<sup>458</sup> *Idem, Ibidem*, p. 15-6.

No artigo seguinte, *Lilaz* se pergunta: “Porque foi negado um coração aos homens?” Questionava a dureza e a rispidez com que eles tratavam os sentimentos, parecendo não sofrer ou saber o que é a dor e a saudade. Definia, implicitamente, algumas diferenças comportamentais entre os sexos. Intuitivamente, parte do acolhimento dos estereótipos do “sexo fraco”, em um argumento justificador.

Para nós as moças, que possuímos um alto grau de sinceridade, é sempre uma triste decepção, não podermos confiar nos homens. Porque? Será que eles não tenham também um coração? E se o tem, porque não amam, não sentem, e sobretudo porque não são sinceros como nós? Porque? É isto um enigma indecifrável! (...)

Mas, porque, Maria, foi negado um coração aos homens quando a natureza, tão pródiga, lhes distribuiu benefícios?!... Porque?!... Ah! se nós pudéssemos saber! Para eles certamente é um grande bem: pois não sofrem... não sentem... e a dor... a saudade... são partilhas só do sexo fraco porque realmente as mulheres têm um coração sensível, leal e sincero!<sup>459</sup>

Para algumas moças, a inspiração para a escrita emanava de passeios imaginários pelo céu e por mundos maravilhosos. Uma das colaboradoras confessava à Antonieta Clotilde sentir um “anceio ardente de colaborar nas luminosas paginas da ‘Estrella’”. Sentiu-se percorrer “caminhos de nevoas, entrentendo colloquios mysticos com as estrellas e sondando de mais perto esses mundos maravilhosos, onde resplandece o poder immenso de Deus”. Assim, trazia estampadas em seus versos “as doces impressões de meu passeio sidério que traduzem um voto intimo pelo progredir incessante desse astro de ouro”<sup>460</sup>.

Para outras, o cotidiano e a leitura de um livro, de um poema ou da própria revista traziam a vontade de se expressar por meio das palavras. “Li e reli alguns numeros da <<Estrella>> sempre encontrando nelles alimento solido, para o meu espirito ávido de luzes”<sup>461</sup>, conta, de Diamantina, Angelica Augusta Vieira. “Depois de lêr as commoventes paginas do livro <<Meu Filho>> do provector cearense Joaquim da Costa Nogueira, á memoria de seu idolatrado e inesquecivel José”, revela Cordelia Sylvia, ela escreveu o soneto *Preciosa Offerta da Antonietta*.

Ellas enfeixam primorasas flôres  
Filhas do affecto mais abençoado,  
- Do affecto paternal acrisolado  
No soffrimento pleno de amargôres.

A morte é bem cruel, profundas dôres

<sup>459</sup>PARA MARIA LEONÔR. A *Estrella*, Aracati, fevereiro de 1920, p. 16.

<sup>460</sup>HOMENAGEM. A *Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, p. 2.

<sup>461</sup>VICTORIA FEMININA. A *Estrella*, Aracati, maio de 1919, n. 172, p. 28.

Traz, vezes sem um balsamo sagrado;  
Mas para vosso allivio o Filho amado  
Habita hoje entre célicos fulgôres...

E n'esses mundos puros e seléctos  
Todo o conforto para os Paes diléctos  
Essa alma nobre ha muito supplicado.

Olvidai, pois, da morte o seu martyrio,  
Deixai que lá no céu floresça o Lyrio  
De vosso coração desalentado!<sup>462</sup>

A matéria dos escritos de Antonieta Clotilde, por sua vez, voltava-se à observação satírica e à crítica cáustica de costumes. No monólogo *Quero ganhar dinheiro...*, a personagem, após o término da primeira grande guerra, tinha ganas de arrumar um emprego.

Isto assim não pode continuar. A guerra finalmente terminou; porém tudo ainda está por um preço fabuloso.

O papai trabalha a morrer, a mamãe também se cansa muito e eu não quero passar pela vergonha de estar a pedir-lhes de vez em quando um dinheirinho e ouvi-los dizer:

- Para que, menina? Aqui agora só se come uma vez, isto mesmo é carne velha e bacalhau. Em doce nem se fala, pois faz as crianças bonitas ficarem amarelas.

Entre as ocupações pensadas pela protagonista, há a opção de ser professora. Mas esse ofício – exercido pela própria Antonieta – não teria sua importância compreendida pelas pessoas. Para tratar desse tema e valorizar a profissão, a escritora ridiculariza aquela que desdenha da profissão docente, retratando-a como alguém sem verniz intelectual, que não é ilustrada. Esse expediente torna mais eficaz a fábula de fundo moral, que fala de dinheiro e das virtudes que ele atribui a quem o possui. “Os cobres fazem milagres, tornam os feios bonitos, desenrugam caras pragueadas, transformam carcaças em verdadeiras belezas primaveris”.

Quero ganhar dinheiro para ser chaleirada e andar assim elegante como a Chiquitinha debaixo da *charmeuse*, numa *cherrette* moderna, puxada por bonita parelha. (...) Que profissão escolherei? Professora? Deus me livre... as pobres suportam cada uma interessante. Outro dia, numa escola pública, foi uma mulherzinha casada com o general... dos fandangos a dizer à professora que *puxasse* pela filha (aqui para nós, será carroça ou burro a pequena?) que não sabia *respostar* uma carta. Queria que a menina se *deplomasse* logo pro *mode* casar com um *adevogado* e ainda da porta disse com muita graça: (imitando).

---

<sup>462</sup> PRECIOSA OFFERTA DE ANTONIETTA. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1916, p. 47.

- Sra. Mestra régia, duro com a *Carulinda*, ela não é *ruda*, tem muita memória e *Cuma* tem a veronica do rosto bem empenhada, casa *premeiro* que a *Caindinha* que tem a venta chata do pai (...) <sup>463</sup>

Já Francisca Clotilde era a personagem de grande destaque na revista, embora seu nome não fosse incluído no expediente. Sua atuação era discreta, devia auxiliar diretamente os processos de edição e impressão, além de construir as redes de contatos que geravam novos colaboradores, assinantes e leitores. O fato de sempre haver um soneto da escritora na capa, envolto em caprichadas vinhetas, revelava que “F. Clotilde” era uma das principais atrações do mensário. O soneto *O Alvorecer* é um dos exemplos da permanente colaboração da escritora.

Vai pouco a pouco o sol iluminando  
À terra que se cobre de verdes,  
Cantam as aves pelo azul voando  
Seus inocentes, cândidos amores.

Por toda a parte luzes e primores  
Sente-se o aroma delicado e brando  
De fresca rosa, as pétalas soltando  
A natureza ostenta-se em fulgores.

Oh! como é belo o despontar do dia!  
Que coração não pulsa de alegria,  
Ao ver a luz avassalar a terra?

Ergue-se a Deus o olhar agradecido  
E o homem forte sente-se vencido  
Pelas belezas que a manhã encerra! <sup>464</sup>

Nas edições analisadas não se encontram textos com conteúdo político. Embora Clotilde tivesse se mostrado atuante nos últimos anos do século XIX e no início do século XX – principalmente em relação a questão do abolicionismo e da república, bem como a escrita anti-oligárquica –, a revista não demonstrava tal engajamento. O programa editorial d’A *Estrella* centrava-se na missão educativa pelas letras sãs e moralizadoras e no enaltecimento da pátria. Articula um rol de atitudes que trazem o espírito do século XIX, com valores pautados no civismo, nas letras e na moral.

Dignas de registro, ainda, são as abordagens que a intelectual faz de episódios históricos e bíblicos. Ela reescreveu, de modo simplificado e ágil, capítulos da vida de Cristo, em artigos como *Maria* (maio de 1909), *Os Lyrios* (junho de 1909),

---

<sup>463</sup>CLOTILDE, Antonieta. Quero ganhar dinheiro.... A *Estrella*, Aracati, janeiro de 1919, p. 12-3.

<sup>464</sup>CLOTILDE, Francisca. O *Alvorecer*. A *Estrella*, Aracati, fevereiro de 1909, p.1.

*Segui-me* (julho de 1909) e *O sonho da Virgem* (abril de 1919). Textos repletos de crianças loiras e “preconceitos europeizados”<sup>465</sup>.

O olhar luminoso fito no céu, Jesus parecia afastar-se da vida terrena para conferenciar com seu Pai eterno e a aragem fresca e blandiciosa, impregnada do aroma dos lírios de Zabulon, ouvia-lhe os solilóquios cheios de fervor e ricos de promessas de abnegação e sacrifícios pela humanidade culpada.

Um dia parou em frente a uma casa solitária. À porta uma mulher moça e formosa chorava desesperadamente, olhos desvairados, as lours madeixas em desalinho. – Porque choras, mulher? perguntou o divino Consolador com aquele acento meigo que já era um bálsamo às aflições mais cruéis.

- Ah! Senhor, é que meu filhinho acaba de morrer nos meus braços. Tão pequenino e louro! (...)

- Mulher, não te desesperes assim. (...)

Jesus sorriu e olhou de novo a criança morta. – Tens razão mulher, a carícia da inocência é o que há de mais belo no mundo (...).

Enquanto um raio de sol brilhante e festivo caía em cheio na fronte inspirada do Salvador do mundo, (...) viram o pequeno sentado no regaço dele, corado e risonho, como se acabasse de dormir e numa travessura infantil desfolhar o botão de flor repetindo baixinho: Mamãe!<sup>466</sup>

A lenda *A lavandeira* é outra desta extensa safra de produções voltadas para a propagação do cristianismo. O conto trata da perseguição do rei Herodes – tema recorrente na obra de Clotilde – ao menino Jesus. No entanto, o texto volta seu foco para uma mulher “jovem e formosa”, que “lavava roupinhas de creança e as estendia sobre o trevo cheiroso”. Esta personagem defenderia com vigor a vida de Jesus, enfrentando os “soldados ferozes”. Ao final, Clotilde apelaria para o expediente da transformação da moça em pássaro<sup>467</sup>, revelando assim o poder de Deus diante dos inimigos.

- Que fazes mulher? perguntou-lhe o chefe da escolta com o sobrecenho carregado e o gesto feroz. A jovem levantou o olhar transparente e azul e disse simplesmente: - Lavo a roupinha do menino Deus. - Onde está ele? Dize-o depressa. E cercaram a linda creatura. - Pensais que vos entregarei Jesus para ter a sorte dos pequenos belemitas? Enganai-vos, soldados ferozes. O Deus de Jacob vela por elle. Insistiram e ella sempre discreta continuou seu trabalho enquanto o sol chegava ao zenith.

Então um delles levantou o alfange para ferir a moça. Quando, porem, o ferro homicida ia embeber-se-lhe na alva espadua onde brincava uma trança loura, com grande pasmo viram desaparecer a lavandeira e em logar della uma avesinha meiga e singela espalmou as azas e fugiu veloz recortando os ares para a outra margem do regato.

---

<sup>465</sup>KETTERER, Valérie. Mulheres de letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. *Revista de Letras*. op. cit., p. 105.

<sup>466</sup>CLOTILDE, Francisca. O Consolador. *A Estrella*, Aracati, abril de 1909, p. 4-6.

<sup>467</sup>Recurso semelhante ao texto *Conto de Maio* (publicado na folha *A Evolução*, Fortaleza, 4/01/1988, p. 4), no qual uma criança também se transforma em pássaro. Cf. “As várias escritas de almanaque”.

Os soldados desapontados compreenderam que seria loucura lutar com o Omnipotente e voltaram a dar contas ao Iduneu do mau exito de sua perseguição.<sup>468</sup>

Sua produção exibida na revista também incluía traduções, como *A Cestinha de Flores* (peça em três atos) e *A Toutinegra do Moinho*<sup>469</sup> (drama em três atos), do francês Émile Richebourg (1833-1898), autor de “grande popularidade no mundo inteiro e mesmo no Brasil do Naturalismo”. A *Toutinegra* era uma peça apresentada como “cheia de lances dramáticos que prenderá a atenção dos estimáveis assinantes”.<sup>470</sup>

Embora determinados argumentos de escrita permaneçam, é possível notar mudanças na escrita da autora ao longo dos anos. Francisca Clotilde passa a empregar vocabulário mais diversificado e imagens elaboradas. Permanecem as metáforas formadas a partir de astros, pedras, flores, aves, vida dos santos e patriotismo. Os textos passam a trazer matéria existencial, comportando os sentimentos de solidão da Clotilde de meia-idade, até marcações simbólicas de sua vida – é quando a melancolia e a tristeza enformam o verso. O mês de maio, tempo das mães, lhe traz desoladoras lembranças: perdeu uma de suas filhas nessa época.

Eis que Maio chegou! Mas triste e desolado,  
Sem primores de rosa e graças de boninas.  
Já não ostenta o verde alegre das campinas,  
Semelha um pobre rei de galas despojado!

Crestou do vento ardente a louçania aos prados.  
A terra calcinou-se! E no val, nas colinas  
Já não tem o dulçor das linfas cristalinas,  
Domina a solidão nos ermos descampados...

Rosas morrendo ao sol! Até sobre os altares  
Da virgem sacrossanta, selas não vêm aos pares  
Exalar seu perfume em grata suavidade.

Pobre Terra da Luz! Não tens mais primaveras,  
E, em vez de flores mil, que tinhas noutras eras,  
Evolve-te a tristeza outonal da Saudade!<sup>471</sup>

---

<sup>468</sup>CLOTILDE, Francisca. A Lavandeira. A *Estrela*, [s.l.], [s.d.], p. 10-11.

<sup>469</sup>Cf. Tabela **Erro! Apenas o documento principal.** – “Inventário da dramaturgia de autoria de Francisca Clotilde”, com trecho da peça.

<sup>470</sup>COLARES, Otacílio. A Estrela: revista sócio-literária esquecida e injustiçada no Ceará In: COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993a. v. 6. p. 67.

<sup>471</sup>*Idem*, Sonetos de 1915. In: COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993c. v. 6. p. 87-8.

A análise d'A *Estrella* aponta para alguns núcleos temáticos. Era recorrente a prosa sobre casamento, religião, morte, natureza, dicotomia campo e cidade, crítica e chacota às viúvas e solteironas. Tinha seu argumento voltado, ainda, a datas como o 7 de setembro (independência do Brasil), o 2 de novembro (dia de finados), o mês mariano (com comemorações a Nossa Senhora), que formavam uma espécie de calendário cujos valores cívicos e religiosos impregnam seus escritos. No entanto, o maior espaço da revista se prestava à divulgação de eventos escolares e sociais, confirmando o programa original de uma revista nascida do esforço escolar e pedagógico, como se observa nesta notícia. Em Morada Nova, eram levados à cena os dramas compostos por Francisca Clotilde, *Fabiola* e *Pérola do Bosque*, e as comédias *Progresso Feminino*, *Madrasta* e *Anniversario do Sapateiro*.

O palco para a primeira representação foi organizado na Intendencia, notando-se na ornamentação o mais apurado gosto, devido aos esforços do ilustrado Dr. Joaquim Moreira e sua gentilíssima esposa. Antes do espectáculo houve animada sessão cívica, falando eloquentemente sobre o 12 de Outubro o sympathico Esdras Oliveira, nosso bom assignante. (...) Parabens e applausos aos apreciadores da arte dramatica que, na florescente localidade sertaneja, procuram sempre imprimir-lhe a maior animação.<sup>472</sup>

A dramaturgia desempenhava importante papel como instrumento pedagógico, na transmissão de mensagens educativas, morais e religiosas. O quadro alegórico *Força, Graça, Luz, Amor* que trazia uma conversa entre ela, a Poesia e a Virtude.

#### Poesia

Eu inspiro os grandes sentimentos e as impressões ligeiras. Passa o meu halito subtil na aragem matinal impregnada do cheiro dos roseiraes em flôr, e no desencadear furioso do tufão ostenta-se minha grandeza. (...)

#### Instrucção

Eu pretendo seguir os teus ditames, oh! virtude sublime. O meu fulgor brilhará com a tua luz, como a rainha do firmamento com a luz do sol. (...) Direi á mocidade que sonha, á infancia que sorri descuidosa, que se deixem arrastar pela tua voz, que não illude, pelo teu ensino, que não se desvaira. O proprio velho terá um conforto nas consolações que espalhas, e de ti virão sobre a terra como o orvalho refrigerante, dons e benções para a humanidade.

#### Virtude

Alegrem-me as palavras que acabei de ouvir, e vêjo que ainda ha quem renda culto á minha força benéfica. (...)<sup>473</sup>

---

<sup>472</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 12.

<sup>473</sup>FORÇA, GRAÇA, LUZ, AMOR. A *Estrella*, Fortaleza, janeiro de 1914, n. 129, p. 14.



Às leitoras eram recomendados livros bons, leituras sãs e textos da própria revista, através da publicação de resenhas de livros e folhetos. Sua geografia literária expande fronteiras e acolhe a literatura de ambos os sexos e de outras vertentes além da católica ou da moralizante. Esforçam-se por realizar, ainda que minimamente, uma crítica literária, falando da construção, da forma, do enredo das obras.

O autor Oduvaldo Vianna<sup>474</sup>, um “jovem e esperançoso poeta”, enviou à revista “um esplendido folheto, nitidamente impresso, no qual enfeixou sob o título “Horas de Angustia” sonetos correctísimos, irradiantes de seu bello e apreciavel talento”<sup>475</sup>. Outro nome a apresentar uma publicação n’A *Estrella* fora a escritora Delminda Silveira<sup>476</sup>. Sua obra *Lizes e Martyrios*, segundo as redatoras da revista, “encerra belissimas produções de sua intelligencia privilegiada. À elevação do pensamento reúne a distincta litteraria a delicadesa da forma que dá grande realce á sua phrase rendilhada e graciosa”<sup>477</sup>. O livro do jornalista Zeferino Galvão, da *Gazeta de Pesqueira*, de Pernambuco, também foi apreciado pelas redatoras. O título *Eulampio Corvo* era recomendado pela “amenidade do estylo e pelo enredo attrahente, entremeiado de episodios historicos a que o tornam devéras digno do apreço dos amadores da bôa litteratura”<sup>478</sup>.

A poetisa Leodegária de Jesus, colaboradora de Goiás, enviou o volume *Coroa de Lyrios*, de sua autoria, às editoras d’A *Estrella*. Por falta de espaço, “não se pôde analisar detidamente o livro”. Mas a apreciação crítica contemplava aspectos tidos como relevantes na poética de Leodegária, como a “graça que irradia” e a “expontaneidade da rima, que é um dos maiores encantos do verso”<sup>479</sup>.

---

<sup>474</sup>Oduvaldo Vianna (1892-1972) era natural de São Paulo-SP e foi um dos autores de grande prestígio nas décadas de 20 e 30, dirigindo espetáculos e companhias. Redigiu jornais como Diário da Noite, Gazeta de Notícias e A Noite, chegando a dirigir a Companhia Brasileira de Comédias, no início dos anos 20.

<sup>475</sup>GENTILESAS. *A Estrella*, [s.l.], [s.d.], p.8.

<sup>476</sup>Delminda Silveira de Sousa (1854-1932), nascida em Desterro, fora uma professora e escritora de destaque em Santa Catarina. Estudou francês, latim, português e, aperfeiçoando-se nessas línguas, tornou-se professora de português e francês no Colégio Coração de Jesus, escola tradicional católica, freqüentada pelas filhas das famílias abastadas da cidade. Era profundamente religiosa. Foi assídua colaboradora d’A *Mensageira*, onde publicou muitos poemas - sob o pseudônimo Brasília Silva - e textos em prosa, desde o sexto número, datado de 1887. Escreveu os livros *Lises e martírios* (1908), *Cancioneiro* (1914) e *Indelévels versos*, que circula desde 1989, em edição póstuma patrocinada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>477</sup>GENTILESAS. *A Estrella*, [s.l.], [s.d.], p.8.

<sup>478</sup>GENTILESAS. *A Estrella*, Aracati, dezembro de 1909, n. 81, p. 7.

<sup>479</sup>COROA DE LYRIOS. *A Estrella*, Aracati, fevereiro de 1909, n. 74, p. 5.

Do cenário local, o educador Odorico Castello Branco foi um dos intelectuais que colaboraram com frequência. Em 1920, ofereceu à revista um exemplar de seu livro *Reminiscencias do Officio*, “paginas cheias de interessantes episodios, referentes á vida escolar e cuja leitura é agradabilissima e digna de attenção”. A vida e o officio de Castello Branco modelam uma existência “consagrada aos arduos labores do magisterio, prestando assim á instrucção os serviços mais relevantes”<sup>480</sup>.

Os temas e valores nucleados em torno da escola e da família eram alguns valores enfatizados nas notas de leitura publicadas. Tanto Francisca como Antonieta podem ter apreciado estes impressos. Obras instrutivas, poesias e contos eram as favoritas. Os romances “piegas e sentimentaes” – e as influências consideradas nocivas dessas leituras – eram criticados por algumas colaboradoras da revista, como Zilette, que assinava a coluna *De Leve* sob pseudônimo. Ela não se dirige “a essas jovens que não amam os livros sérios”, mas fala às “moças sensatas que se dedicam às boas leituras, às bellas artes”.

Garanto-vos, porem que [minhas palavras] são dictadas pela sinceridade e pelo desejo de vos ver idealmente bellas, deliciosamente irrepreensiveis. Não me dirijo a essas jovens que não amam os livros serios (...) nem a essas outras que fazem da moda, da avenida, do cinema, do *flirt* suas occupações predilectas, quero falar ás moças sensatas que se dedicam ás boas leituras, ás bellas artes, ao trabalho digno e nobilitante. Que as irradiações de seu exemplo sejam proveitosas áquellas pobres creaturas que borboletêam constantemente, atraídas pelo encanto falso que lhes é muitas vezes fatal e estão longe de realizar o typo sublime de irmã dedicada, de esposa exemplar, de mãe extremosa<sup>481</sup>.

Zilette transpõe o modelo feminino ao modelo de boa leitora, para quem ela escreve. *A Estrella*, como se vê, não se tratava de mera união de textos, enfeixados em belas páginas de entretenimento, que seduziam os leitores pela amenidade. O sentido da publicação transcendia a missão pretendida pelas redatoras e tornava-se espaço de cultivo, materialização e registro impresso de relações entre escritores e escritoras, como um elo entre idéias e a produção literária de um diverso grupo de mulheres e homens de letras de vários lugares do Brasil.

As colaborações se davam de muitas formas e variavam ao longo da existência da revista. Em princípio, textos das crianças do Externato Santa Clotilde. Em seguida, pessoas que se identificavam com o projeto da revista e se uniam à

---

<sup>480</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, junho de 1920, p. 13.

<sup>481</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 2-3.

equipe, como ocorreu com o médico e intelectual baiano Eduardo Dias, que acabara de chegar em Aracati.

Acompanhado de nosso prezado assignante, Sr. Alexandre Ferreira Costa Lima, honrou-nos, com sua visita, o distinto clinico e apreciado belletrista Dr. Eduardo Dias, que, ha poucos mezes, reside nesta cidade com sua Exma. Familia. Desvaneceu-nos muito a gentileza recebida, maximè porque o intelligente profissional prometteu colaborar nesta Revista, illuminando-a com as scintillações de seu espirito superior e finamente cultivado<sup>482</sup>.

A poetisa Júlia de Gusmão, de Portugal, do *Almanach de Senhoras Brazil/Lisboa*<sup>483</sup>, colaborou n'A *Estrella* por pelo menos dois anos, entre 1910 e 1911. Seu poema *A Estrella* falava da publicação “bem dita de Deus, Estrella do Ceará”, dirigido “A' Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Antonietta Clotilde, talentosa redactora da 'Estrella'”<sup>484</sup>. Em uma modalidade de intercâmbio intelectual, muito própria do período, Francisca e Antonieta Clotilde escreveram para a publicação portuguesa.

Outro grupo de beletistas, entre alunos das Clotildes e literatos iniciantes – principalmente mulheres –, enviava seus textos para a apreciação das redatoras. As correspondências eram dirigidas à Antonietta Clotilde, à rua do Commercio, número 93. Violeta, de Recife, tem sua colaboração acolhida e é de se supor que tenha agradado às redatoras.

Espalha-se nesta edição o perfume de su'alma virginal nas phrases bem entretecidas de seu bello <<Conto Azul>>. Não deixe de mandar-nos de vez em quando os suaves effluvios de seu espirito, pois a <<Estrella>> rejubila-se contando mais uma primorosa flor entre aquellas que perfumam as suas paginas.<sup>485</sup>

As notícias de novos colaboradores eram freqüentes. De Palmas, no Paraná, vinha a correspondente D. Maria do Rosario Campos, “intelligente amadora das letras”. Em Milagres, no Ceará, vivia a “graciosa senhorita” Anna Fernandes de Amorim. “São mais duas valiosas auxiliares, ás quaes nos confessamos altamente penhoradas”<sup>486</sup>.

O apoio da revista aos aspirantes a literatos e intelectuais era reconhecido pelos leitores e “Ve-la enfileirada comnosco, contar com o seu apoio é uma garantia de prosperidades para a <<Estrella>>”, de acordo com Rosa e Silva, de Maceió,

---

<sup>482</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Fortaleza, janeiro de 1914, n. 129, p. 10.

<sup>483</sup>Cf. 2.2. “As várias escritas de almanaque”.

<sup>484</sup>A ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, novembro de 1910, n. 94, p. 9.

<sup>485</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 14.

<sup>486</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Fortaleza, julho de 1912, n. 113, p. 12.

Alagoas. Para ela, “os que amam o bello traduzido na primorosa rima, na phrase rendilhada são sempre creaturas jovens em cujas fronte brilha alguma cousa desse raio de luz que circumda as intelligencias eleitas”<sup>487</sup>.

E como era bom e desejável escrever naquele tempo. Alguns lamentavam a falta de talento para a poesia. “De coração a coração”, Nehyse confessa sua frustração por não possuir o dom “de tresladar em rimas as impressões do espírito”, ao dizer: “Tenho pena de não saber arranjar umas quadrinhas, trescalantes do aroma agreste que respiro, ternas e blandiciosas como o regalo que serpenteia aos meus pés”.<sup>488</sup> O soneto da lavra coletiva, assinado por Abemos, Armando e Edelvite, expressava o mesmo sentimento e vinha de longe - “Aliança, Rio Madeira, Amazonas”.

Quem nos dera fazer versos  
Brandos, suaves, mimosos  
Iguaes aos cantos formosos  
Dos passarinhos dispersos,

Quem nos dera ter diversos  
Dons, sublimes, preciosos  
Garridos e affectuosos  
De poesiar immersos,

Para juntos, irmanados  
Alegres, enthusiasmados,  
Hoje, por entre os rosaes

Levamos com muitas flores  
Com muitas graças e amores,  
Oh! nossa "Estrella" aonde estaes.<sup>489</sup>

Como a revista chegava a lugares tão distantes? Sabe-se que Francisca Clotilde ganhou destaque em publicações como a *Revista Contemporânea*<sup>490</sup>, dedicada às famílias cearenses e redatorizada pelos nortistas Theodorico Magno, Marques de Carvalho e Mucio Javrot, publicada em 1884 em Fortaleza. Além do mais, sua amiga, a escritora e professora Emília Freitas, por muitos anos residiu e lecionou em Manaus<sup>491</sup>. Pode, portanto, ter contribuído para a propagação da obra de Clotilde. Havia ainda o vapor nacional Silva Cunha, entre outros, a comunicar as

---

<sup>487</sup> *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, n. 172, p. 9.

<sup>488</sup> NEHYSE. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p. 3.

<sup>489</sup> A ESTRELLA QUERIDA NO SEU 13º ANIVERSARIO. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p. 27.

<sup>490</sup> Cf. Capítulo 01. “Leituras na Província: Circulação de Impressos e Idéias”,

<sup>491</sup> Cf. CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. *op.cit.*

regiões do Ceará e da zona da grande Marajó<sup>492</sup>, trazendo livros e idéias. Além disso, as transações comerciais e os deslocamentos do nordeste eram correntes. O impresso era o grande meio de comunicação do período, e as trocas e intercâmbios eram vitais às publicações. Circulação em outras praças que lhes conferia legitimidade.

Além da popularidade de Francisca Clotilde, o empréstimo de revistas era uma prática freqüente, que multiplicava os leitores. Myrthes Flor Gaúcha conta que, vivendo no Rio Grande do Sul, recebeu a publicação através da “visita de uma linda pequenita com que muito sympathizo e ella, depois de tagarellar exhibindo-se graciosamente, perguntou-me: Tens recebido a <<Estrellinha>> do Ceará?”. Myrthes continua e devolve a pergunta: “Aprecias tambem o Astrosinho cearense? Gostas de vê-lo e admirar o que elle encerra de bom e de bonito?”. Assim, ocorre o processo da leitura, compartilhada entre a menina e a mulher, incentivando a produção de textos da garota, que sonhava em figurar nas páginas do periódico cearense. A missiva, publicada em *A Estrella*, dirigia-se a Antonieta Clotilde.

Ri-me e, apesar de conhecer a precoce inclinação que mostra pela litteratura, não pude deixar de dizer-lhe

- Oh! sim, respondeu, gósto muito, muito da <<Estrellinha>> porque é innocente e meiga e fâz-me lembrar cousas do céu: astros, nuvens e auroras...

E a intelligente pequenita fez-me ler a Revista do começo ao fim, ouvindo-me risonha, feliz e enlevada e disse-me com um arzinho de gravidade:

Quando eu crescer irei collaborar na <<Estrella>> e deixarei em suas paginas o melhor affecto de meu coração, o sentimento mais puro de minh'alma. Beijou as paginas uma por uma com ardoroso enthusiasmo.

Pois bem, reúno os primeiros fulgores do dia, os canticos harmoniosos dos passaros, os effluvios inebriantes das flores aos beijos expressivos da creança tão docemente amada por mim e envio-t'os, dilecta Antonietta (...)<sup>493</sup>

O empréstimo de livros e jornais era estimulado. O tempo recomendava a prática da difusão da boa leitura. Contudo, é possível ver no escrito da irônica Zilette algumas desvantagens desse hábito. Em busca de livro de “um autor moralista” para citar em seu texto, não o encontra.

Quis fazer, a propósito, a citação de interessante trecho firmado por um autor moralista e, abrindo as páginas que o continham, notei que o livro estava muito estragado. Fora também vítima dos empréstimos a uma amiga que o espalhara pelo quarteirão com a maior sem cerimônia do mundo. Fiquei furiosa... Que maus costumes, meu Deus! Os meus jornais andam de mão em mão, os meus livros não param na estante o que mais

<sup>492</sup>A *Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, n. 115, p. 24.

<sup>493</sup>GAÚCHA, Myrthes Flor. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p. 30-1.

me revolta é a falta de zelo, é o desleixo imperdoável dessas *litteratas* de meia cara, gênero de parasitas que procuram conhecer os mais belos trechos à custa dos outros. (...)

Desta vez não te sentou a “carapuça”: mas há de servir a tantas outras menos escrupulosas que não se envergonham de aborrecer o próximo, até nas horas das refeições, para pedirem vestidos, jornais e livros emprestados.

Recolho-me aos bastidores pois, a pedido da Redatora, quero encurtar meu sermãozinho<sup>494</sup>.

Zilette revela ter prática de escrita e o costume de dialogar com outros autores em seus trabalhos. Ao mesmo tempo, fala do hábito da leitura, que deve cumprir um ritual que inclui o zelo às obras. Não é, portanto, contrária aos empréstimos, mas reclama de quem não trata o objeto impresso com cuidado.

E, falando em empréstimos, algumas bibliotecas solicitavam exemplares da revista, como um grêmio literário localizado em Alagoas. Contribuíam, desta forma para a circulação mais efetiva d’*A Estrella*.

O <<Gremio Litterario Parahybano>> dirigiu-nos um delicado appêlo, solicitando a remessa da nossa pequenina Revista para a bibliotheca que tão proveitosamente dirige na Villa do Parahyba, Estado de Alagôas. Agradecendo a honrosa lembrança, accederemos ao gentil appêlo<sup>495</sup>.

No entanto, nem sempre era possível enviar os exemplares e atender aos leitores. No ano de 1916, devido a dificuldades financeiras da revista, Epiphanio da Fonseca Doria, diretor de uma biblioteca de Sergipe, não pôde ter em suas mãos a revista. Mesmo após “honrosas missivas”, a partir das quais pode-se aferir a insistência ou a urgência do pedido. “Muito sentimos não sêr possivel satisfazer o seu delicado pedido (...). Já lhe explicamos em carta as phases porque tem passado a nossa Revistazinha que ainda bruxoleia no azul dos nossos sonhos por um supremo esforço de vontade”.<sup>496</sup>

Além de empréstimos, doações e do compartilhamento da produção literária de escritores de várias cidades, as relações sociais eram fomentadas n’*A Estrella*, através da correspondência com agremiações literárias, organizações religiosas, entidades operárias e estabelecimentos de ensino. A igreja matriz de Itapipoca, por exemplo, comunicava “a primeira comunhão dos alumnos das escolas do sexo masculino e feminino, regidas pelas dignissimas preceptoras D. D. Maria da Silveira e Pergentina de Araujo”<sup>497</sup>. Já a diretoria do Apostolado das Filhas de Maria no

<sup>494</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, junho de 1920, p. 17-8.

<sup>495</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, julho de 1913, p. 13.

<sup>496</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1916, p. 14.

<sup>497</sup>NOTAS FESTIVAS. *A Estrella*, Aracati, julho de 1913, n. 156, p. 8.

Brasil ganha registro por prestar “os melhores serviços á Religião e constituindo uma phalange digna de applausos dos propagadores do bem e das benções profusas do céo”<sup>498</sup>.

As colunas podem ser indícios do ideário de suas redatoras, como se vê em determinadas notícias veiculadas da Liga Católica de Baturité, em 1919<sup>499</sup>, ou do Círculo Operário de Trabalhadores Católicos S. José<sup>500</sup> também figurou nas páginas d’*A Estrella*. Eles encontram naquele impresso feminino a credibilidade para registrar e propagar suas informações.

A publicação era elogiada pelas características de sua escrita, por seu conteúdo são, pelo estímulo que trazia à produção escrita dos estudantes. E, caso a revista não agradasse, “porque é um tanto avêssa ás futilidades modernas”<sup>501</sup>, assine uma outra, aconselha a espevitada Zilette, que estimula os leitores a se tornarem assinantes, sem imitar as “que leem jornaes e revistas emprestados ou os assignam sem paga-los, prejudicando de modo sensível os seus directores”.

Quereis o vosso dinheiro para arrebiques e diversões banaes? Tendes o direito de gasta-lo, como vos aprouver; mas auxiliae as empresas nobres, secundae os esforços dos que se batem denodadamente pelo verdadeiro progresso.

Não imiteis as que leem jornaes e revistas emprestados ou os assignam sem paga-los, prejudicando de modo sensível os seus directores. O dinheiro gasto em phantasias extravagantes não vos tornará formosa e sim ridicula; envolta na aureola enganosa da beleza fictícia, não conseguireis agradar e antes aborrecer as pessoas criteriosas<sup>502</sup>.

Apesar de incentivos e propagandas, após diversos percalços, a revista chegaria a seu último número em setembro de 1921. Suas 24 páginas foram editadas com o melhor material possível para a época, na *Jaguaribe*. Naquele ano, a tipografia passara às mãos de um novo proprietário, Bruno Porto, e as redatoras d’*A Estrella* aproveitaram a ocasião para agradecer à empresa por sua generosidade, “ao nosso digníssimo editor, Sr. Joaquim Marques e aos integrantes artistas das

<sup>498</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, julho de 1913, p. 14.

<sup>499</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, p. 13.

<sup>500</sup>“Recebemos do <Circulo de Operarios e Trabalhadores Catholicos S. José> desta cidade, atenciosa circular, communicando-nos a posse da nova directoria que tem de reger os destinos da sociedade no biennio de 1921 a 1923. E´ formada dos seguintes membros: Presidente - Antônio Varella da Costa Lima, Cice-Presidente - João Franã de Alencar, 1º Secretario - Vicente Ferreira da Cunha Lima, 2º - Raul Bezerra Monteiro, 1º Thesoureiro - José Augusto da Silva, 2º - João Adrião Zaranza. Occupam o lugar de Directores e fazem parte da Commissão de Syndicancia socios dignos da maior consideração e que muito podem concorrer para o progresso da esperançosa Aggremação a honra da comunicação, almejanmos-lhe muitas prosperidades”. GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 11.

<sup>501</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 2.

<sup>502</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p. 2.

oficinas da “Jaguaribe”, que nos têm prestado seu valioso e fidalgo concurso com a gentileza dos que se aliam às boas idéias e amam o desenvolvimento das letras”.<sup>503</sup>

No registro a seguir, há a referência a uma “dívida material” que teria sido contraída, na gestão anterior.

(...) cumprimos o grato dever de patentear o nosso effusivo reconhecimento ao distinto Sr. Joaquim Marques e ao seu digno cunhado Joãosinho Medeiros que nos dispensaram as maiores atenções durante o tempo em que foi editada a <<Estrella>>, sôb sua criteriosa direcção. Podemos saldar a divida material; jamais amortizaremos a da gratidão pelas grandes finezas dispensadas com a magnanimidade dos corações generosos.<sup>504</sup>

Embora passasse por dificuldades, a revista foi publicada com regularidade em seus primeiros anos, em um formato mais conciso, de 12 páginas. *A Estrella* deixou de circular em setembro de 1910, por uma “falta involuntária” das redatoras. Retornou no mês seguinte com 24 páginas e “um ótimo papel”, “afim de agradecer aos nossos amáveis assinantes”.

Desejávamos também ilustrar a “Estrella” do aniversário com a fotografia de nossas gentis correspondentes, mas tendo havido demora na remessa dos *clichês*, satisfaremos este justo desejo em outros números, dando assim solene testemunho de apreço às dignas jovens que nos auxiliam gostosamente na propaganda de nossa querida *Revistasinha*.<sup>505</sup>

A partir de 1916, a revista circulava com 16 páginas no primeiro semestre e, no segundo, trazia duas edições luxuosas, de 72 páginas, referentes aos meses de agosto-setembro e outubro-novembro-dezembro. Esperava-se que, desta forma, pontualidade e qualidade fossem preservadas. O maior patrimônio daquelas mulheres era sua correção e reputação.

Outra crise fora avistada em 1916, quando *A Estrella* sofreu nova interrupção em suas edições. O texto *Aos Amigos d’A Estrella* era dirigido a “todos que nos têm auxiliado com a magnanimidade dos corações generosos na modesta empresa que iniciamos, há 10 anos, e aos ilustres colegas de Imprensa que nos honram com as suas visitas”. As razões enumeradas para a interrupção da publicação foram “Circunstâncias imperiosas, dificuldades que o nosso esforço enérgico não pôde debelar, entre as quais avultou a enorme carestia do papel de impressão”. As redatoras comunicam, então, a adequação de algumas colunas e fotografias, entre outras, em virtude de falta de espaço e tempo.

---

<sup>503</sup>AOS AMIGOS D’A ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro e dezembro de 1916, n. 158. p. 72.

<sup>504</sup>*A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p. 14.

<sup>505</sup>ENTRE RISOS E FLORES. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1910, p. 2.



Procuraremos reparar a grande falta, tomando uma resolução que de modo algum prejudique os bondosos assinantes.

(...) ficaram preteridas algumas seções, entre elas o “Escrínio” e “Gracilidades”, esta outra, uma seção constituída de tópicos que iam além do simples registro nominal de nataliantes, e muitas produções de distintos literatos que ilustraram as páginas deste número comemorativo. Deixaram também de sair, devido à demora, outros retratos de gentis Srt<sup>as</sup> e crianças, os quais sairão oportunamente.<sup>506</sup>

A última edição de 1916 traz uma carta de Antonieta Clotilde à sua amiga Hortência, que teria perguntado onde estaria *A Estrella*. Antonieta anuncia o retorno da publicação, com alegria: “Felizmente vae-se esgarçando de leve o nevoeiro e, se não é de todo azul o trecho do infinito onde evolúe a Estrella de minh'alma, vejo pelo menos que ella, embora timidamente, reaparece”<sup>507</sup>. O “único ideal” da vida da jovem Antonieta era a revista, pela qual ela teve que enfrentar “longos momentos amargurados”, quando pensava no possível ocaso de seu sonho.

Talvez muitos julgassem que eu abandonaria a arena do combate temendo o sacrificio, receiando ser completamente vencida nas peripecias da luta; mas, graças a ti, encontrei sempre um poderoso estímulo; (...) e, se hoje a <<Estrella>> volta a percorrer a sua trajetoria pelo espaço afóra, deve-o muito a ti. E' verdade que muitas creaturas superiores que ascendem longe das vulgaridades ouviram gentilmente o meu appêlo e, em face das dificuldades que surgiam a cada passo, tive ensejo de conhecer a nobreza e excelsitude de sentimentos de muitos propagandistas da minha Revista, de muitos que a teu lado trabalharam vantajosamente por ella. Não me faltou o concurso dos distintos collaboradores que profusamente me enviaram joias do mais custoso valor; portanto a todos synthetizo o meu profundo e sincero agradecimento (...) <sup>508</sup>.

O fato é que, apesar da dedicação de propagandistas, colaboradores e redatoras, *A Estrella* sofre nova pausa no ano de 1917. Uma carta aos leitores garante que “serão envidados todos os esforços no sentido de não serdes prejudicados” e que as assinaturas “serão contadas com o maior escrupulo, conforme o tempo em que começaram, assim, os que pagaram o 1917 receberão durante este anno a minha visita com toda a pontualidade, com um requinte de affectuosa sympathia e cordialidade”<sup>509</sup>.

Em 1921, não houve referências ao iminente fim d'*A Estrella*, ocorrido naquele ano. A edição de número 193, dos meses de agosto e setembro de 1921,

---

<sup>506</sup>AOS AMIGOS D'A ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro e dezembro de 1916, n. 158. p. 72.

<sup>507</sup>CLOTILDE, Antonieta. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro e dezembro de 1916, n. 158. p.1.

<sup>508</sup>CLOTILDE, Antonieta. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro e dezembro de 1916, n. 158. p.3-4.

<sup>509</sup>AOS AMIGUINHOS DILETOS. *A Estrella*, Aracati, janeiro de 1918, n. 159, p. 16.

foi a última de que se teve notícia. Em dezembro do mesmo ano, publica-se uma edição comemorativa, em homenagem às escritoras que por 15 anos, mantiveram sua revista.

Causou estranheza à pesquisadora a ausência de carta de despedida ou recado especial da redação. Maior ainda deve ter sido este sentimento entre os leitores d'*A Estrella*, que primava por uma comunicação estreita com seus assinantes. As seções permaneciam as mesmas e o folhetim escrito por Altair, *Os Filhos da Luz*, estava em progressão. Pelo visto, a escassez de dinheiro e as dificuldades impostas às realizadoras da revista se tornaram impossíveis de contornar, culminando no fechamento repentino e definitivo da publicação, “redigida somente pela mulher a qual a natureza não faculta tantos meios como ao homem e que por isso mesmo lucha com mais sacrificios e encontra mais espinhos!”<sup>510</sup>.

### 3.2. CONSTELAÇÃO DE COLABORADORES

*A Estrella* não surgira por acaso. O periodismo feminino no Brasil, até o início do século XX, dava mostras de avanço, apesar dos ainda incipientes índices de alfabetização. Conseqüência das pioneiras do século XIX, que fundaram alguns jornais com participação mais efetiva de mulheres, já à frente das redações. As gazetas literárias femininas, dirigidas por homens ou mantidas por mulheres, já pontuavam as leituras cotidianas.

No Brasil, provavelmente, o primeiro periódico do gênero foi publicado em 1827. O carioca *O Espelho Diamantino* saía no mesmo ano em que fora editada a primeira lei de instrução pública, que estendia às meninas o direito à alfabetização. Outro registro desse período revela a fundação do bissetimanal *O Espelho das Brasileiras*, por Adolphe Émile de Bois-Garin, em 1831, na cidade de Recife. *A Fluminense Exaltada* foi publicada no Rio de Janeiro a partir de 1832. Todos jornais dirigidos por homens e endereçados às moças.

O primeiro periódico fundado, redigido e chefiado totalmente por mulheres no País foi o *Jornal das Senhoras*, da argentina Juana Paula Manso de Noronha, em 1852. Seis meses depois, Juana saiu do Brasil e a baiana Violante Atalipa Ximenes

---

<sup>510</sup>VICTORIA FEMININA. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro e dezembro de 1916, n. 158, p.32.

Bivar e Velasco ficou à frente da publicação, mantendo a linha editorial e as seções de moda, literatura, crítica, teatro e belas-artes<sup>511</sup>.

Durante a segunda metade do século XIX, um pequeno grupo pioneiro de mulheres proclamou sua insatisfação com os papéis tradicionais atribuídos pelos homens. Principalmente por meio de jornais, “elas procuraram despertar outras mulheres para seu potencial de autoprogresso e para elevar seu nível de aspirações”<sup>512</sup>.

Em 1873<sup>513</sup>, a professora Francisca Senhorinha da Motta Diniz publicava o jornal *O Sexo Feminino*, em Campanha da Princesa, um vilarejo no interior de Minas Gerais. June Hahner comenta que, apesar deste incremento de publicações femininas, feministas<sup>514</sup> ou ambas, elas ainda permaneciam relativamente isoladas.

Embora cada jornal pudesse ter seu próprio círculo de mulheres que pensavam da mesma maneira, as editoras freqüentemente careciam não só de contato pessoal entre si, mas também de conhecimento de todas as suas predecessoras e contemporâneas.<sup>515</sup>

Francisca Senhorinha da Motta Diniz, abolicionista e sufragista, era casada e mãe de três filhos. Publicou artigos em revistas como *A Estação* e manteve duas escolas no Rio de Janeiro: uma para ensino de moças em nível primário e secundário e outra, filantrópica, para órfãs. Após a proclamação da República, em 1889, *O Sexo Feminino* passou a reivindicar a igualdade de sexos e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. June Hahner recupera seu discurso, que salientava a paridade intelectual de homens e mulheres e trazia a noção de que a instrução feminina não deveria se limitar aos bordados e tarefas domésticas.

---

<sup>511</sup>Sobre estes e outros registros de imprensa feminina, conferir BUITONI, Dulcilia Helena Scroeder. *Mulher de papel*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981; *Idem*, *Imprensa feminina*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

<sup>512</sup>HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. *op. cit.*, p. 25.

<sup>513</sup>No ano seguinte, surgiram as folhas *O Domingo* – de propriedade da editora Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, do *Jornal das Senhoras* – e o *Jornal das Damas*, no Rio de Janeiro. Eles foram seguidos pelo *Myosotis*, de Maria Heraclia, lançado em Recife em 1875, e do *Echo das Damas*, de Amélia Carolina da Silva Couto, lançado no Rio de Janeiro em 1879. Deste ano também data a revista *A Estação*, que chegou a vender 10 mil exemplares. Sucedendo *La Saison*, impressa em Paris para circular no Brasil, tinha como chamariz as novidades da moda da Europa. Neste jornal, Machado de Assis foi um dentre muitos escritores a publicar folhetins que se tornariam romances, como *Quincas Borba*. Cf. BUITONI, Dulcilia Helena Scroeder. *Mulher de papel*. *op. cit.*

<sup>514</sup>Os grupos feministas podiam vir imbuídos de diversas matrizes ideológicas, nos séculos XIX e XX. Para alargar os conhecimentos acerca dos movimentos, recomendo a consulta à obra de ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. *op. cit.*

<sup>515</sup>HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. *op. cit.*, p. 52.

A mulher era “dotada com as mesmas faculdades do homen, com a intelligencia e a razão abertas a receber o cultivo das letras, das artes e das sciencias, para ser util á pátria e desempenhar a sua missão na sociedade”. Em vez de os pais mandarem suas filhas aprender a costurar, lavar e cuidar da casa, eles deveriam dar-lhes instrução, como ler e escrever, e, em seguida, educá-las em ciências como “*a literatura, (...) a philosophia, a historia, a geographia, a physica, a chimica, a historia natural*, para coroar esses estudos [com a educação] moral e religiosa”, juntamente com a educação física, para fortalecer seus corpos. D. Francisca não apenas argumentava que “as mulheres tem a necessaria capacidade intellectual, para aprender todas as sciencias”, mas também afirmava que elas ultrapassariam os homens nessa área, de vez que possuíam mais da “precisa paciencia para estudos superiores como o seião: os da physica, da pharmacia, da medicina”.<sup>516</sup>

Entretanto, a tônica das publicações femininas não era exatamente esta linha progressista e os discursos entusiasmados. Grande parte das folhas oferecia variedades e miscelâneas, entre páginas de moda e literatura, traduções de folhetins e contos europeus, culinária, beleza, charadas, ensinamentos domésticos, atividades de poupança ou aproveitamento de materiais para auxiliar o dia-a-dia no lar, comentários sobre arte e livros recém-lançados. Vasculhavam, portanto, conteúdos próprios do chamado universo feminino<sup>517</sup>.

Os títulos que se multiplicavam, quase sempre, eram metáforas à delicadeza e a sensível figura da mulher. A identificação com o estilo romântico legava uma série de escolhas baseadas em signos tidos como femininos, entre nomes de flores, animais graciosos e pedras preciosas: *A Grinalda, A Camélia, O Beija-Flor, O Leque, A Violeta, O Jasmim, O Lírio, A Crisálida, A Borboleta, A Esmeralda, O Espelho, Primavera, Jornal das Moças e Eco das Damas*.

No Ceará não foi diferente. Na esteira da florescente década de 1870, seguiu-se uma “seqüência apreciável de anos prósperos” na imprensa, nas palavras de Alba Valdez. Prosperidade alimentada pelos continuados invernos que suavizavam o clima e pelo ímpeto de mulheres que despertavam para os exercícios de literatura, ensaiando em público sua palavra impressa. Valdez se baseia na história do jornalismo cearense, de Barão de Studart, para traçar uma linha do tempo do escasso periodismo feminino cearense. A primeira, de 1875, chamava-se *O Lírio*<sup>518</sup>

<sup>516</sup>HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. op. cit.*, p. 54.

<sup>517</sup>Para aprofundar o assunto, é recomendável consultar PIRES, Maria Isabel Edom. A constituição da leitora. In: REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Orgs.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999. p. 624.

<sup>518</sup>Barão de Studart registra: “Publicação recreativa dedicada ao bello sexo cearense e collaborada por algumas senhoras. Impresso na Typographia Popular, rua Formosa no. 89. Fortaleza. Editor Suitberto Padilha. O 1º número é de 16 de maio”. STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924). op. cit.*, p. 70.

e era manuscrito. “Para começar, um nome bem achado. Nome de flor bela e perfumosa. Para que chamar-se, por exemplo, *O Combate*, *A Reação*, que ressumam truculência?”<sup>519</sup>

Na conjuntura de 1977, agravada pelas agruras da seca, a mulher, segundo Alba Valdez, é asorvida “em incessantes misteres, preocupações e cuidados domésticos”. Tais acontecimentos não impediram que várias delas se incorporassem ao movimento abolicionista que despontava. Emília Freitas e Francisca Clotilde “estrelam as colunas dos jornais com a comovente música humanitária de suas estrofes”. Alba Valdez continua a assinalar outros nomes de revistas de Fortaleza e do interior. “Algumas atingiram anos de idade, circulando não só dentro do Estado, como fora dêle, mantendo larga permuta”, a exemplo d’*O Astro*, fundado em Baturité pelas irmãs Amélia e Olga Alencar, que, “com a pessoa que dirige a palavra a esta assemblea ilustre, fundaram a 26 de julho de 1904 a *Liga-Feminista Cearense*, a primeira agremiação feminina, de fins culturais, que o meio possuiu”. Outra publicação feminina era “*A Estrella*, surgida também em Baturité pela ação progressista de Antonieta Clotilde, filha da mulher de talento que se chamou Francisca Clotilde, jornalista, poetisa, dramaturga e romancista”.

Observa-se ainda na vida jornalística cearense um caso, que é o do hebdomadário católico *O Rosário*, de Aracati, fundado em 1908 por D. Maria Felismina, com tiragem de 300 exemplares, o qual, ao numero comemorativo do primeiro aniversario, constou de 12 paginas, espalhando uma edição de 1200 exemplares. Citam-se ainda individualidades femininas que, se não fundaram jornais, pelo menos deram às suas colunas o lustre de uma inteligência engrandecida pelo estudo e pelo móvel que as arrastou ao torvelinho da publicidade<sup>520</sup>.

Outras publicações femininas, não citadas por Alba Valdez, constam na obra do Barão de Studart e ampliam o contexto de publicações dedicadas ao belo sexo no Ceará. O crítico e literário *O Ramallete*, de Fortaleza, começou a circular de 6 de março de 1887, redigido por Fernando Weyne, José P. Martins (proprietário), R. Pinto e C. Quevedo. “No seu nº9, o de 1º de maio, declara ser dedicado ao bello sexo cearense e que será publicado aos domingos”<sup>521</sup>. *O Grillo*, de 1891, era um jornalzinho de crianças, de Baturité. “Dizia-se destinado ao bello sexo. Impresso na

---

<sup>519</sup>VALDEZ, Alba. O Quinquagenario do Instituto. Sessão do dia 2. *op. cit.*, p. 423.

<sup>520</sup>*Idem, Ibidem*, p. 423-431.

<sup>521</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. *op. cit.*, p. 89.

Typographia Cruzeiro”<sup>522</sup>. Já o *Pau de Sebo*, satirizava, dizendo-se “Orgam das mulheres [leitura para homens]”. Circulou no bairro Benfica, na capital, e seu primeiro numero data de 27 de maio de 1897, tendo sido “apreendido pela policia”<sup>523</sup>. O *Chapéu Elegante*, de modas, datava de 1899; enquanto *O Lírio*, de Maranguape, era manuscrito, saía aos domingos e foi publicado pelas meninas Inah Montezuma, Icléa Brazil e Bebella Rodrigues, alunas da professora D<sup>a</sup> Maria Leonese. O primeiro número era de 12 de julho de 1908<sup>524</sup>.

No contexto de publicações destinadas a leitura de mulheres e empenhadas na propagação da produção intelectual, *A Estrella* surge de forma simples, também manuscrita, atingindo boa qualidade editorial, como visto.

A importância da publicação se descortina em várias vertentes. Inicie-se pela relevância de propor ao público um papel social para a mulher ainda reclusa ao lar. E esta constatação parte de um homem, Carvalho Nogueira. Para ele, é a mulher “o conjunto das mais excelentes qualidades, dos mais invejáveis dons que a distinguem”, mostrando que as páginas da história não a retratam “como escrava do homem, submissa, obediente e servil, como é, às vezes brusco pensar de algum pretencioso”.

No lar, na família e na sociedade, ela deve representar um papel importantíssimo que imponha ao mundo reconhecê-las como é, elevada acima de todos os seres. (...)

Como esposa, faz parte de nós mesmos, é um segundo *eu* para cujo amor devem convergir da nossa parte as mais pequenas fibras de nosso íntimo, porque ela é uma companheira certa e infalível, em todas as contingências porque passamos<sup>525</sup>.

Fortalecidas e confiantes, as mulheres d’*A Estrella*, especialmente as Clotildes, teciam habilmente uma ampla rede de leitores, colaboradores, propagandistas e assinantes de ambos os sexos que se congregavam em cada página.

---

<sup>522</sup>STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. op. cit., p. 99.

<sup>523</sup>*Idem, Ibidem*, p. 120.

<sup>524</sup>*Idem, Ibidem*, p. 167-8.

<sup>525</sup>A MULHER. *A Estrella*, Aracati, março de 1918, p. 16.

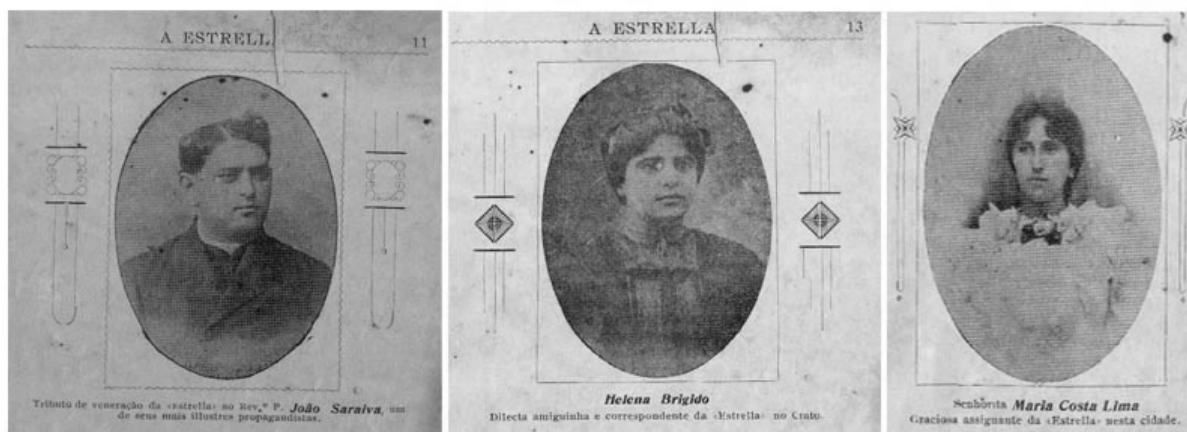


Figura 7 – "Tributo de veneração da <<Estrella>> ao Rev. P. João Saraiva, um de seus mais illustres propagandistas" (Outubro de 1911, p. 11); "Helena Brígido. Dilecta amiguinha e correspondente da <<Estrella>> no Crato" (Outubro de 1911, p. 13); "Senhorita Maria Costa Lima. Graciosa assignante da <<Estrella>> nesta cidade" (Outubro de 1911, p. 15).

Eram moças que, como Nehyse, acreditam que a publicação "trescala a inocência e candidez das boninas que abroham a hora crepuscular" e a recomendam, "porque reflete o encanto dulcíssimo do bem e faz vibrar nos corações a nota dos castos affectos, dos affectos mais puros e santos"<sup>526</sup>. Uma publicação cujo "influxo de seu clarão abençoado" rende preciosas inspirações.

Em 1912, a lista de colaboradoras já apresentava variedade de nomes, principalmente de cidades cearenses e do norte do País. Aproximava-se de uma publicação literária, a julgar pelo conjunto de literatas e literatos envolvidos. Entre a goiana Cora Coralina e a cearense Serafina Pontes, que fora "amadrinhada" por Francisca Clotilde desde o início de sua trajetória, as mulheres predominavam. Era a "bella constellação que imprime luz á 'Estrella'", que se orgulhava de ser "formada por eximios belletristas e pessôas dignas de apreço, cuja inexcedível dedicação muito tem concorrido para o evoluir do pequeno Astro, atravez do honroso itinerario da Imprensa"<sup>527</sup>. Durante a leitura, é comum deparar com alguns pseudônimos que fazem referência aos astros, como "Estrellinha", "Estrella d'Alva", "Vesper", "Estrella do Oriente", "Sirius". Homens e mulheres que se disfarçavam<sup>528</sup> para atingir os leitores.

<sup>526</sup>NEYSE. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, abril de 1916, n. 153, p. 7.

<sup>527</sup>GALERIA AUREA. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p. 70.

<sup>528</sup>De acordo com Norma Telles, era comum as escritoras adotarem pseudônimo para encobrirem a identidade, para serem aceitas pelo público, indicando timidez, insegurança ou medo. Nas últimas décadas do XIX, assinala, o artifício "começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora. Até como um ícone do domínio da sensibilidade, da

Ainda que extensa, transcrevo a íntegra da lista, com vinte e oito nomes, para dar a conhecer ao leitor de nosso tempo o esforço das editoras de estabelecer relações em várias cidades, registrando a capilaridade geográfica da publicação e o esforço de estabelecer um grupo de colaboradoras – todas elas mulheres.

Fortaleza - Serafina Pontes  
Baturité - Rosinha Ferreira  
Pacatuba - Maria de Araujo Lima  
Ipú - Sé Coelho  
Crato - Helena Brigido dos Santos  
Icó - Etelvina Dias  
S. Francisco - Maria Amelia de Castro  
Brejo dos Santos - Balbina Pedrosa  
Jardim - Maria da Silveira  
Massapê - Amelinda Pontes  
União - Pergentina Alice de Almeida  
Barbalha - Josepha Alves de Souza  
Belém - Marcelina Laráreda  
Manaus - Maria Lucilla do Monte  
Páo d'Alho (Pernambuco) - Severina Alcina Cmarotti  
Rio de Janeiro - Julietta Moraes  
Rio dos Indios - Anna Carvalho  
Diamantina - Maria D. Vasconcellos  
Itapipoca - Pergentina de Araujo  
Manaus - Maria Lucilia  
Alagôa Grande (Parahyba) - Cordelia Sylvia  
Mossoró - Evangelina Martins  
S. Luiz - Hevilda Bottentuit  
Bahia - Mercêdes Velloso  
S. Gabriel - Antonietta Moreira



Goyaz - Cora Coralina

Granja - Maria da Silveira

Campina Grande - Alice Camara<sup>529</sup>

Sete anos depois, três páginas<sup>530</sup> da edição número 176 foram destinadas à apresentação dos participantes do mensário, freqüentemente chamada “constelação”. Espreado-se por distintas regiões, a influência ampliara-se sensivelmente, em estados como Amazonas, Paraíba, Bahia, Piauí, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul. Ao

---

<sup>529</sup>EXPEDIENTE. *A Estrella*, [s.l.], [s.d.], p. 16

<sup>530</sup>Foram elas: Almerinda Rodrigues (Brejo - MA), Abigail Sampaio (Paracurú), Antonia Sampaio (Paracurú), Anna Carvalho (Rio dos Índios - RJ), Antonietta Falcão (São Gonçalo dos Campos - BA), Adalzira Bittencourt (SP), Anna Fernandes (Milagres), Anna Guerra (Caraúbas - RN), Alice Rosa de Castro (Campo Formoso - GO), Beatriz Rodrigues Lima (Caeteté - BA), Cordélia Sylvia (Alagoa Grande - PB), Célida Adamantina (Alagoa Grande - PB), Consuelo Andrade (Alagoa Grande - PB), Carmen Thaumaturgo (Fortaleza), Clotilde de Mattos (Muzambinho - MG), Carmelita A. Curtia (Viamão - RN), Debora Corrêa Lima (São Bernardo - MA), Delminda Silveira (SC), Dinorah Falcão de Hollanda (Fortaleza), Dulce Avelino (Macau - RN), Dulce Dolores (Ponta Grossa - PR), Eduviges Castello Branco (Baturité), Elvira Soares Fernandes (Anchieta - ES), Elisa Moreira (Morada Nova), Edith Pinto (Passagem de Pedras), Esther Paiva (Priaóca), Evangelina Martins (Diamantina - MG), Gaciette (RJ), Genesis Neiva (Mirador - MA), Guilhermina Carvalho (Rio dos Índios - RJ), Gizelda Fernandes (Caraúbas - RN), Helena Marques (Jacutinga - MG), Hilda Moreira (Serrote), Hilda do Valle Mello (Labrea - AM), Herundina Mendes (Quixeramobim), Hormisda Costa Ferreira (S.Vicente Ferrer - MA), Irene Marinho (RJ), Idalícia Nogueira (Icó), Isidora Furtado Muniz (Barro Vermelho - MA), Julia Moura do Rego Barros (Manaus - AM), Julia Barbosa Moreira (Cruzeiro do Sul), Julieta M. Castanheira (RJ), Josephina Mayrelles (Tauá), Jacyra Potyguar (Diamantina), Luisa de Jesus Luz (Pacoti), Leonilla Linhares (BA), Leodegaria de Jesus (Araguary - MG), Lydia Cunha (Teresina - PI), Maria José Bayma (Fortaleza), Maria Cavalcante de Oliveira (Fortaleza), Maria da Silveira (Itapipoca), Maria Nogueira Motta (Independência), Maria Xavier Ferreira (Soure), Maria F. dos Santos Gomes (Caridade), Maria do Carmo Barbosa (Aracati), Myrthes Flôr Gaúcha (Porto Alegre - RS), Mahyba Mattar Azar (São Luis - MA), Maria Barbosa (Cruzeiro do Sul), Maria Sampaio d'Andrade (Fortaleza), Maria das Graças S.Costa (Vitória - ES), Maria Theophila M.Souares (Goiás - GO), Maria Evangelina M.Souares (Villa Nova - SE), Mariynha Castello Branco (Mondubim), Myrthes Nogueira (São Bernardo - MA), Nair Correia (Cruzeiro do Sul), Odília de Albuquerque (Tarauacá), Olga Arantes (Belo Horizonte - MG), Olga Helay (S.Pedro - MA), Odília Sá (Monguba), Olívia Meyrelles (Aurora), Philomena U.do Nascimento (Altamira - PA), Rosinha Caminha (Aracati), Rosinha Martins (Penalva - MA), Raymunda Bayma (Fortaleza), Rosinha Ferreira (Fortaleza), Raymunda de B.Monturil (Carolina - MA), Raymunda Pinheiro de Souza (Monção), Rosalia Sandoval (Maceió - AL), Serafina Pontes (Fortaleza), Stella Lucia (MT), Severina Aleina Camarotti (Pau d'Alho - PE), Terina Guilherme Janja (Aquiraz).

Além das mulheres, colaboraram: Antônio de Castro, Américo Rodrigues, Aristóteles Bezerra, Antônio Carneiro Meira, Antônio Bastos, Antônio Borges da Costa, Antônio Ferreira Filho, Antônio Avelino Barroso, Abdias dos Santos Andrade, Dr.Andrade Furtado, Dr. Beni Carvalho, Celso Meira, Carlyle Martins, Carvalho Erse, Carvalho Nogueira, Carlos Rubens, Djalma Vianna, Dr.Euclides Comarú, Dr.Eduardo Dias, Esdras Farias, Eugenio Maia, F. Paiva, José Barbosa de Lima, Major José I.Benalon, Luis Leopoldo de Araújo, Luis Maia, Luciano do Rosal, Marques Sobrinho, Miguel Archanjo de A.Galvão, Nelson Fonseca, Odilon Gomes de Andrade, Odorico Castello Branco, Pe. Paulino Nogueira, R.Olivier, Ramos Netto, R.de Lima, Sousa Dantas, Tibério Burlamaqui, Dr.Ulysses Castello Branco. (GALERIA DOURADA. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1919, p.70-2).

pesquisador, a fonte traz significado por referenciar a vasta cartografia da escrita das mulheres, ligando as regiões mais diversas.

Além da diversidade de lugares, nas páginas d'A *Estrella* encontravam-se várias gerações de colaboradoras. Algumas eram muito jovens, como Amalinha Barreto, da cidade cearense de Aracoiaba, e Amélia Gomes, de Belém. Sua imagem não está na revista apenas porque são meninas da sociedade, filhas de pessoas ilustres e amigas da publicação, mas porque são leitoras e apologistas das letras. Crianças que já se configuram partícipes, sujeitos da escrita e da leitura.



Figura 8 - "Amalinha Barreto, encantadora correspondente desta Revista, em Aracoyaba, e entusiástica apologista das letras"(Outubro-Dezembro de 1920, p. 23) e "Amelia Gomes, gentilissima filha do Dr. João Raymundo Gomes e constante leitora da <<Estrella>> em Belém" (Dezembro de 1911, capa).

Outra menina que confiava seus textos à revista era a "graciosa amiguinha" Gilberta Galvão, de Acary, no Rio Grande do Norte. A ela foi dirigida uma carinhosa nota, que agradecia sua colaboração. Elogios que poderiam ser estendidos a muitos dos apreciadores das letras que enviavam seus escritos às Clotildes.

O que seria do viajante, em pleno deserto, si não lhe sorrisse a imagem radiosa da esperança? O que seria da <<Estrella>> do Ceará, se não lhe enviassem sorrisos e flores, blandícias e perfumes, carícias e amores as jovens meigas como a nossa graciosa amiguinha?

(...) Atravez da distancia que nos separa, atravez das aguas profundas e mysteriosas do oceano, enviamo-lhe um expressivo ramilhete confeccionado de rosas tão lindas como deve ser o seu sorriso...<sup>531</sup>

Outra pequena leitora, cativada pela publicação, foi Marília Memória, de Fortaleza. Tem apenas sete anos e antecipa: “mesmo assim pequenina, sei apreciar o talento e prestar culto á intelligencia”. Escreveu uma missiva à *Estrella*, contando como que foi a professora a lhe apresentar as páginas femininas. “Minha prezada mestra sempre está a me falar de ti, scintillante Revista, e por isso fui me habituando a estimar-te e hoje tens em mim uma admiradora fervorosa e sincera”, diz.

Soube que 28 de Outubro é teu dia natalicio.  
Que fazer para commemorar tão sympathica data? Que offertar á Redactora gentil?  
Em minha imaginação infantil architectei mil planos; mas nenhum me agradava.  
Enfim, depois de muito pensar veiu-me á ideia formar um bouquet das caricias, sorrisos, beijos e affectos de meus irmãosinhos, perfumal-o com os effluvios de meu coração e offerecel-o, prazenteira e feliz, á talentosa Redactora, em prova de expontanea sympathia.  
Queira a illustre senhorita aceitar a minha original offerta e enaltecel-a com sua bondade inexcedivel<sup>532</sup>.

Ao falar dos colaboradores e colaboradoras de *A Estrella*, não se pode ignorar a ironia da coluna *De Leve*, de *Linita* e *Zilette*. Apareceu pela primeira vez na edição número 166 (referente a agosto e setembro de 1918) e, a partir daí, passou a tratar com muito humor de temas do cotidiano feminino.

Sua primeira coluna abordou como tema o comportamento supostamente grosseiro dos homens. “Às vezes não compreendo como tendo alguns homens certa instrução sejam por índole grosseiros e muitas vezes até brutais no modo de tratar. É incrível que possam aliar-se maneiras indelicadas ao cultivo intelectual”. No entanto, diz, “há desses homens na sociedade e infelizmente em grande escala”. . Em sua escrita, realiza uma argumentação que gera identificação da leitora com ela. Não impõe opiniões, mas tenta persuadir.

Não sei se as outras moças pensarão como eu, mas tenho verdadeiro horror e aversão ao homem que não é ou pelo menos não procura ser delicado.  
Que cruel decepção, que ironia atroz do destino para aquela que com o coração cheio de meiguice e afetos escolher por marido um desses! Santo Deus! É preciso ter um espírito muito forte, iluminado pela crença e revestido de paciência santificante para não cair-se exausta ao peso da cruz.

<sup>531</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1916, n. 153, p. 14.

<sup>532</sup>MEMÓRIA, Marília. À *Estrella*. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p. 63.

Ser delicado, ser atencioso, usar sempre de maneiras atraentes e cativantes com quem quer que seja, eis o melhor adorno de um rapaz, eis o melhor atestado de sua conduta, o esmalte mais belo de sua educação.<sup>533</sup>

A ousada visão a respeito do casamento por interesse – principalmente por parte dos homens – é o mote da coluna seguinte, publicada três edições depois, em Fevereiro de 1919. A língua solta do redator (ou seria redatora?) sublinha um dado interessante: a desigualdade numérica entre mulheres e homens. Além do viés de interesse financeiro relacionado ao amor, corrente na conduta de algumas pessoas do período, segundo ela.

Que os homens estejam geralmente por preço elevadíssimo, não posso crer porquando há múltiplas provas do contrário. Na época atual acho até que para a desigualdade numérica que há entre os dois sexos eles estão a *vender-se* com extrema facilidade, porque só procuram, só cavam no casamento o interesse. Deixa isto de ser uma verdade? Absolutamente. (...)

Penso com razão que nem todos dirão como este disse.  
“Amor é dinheiro, quando o temos nas nossas algibeiras”.<sup>534</sup>

A repercussão da coluna é substancial, como se depreende da pesquisa, percebida em críticas publicadas nos próprios textos da coluna. *De Leve* acabou conquistando espaços cada vez maiores – a meia página ocupada anteriormente torna-se pequena para tantas opiniões torna-se página e meia, em maio de 1919.

Dirigindo-se às suas “queridas leitoras”, *Linita* opina a respeito da felicidade no casamento. Para ela, o matrimônio não é somente uma cerimônia sofisticada, com a noiva bem vestida e adornada por flores de laranjeira. O texto lembra que “este dia poderá ter belas e gratas reminiscências, mas... como um dia vulgar passará...”. A felicidade também não estará na compra do gracioso enxoval, na casa tinindo de nova ou na posição social do marido.

Ouvi minha resposta. Será feliz no casamento a moça que possuir por completo um tesouro mais precioso e de mais sabido valor que o ouro e todas as jóias do mundo: a estima e consideração do esposo, seja qual for a posição do mesmo, brilhante ou obscura. Podeis crer, está é a melhor recomendação de um caráter nobre e leal, de um coração magnânimo e generoso. (...)

Bem sabeis que a mulher não é exigente e nem tão pouco ambiciosa. Que lhe dêem um pouco de amor e sinceridade e ela será contente e feliz por toda a vida.<sup>535</sup>

---

<sup>533</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, agosto, setembro de 1918, p. 13.

<sup>534</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, fevereiro de 1919, p. 8.

<sup>535</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, p. 15.

Assinada com um novo pseudônimo, *Zilette*, a coluna aparece na edição seguinte com um dos textos mais contundentes, atacando a desmedida vaidade feminina e a vã tentativa de ocultar as marcas do tempo com maquiagens, acreditando que os homens preferem as mulheres que cultivem a inteligência, ao invés de criaturas entediadas, fúteis e tristonhas.

Muitas quando completam 20 anos, a idade primaveril, em que as flores de laranjeira tenham abrolhado para ornar-lhes a fronte e o clássico enxoval esteja pronto para o enlace desejado, entristecem-se, tornam-se neurastênicas, na perspectiva de uma *peça* fatal ou de um tiroteio em que a *macaca* desempenha o papel principal.

Aos 25, aos 30, então... Jesus me valha! É um nunca acabar de tentativas quase sempre frustradas, de aparatos de vaidade que caem muitas vezes no ridículo.

Pobres moças! Não há carmim nem talco que disfarce os vestígios cruéis do tempo que nada respeita e, se vos mostrásseis ao natural, agradeceríeis muito mais.<sup>536</sup>

Tais “abusos” não são permitidos, muito menos, às senhoras casadas. Não se justificam, mesmo entre as solteirinhas”. Tintas, “pulverizações” e outros artifícios deixariam a mulher irreconhecível. “O rosto apresentava vestígios devastadores de *rouge* e as sobrancelhas estavam horrorosamente pintadas”. No último parágrafo, há a visão que as mulheres tinham de quem criticava a vaidade desmedida e condenava o excessivo uso de cosméticos. Seria *Zilette* uma solteirona e uma invejosa?, poderiam pensar. Trata-se da percepção de que a mulher com opiniões mais críticas – talvez *feministas* – seria uma pessoa frustrada, sem vaidades, que não gosta de ser mulher e de se enfeitar como as outras.

Tive vontade de apresentar-lhe um espelho e dizer-lhe:

- Vê a que estado te reduziu a vaidade! Teus olhos tão lindos perderam a graça e a expressão, os lábios estão *carnevalizados*, as faces exageradamente vermelhas.

Que mau gosto é o de teu marido em consentir tais exageros! (...)

E o pior é a série de comentários feitos por entre os descaridosos e reparadores da vida alheia. Com tantos arrebiques e drogas, com tantas tintas e *pulverizações*, o rosto mais gentil se transforma numa máscara que não inspira nenhuma simpatia. (...)

Mas que impressão lhe causei hoje, minha queridinha?

Dirás com os teus grampos: Que criatura impossível! Com certeza é alguma solteirona, desiludida que tem horror à beleza das outras e quer depreciá-las. E eu responder-te-ei: As feias é que precisam de pinturas porque têm sardas e panos a macular-lhe a cor e não querem mostrar-se *naturalmente*.<sup>537</sup>

<sup>536</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, julho de 1919, p. 3.

<sup>537</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, abril de 1920, p. 11-2.

Zilete destaca que não são os atavios da moda ou o esplendor da beleza e do luxo a tornar a moça digna de admiração. Reitera que o cultivo da inteligência e a bondade são as mais preciosas virtudes. “Espalhando na intimidade o aroma de seu coração perfumado pelo bem, gozará sempre de uma simpatia crescente entre as pessoas de seu convívio e jamais verá eclipsada a sua realeza”. É, os homens prefeririam as recatadas. Para encerrar o artigo, Zilette, que é dada a consulta de obras moralizantes para servir de base a seus escritos, utiliza um trecho do livro *A Divorciada*, de Francisca Clotilde. Seria a escritora a autora por trás do pseudônimo?

O homem sensato não escolherá para companheira de sua vida uma criatura leviana, amiga de arrebiques e que tenha por única preocupação enfeitar-se, sobressair, brilhar nos salões, atrair homenagens e admiração. Irá procurar a violeta modesta cuja fragrância se exala nos recessos do lar para embalsamar o caminho de sua existência de suavíssimos eflúvios. Assim as que aspiram ao casamento devem tornar-se dignas de representar o papel sublime de mãe de família e não passar o tempo preocupadas com exterioridades fúteis que não podem ser apreendidas pelos espíritos sérios. E se “casamento e mortalha no céu se talha” não se desconsolam as titias e as solteironas.<sup>538</sup>

O romance de Clotilde, então, se encaixaria entre as leituras da moralista Zilette. Seu modo de escrever traz um estilo possível de se encontrar em várias publicações do período, no sentido de propagar um programa de tutela da leitura. Uma campanha cerrada contra o gênero romance é realizada, apresentando-o como fantasia, exaltação do amor e delírio. Leitura que envenena a alma.

Não contraia os seus lindos supercílios num gesto adorável de amuo, minha leitorazinha querida, depois de ter percorrido essas desalinhas frases (...). Há de me dar razão no seu íntimo e convir que nem sempre a linguagem melíflua e cheia de delicadas fantasias é a mais sincera e a mais conveniente. Refiro-me aos romances, onde o amor é exaltado com delírio, os homens são envoltos na auréola de glorificação e as mulheres apresentam-se como heroínas vitoriosas ou sacrificadas. Ah! encantadora amiguinha, como eram diferentes os costumes medievais! [...] Acredita nas belas coisas que as páginas dos romances lhe apresentam? Quanto veneno subtil há nelas escondido, sob flores de louçania admirável, sob primores de estilo e imagens empolgantes!

Através da leitura de romances, perderia-se a inocência, as chamadas virtudes femininas, a inocência, a pureza e a castidade. Pior, a mulher poderia vir a questioná-las. Zilette mescla seu discurso com elementos religiosos. Entende Zilette que as leituras encontram as sensações e despertam a imaginação. “Distraem,

---

<sup>538</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, julho de 1919, p. 3.

instruem, matam o tempo, dir-me-á alguém. Concordo; distraem do cumprimento do dever, instruem na ciência do mal e matam quase sempre os germens da virtude no coração inocente”. Elabora, então, uma espécie de cânone que coloca o mau romance como um livro que desvia as condutas e inocula pensamentos inapropriados.

Falo dos maus romances porque também há muitos que podem ser lidos com interesse sem causarem o menor dano e antes deixam no espírito sensações as mais agradáveis.

Creia-me, leitorazinha, há tanto trabalho que deleita numa futura dona de casa (penso que deseja receber o sétimo sacramento; não é assim?) Diga-me: sabe preparar ao menos um *lunch* para o eleito se su´alma?(...)

Desfez-se o gostosinho de zanga, agora que acabou de ouvir o meu sermãozinho?

Paira-lhe nos lábios um sorriso malicioso. Ouça um conselho ainda: escolha os romances, cultive as flores e não esqueça os preparativos do *lunch* (...)<sup>539</sup>

Zilette então abre a estante da leitora e se decepiona, porque não encontra “nenhuma obra séria”, falando em seguida da importância de a mulher saber preparar um *lunch* com esmero, em um texto sobre o *flirt*. “Brincar com o fogo é sempre perigoso e namorar para passar deliciosamente o tempo, para ser apreciada, despertar invejas, atrair atenções, é perigosíssimo para uma donzela virtuosa”, indica.

O “flirt” ou melhor (evitando o estrangeirismo) o namoro... pode fazer mal a ninguém? É tão moderno, tão bonito! Que inconveniência haverá para dois jovens que sentem simpatia um pelo outro dizerem-se algumas frases galantes, cheias de doçura, trescalantes à poesia que todo o coração encerra na primavera da vida?

Num salão onde tudo sorri, onde as luzes fazem realçar as toilettes e a beleza dos traços feminis, terá péssimo gosto o rapaz bem educado que não tentar um dialogo afetuoso e lisongeiro que lhe mereça um sorriso encantador e um volver d’olhos apaixonado.

Sim, leitorazinha amiga, tudo isso são devaneios da mocidade; mas nesses ensaios de noivado, nesses prólogos de casamento quantos perigos existem, quantas conseqüências deles podem advir para a moça leviana e inexperiente!<sup>540</sup>

Sua estratégia de escrita é clara – começa com um texto em linguagem positiva e depois ataca os costumes. Tudo para discretamente envolver e convencer o leitor. Assim, o *flirt*, “tão moderno, tão bonito”, parece não ter inconveniente algum, de início. Então a escritora prossegue, sem condenar “em bloco” a conduta, apresentando suas ressalvas e concretizando seu aconselhamento. Ou

<sup>539</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, agosto, setembro de 1919, p. 2-3.

<sup>540</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1919, p. 32-4.

“sermãozinho”, que é como chama seus textos, acreditando que eles são desta forma recebidos por suas leitoras.

Não quero dizer com isto que a moça se recuse a conversar com um rapaz, a receber mesmo atenciosamente os seus galanteios; mas que chegue a aceitar prendas, a trocar cartinhas, a comprometer-se sem ter a certeza de realizar os seus sonhos, é verdadeira temeridade, da qual terá de arrepender-se com certeza. (...)

O homem criterioso sabe distinguir a pérola do alfojar, o brilhante da pedra falsa.

Guarde o meu sermãozinho num cantinho de seu cérebro e em breve, seguindo os meus conselhos ditados pela experiência, verá os seus sonhos azuis florirem perfumados de verdadeira e dulcíssima felicidade.<sup>541</sup>

Zillete antecipa a reação das leitoras, em recursos retóricos. “Que insuportável é essa Zillette! direis certamente, dulcíssima leitora, aborrecida com meus fastidiosos sermõesinhos”. Talvez seu tom e sua crítica não fossem bem acolhidos pela leitora, na medida em que os temas abordados em sua coluna tocam a intimidade – os namoros, as leituras pecaminosas, a vaidade exacerbada. “Sim, tens razão em mimosar-me com o adjetivo insuportável, pois me ocupo hoje de um grande defeito social que constitui um hábito, sem o qual as palestras não tem sainete, nem as reuniões íntimas atrativo algum”. Aqui refere-se, especificamente, a um assunto em voga em seu tempo, a maledicência.

Quero falar sobre a maledicência, o gostinho de ocuparmo-nos da vida alheia, o péssimo costume de vermos em todas as ações do próximo motivos para censuras e observações. (...) E assim, minha querida leitora, a pele do próximo vai sendo dilacerada, esfacelada por essas boquinhas rosadas que têm alguma coisa das mandíbulas figrinas(...).<sup>542</sup>

Confesso imaginar Zillette debruçada em uma janela ou sentada no banco de alguma praça, assistindo às pessoas passearem, com um ar analítico. A escritora muda o tom em sua última coluna publicada, fazendo um elogio às cearenses. “com certeza desta vez procurei incensar, em vez de causticar de leve”.

Em seu elogio, fala que, além da elegância e da beleza, estão a caridade e seu envolvimento nas questões sociais da província entre as grandes virtudes das “filhas de Iracema”. E, ao final do texto, confessa às leitoras ter cumprido sua “promessa”, despedindo-se: “E... até o último trimestre do ano, quando pretendo voltar para te pregar um sermãozinho confeitado com o carinho que te consagra”.

---

<sup>541</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1919, p. 32-4.

<sup>542</sup> DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, fevereiro de 1920, p. 8-9.



Tudo agrada na moça cearense: a elegância reúne-se à beleza, a inteligência ao espírito, a graça à faceirice. (...)

A caridade exerce nos corações das cearenses o seu celestial prestígio e, quando o flagelo das secas requeima nossos campos e torna em ravinas as correntes murmurejantes de nossos rios, elas transformam-se em anjos divinais, em gênios benfazejos, prontos a espalharem esmolas, sorrisos e consolações. (...)

Valeu-me o luar de Agosto brincando na folhagem, desenhando arabescos na areia dos caminhos, refletindo-se na superfície das águas, inspirando-me as toscas frases com as quais alinharei esta seção.<sup>543</sup>

A pena leve de Zillette, ao passo que propõe idéias avançadas em seus textos – além de possuir uma singular escrita contundente –, se mostra retraída em vários pontos. Oscila entre a ousadia, a quebra de tabus, e a manutenção da idéia de que as mulheres deveriam tomar cuidado com alguns tipos de livros e deveriam aprender primeiro a cozinhar e a cuidar do lar antes de se aventurar pelo campo das letras. A coluna *De Leve*, desse modo, parece ser um dos principais espaços de propagação de novas idéias e parâmetros de convivência, além de sinalizar o que as mulheres daquele período pensavam sobre moda e comportamento.

A *Estrella* se constitui, portanto, também como formadora de opinião. Pelo que deixa entrever em seus textos, *Zillette* não vinha sendo muito bem recebida pelas mulheres – e, principalmente, homens –, devido ao modo de se expressar e a sua tentativa de questionar estereótipos naturalizados por mulheres e homens do início do século XX.

### 3.2.1 ÁLBUM DE VIRTUDES E MODELOS

A partir de 1910, os leitores, escritores e colaboradores d'*A Estrella* passaram a figurar de outra forma na publicação – através de sua imagem. O uso da fotografia passou a ser constante, evidência da modernização gráfica daquele órgão de imprensa. Os retratos ocupavam a capa e diversas páginas, propondo uma nova dinâmica de leitura na revista. Atraíam o olhar e estimulavam uma pausa para contemplação e observação.

As páginas não traziam amostras do espaço urbano ou imagens de objetos inanimados. *A Estrella* primava por apresentar pessoas que possuíam vínculo afetivo com a publicação, entre colaboradores, propagandistas, leitores e seus

---

<sup>543</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, agosto, setembro de 1920, p. 6.

familiares. Os registros, sobretudo, revelam como a sociedade representa a si através da imagem.

Nesta etapa do trabalho, não se pretende “educar” o olhar, direcionando o que deve ser observado nas fotografias. O argumento que orientou a organização de uma pequena parte do acervo fotográfico da publicação foi estabelecer códigos de leitura para interpretar o conjunto de retratos e fazer sobressair a sua força. O material iconográfico encontra correspondência, a todo instante, nas bases ideológicas presentes n’A *Estrella*. Outras informações sobre os documentos, como comportamentos e representações, podem ser apreendidas através das características de cada imagem, considerando forma, tamanho, enquadramento, nitidez, planos utilizados pelo fotógrafo.

O acervo, que contém boa mostra de memórias de familiares, costumes, gostos da época, laços afetivos, vestuário e mobília, foi organizado em três grupos: mulheres, crianças e homens. O sentido da seqüência dos retratos foi sendo definido ao longo da escrita do trabalho, seguindo as indagações interpostas pela pesquisadora. Outro parâmetro que orienta a análise dos retratos é a reflexão sobre sua intencionalidade e os caminhos percorridos pela fotografia, apontados por Boris Kossoy: “as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram”<sup>544</sup>.

Eram as crianças e as mulheres os retratados mais constantes. As imagens traduziam a visibilidade e o protagonismo proporcionados às mulheres pela revista, de vários lugares, até então reclusas ao lar, sem rosto, encobertas pelo marido. O projeto redatorial construído pela *Estrella* pavimentava, mesmo que de forma involuntária, um caminho de maior projeção feminina na sociedade.

Ao apresentar corpos e semblantes de mulheres em sua diversidade, sempre em vestimentas e penteados recatados, a publicação contribuía para o entendimento em torno de possíveis identidades e papéis femininos. Para *A Estrella*, a mulher não era somente mãe e esposa – surgia independente, autônoma, sozinha, feminina, adjetivada como “inteligente” e “colaboradora”, prevalecendo em suas características intelectuais. O ponto inicial de todas as fotografias é o desejo do indivíduo se fazer retratar.

---

<sup>544</sup>KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 45.

A indumentária e os adereços das mulheres chamam a atenção por serem predominantemente brancos. Este efeito, combinado ao contraste em relação ao fundo escuro do cenário, direcionava o olhar para a protagonista feminina e trazia um resultado intimista e introspectivo. É o caso do retrato da colaboradora Emília de Freitas<sup>545</sup>, de Mossoró. Ela se apóia em um móvel que se assemelha a um púlpito, lugar da oratória. É apresentada como cultora das letras, colaboradora e propagandista – características comuns a quase todos os escolhidos para figurar n’*A Estrella*. Emília é apresentada como “mademoiselle”, francesismo que reforça o ar de distinção.



*Figura 9 - "A gentil cultora das letras, Melle. Emilia de Freitas, distinctissima colaboradora e propagandista da 'Estrella' em Mossoró" (Outubro de 1915, p.15.)*

O retrato de Emília Freitas fora recebido em abril daquele ano, de acordo com inscrição publicada no *Mensageiro da Estrella*. A imagem da colega da publicação reforça seu vínculo com as redatoras, desfazendo-se “a nuvem espessa que toldava o firmamento roseo do imenso affecto que te dedicamos”. A anotação registra o recebimento do “lindo retratinho e phrases cariciosas” da autoria de Emília<sup>546</sup>.

---

<sup>545</sup>Emília Freitas, de Mossoró, é homônima. Não se trata, portanto, da escritora cearense Emília Freitas, amiga de Francisca Clotilde, que integrou com ela as frentes abolicionistas.

<sup>546</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1915, n. 142, p.8.

Angelita Clotilde, irmã de Antonieta, também ganha a honra de aparecer em página da revista. Fotografada de corpo inteiro, aparece em um espaço que pode ser um palco, com fartas cortinas logo atrás. Participaria ela das dramatizações de peças, monólogos e diálogos, seguindo a tradição das Clotildes. Sua vestimenta, clara e elegante, ganha o complemento do moderno relógio de pulso e do leque.



Figura 10 - "Tributo de caricial afeição á Srta. Angelita Clotilde, querida e gentilissima irmã da Redactora da <<Estrella>>" (Outubro de 1915, p.55); "Penhor de affectuosa sympathia da 'Estrella' á gentil fortalexiense Senhorita Alzira Pacheco" (Outubro de 1916, p. 11)

O leque era um elemento indispensável às mulheres. Muitas delas apareciam portando este objeto, exibindo-o nas fotos como um signo de elegância. Nada de "pintura, nem de caracterizações, pois a natureza lhe prodigalizou os seus melhores dons. Apareça, portanto, como Deus quiz que fosse e não se disfarce"<sup>547</sup>.

Detalhe interessante é que o leque e o relógio que compõem a produção de Angelita se assemelham com os acessórios utilizados por Alzira Pacheco e Zefinha Baptista, nas fotografias a seguir. Acredita-se que sejam peças de propriedade do estúdio fotográfico, que preparou os retratos.

<sup>547</sup> NENUPHAR. Conselho Médico. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.5.

Segundo as redatoras, o leque era a “arma victoriosa nas mãos de uma moça elegante”. O comentário está presente na apreciação da fotografia de Maria Odília Comarú, de Belém, e enfeixa os dotes físicos junto da virtude e da bondade.

O que diremos ante a sua gentilissima photographia? Della resumbrá um encanto irresistível, a transparecer na expressão do rosto, na maneira chic com que segura o leque, arma victoriosa nas mãos de uma moça elegante. Achamo-la simplesmente adorável e os seus dotes phisicos revelam a bondade de seu coração. Envolta na irradiação da mocidade, deve ter um ideal grandioso, digno, nobilitante.<sup>548</sup>

A demanda de publicação dos retratos parecia generosa, já que a fotografia de Maria Odília aguardou de julho a outubro até figurar na edição d’A *Estrella*. Uma demora que, deve-se registrar, ocorria também com os textos enviados, desde os primeiros anos. Em 1908, o *Mensageiro da Estrella* trazia um recado a dona Maria Felismina. “Na primeira ocasião publicaremos o seu gracioso conto. Não se aborreça pela demora, gentil amiguinha. Sim?”<sup>549</sup>.



Figura 11 - "Maria Odília Comarú - Belém – PARÁ" (Outubro de 1919, p.21)

<sup>548</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. A *Estrella*, Aracati, julho de 1919, p. 9.

<sup>549</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. A *Estrella*, Aracati, dezembro de 1908, n. 72. p.5.

Além desta honra, Maria Odília recebeu uma pequena poesia, que ressaltava suas qualidades femininas, como a graça, a formosura, a candura e a simpatia – refletidas na imagem.

A graça peregrina,  
A doce formosura,  
Os mimos e candura  
De um'alma crystalina,

Num encanto sem par,  
Primor de sympathia,  
Eu vejo irradiar  
Nesta photographia

De terras distantes, a poetisa Odília Rodrigues, do Acre, também aguardou alguns meses até ver seu retratinho publicado. A fotografia traz inscrição referente a 15 de janeiro de 1916 – e só sairia na edição do mês de outubro.



Figura 12 - "A doce poetiza cearense Odilia Rodrigues que, nas plagas acreanas, propaga vantajosamente a <<Estrella>>" (Outubro de 1916. p.23)

E assim, “sem sombra de rouge, nem decote e com a saia... um pouco mais comprida”<sup>550</sup>, as mulheres d’*A Estrella* exaltavam a moderação da forma de se vestir, sempre com roupas e cabelos muito bem compostos e elegantes. Estavam, portanto, em sintonia com os preceitos de moralidade divulgados pela publicação. No diálogo Conselho Médico, Helena é criticada pelo doutor, por apreciar o burburinho das cidades e ter como ideal “ser chic a valer”. Hiperbólica, a escrita exagera na personagem fanática por moda e é acorde com o espírito de medicalização social e dos corpos, transitando pela idéia de bem-viver nos hábitos, na vestimenta e na vida. Outro elemento importante para a interpretação está no contraponto entre a visão bucólica – e a saudável existência contemplativa – e a vida urbana como lugar do vício.

Helena

Não nasci para a quietude campestre. Sou louca pelo movimento, adoro o turbilhão. (...)

Faria triste figura no campo, pois á relva mais fresca, prefiro a alcatifa dos salões, ao gorgueio mais lindo as variações de algum maestro inspirado, ao perfume das flores o extracto maos moderno. (...)

Rebellar-me-ia contra a sua sciencia que me privasse dos bailes, dos cinemas, das avenidas, do sport. Não sabe que sou moça da moda e o meu ideial é ser chic, chic a valer?

Doutor

Que loucura! A moda é que a torna doente. Veja a sua pelle que eu apreciava tanto está perdendo a maciez e a frescura<sup>551</sup>.

O monólogo “A Moda”, oferecido à “laureada estudantina Clara de Amorim e Silva Orlen”, também criticava decotes, saltos altos e outras peças malquistas por algumas das colaboradoras da revista. Na forma teatralizada e caricatural, indica o que se deve usar.

Saltos de palmo e meio,  
Chapéu...que original!  
Decote grande e feio,  
De mangas... nem signal!

Vestidas assim de maneira mais extravagante, apresentam-se as jovens modernas nas ruas, nas avenidas, nos theatros, nos cinemas e... até nas igrejas, ostentando o peor gosto e a esthetica mais arrevezada.<sup>552</sup>

O texto traz informações do vestuário em voga entre as moças da época, além de construir a imagem da modernidade, para então, fazer a crítica aos

---

<sup>550</sup>NENUPHAR. Conselho Médico. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.5.

<sup>551</sup>*Idem, Ibidem*, p.5.

<sup>552</sup>A MODA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p.4-5.

exageros da moda. Evidencia-se, portanto, o contra-exemplo. Ao final, implora: “Livrae-nos, Senhor, da moda / Da tal moda de Pariz”. Curiosamente, o idioma francês, em “madame” ou “mademoiselle”, é sinal de distinção em algumas situações. Em outras, como este monólogo, Paris é o lugar da modernidade, da extravagância, o sair para a rua, o flunar na avenida, da mulher vestida de forma imprópria.

Não vale a pena comprar  
Fazenda cara e bonita,  
Para a mesma se estragar  
Com a tal moda exquisita.  
Saltos de palmo e meio etc. (...)

Para que rendas, aplicações, pontos e pregas em tais monstruosidades? Mereciam ir para o lixo ou para o fogo, pois, em lugar de embelezarem a mocidade, a tornam antipática e desgraciosa. Quem inventou as tais saias sem o menor vislumbre de chiquismo e arte merecia uma grande e estrondosa vaia. (...)

Livrae-nos, Senhor, da moda  
Da tal moda de Pariz,  
Que assim faz andar á roda  
As cabeças juvenis. (...)

(faz uma profunda saudação, atira ligeiramente um beijo e sae).<sup>553</sup>

Dentre os diversos tipos de retratos, o de corpo inteiro era um dos que exigiam maior habilidade do fotógrafo. A preocupação estaria em colocar todo o corpo em foco, principalmente o rosto e as mãos. A atenção para a posição de cada parte do corpo era reforçada, como posar mãos e pernas e a expressão do rosto. Os objetos cenográficos também precisariam estar de acordo com o retratado e, de forma equilibrada, deviam se manter sempre em segundo plano, destacando o fotografado.

Voltando à moda, poucas eram as mulheres que se deixavam registrar com roupas um pouco mais curtas, que revelassem os tornozelos, como a maranhense Isidora Furtado Muniz. Seu traje apresenta chapéu e bolsa, diz do lugar social de quem a porta – é uma mulher que comparece a eventos importantes. A *Estrella* apresenta os distintos modos de se vestir para diferentes ocasiões.

---

<sup>553</sup>A MODA. *op. cit.*, p.4-5.





Figura 13 - "Isidora Furtado Muniz, formosa representante do bello sexo maranhense e gracil propagandista da <<Estrella>>" (Outubro-Novembro-Dezembro de 1920, p.9); "Mme. Alice Pinheiro Dias Moura. Homenagem de sympathia da 'Estrella' á sua bondade inexcedivel e gentileza seductora. S. Paulo" (Outubro-Dezembro de 1921, p.4)

Já as mocinhas ousavam ao posar com os laçarotes da moda e braços mais descobertos. Fotografias que provavelmente faziam parte do acervo de família, sem serem feitas especialmente para figurarem na publicação.



Figura 14 - "Lourdes Gurgel, uma das mais lindas e fulgurantes estrellas que brilham na constellação aracatyense / Rosa Amelia Pontes, flôr aracatyense, envolta na graça irresistivel de sua mocidade sorridente e radiosa" (Outubro-Dezembro de 1920, p.10)

Imagine que cada imagem era produzida em uma oficina fotográfica ou na residência, ambientes preparados para executar um retrato e que incluíam iluminação, cenário, objetos de apoio. Toda a sessão era perpassada por diálogos com o fotógrafo, que orientava os modelos e considerava os melhores métodos para compor a fotografia. Ritual que obedecia aos desejos do cliente e continuamente se reportava às suas características físicas e sociais, como altura, idade, sexo, ocupação profissional e identidade cultural.

O foco estava nos bons costumes, no cultivo da intelectualidade e das ditas características femininas sem, no entanto, retratar o cotidiano das mulheres ou outras atividades. As mulheres – e seus leques – poderiam ser escritoras, donas-de-casa, professoras, esposas. Não havia distinção entre as imagens. Os registros traziam mulheres estáticas, olhando diretamente para o fotógrafo, expressando sobriedade. É preciso, então, problematizar alguns silêncios que perpassam as imagens - elas não jogam luzes, por exemplo, sobre a situação da mulher em movimento, dando aulas, caminhando na cidade ou outras ações de onde se depreenda maior dinamismo.

A revista se esforça para, a todo instante, mostrar o rigor da moda, sem fazer elogios á vaidade feminina. As mulheres são cercadas de objetos e adjetivos que acentuam sua aura moral e virtuosa, além de salientarem sua dedicação às letras e ao cultivo da inteligência. Por isso, é surpreendente a ausência de maior número de retratos de mulheres portando livros ou missais. Dulce Dolores, uma “festejada beletrista” e propagandista d’A *Estrella* em Recife, foi das poucas encontradas posando com um impresso. E, do Amazonas, veio o registro de Maria Amelia Pedrosa, que se deixa fotografar tendo em mãos um livro e alguns papéis, semelhantes a cartas.



Figura 15 - "Dulce Dolores - Festejada belletrista e incansável propagandista da <<Estrella>> em Recife" (*A Estrella*. Outubro de 1914, capa); "Exma. Sra. D. Maria Amelia Pedrosa, uma das mais gracios representantes do bello sexo, na Capital do Amazonas". (Outubro de 1915, p. 51)

Nestes semblantes e atitudes, *A Estrella* enquadra a mulher que ela gostaria de representar. Inteligente, colaboradora e, ao mesmo tempo, um ser decorativo, agradável, inócuo. Retratos como verdadeiros cartões de visita, com a própria face estampada e orgulhosamente ostentada. Os exemplares da publicação circulavam junto às pessoas de destaque e revelavam os interesses ou os adjetivos que os retratados gostariam de associar a sua imagem.

No entanto, como se pode ver a seguir, nem sempre a imagem condiz com a legenda adotada. Apesar de "apreciadora das letras", Gilberta Galvão não é retratada como tal, em um ambiente literário, durante sua atividade de leitura ou mesmo escrevendo. A revista frequentemente se utiliza de artifícios de linguagem para não colocar em risco a imagem das mulheres e reitera seu lugar, como sendo "ornamento" e "da elite".



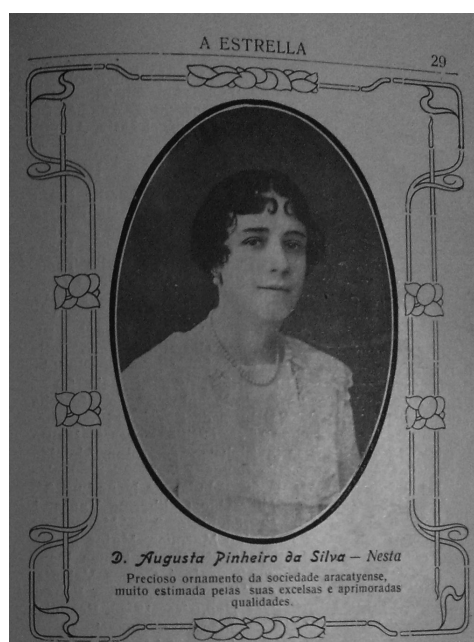
Figura 16 - "Gilberta Galvão, um dos ornamentos da elite acaryense e dedicada apreciadora das letras" (Outubro de 1916, p.39)

Há que se destacar que os retratos que apresentavam apenas o busto da fotografada também requeriam certa técnica do profissional, já que restringiam o uso de cenários e adornos. A técnica que valoriza o busto pode ter se espelhado na estatuária, que destaca esta região do corpo. Através da iluminação adequada, o rosto seria mais evidenciado nesta composição e deveria sintetizar as características físicas e sociais do indivíduo. "Destaca-se o teu lindo rosto, aureolado do esplendor da mocidade, e as flores que estão ao teu lado sentem-se esmaecidas e offuscadas pelo teu encanto"<sup>554</sup>.

As molduras ovais reforçam a semelhança de algumas fotografias a jóias e camafeus propriamente ditos, colocando em relevo o preciosismo da retratada. As redatoras relatam sua percepção diante de um dos retratos, o de Olga Heluy Simão, de Caxias, e comparam com uma peça preciosa. "A machina photographica

<sup>554</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, junho de 1920, p.13.

reproduziu o teu semblante, dando-nos o grato ensejo de conhecer-te, atravez desse retrato apreciavel que conservamos como verdadeira joia”<sup>555</sup>.



*Figura 17 - "D. Augusta Pinheiro da Silva - Nesta. Precioso ornamento da sociedade acaratyense, muito estimada pelas suas excelsas e apromoradas qualidades" (Outubro - Dezembro de 1921, p.29)*

A idéia de família enlaça gerações e também se faz presente nas páginas d'A *Estrella*. A mulher era inscrita na perspectiva do amor materno.



*Figura 18 - "Carmen e Osanira Virgínio (Penedo - Alagôas). Representa esta expressiva photographia o amor materno e a candidez infantil, nimbada de risonha ventura" (Outubro - Dezembro de 1921, p. 19)*

<sup>555</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. A *Estrella*, Aracati, junho de 1920, p.15.

No caso das fotografias infantis, aliás, chama a atenção a criteriosa escolha dos objetos que irão cercar as crianças. São associados, principalmente, a ícones da Igreja Católica. Neste jogo de intencionalidades contido nas imagens, afirma-se o anseio de estabelecer modelos de comportamento infantil buscados na religião e na educação esmerada. O terço, o crucifixo, o genuflexório, a bíblia, o missal, o véu, a mantilha que cobre a cabeça e a vestimenta branca da missa são recorrentes na composição dos cenários.

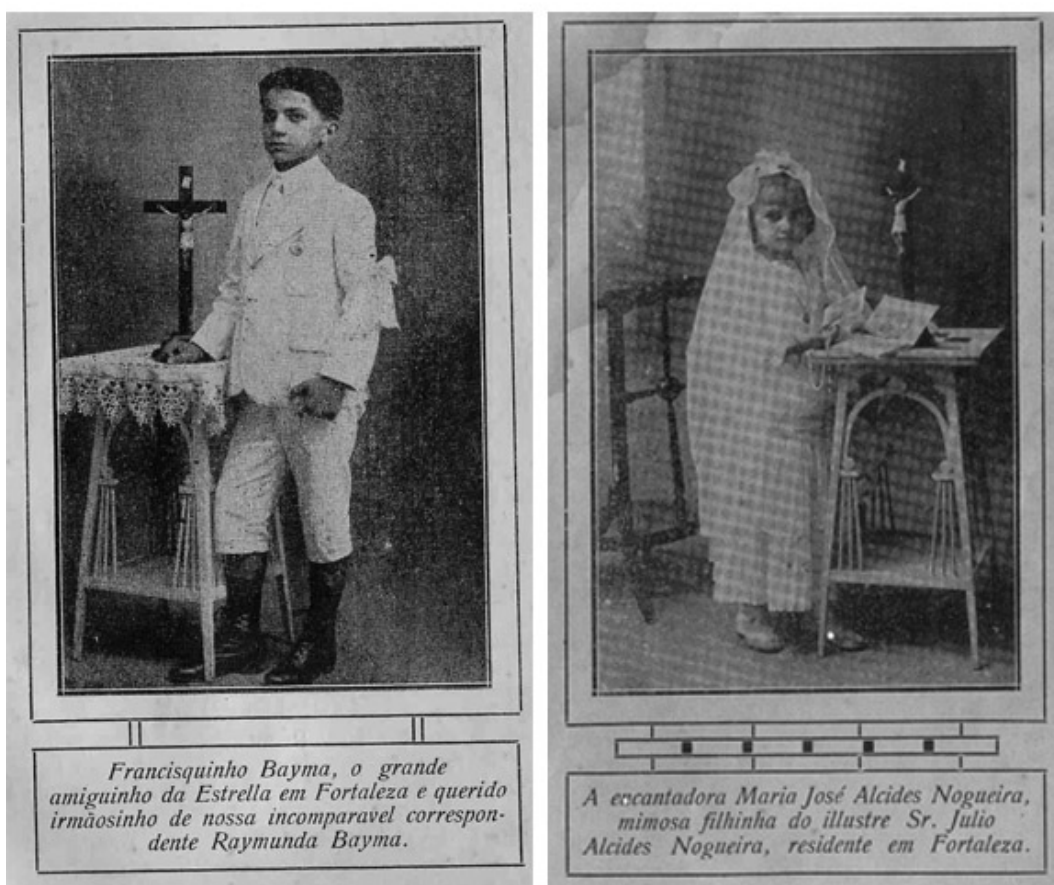


Figura 19 – “Francisquinho Bayma, o grande amiguinho da Estrella em Fortaleza e querido irmãosinho de nossa incomparável correspondente Raymunda Bayma” (Outubro-Novembro-Dezembro de 1916, p.5); “A encantadora Maria José Alcides Nogueira, mimosa filhinha do illustre Sr. João Alcides Nogueira, residente em Fortaleza” (Outubro - Novembro - Dezembro de 1916, p.53)

As legendas reiteram pertencimento das crianças a famílias importantes, além de serem próximas aos colaboradores e colaboradoras da revista. São vistas de igual para igual, revelando que o fotógrafo se abaixou para ficar da mesma altura delas. A *Estrella* pregava em seu ideário a caridade e o socorro aos pobres, mas não os apresentava em suas páginas. As crianças que aparecem em destaque na revista são bem nascidas, estudiosas, vestidas de acordo e trazem, segundo ela, a

semente do beletismo. E, desde pequenas, aparecem em público exibindo-se como modelo de virtudes.

Os retratos de primeira comunhão também chegam à revista. Essas lembranças de família, como a fotografia de Fran Falcão, de Fortaleza, encontram boa recepção pela publicação. “A tua attraente personalidade, fielmente estereotypada na photographia com que nos mimoseaste, recordar-nos-á o auri-fulgido 8 de Dezembro, dia de tua primeira communhão”<sup>556</sup>.

Além da religiosidade, a verve patriótica, que se destacava em diversos textos publicados n’ *A Estrella*, era atribuída aos pequenos participantes do mensário. Augusto de Castro pergunta, em sua foto: “Que tal a minha pose? A de um futuro defensor do Brasil? Mais tarde hei de illustrar-me e fulgirá na História – Augusto de Castro – em letras d’ouro”.



Figura 20 - “Que tal a minha pose? A de um futuro defensor do Brasil? Mais tarde hei de illustrar-me e fulgirá na História – Augusto de Castro – em letras d’ouro. Meus Paes, deputado Godofredo de Castro e D. Esther Barbosa de Castro, que residem em Fortaleza, verão em mim realizadas as suas mais bellas esperanças”. (Outubro de 1919, p.15)

Tais legendas apresentavam as crianças à sociedade, que apreciava a revista. Elas “afirmam” que seus ideais são “Brincar, brincar enquanto somos

<sup>556</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.14.

creanças e mais tarde pelo estudo, pelo trabalho procuraremos conquistar um futuro aureolado de gloria". É de grande valia observar que este objetivo de vida, alicerçado no estudo e no trabalho, era idêntico para a menina e os dois meninos. Não havia distinção de papéis entre eles, que eram educados, desde cedo, para se mostrarem ao público, revelarem seus textos, cultivarem a inteligência. Seriam os futuros periodistas e escritores, que se habilitavam à vida mundana e ao brilho na dita boa sociedade.

Outro fator a se considerar é que a pluralidade de rostos se definia como um desafio ao fotógrafo, que precisava harmonizar no espaço diferentes idades, alturas, sexos e fisionomias. No exemplo a seguir, o fotógrafo se utiliza do expediente de sentar as crianças para atenuar as diferenças de altura e gerar uma composição de forma triangular, mais harmônica.



*Figura 21 - " - Quem somos? - Abemos, Armando e Edelvith, formamos uma constellação cuja luz dulcissima redoura os corações de nossos amantissimos Paes: Cel. Luiz Leopoldo d'Araujo e D. Leticia Comarú d'Araujo. - Em que céu se expande o nosso fulgor? - No céu de Alliança, Rio Madeira, na grandiosa Amazonia".(Outubro de 1919, p.27)*

Muitas das imagens deviam ser produzidas pelos próprios pais e parentes das crianças, que enviavam as crianças ao fotógrafo. O material era oferecido para a apreciação das redatoras d'A *Estrella*, sempre gratas pela lembrança. Seriam publicados, portanto, se estivessem adequados ao ideário propagado pela revista. As imagens não apenas transmitem os preceitos cultivados pelo impresso como



valorizam os vínculos com o leitor, através do uso de diminutivos ou de palavras de distinção. Difundida pela publicação, a foto é testemunho dessas sensibilidades e afetos trocados.

Juarez Galvão Ferreira (Fortaleza)

Como foi gentil, enviando-nos, em lembrança do aniversário da "Estrella", o seu retratinho que, ao lado de sua mimosa e querida irmãinha Lydia, ocupa lugar distinto entre os pequenitos apreciadores da nossa Revista! Olhamo-lo sempre com expressão de affecto (...)

Horacio Loureiro (Anchieta - Espírito Santo)

Chegou-nos a sua photographia como um testemunho gentilmente captivante de sua nimia delicadeza. (...)

Alice Pinheiro Dias Moura (S. Paulo)

A gentilissima offerta que nos fez de seu expressivo retrato provou mais uma vez a delicadeza de sentimentos que a caracteriza.<sup>557</sup>

As fotografias poderiam representar, ainda, uma homenagem recíproca, entre os leitores e a revista. Eles compartilham datas em fotos que não são casuais e trazem uma marcação social e simbólica. É um calendário da vida, que guarda a primeira comunhão, as datas cívicas, as bodas, a vida escolar. O retrato enviado da pequena Albaniza Nogueira Barbosa, por exemplo, comemora seu primeiro aniversário. “Como uma terna homenagem ao teu primeiro aniversário, a 4 deste, e em retribuição ao gracioso retratinho com que nos distinguiste, enviamo-te um ramilhete de flores, candidas como o teu viver innocente e lindas como (...) teu sorriso”.<sup>558</sup> Portanto, nem toda a vida é fotografada – o registro é resultado de uma escolha, decidido pela relevância da ocasião.

Os retratos de família estão fundamentalmente ligados aos ritos de passagem – aqueles que marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social. São tirados em aniversários, batizados, fim de ano, casamentos e enterros. Os retratos passaram rapidamente a fazer parte desses rituais mais amplos, que marcam a passagem de criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto. São registros de momentos sacralizados pela alteração do tempo normal e repetitivo. (...) Nesses retratos estão reunidos, mais que na maioria dos outros, o valor do culto e o valor de exibição.<sup>559</sup>

Algumas fotografias buscavam celebrar a infância de forma mais literal, cultuada por diversos poemas e textos da revista. De todas as idades, filhos, irmãos ou sobrinhos de leitores, colaboradores, assinantes eram orgulhosamente

<sup>557</sup> MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p. 8.

<sup>558</sup> MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.14.

<sup>559</sup> LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 159.

mostrados aos leitores. José Hugo, “vestido só de inocência”, se aninha em uma delicada peça rendilhada, que traduz o cuidado ao compor o cenário.

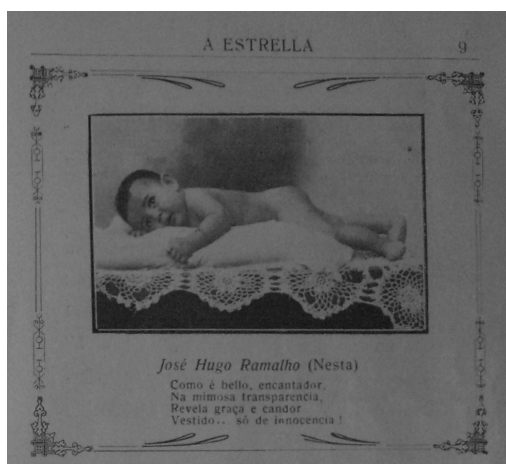


Figura 22 - "José Hugo Ramalho (Nesta). Como é bello, encantador / Na mimosa transparencia / Revela graça e candor / Vestido... só de innocencia!" (Outubro-Dezembro de 1921, p.9)

A pequena Osanira, por sua vez, é retratada junto de seus brinquedos, enquanto Francisco e Mario aparecem em trajes de “Foot-ball”. O tipo de mobília localiza socialmente o tipo de infância. Imagens que representam um documento rico de registro de indumentárias e adereços. Esta fonte enseja ao pesquisador apreender a época, as brincadeiras, os novos hábitos de lazer, o traje que diferencia meninos e meninas, como os calções e o imenso laçarote.



Figura 23 – “A Lyrial Osanira, mimosa entre as flores, é o enlevo de seus affectuosos progenitores Sr. Osael Virgínio e D. Carmen Virgínio” (Outubro-Novembro-Dezembro de 1920, p.3); "Francisco e Mario Figueiredo - Nesta. Dois galhardos apreciadores do 'Foot-ball' que promettem ganhar muitos louros nas gloriosas campanhas do estudo". (Outubro-Dezembro de 1921, p.37)

Brincadeiras e estudo sempre aparecem unidos. Desde muito pequenas as crianças já “diziam” gostar das “revistas cheias de figuras”, ao lado das “bonecas e bombons”, como Maria Carmélia, filha do médico César Cals de Oliveira e de Hilza Diogo de Oliveira. A foto revela o ideal de infância da publicação, idílica e harmoniosa, divulgando as virtudes e a presença de um núcleo familiar. A ocupação dos pequenos consiste basicamente em fortalecer esse núcleo através do afeto, de seus beijos e abraços.



Figura 24 - "O meu nome? MARIA CARMELIA. Meu principal encanto? Innocencia. Minha ocupação predilecta? Beijar a mamãe, acarinhar o papae e os irmãosinhos. De que gosto? De bonecas, bombons e revistas cheias de figuras. O que desejo? Crescer depressa e ficar sempre bonita e boa. Onde moro? Em Fortaleza, em casa de meus idolatrados Paes, Dr. Cesar Cals de Oliveira e D. Hylza Cals de Oliveira. (Outubro de 1919, p.29.)

Deve-se ressaltar que a imagem era trabalhada pelo fotógrafo, mas os autores podiam ser os mais diversos, podendo ser um indivíduo, uma instituição, um grupo, uma família. Os valores dos segmentos sociais eram revelados nas páginas d'*A Estrella*, que destacava aqueles voltados à instrução e ao progresso intelectual.

O livro aparece entre eles, como sinal do porvir do galante colegial. A preocupação estética dos retratos alia-se á valorização dos estudos.



Figura 25 - "Rodrigo Oswaldo Figueiredo - Nesta. Galante collegial que pretende conquistar um bello e auspicioso porvir" (Outubro-Dezembro de 1921, p.45)

Os retratos ensaiam nas páginas d'*A Estrella* sua saída do ambiente privado. A apropriação de fotos de família por uma revista ilustrada ou outro veículo público era sinal de distinção nas primeiras décadas do século XX.

Os álbuns de família ou as coleções familiares de retratos e postais, que só eram exibidos aos membros e, eventualmete, a amigos ou candidatos a casamento, cederam suas imagens, pelo menos no caso das famílias abastadas, ao espaço público, onde estas legitimavam a sua condição dominante ao serem divulgadas nas revistas<sup>560</sup>.

As fotografias dão publicidade a modos de ser que eram íntimos e expressam as novas convivialidades, além de reforçar os vínculos familiares. Juntos, os irmãos remetem à unidade do lar e parecem cuidar uns dos outros.

<sup>560</sup>LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica. op. cit.*, p. 18-9.



Figura 26 - "Os galantes petizes Roland e Eugenio Frederico, dilectos filhinhos do distinto engenheiro Sr. R.G. Martin, muito conceituado em Acary". (Outubro de 1916, p. 59); "O gracioso trio formado pelas innocentes Lourdes, Carmen e Olguinha, adoradas filhinhas do apreciado belletrista Dr. Eduardo Dias" (Outubro de 1916, p. 17).

Diante desses exemplos, percebe-se que as fotografias d'A *Estrella* não eram um ato natural e espontâneo. A composição do espaço, a escolha das vestimentas, os objetos selecionados, a postura corporal forjavam uma preciosa imagem, que será legada à posteridade e irá traduzir os preceitos defendidos pela publicação de uma forma imediata, através do recurso da imagem.

Poe vezes, o protagonismo de mulheres e crianças cedia espaço aos retratos masculinos. O colaborador Beni Carvalho era um dos mais citados na publicação, figurando sempre como um expoente de ilustração e inteligência. O que as redatoras põem em tela é o ilustrado Beni, dando a conhecer sua conferência a literatura portuguesa que circulava nos salões de Aracati. Tiveram elas "o prazer de assistir á palestra literaria (...) no salão do Panthorama, em a route de 21 de Setembro, em pról do monumento a Eça de Queiroz". O assunto fora a "personalidade literaria do conhecido escriptor portuguez", em uma rica oportunidade de "apreciar o fino talento, a primorosa illustração do sympathico conferencista, que foi muito applaudido"<sup>561</sup>.

<sup>561</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, n. 115, p.33.

Grande amigo da publicação, Carvalho teria ajudado *A Estrella* em sua publicação, esforçando-se pela qualidade da revista. Em texto comemorativo, as redatoras o agradecem e também falam da boa acolhida que receberam do povo de Aracaty, quando lá se estabeleceram, em 1908.

Ao illustre Dr. Beni Carvalho que se encarregou de mandar publicar o nosso numero commemorativo na Fortaleza e muito se esforçou pela execução artistica que nelle foi muito apreciada, um voto de sincero agradecimento e jamais esqueceremos as finezas e amabilidades que nos dispensou o generoso povo Aracatyense, bem como á luminosa <<Constellação>> que de Baturité, nosso saudoso berço, nos enviou os primorosos escriptos que publicamos com verdadeira satisfação. (...) <sup>562</sup>

Os longos anos de amizade foram festejados em um grande retrato de Beni Carvalho, ao lado de um soneto de sua autoria que, ironicamente faz um “elogio do silêncio”: “Cale-se sobre ti humana história; Não terás do amanhã o vil apôdo, Nem o sorriso ironico da gloria...”. No retrato, a assinatura de Ribeiro Martins, provável autor da fotografia.

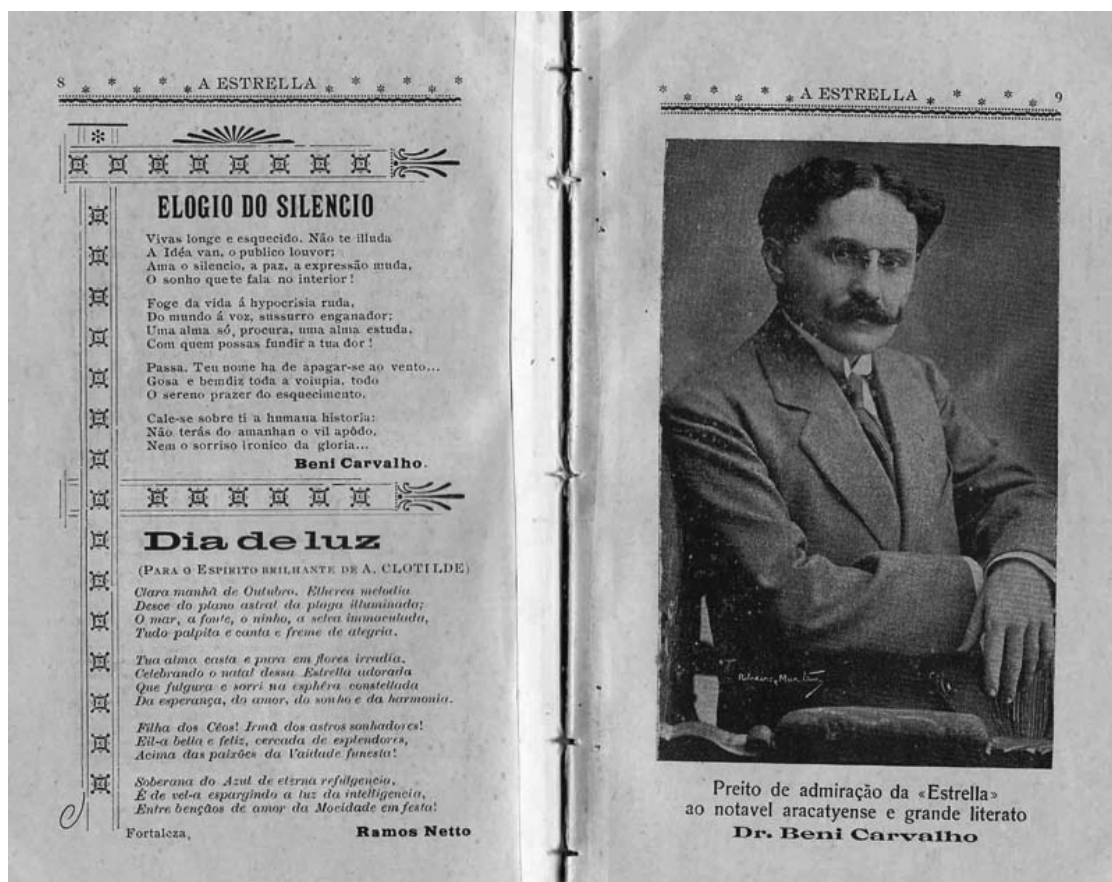


Figura 27 - "Preito de admiração da <<Estrella>> ao notavel aracatyense e grande literato Dr. Beni Carvalho" (Outubro de 1915, p.8-9)

<sup>562</sup>A FESTA DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, novembro de 1908, n. 71, p.3.

O retrato masculino aparece quando é modelar e, aparentemente, não registra autoridades do dinheiro ou da política, embora as redatoras tenham bom trânsito entre essas pessoas. Os bens do espírito e as virtudes pessoais é o que de fato importam. Não os mais abastados. Nas páginas da revista, são padres, intelectuais e homens dados ao cultivo das letras a figurarem, forjando explicitamente uma memória social, a aliar palavras e imagens. A narrativa tem efeito exemplar, indiciando do correto modo de se vestir à valorização da virtude e dos bens do espírito.

Outro amigo d'A *Estrella* homenageado fora o propagandista José de Mendonça Nogueira, falecido em 1915. Diretor da Typographia Escolar, onde era impressa a revista, ele se “mostrava dedicado e solícito em procurar os meios de torna-la mais artística e mais agradável ao público”, como anotado na *Página de Saudade*. A exaltação da memória também se liga ao lato de José de Mendonça ser filho de um dos mais importantes educadores do Ceará, Joaquim Nogueira – deste ofício, provavelmente, deriva o nome da tipografia.



Figura 28 - "Página de Saudade. A doce e inolvidável memória de José de Mendonça Nogueira, estremecido filho do provector educador cearense Joaquim Nogueira e D. Olivia de Mendonça Nogueira" (Outubro de 1915, p.19)

Os registros fotográficos d'A *Estrella* faziam uma crônica da camada dominante da população e apresentam um conjunto heterogêneo de representações femininas, infantis e masculinas, de distintas gerações. Ao compor este mosaico, as poses e os lugares ocupados por cada indivíduo sugerem diferenças, semelhanças e filiações a determinados modos de estar no mundo. Esta narrativa visual construída a partir de vários instantâneos organiza, em um mesmo plano, adjetivos físicos e atribuições intelectuais, elaborando modelos de conduta.

Os retratos gentilmente oferecidos ao periódico perdem alguma parcela de seu “valor de culto”, ao serem mostrados a pessoas que desconhecem a pessoa fotografada, suas relações familiares e outros dados. Por outro lado, adquirem outros significados, um “valor de exibição”<sup>563</sup>. Seus protagonistas são pessoas que, afinal, autorizam e desejam a exposição pública.

### 3.3. “DEUS, PÁTRIA E DEVER”: UM PROJETO PEDAGÓGICO

O improvisado palco da comemoração do quinto aniversário d'A *Estrella* fora erguido no pavimento térreo do palacete do doutor José Leite Barbosa, gentilmente cedido pelo ilustre cavalheiro. Era 29 de outubro de 1911, Aracati. O festival comemorativo trazia um programa variado de atividades, incluindo uma conferência que trazia a imprensa como tema, proferida por Antonieta Clotilde, apresentações musicais e encenação de comédias, monólogos e canções pelas alunas do Externato Santa Clotilde. A notícia era destaque na capa do jornal *Folha do Commercio*, que parabenizava “nossa brilhante collega ‘Estrella’, cuja edição, de 36 páginas cheias de muito boa colaboração, foi distribuída a 28”. À agradável festinha, “compareceu grande numero de pessoas do nosso mundo social, prova da muita simpatia que entre nós gosa a mimosa revista ‘A Estrella’, a cuja redactora enviamos, ainda uma vez, os nossos emboras”<sup>564</sup>.

A “distinta professora” Sinhazinha Gurgel executava ao piano trechos recolhidos de “musica moderna”, que foram muito aplaudidos, acompanhada pelos cânticos de jovens representantes, “que mais uma vez deixaram patente o quanto lhes tem sido propicio o estabelecimento de ensino que freqüentam”. Ao todo, oito peças teatrais foram representadas – e, apesar de o Externato ser um

---

<sup>563</sup>LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica. op. cit.*, p. 178.

<sup>564</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 5/11/1911, n. 44, p.1



estabelecimento misto, a maior parte do elenco era formado por meninas, o que denota os papéis rigidamente definidos entre os sexos. Já os meninos poderiam se exhibir em outras modalidades, tomando parte nas récitas e canconetas ou ajudando a montar os cenários do teatro, por exemplo.

1º - “Espelho Mágico”, pequena farça em que tomaram parte Maria Leite, Maria Gondim Maia, Maria do Carmo Barbosa, Julita Cavalcante e Julia Corrêa.

2º - “A Moda”, cançoneta pela interessante Nenê Vieira.

3º - “Cumulo de Gallicismo”, chistosa comedia representada pelas alumnas Maria Scipião, Maria Lemos de Mello, Maria Gondim Colares e Aurea Osório.

4º - “O Espelho”, monologo recitado pela inteligente menina Esther Pinheiro.

5º - “O Chaleirismo”, em que muito agradou o pequeno Aluisio Cordeiro.

6º - “O Atelier Bom-Tom”, em que se exibiram Magdalena Bezerra, Beatriz Costa Lima, Elisa Gurgel, Maria Maia, Alice Pinheiro, Maria Scipião e as pequenas Nenem Vieira, Amelia Saboia e Lucir Meyer.

7º - “Les Voisines”, canto e dança por Aurea Osorio e Nenem Vieira.

8º - “A Tia Baronesa”, representada por Beatriz Lima, Alice e Esther Pinheiro, Maria Scipião, Elisa Gurgel e Maria do Carmo Barbosa.<sup>565</sup>

Uma comemoração grandiosa, em relação à festa de 1908, no primeiro ano da publicação em Aracati, que ainda se intitulava “jornalzinho”. A modesta celebração ocorrera na sala dedicada ao estudo do piano, na escola. O ambiente, que ganhou iluminação especial, recebeu “muitas e distintas famílias desta cidade”, em um acontecimento digno das “gentis senhoritas e mimosas creanças que della tomaram parte”<sup>566</sup>, com a apresentação de peças de teatro e a execução de serenatas ao piano e ao violino pelos alunos. A descrição idealiza o cenário, em um efeito que transporta o leitor para outro tempo. Idílico, o espaço cita a permanência do século XIX, com o recurso estilístico da aristocracia e da fidalguia, de uma literatura dos nobres.

Sinais de apreço e aceitação da revista por parte do público de Aracati, cuja “generosidade fidalga” auxiliara aquela empresa, que com suas palavras “acariciam fronte juvenis, faces innocentes, chegam até corações que não se deixam guiar pelas inspirações do egoísmo”.<sup>567</sup>

O acontecimento ganhara registro na imprensa local, no jornal *O Sol*, “dirigido por um grupo de moços cheios de esperanças e para os quaes o futuro sorri auspicioso”. No expediente da publicação, segundo Barão de Studart, constava o

<sup>565</sup> *Jornal Folha do Commercio*, Aracati, 5/11/1911, n. 44, p.1.

<sup>566</sup> A FESTA DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, novembro de 1908, n. 71, p.1.

<sup>567</sup> UM ANNO DEPOIS. *A Estrella*, Aracati, março de 1909, n. 75, p.1.

filho de Francisca Clotilde, o poeta Aristóteles Bezerra<sup>568</sup>. *A Estrella* previa que o periódico iria ocupar “um lugar honroso entre o jornalismo do Ceará e prestará relevantes serviços á causa da instrucção”.<sup>569</sup>

E um trecho de um soneto de Francisca Clotilde revelava o otimismo que cercava o “jornal mensal” no seu primeiro ano em Acarati.

A estrella segue a bella trayectoria,  
Cantam zagaes e dansam pastorinhas  
Acordam gorgeliando as avesinhas  
Vibra no espaço o hymno da victoria<sup>570</sup>.

Agora, volte-se a 1911. O êxito do evento daquele ano e o empenho de organizadores e alunos motivaram o sincero agradecimento de Clotilde, publicado na *Folha do Commercio*.

A ex. sra. D. Francisca Clotilde, directora do “Externato Santa Clotilde”, agradece por nosso intermédio aos illustres Sres. Dr. José Leite Barbosa, Major Vieira Filho, João Gurgel Barbosa e d. Sinhazinha Gurgel o concurso que lhe prestaram na festinha commemorativa do anniversario da “Estrella”, bem como as dignas famílias que abrilhantaram com suas presenças (...)<sup>571</sup>

O relacionamento entre *A Estrella* e a *Folha do Commercio* era cultivado através da reciprocidade de notas elogiosas e correspondências trocadas, que ressaltavam a qualidade dos escritores que contribuíram para a edição. “Registramos desvanecidos, a visita da iluminosa collega ‘A Estrella’(...). O numero a que nos referimos corresponde ao mês de dezembro e vem como sempre, repleto de uma collaboração muito atraente”<sup>572</sup> ou “Circulou o numero 105 da nossa brilhante collega ‘A Estrella’, correspondente ao mes de novembro. A mimosa revista traz, como sempre bôa e variada collaboração”.<sup>573</sup>

A permuta entre impressos era habitual naquele tempo, alargando o campo intelectual. As trocas eram registradas na seção *Mensageiro da Estrella*. O conjunto destas anotações revela os percursos das letras e a circulação da publicação em vários lugares, além de definir que tipos de livros e jornais tinham sua leitura implícita ou explicitamente recomendada. Geralmente, as publicações dirigidas

<sup>568</sup>Barão de Studart cita o filho de Francisca Clotilde, Aristóteles Bezerra, como participante do jornal *O Sol*, de Aracaty. STUDART, Guilherme, barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. op. cit., p.169.

<sup>569</sup>O SOL. *A Estrella*, Acarati, dezembro de 1908, n. 72, p.12.

<sup>570</sup>CLOTILDE, Francisca. Gloria! *A Estrella*, Acarati, dezembro de 1908, n. 72, p.1.

<sup>571</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Acarati, Notas e Factos, 5/11/1911, n. 44, p.1.

<sup>572</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Acarati, Notas e Factos, 15/01/1911, n. 2, p.1.

<sup>573</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Acarati, Notas e Factos, 3/12/1911, n. 48, p.1.

tratavam de temas educativos, morais ou religiosos, enviadas a Antonieta Clotilde pelas redações ou por correspondentes.

Diversos aspectos eram apreciados pelo atento corpo de redatoras. Em seus comentários, elas atribuíam importância a aspectos ideológicos, conteúdos abordados, a escolha dos colaboradores, por quem era dirigida, o lugar de publicação, sua filiação (biblioteca, colégio, igreja), a estabilidade no cenário do periodismo, se a leitura era amena e agradável e se o periódico estava imbuído do espírito da civilização.

O suporte material do impresso também era valorizado, no que concerne ao número de páginas, qualidade do papel, presença de ilustrações e nitidez da impressão. Tomados em conjunto, estes elementos esclarecem o que efetivamente chamava a atenção do leitor e o que tornava determinados impressos mais ou menos apreciados pelo público.

As redatoras parabenizam “aos jovens amigos da instrução” e falam a seus leitores de jornais e revistas que seguem o “itinerário do progresso”. Ressaltam se o impresso traz uma seção literária “variada e bem escolhida” ou se possui ilustrações. E quanto melhor se apresentarem um “suavíssimo perfume da Religião”. As publicações indicadas ocupam um “honroso lugar na arena jornalística”, sendo recomendadas aos “amantes da boa leitura”. Alguns desses objetos de leitura são enviados por correspondentes d’*A Estrella*, o que aumenta ainda mais o volume de conhecimento do mercado editorial do período, com um repertório que se estende até a publicações vindas do Uruguai.

O "Almanach Salesiano" ainda este anno veiu alegrar-nos com a sua apreciada visita. Encerrando bellissimos tyrabalhos e dos quaes se evola o suavissimo perfume da Religião muito se recommenda aos amantes da boa leitura. Agradecemos de coração o exemplar que tão gentilmente nos foi enviado.<sup>574</sup>

O talentoso escriptor Mario Linhares<sup>575</sup>, já bastante conhecido no mundo litterario, enviou-nos um folheto com o titulo - Amor e Suicidio. Apreciando immenso todas as manifestações do talento dos moços que na "Terra da Luz" procuram desenvolver as boas idéas e trabalhar em prol das letras,

---

<sup>574</sup>GENTILESAS. *A Estrella*, Aracati, março de 1909, n. 75, p.7.

<sup>575</sup>Mário Linhares, em sua *História Literária do Ceará*, revela que foi Francisca Clotilde quem corrigiu seus primeiros versos e o “ensinou os segredos da metrificação”. O escritor conta que a conheceu em sua meninice, quando Clotilde era professora pública em Baturité e muito amiga da mãe de Mário, que os aproximou. “Sua modéstia e a obscura vida de educadora no interior cearense estiolaram-lhe o vigor da inteligência, que não teve a projeção que a faria um dos nomes mais queridos das nossas letras femininas. (LINHARES, Mario. *História literária do Ceará*. 1º tomo. Rio de Janeiro: Federação das Academias de Letras do Brasil, 1948. p. 107)

apresentamos sinceros parabens ao jovem autor do folheto, desejando que continúe a abrilhantar a litteratura com as luzes de seu espirito privilegiado e agradecendo-lhe a offerta que nos fez.<sup>576</sup>

O Albor. Recebemos a graciosa visita desta importante Revista, orgão da Liga Social catholica brasileira e que se edita no Rio de Janeiro, sob a auspiciosa direcção de illustres literatos, cujos nomes offerecem segura garantia de estabilidade e progresso.<sup>577</sup>

Registramos penhoradas o recebimento de uma elegante brochura que nos foi gentilmente enviada da Republica Oriental do Uruguay. Occupa-se com proficiencia do magno assumpto da instrucção primaria e pela agradavel leitura que nos proporcionam suas páginas, algumas nitidamente illustradas, conhece-se o gráo de adiantamento a que attingiu esse grande factor da civilisação, na visinha Republica.<sup>578</sup>

Nossa incansavel correspondente Silveirinha, residente em Jardim, presenteou-nos com a magnifica revista <<Pio X>>, cuja leitura deleitante e moralizada é um verdadeiro primor.

E' editada em Parahyba do Norte e é orgão do Collegio Diocesano, do mesmo nome.

A' bondosa amiguinha, muito nos penhorou com a remessa da apreciada publicação.<sup>579</sup>

Recebemos uma importante Revista Militar, illustrada, que com o titulo <<Mar e Terra>>, é editada no Rio de Janeiro. Occupa-se de sciencias, artes e letras, e é digna dos maiores encomios pela nitidez da impressão, galhardia e correcção com que occupa um honroso lugar na arena jornalística.

A parte litteraria é variada e bem escolhida, e todo o conjuncto da primorosa Revista recommenda-se aos favor publico de um modo empolgante e atrahente.<sup>580</sup>

O nosso sympathico collega <<O Porvir>> festejou, a 28 de Outubro o seu segundo anniversario. Para commemorar o auspicioso dia foi publicada uma edição de oito paginas, repleta de optima collaboração. Enviamos calorosos parabens aos jovens amigos da Instrucção, nesta cidade, e formulamos votos para que o laureado paladino da Imprensa caminhe sempre no itinerario do progresso, colhendo novas e brilhantes victorias.<sup>581</sup>

A lista de publicações “colegas” d’A *Estrella* era extensa e incluía uma série de outros periódicos, citados ao longo das edições pesquisadas. Alguns impressos que noticiaram o aniversário da revista em 1914 foram *Gazeta de Pesqueira*, *Iris*, *Nortista*, *Mossoróense*, *Correio de Campinas*, *Capivary* e *Canhoto*<sup>582</sup>. Outras citavam A *Estrella* e lhe dedicavam frases “delicadas e captivantes”, como *Folha do Povo* e *Colombo*, de Fortaleza; a *União*, de Parahyba; *Correio da Barra*, no estado da Bahia; *Charadista*, do Recife; *Gazeta de Paraopeba*, de Minas Gerais e *Correio do Sul*, de

<sup>576</sup>GENTILESAS. A *Estrella*, Aracati, março de 1909, n. 75, p.7.

<sup>577</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Fortaleza, março de 1912, n. 109, p.31.

<sup>578</sup>*Idem*, p.31.

<sup>579</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1913, p.54.

<sup>580</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Fortaleza, janeiro de 1914, n. 129, p.11.

<sup>581</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p.56.

<sup>582</sup>GRACILIDADES. A *Estrella*, Fortaleza, janeiro de 1914, n. 129, p.11.

Jaguary. Este último publicou, inclusive, o soneto *Crepuscular*, de Antonietta Clotilde<sup>583</sup>.

De fato, a prática de transcrições de textos d'A *Estrella* tornava ainda mais consistente o relacionamento entre os periódicos. A revista agradece o jornal *Porto Acre*, do Alto Acre; e o *Evolucionista*, de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, que transcreveram o soneto *Estrellas*, de Francisca Clotilde. O *Correio do Codó*, por sua vez, reproduziu o soneto *Minha Felicidade*, de Aristoteles Bezerra (filho de Francisca Clotilde), enquanto o *Trabalho*, de São Gonçalo, na Bahia, publicou, além do mencionado *Estrellas*, *Petalas* do poeta R. de Lima e *Rosas de todos os mezes* do beletrista João Lins Caldas<sup>584</sup>.

Redigida através de uma escrita coletiva e colaborativa, a revista *A Estrella* estava impregnada do espírito gregário que orientava as reuniões de literatos e intelectuais em torno de jornais, grêmios e clubs, como os de que Francisca Clotilde participara em sua juventude. Todos se encontram nas páginas d'A *Estrella* e a socialização era efetivada através das letras.

Para compreender a aceitação da publicação e a estima que despertava na sociedade, é preciso voltar o olhar a múltiplas variáveis. Os conteúdos explorados nos textos e seu itinerário jornalístico eram definidos por uma “feição evangelica e moralisadora, como se vê da pureza do seu estylo, da sua modestia e discreção”. Desta forma, a revista fazia “jús ás mais lisongeiros referencias que lhe são tributadas pelo conceito publico”<sup>585</sup>.

Além do programa de leituras proposto pela *Estrella*, a célebre escritora Francisca Clotilde emprestou à despreziosa publicação sua credibilidade, suas habilidades como editora e como literata. Talento “reconhecido por todos que, como eu, conhecem F. Clotilde”, como registra o Major Euclides Comarú, da cidade paraense de Anajás<sup>586</sup>.

Discreta, aparece assinando sonetos e peças, deixando novos nomes se sobressaírem. E Francisca Clotilde compartilha a revista com suas contemporâneas e seu circulo intelectual, como sua pupila Serafina Pontes ou a portuguesa Julia de Gusmão. O grupo de Antonietta também estava presente, bem como as turmas de jovens e crianças do Externato. Estes vários núcleos de amigos, alunos e

---

<sup>583</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, junho de 1915, n. 145, p.13.

<sup>584</sup>GRACILIDADES, *A Estrella*, Aracati, abril de 1915, n. 142, p. 12-3.

<sup>585</sup>BARBOSA, Maria do Carmo. Seis annos. *A Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, n. 115, p. 17.

<sup>586</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Fortaleza, julho de 1912, n. 113, p. 11.

intelectuais coabitavam a revista e se influenciavam mutuamente, tendo em comum o desejo de produzir uma literatura sadia, moralizante, instrutiva, variada, interessante e agradável. Na publicação, o reforço de convivialidade é priorizado. A matéria-prima deste impresso é a ação pedagógica, aqui entendida de forma ampla.

Insista-se que a modalidade periódica, em particular as *revistas*, carregam inerentes a “proposta formadora”, o que vale dizer que a Educação, finalmente, vem a ser um pressuposto do periodismo. Daí a oportunidade da publicação “revista” no campo educacional e a frequência com que intelectuais, imbuídos desse mister, buscaram aquelas páginas<sup>587</sup>.

Educar, instruir, civilizar pelas letras. Os textos e fotografias propagados pela revista *A Estrella* – esta “jornada de arraigadas creanças”<sup>588</sup> –, estavam imbuídos desta “nobre missão”, tendo à frente as professoras Antonieta e Francisca Clotilde. O texto a seguir, de 1915, traz expressões e palavras que norteavam as ações de mãe e filha – “Deus é nossa bússola”, “boas causas”, “idéias nobres e elevadas”, “amor da Pátria”, “irradiação do talento”, “progresso do espírito”. As palavras comandam, interpelam e chamam à ação, revelando um caminho a percorrer, uma meta a ser atingida. “O amor da Pátria, o encanto da virtude, a irradiação do talento, o progresso do espírito, eis o nosso ideal!”

Avante, pois! Nada de esmorecimentos e desvios. Deus é nossa bussola e é no infinito que evoluem os astros. Quanto mais distante de nosso planeta, mais proximo do céu.

Nossa divisa é lutar pelas boas causas e, embora pequeninas, levaremos o nosso contingente á realização das ideias nobres e elevadas. (...)

E se outros motivos não tivéssemos de jubilo na data que passa, guardariamos no intimo o consolo que nos dá a consciencia e a certeza de que não nos faltarão o auxilio do Alem e o concurso das almas, cuja bondade é symbolizada pelo brilho das estreitas que matizam o firmamento nas noutes limpidas e poeticas do bello mez de Outubro<sup>589</sup>.

No encerramento do ano letivo de 1911 do “importante estabelecimento de ensino, dirigido pela notavel preceptora d. F. Clotilde”<sup>590</sup>, a aluna Elisa Gurgel - após as sabatinas, os encontros literários, a entrega de prêmios por bom comportamento e a exibição dos cadernos de caligrafia dos alunos, “alguns em Francês”<sup>591</sup> –

---

<sup>587</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 305.

<sup>588</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Fortaleza, julho de 1912, n. 113, p. 11.

<sup>589</sup>NO CÉO DA IMPRENSA. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1915, n. 147, p.1-3.

<sup>590</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 17/12/1911, n. 50, p.1.

<sup>591</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 17/12/1911, n. 50, p.1-2.

revelava algumas lições ensinadas pelos professores às crianças. “Deus, Pátria, Dever” era o lema.

Unidas ao Civismo, essas idéias-força norteavam a educação ministrada por Francisca Clotilde. A transmissão de ensinamentos<sup>592</sup> é o guia deste projeto. “Sigamos (...) o caminho que a escola nos traçou, que a mestra e o livro nos apontam como o unico capaz de nos dirigir á plaga misteriosa do porvir. A instrução é a estrella que nos ha de guiar (...)”.<sup>593</sup>

*Deus, Patria e Dever*, esta trindade sacrosanta unida pelos laços da Fé, do civismo e do character nos impulsiona atraves do período escolar com a mesma força que tem o centro do nosso systema planetario sobre todos os astros.

Sim, Deus acima de todas as cousas! (...)

Depois a Patria, a luminosa visão que nos sorri, emoldurada na majestade das serras alterosas, erguendo para os céos azues os pincaros engrinaldados de verdes (...). Como é grande o sentimento que ella nos desperta! Como nos cumpre engrandecel-a, cobril-a de gloria!

E o dever, a norma da existencia, o poder que se impõe, a voz que fala à consciencia, a lei que nos deve guiar ao longo do itinerário da vida, a garantia da nossa felicidade neste mundo.<sup>594</sup>

O periodismo é escola e cumpre papel doutrinário, de moldar consciências. Deste modo, a publicação complementava o papel da escola e das mães, as primeiras educadoras. “Ella, a nossa desvelada mãe procura sempre elevar-nos pelo trabalho, pelo estudo, pelo bem com os seus edificantes e sabios ensinamentos”<sup>595</sup>. E o papel materno é lembrado no texto *Ao partir para a guerra*. “Vou em defesa da Patria que me ensinaste a amar e em cujo céo me mostraste o symbolo sagrado da Redempção e, acima das nuvens, das estrellas e do proprio sol o Deus que aprendi a adorar no teu regaço”<sup>596</sup>.

Maria Stela Barbosa de Araújo lembra com carinho dos ensinamentos de Clotilde. “Jamais esquecerei as suas sábias lições de civismo, a sua bondade

---

<sup>592</sup>Sobre revistas escolares e o ideário apreçoado por estas publicações, consultar SOUSA, Cynthia Pereira de. A educação pelas leituras: registros de uma revista escolar. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997; SILVA, Ilíada Pires da. Educadores paulistas: regeneração social, República e nação. In: FERREIRA, Antonio Celso; DE LUCA, Tania Regina, IOKOI, Zilda Gricoli (Orgs.). *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

<sup>593</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 17/12/1911, n. 50, p.1-2.

<sup>594</sup>Jornal *Folha do Commercio*, Aracati, 17/12/1911, n. 50, p.1-2.

<sup>595</sup>CURTIS, Carmelita. *A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p.12.

<sup>596</sup>AO PARTIR PARA A GUERRA. *A Estrella*, Aracati, fevereiro de 1918, n. 160. p.6.

inigualável, a sua extrema tolerância e suave meiguice. (...) empolgava-me e enchia-me de admiração e respeito, nos velhos tempos do aprendizado primário”.<sup>597</sup>

Anos depois, Eduardo Dias afirmaria, no poema *A Instrução*, a importância de servir à Pátria, tendo sempre a inteligência e a religião como bússolas.

Com a sciencia marcha aquelle que procura  
Ser util, aprender para a patria servir,  
Tendo na frente, a rir, uma visão futura,  
Bella, sublime e santa a acenar no porvir. (...)

Vive sempre feliz a alma purificada  
Do homem crente a quem Deus illumina a consciencia,  
Porque a vontade de Deus é pura e sublimada,  
Como é sublimada e pura a suprema sciencia<sup>598</sup>.

A revista também abordava o civismo mesclado ao recurso de datas, amalgamando signos do calendário religioso e do profano e influências de almanaque, trazendo referências astrológicas. A história de “homens illustres, de guerreiros destimidos, de criaturas superiores que constituíram a honra e gloria daquelles tempos e que se immortalisaram na memoria das gerações” tem lugar nos livros, que encerram “a fragrancia da virtude”.<sup>599</sup>

O estímulo à lembrança de datas e vultos era renovado em séries como *Apotheóze aos Mezes*, em que as redatoras apresentavam um calendário de celebrações e marcos a serem recordados. Antonieta Clotilde, son o pseudônimo Nenuphar, assinava a lista de acontecimentos – que incluía da Queda da Bastilha à Independência do Brasil, além do carnaval e festas juninas.

Fevereiro

Loucura - eis o que revelas com o Carnaval, esse triduo de diversões ruidosas, de phantasias variadas, de batalhas a confetti e a chroretil, em que se afogam os pezares no espumoso Champagne, e a humanidade frivola, de mascara ao rosto, canta, num charivari medonho, o Zé Pereira, entre o tilintar dos guizos e o rufar dos tambores. (...)

Março

Penitencia - é a tua divisa. Trajas o manto violaceo da mortificação, e falas de abstinencia e sacrificios, de jejuns, de preces. Evocas a scena mais bella e mais tragica que se passou sobre a terra e recordas um coração de mãe, alanceado pela saudade. (...)

Junho

Fogos, animação, entusiasmo, eis o que vejo em ti, oh! mez das lendas e dos sonhos de amor!<sup>600</sup>

<sup>597</sup>ARAÚJO, Maria Stella B. de. Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 247.

<sup>598</sup>DIAS, Eduardo. *A Instrução. Aos Romeiros do Porvir. A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1920, n. 185, p. 66.

<sup>599</sup>ROSAS E LOUROS. *A Estrella*, Fortaleza, outubro de 1911, n. 105, p.27.

<sup>600</sup>NENUPHAR. *Apotheóze aos Mezes. A Estrella*, Fortaleza, janeiro de 1914, n. 129, p. 1-3.



Julho

Liberdade - é a estrophe mais bella da epopéa que vens relembrar, atravez dos annos, é o ideal sublime que decantas nas tuas alvoradas ridentes, nos teus occasos pompeantes. Evocas as jornadas patrioticas do povo francez e a queda dessa prisão secular, que foi a Bastilha. (...)

Setembro

<<Independencia ou morte>>! Foi o altivo brado que se desprendeu dos labios augustos do primeiro imperador do Brasil, realizando o magno acontecimento que decidiu dos nossos destinos politicos e nos tornou autonomos e livres.

O teu signo é <<Libra>>, e despertas ideias de justiça, essa força poderosa, sem a qual não póde existir verdadeiro progresso. (...)<sup>601</sup>

O mês de maio é especialmente celebrado, afinal o “mundo catholico rende uma humenagem de amor á doce Mãe de Jesus” e a história do Brasil guarda alguns importantes acontecimentos. As redatoras destacam para os leitores “trez datas sympathicas”: “a’ 3 commemoram os filhos desta terra gloriosa a sua descoberta, a 13 a aurea lei que libertou os escravos e a 24 a batalha de Tuyuty em que os cearenses, na guerra contra os paraguaios, cobriram-se de louros”<sup>602</sup>.

O componente cívico também era apreciado nas obras recebidas pelas redatoras. Exemplo é a nota elogiosa que dispensaram ao folheto “Canções Escolares”, que reitera a prática de listar os meses e destacar suas respectivas datas cívicas, “que todas as creanças devem conhecer e commemorar”.

Recebemos, em um folheto magnificamente impresso, as <<Canções Escolares>>, compostas pelo intelligente rio-grandense do norte, o Sr. Milton Cruz. Nellas são lembradas, em estylo singelo e ameno, as datas nacionaes que todas as creanças devem conhecer e commemorar. Tornando assim mais attrahente o ensino civico, o Sr Cruz prestou um grande serviço ás escolas<sup>603</sup>.

Francisca Clotilde celebra o amor à Pátria em seus sonetos, como *Ave Ceará*. A naturalização da expressão “Terra da Luz” vem da concepção de história do século XIX e remete o leitor às lembranças da conquista abolicionista. A política é abordada na dimensão da memória, falando de heróis e de história. A natureza também é enaltecida, em palavras entusiasmadas que recordam grandes vitórias e a liberdade conquistada.

Ave, Terra da Luz, ó patria estremecida  
Como exila minha alma a proclamar-te a gloria,  
Teu nome refulgente inscreve-se na historia  
E's bella, sem rival, no mundo engrandecida!

<sup>601</sup>NENUPHAR. Apotheóse aos Mezes. *A Estrella*, Fortaleza, fevereiro de 1914, n. 132, p. 1-2.

<sup>602</sup>MÊS FESTIVO. *A Estrella*, Aracati, maio de 1909, n. 77, p. 1.

<sup>603</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, [s.l.], [s.d.], p. 9-10

A dôr te acrisolou a força enaltecida  
Conquistaste a lutas, as palmas da victoria;  
Hoje és livre e de heróes a fungida memoria  
Jamais se apagará e a fama ennobrecida.

O sol abraza e doura os teus mares, que anceiam  
Em vagas que se irisam, que tambem se alteiam  
A beijar com ardor teus alvos areiaes.

Eia! terra querida, avante, sempre avante!  
Deus te guie ao futuro em romagem brilhante  
Nas delicias do bem, nos jubilos da paz!<sup>604</sup>

Desde o início deste projeto literário, as redatoras eram coerentes com sua proposta pedagógica, que acolhia as idéias de seu tempo, entre o civismo, a virtude, a religião. Era 1910 quando a Redatora de *A Estrella* redigiu editorial de comemoração aos quatro anos da publicação, reiterando os argumentos que as motivavam a realizar a empreitada de manter uma revista literária. Abnegadas mulheres que buscavam a divulgação da literatura, relacionavam-se com pessoas de várias partes do Brasil e agregaram significativo número de colaboradores, como se observa nas listas apresentadas nessa pesquisa.

Eram mulheres, crianças e homens que realizavam o sonho de atuar na imprensa do Ceará. Vitória de quem enfrentava batalhas cotidianamente. “Não precisamos repetir o nosso programa. O ideal que nos seduz é o do bem, o lema que nos guia é o amor às letras e o nosso fim, a instrução”<sup>605</sup>.



Figura 29 - Francisca Clotilde, alunos e alunas do Externato Santa Clotilde. No estandarte, os dizeres "Externato Sta Clotilde - Deus, Pátria e Dever" (Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano)

<sup>604</sup> CLOTILDE, Francisca. Ave Ceará. *A Estrella*, Fortaleza, março de 1912, n. 110, p.1.

<sup>605</sup> ENTRE RISOS E FLORES. *A Estrella*, Aracati, outubro de 1910, n. 93, p. 2.

É o que canta Eduardo Dias, em poema dedicado aos Romeiros do Porvir, do qual apresento trechos ao longo deste estudo. O intelectual trabalha com o vocabulário e as imagens mais caras a seu tempo, colocando em diálogo as idéias de instrução, ciência, Deus e luz. Assim, demonstra ecletismo em suas palavras e faz supor uma variedade de leituras como referência a tais pensamentos.

A luz do sol é clara, e o mundo se espalha  
Sobre a terra, no ceu, por toda a parte emfim,  
Mas não ha, eu affirmo, um clarão só que valha  
Essa luz da Instrucção - o seu fulgor sem fim! -

Ella veio de Deus - a suprema sciencia -  
Quando do chãos immenso o Universo arrancou,  
E deu ao ser humano a luz da intelligencia,  
E de constellações o ceu illuminou.

Quem aprende caminha em busca do futuro,  
Cada vez mais eleva a sublima a razão,  
Porque no peito traz esse ideal tão puro,  
Porque na frente mostra as luzes da Instrucção<sup>606</sup>.

Neste espaço de experimentação, como já foi visto, os formatos de textos eram os mais diversos, entre acrósticos, sonetos, frases, folhetins, resenhas literárias, crônicas, contos, peças de teatro.

Variadas idéias compunham os argumentos oferecidos pela *Estrella*, como a importância de se lembrar de datas e vultos da Pátria, a fé, a prática da caridade, o apreço pelas letras e o elogio à inocência da infância. Alguns destes valores são reafirmados em seus rodapés, permeando a leitura do conteúdo da publicação, que “não poupa os melhores applausos aos que se esforçam pelas nobres conquistas e tem por norma o dever, por bussola Deus e por auxiliares os corações perfumados pelos mais puros sentimentos do bem”<sup>607</sup>. A família, a escola e a igreja imprimiriam esses valores durante a infância, esta “pagina branca da existencia”.

A caridade tem refulgencias celestes: ilumina os corações, tornando-os capazes de todas as dedicações, de todos os sacrificios e revestindo-os de uma graça sublime, reflexo da misericordia divina, da bondade suprema. A infancia é a pagina branca da existencia, em que só os annos podem escrever as letras d'ouro que formam os hosannas de louvores a Deus, os canticos sublimes da felicidade para entoa-los nos deslumbramentos da gloria.<sup>608</sup>

---

<sup>606</sup>DIAS, Eduardo. A Instrução. Aos Romeiros do Porvir. *op. cit.*, p. 65.

<sup>607</sup>SCINTILLAÇÕES. A *Estrella*, Fortaleza, agosto de 1911, n. 102, p. 2.

<sup>608</sup>A *Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p. 22-3.

A caridade era outro valor praticado no dia-a-dia escolar no Externato, e esta lição vinha imbuída de uma separação entre os sexos, distinguindo-os segundo atividades realizadas junto a comunidade. Nesta pedagogia do exemplo, presente no teatro, nas leituras e na música, as meninas eram estimuladas a dedicar seus esforços em favor dos desvalidos, como na ocasião em que elas auxiliaram a conferência de São Vicente de Paulo e encenaram, em 31 de outubro de 1915, algumas comédias no teatro Santo Antônio, conforme registrado no artigo Festa de Caridade<sup>609</sup>, d'*A Estrella*. Cultivavam, dessa forma, os bens do espírito.

O auxílio aos desvalidos era tomado como uma espécie de virtude inerente à “alma cearense”. A propósito, este é o título que a redatora utiliza na primeira página d'*A Estrella*, ao reproduzir com destaque uma carta endereçada à Edynar, por uma “talentosa senhorita que possui a alma vibrante da cearense, manifestando-se ardente e magnanima nos momentos criticos como os que atravessa a terra de Iracema”. Qualidades que são naturalizadas na revista, de modo a compor e fortalecer a identidade do povo.

A moça, que assinava como Nehyse, teria participado da campanha do abolicionismo e dedicava-se a socorrer os retirantes, provavelmente em Fortaleza. Descreve então a situação pela qual as famílias passavam e conta a experiência de prestar auxílio àquelas pessoas. A publicação segue a seguinte linha de pensamento: a natureza é inclemente, os retirantes vêm do sertão e ocupam a bela capital para buscar conforto. Neste tipo de escrita, corrente no período, não há sujeitos sociais definidos.

A minha alma tambem se consterna diante do espectaculo desolador desta natureza que se cobre de louçanias na quadra abençoada das chuvas e que hoje vejo desadornada, triste, no definhamento nostalgico dos prantos do céu.

Á nossa bella capital affluem dezenas e dezenas de retirantes que vão buscar algures o conforto, o pão que a patria lhes nega. (...)

Ha poucos dias, juntando-me a algumas amigas, fui visitar uma familia que emigrára do sertão. Eu a conhecêra abastada, feliz e jamais me passára pela ideia que havia de vê-la reduzida á tanta pobreza.

Seguiam para o interior do Amazonas, onde residia um parente que lhes podia ser util. Durante muito tempo não ouvirei falar dellas e será melhor do que se soubér que o pai adoeceu gravemente e a mãe morreu antes do termino da viagem.<sup>610</sup>

---

<sup>609</sup>FESTA DE CARIDADE. *A Estrella*, Aracati, novembro de 1915, n. 148, p.11.

<sup>610</sup>ALMA CEARENSE. *A Estrella*, Aracati, agosto de 1915, n. 146, p.1-2.

A caridade também se fazia representar nas peças teatrais, como no diálogo *Por entre harmonias*, de Vésper. O texto trazia uma situação cotidiana, passada com as personagens Edenia e Luisa. A primeira pensava em “organizar com algumas amigas uma festinha em favor dos pobres flagellados pela impiedosa sêcca” e solicitava a participação da amiga, para que “o nosso caridoso projecto se realize do modo mais brilhante”.

Luisa (alegre)

Irei e farei o possível para que os pobres fiquem satisfeitos. Já que não posso dar-lhes esmolas, procurarei angariar-as entre os ricos e espero obter algum resultado.

Edenia

A tua voz fará uma verdadeira revolução e se tornará ainda mais harmoniosa porque a caridade é a virtude que mais atráe sobre nós ás graças do céu, as benções de Deus.<sup>611</sup>

A *Estrella* está em sintonia com o seu tempo e os acontecimentos da província. São escolhidos contos, artigos e poemas que compõem um conjunto de olhares sobre fatos como a guerra, as enchentes ou a seca. O mês de maio de 1915 parece ter concentrado as maiores dificuldades em relação à estiagem. Francisca Clotilde descreve o cenário desolador que via. “Triste e desolado”, aquele tempo “Já não ostenta o verde alegre das campinas, Semelha um pobre rei de galas despojado!”. A “pobre Terra da Luz” já não tem primavera e é envolvida na “tristeza outonal da saudade!”<sup>612</sup> Em outro poema, a escritora aborda o drama da difícil partida e da pungente saudade de casa, durante a seca.

Eles têm que partir!... A caravana triste  
Despede-se a chorar de doce abrigo,  
No campo nem sequer uma florzinha existe,  
O flagelo varreu todo o esplendor antigo!

A casinha, esta sim, tão alva inda persiste,  
Inda guarda o verdor o juazeiro amigo;  
Mas, lá longe, na estrada, o horror, o desabrigo,  
A saudade cruel a que ninguém resiste!

E eles têm de partir! O rossicler do dia  
Já brilhou no horizonte em clarão de agonia,  
A lembrar-lhe o exílio em um país remoto.

Olham mais uma vez a casa... o céu azul  
E se vai chorar o triste bando exul,  
Em procura do Além, em busca do Ignoto<sup>613</sup>.

<sup>611</sup>VESPER. *Por entre harmonias*. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1919, p.19.

<sup>612</sup>CLOTILDE, Francisca. Maio. A *Estrella*, Aracati, maio de 1915, p.1.

<sup>613</sup>*Idem*, Para o Ignoto. A *Estrella*, Aracati, outubro de 1916, p.1.

A Primeira Guerra mundial também fora abordada em sonetos de Francisca Clotilde. *À Paz* era dedicado “ao grande espírito do Dr.Eduardo Dias” e mostrava que as notícias vindas da Europa ecoavam no Ceará e estimulavam a expressão pública da escritora.

Estende sobre nós as asas benfazejas,  
Afasta para longe a sangüinária guerra;  
És astro protetor, a iluminar a terra,  
És anjo divinal nas hórridas pelejas.

Teu riso traz bonança e, qual íris, descerra  
O negror da procela... abençoada sejas,  
Oh! paz consoladora o nosso bem almejas,  
Estrela vespéral que doce luz encerra.

Vem os homens unir, vem espalhar o amor,  
Tem pena do sofrer das mães em ansiedade,  
De ternos corações mova-te a ingente dor;

Temos sede de ti, lenitiva a orfandade,  
Com eflúvios do céu, num gesto animador,  
Lembra o santo dever, as leis da caridade!<sup>614</sup>

Além de apresentar questões sociais, a revista também disseminava a religiosidade junto aos seus leitores e, principalmente, leitoras. A festa da padroeira do Externato Santa Clotilde, em 3 de junho de 1912, teve um extenso programa destinado às jovens. “Pela manhã, foram assistir á missa, na matriz, e á noute, no salão das aulas, representaram algumas comedias, cujo desempenho nada deixou a desejar”. O evento foi concorrido, de acordo com a redatora. E, ao terminar o espetáculo, saudaram o candidato de oposição à oligarquia aciolina, Franco Rabelo, cuja campanha contava com a participação de Francisca Clotilde, através da escrita política<sup>615</sup>. “Ao terminar o espetaculo, ergueram-se muitos vivas á mulher cearense, ao eleito do povo e á mocidade aracatyense”<sup>616</sup>.

O relacionamento com o clero era próximo e cultivado, inclusive, através de recomendações de leituras. O Padre Sylvano de Souza, por exemplo, oferece às redadoras *As Leituras*, “magistral palestra proferida no <<Circulo Catholico>> de Fortaleza pelo conhecido escriptor Antônio Salles”<sup>617</sup>.

---

<sup>614</sup>CLOTILDE, Francisca. *A Paz*. *A Estrella*, Aracati, fevereiro de 1918, n. 160, p.1.

<sup>615</sup>Cf. 2.3. “Falem contra a mulher cearense política; eu applaudo-a”.

<sup>616</sup>FESTA ESCOLAR. *A Estrella*, Fortaleza, julho de 1912, n. 113, p. 9.

<sup>617</sup>GRACILIDADES. *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, n.172, p.13.

A essência dos escritos d'A *Estrella* fazia intuir que o objetivo maior da publicação, além de doutrinar seus leitores, era formar os jovens para o campo das letras, estendendo seu conhecimento na direção do exercício da literatura.

A imprensa estava a serviço do ensino, como um recurso pedagógico. Neste sentido, é priorizada a circulação da revista entre as famílias e a disponibilização de assinaturas para crianças. A menina Raymunda Baptista da Silva, da cidade de Anajás<sup>618</sup>, era uma dedicada assinante, por exemplo. Pertencia ao segundo ano do Grupo Escolar daquela localidade e era “apreciada pelos seus dotes naturaes”. Segundo *A Estrella*, revelava “gosto notavel pelas lettras mostrando-se promissôra esperança de tornar-se uma brasileira distincta e grande cultora do bello”<sup>619</sup>.



Figura 30 - Francisca Clotilde, entre alunas e alunos (Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano).

Apesar de não apresentar nenhuma epígrafe ou de se filiar ao Externato Santa Clotilde, *A Estrella* apresentava estreitos vínculos com o estabelecimento ao noticiar eventos promovidos pela escola. O ideário semelhante envolvia a publicação

---

<sup>618</sup>Anajás, no Estado do Pará, é uma das cidades “onde a *Estrella* conta avultadissimo numero de assignantes”. Um dos correspondentes daquela localidade, sob o pseudônimo Flôr do Ermo, costumava enviar notícias da região, colocando a revista “a par do movimento da prospera localidade que tem sentido de perto sua benefica influencia”. (*A Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, n. 115, p.24).

<sup>619</sup>FALECEU EM ANAJÁS A MENINA RAYMUNDA BAPTISTA DA SILVA. *A Estrella*, Aracati, agosto de 1917, n. 92, p. 8.

e o Externato nesta missão. A escola era popular em várias cidades cearenses e alunos eram enviados de outras localidades ao Aracati, para serem educados pelas Clotildes. As notícias falavam dos alunos e alunas que ingressavam no colégio, como as “inteligentes senhoritas Magdalena Bezerra e Maria Bernardina da Solva, residentes no Limoeiro”, a “Sinhásinha e Mundoca Mello, da União” e “Edgard Lavor, filhinho do Dr. Aurelio Lavor, residente em Fortaleza”.<sup>620</sup>

O Externato era lugar de estudo e também de encontro. As calçadas eram tomadas de cadeiras e banquinhos, onde se aboletavam crianças e intelectuais à tardinha, em reuniões culturais e saraus organizados por Clotilde. “Reunia-se a fina flor da intelectualidade local e estabelecia-se verdadeira tertúlia literária”, que recebia pais e filhos como os Benedito do Santos, Pedro Moura, Carlos Cordeiro, Alfredo e Godofredo de Castro, Eduardo Dias e outros.<sup>621</sup>

À vontade nos espaços públicos, atuante na cidade, a professora e escritora Francisca Clotilde ajuda a consolidar a presença feminina no meio intelectual cearense. *A Estrella*, que “gosta da luz que irradiava dos centros de civilização”<sup>622</sup>, também traz textos em sintonia com os novos papéis da mulher, que eleva seu espírito e nivela sua inteligência “à mesma altura” da do homem.

(...) mostrando ao mesmo tempo aos que sabem compreender, quanto ha de grande e de elevado no espirito da mulher que, arrostando com todas as dificuldades, nivela sua intelligencia a do homem e eleva-se á mesma altura, destruindo assim o preconceito que ainda infelizmente existe em alguns espiritos, que não querem compreender a unica differença que existe entre as duas intelligencias: a educação diversa que é ministrada aos dous sexos desde a infancia<sup>623</sup>.

Os discursos a favor da mulher e as novas idéias femininas e feministas ganhavam fôlego através da rede de jornais editados por mulheres. *A Estrella* se inseria neste grupo e revela, em texto de capa, que “em muitas cidades adiantadas e na capital da moda progride o feminismo e cogita-se com o maximo interesse da questão de serem dados á mulher os mesmos direitos que a politica, a moral e a sociedade facultam ao homem”<sup>624</sup>. O “século actual”, contextualizam, é o tempo do progresso, da eletricidade, das novas descobertas da ciência. “Tudo se move, tudo se agita”, celebram.

---

<sup>620</sup>MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, [[s.l.], [s.d.], p. 13.

<sup>621</sup>ARAÚJO, Maria Stella B. de. Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 240.

<sup>622</sup>SCINTILLAÇÕES. *A Estrella*, Fortaleza, agosto de 1911, n. 102, p. 2.

<sup>623</sup>VICTORIA FEMININA. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1916, n. 158, p.32.

<sup>624</sup>REVERBÉROS. *A Estrella*, Aracati, agosto de 1917, n. 92, p. 1.



“Nós que temos o mesmo ideal”, afirmam as redatoras, “alegramo-nos em ver que a mulher tomando parte activa nas honrosas paginas da imprensa presta valioso concurso ás boas causas e póde trabalhar pelo desenvolvimento da Pátria”. E citam periódicos da Bahia, da Paraíba e do Rio Grande do Sul e o nome de algumas escritoras – algumas colaboradoras d’A *Estrella*, como Irene Marinho e Cordelia Sylvia – para exemplificar aos leitores a propagação das idéias femininas e a nova situação da mulher em cidades brasileiras.

O nosso collega, o brilhante órgão da imprensa bahiana o "Jornal Pequeno" em magistral artigo que orna suas columnas de honra occupa-se do assumpto e cita alguns nomes de escriptoras brasileiras, destacando Ignez Sabino, Amelia Bevilaqua, Andradina de Oliveira, Francisca Clotilde e Ibrantina Cardona. (...)

Do Rio Grande do Sul vem nos de vez em quando irriante de joias finissimas do talento feminino o "Escrinio" redigido pela vigorosa prosadora Andradina de Oliveira. (...)

Do Rio recebemos o "Apostolado das Filhas de Maria" que a par de bellissimas producções litterarias trescala o sentimento religioso, essencia de almas privilegiadas. A gentil "Violeta" mystica flor do pensamento mostra a intelligencia e a vocação da apreciada fluminense, senhorita Irene Marinho e o "Batel" singrando o mar da gloria, tem como timoneiras duas talentosas jovens Cordelia Sylvia e Célida Adamantina que da Parahyba nos enviam em amistosa permuta o mimoso jornalsinho.

Nesta cidade temos o "Rosario" conceituado órgão religioso fundado pela distincta patricia Maria Felismina que à uma intelligencia privilegiada reúne uma modestia encantadora<sup>625</sup>.

Mais do que agrupar as mulheres em uma só corrente de pensamento a revista as collocava em cena, em sua diversidade de realizações. O mais importante é mostrar a mulher efetivando seu lugar na imprensa, conquistando a palavra e a collocando em prática.

Colaboradores de outras cidades sentiam-se motivados a enviar informações sobre a atuação das mulheres, encontrando n’A *Estrella* um veículo receptivo ao diálogo e à propagação das sensibilidades. J. Pinheiro, de Natal, apresenta às cearenses “A mulher intellectual no Rio Grande do Norte” e sua ainda modesta produção literária. Destaca o livro *Horto*, da poetisa potiguar Auta de Souza (1876-1901), editado no Rio de Janeiro em 1900 e prefaciado por Olavo Bilac.

Genios feminis extraordinarios e fecundos existem; o que lhes falta, porem é o estimulo necessario, é o concurso de todos que compreendem o alevantamento moral dos seus esforços. (...)

Bilac, prefaciando o livro de Auta de Souza, confessou que cauza espanto encontrar-se no tumultuar de tanto verso que se faz, um livro como o Horto.

---

<sup>625</sup> REVERBÉROS. A *Estrella*, Aracati, agosto de 1917, n. 92, p. 1.

Auta de Souza foi um destes pontos de admiração de todos que amam os bons versos<sup>626</sup>.

Em outro momento, a comédia de um ato *Mulheres Guerreiras* associava o patriotismo ao Club da Igualdade e aos direitos da mulher. A peça foi dramatizada por meninas do Externato e trazia as personagens Georgina, Helena, Myrthes, Elita, Roberia e Lucilia. Destaco aqui a segunda, terceira e quarta cenas, onde as exaltadas feministas perguntam: “Para que servem os homens? Chegou a nossa época! E' preciso suffocar todos os affectos para salvar a Pátria”.

Scena 2<sup>a</sup>

Georgina (exaltada)

Ah! estão promptas! Foi uma verdadeira evolução, um delirio! Ouviram? Estou certa da victoria de nossa causa. E' bem certo que Deus quer o que a mulher quer. (...)

Georgina

Sim, mas é preciso acompanhar as investidas do genio com as explosões das balas.

Myrthes

E não recuar um passo da arena da luta. Os heróes avançam, mesmo em face da morte.

Scena 3<sup>a</sup>

Roberia (á Georgina)

Minha senhora, se me permite...

Georgina

O que queres, palerma?

Roberia

O Dr. Azevedo mandou chamal-a.

Georgina

E' impossivel ir agora.

Myrthes

Ella é nossa, presentemente.

Roberia

E' que a pequena tem estado adoentada<sup>627</sup>.

Georgina prioriza sua luta pela pátria e deixa a filha doente em segundo plano. Ora, ela não é médica – que chamem o doutor. Afinal, o mais importante, para ela, seriam a propaganda que fazia pelo bem do povo e seu discurso no Club da Igualdade. Engajada, ela será escolhida pelas colegas para ser “o novo

<sup>626</sup>A MULHER INTELECTUAL DO RIO GRANDE DO NORTE. A *Estrella*, Aracati, maio de 1919, n. 172, p. 28.

<sup>627</sup>MULHERES GUERREIRAS. A *Estrella*, Fortaleza, outubro de 1912, n. 115, p. 37-9.

comandante”. Aliás, “a nova comandante”. De tão exacerbado, o tom da comédia beira a sátira ao comportamento extremo das mulheres reunidas para atuar publicamente. O texto, entretanto, não deixa de apontar este caminho *possível* a ser seguido.

Helena  
A patria está acima de tudo!

Lucilia  
Bravo!

Elita  
Somos da raça das spartanas.

Georgina  
Quero muito bem á minha filha; mas estou fazendo propaganda em bem do povo, e ás 6 horas tenho que falar no Club da Igualdade sobre os direitos da mulher.

Roberia  
O que responderei ao Dr.?

Georgina  
Que irei depois da sessão. Elle chame o medico e faça as minhas vezes, junto da pequena.  
(Roberia sáe)

Scena 4<sup>a</sup>  
As mesmas (menos Roberia)

Lucilia  
Para que servem os homens? Chegou a nossa época! E' preciso suffocar todos os affectos para salvar a Patria.  
Vou já tratar da organização do nosso batalhão.

Myrthes  
Quem será o commandante?

Elita  
Faz favor de mudar o artigo.

Myrthes  
Pois bem, a commandante.

Helena  
Façamos uma eleição.

Myrthes  
Muito bem! A minha candidata é Georgina<sup>628</sup>.

O ideário progressista convivia, na publicação, com adjetivos que enquadravam as mulheres como “ornamentos”<sup>629</sup> e com textos que afirmavam que “a mulher não è exigente e nem tão pouco ambiciosa”. Para agradá-la, bastava que

---

<sup>628</sup>MULHERES GUERREIRAS. *op. cit.*, p. 37-9.

<sup>629</sup>Cf. 3.2. “Constelação de colaboradores”.

“Ihe deem um pouco de amor e sinceridade e ella será contente e feliz por toda a vida”<sup>630</sup>.

Bem recomendada na sociedade aracatiense, *A Estrella* era vista como um “veículo luminoso do pensamento para transmitir ao mundo civilizado a quintessência do evoluir moderno”, tendo a frente o “talento feminino dedicado às letras”. Para o colaborador por trás do pseudônimo Saturno, “ninguém melhor sabe educar que a mulher”.<sup>631</sup>

A dramaturgia era um dos gêneros mais cultivados pela professora Francisca Clotilde nas páginas da revista, desde 1911. Peças de sua autoria, como *A Solteirona*, *A Crise*, *Pérola do Bosque*, *Visitas Importunas*, *Santa Clotilde*, *A Amparativista*, *Anniversario do Sapateiro* e *Consequencias de um Annuncio*, traziam críticas de costumes e argutas observações da sociedade de sua época, em um universo de personagens e espaços diversificados. Na tabela a seguir, estão listadas as peças que um breve inventário da dramaturgia de Francisca Clotilde, publicadas n’*A Estrella*.

<b>Publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>	<b>Trecho</b>
Agosto de 1911 a Dezembro de 1912	<i>Conseqüências de um Annuncio</i>	Comédia de ato único	D. Amalia E eu, sahindo d’aqui, vou á redacção do melhor jornal e publico um artigo de arrancar o couro dessas fidalguinhas de tão mau coração que não se commovem com as dôres da velhice.  D. Roberta Nem com as lagrimas da orphandade.  D. Margarida Nem com as dividas da quebradeira.
Outubro de 1915, Outubro de 1916, Maio de 1918	<i>Santa Clotilde</i>	Drama em três atos, escrito especialmente para <i>A Estrella</i>	Ermelinda Permitti que me retire. (á parte) Vou prevenir Clotilde de que a orgulhosa Lutgarda julga que ella veiu aqui para conquistar o coração do chefe dos Francos.  Clotilde Pois bem que chegue o inimigo. Saberei morrer sem vacillar. (para as damas) Fugi, ainda é tempo. Conheceis o segredo do Castello, salvai-vos pela porta falsa que vos

<sup>630</sup>DE LEVE. *A Estrella*, Aracati, maio de 1919, n. 172, p. 13.

<sup>631</sup>SATURNO. Dez annos. *A Estrella*, Aracati, outubro, novembro, dezembro de 1916, p. 19.

			conduzirá ao campo, longe de qualquer perigo. (...) Eu saberei morrer junto ao berço de meu filho. (ouvem-se gritos Morram os Francos! Morram os Francos!
Março a Junho de 1919 e Junho de 1920	<i>Pérola do Bosque</i>	Drama em três atos	Aurora Farei tudo, mamãe, para obsequiar a Perola e, se Ella quizer passar uns dias conmigo, serei uma irmãzinha affectuosa e dedicada que procurará adivinhar os seus pensamentos e arredará de seu viver todos os espinhos, todas as dores. Já lhe basta a pobresinha não ter mãe, não conhecer esse grande e doce affecto, o melhor, o mais santo que nos pode encher o coração e tornar felizes neste mundo. Eu não compreendo a vida sem o amor de mãe e, se tivesse a desventura de perder-te, não te sobreviveria muitos dias e pediria a Deus com lagrimas que me levasse para junto de ti que és minha felicidade e tudo para mim.
Junho de 1920 a Abril de 1921	<i>Visitas Importunas</i>	Comedia de ato único	Marcelle Je viens de Pariz e vim encarregada de angariar assignantes pour Le journal <<Courier Elegant>>. Uma revista moderne.  Maricota Estes estrangeiros têm cada uma idéa! Ora, vir da terra della incommodar os brasileiros!
Outubro de 1920 a Abril de 1921	<i>A Toutinegra do Moinho</i>	Drama em três atos, extraído do romance do escritor francês Émile Richebourg	Liana Pobre mulher! Fala com um accento de perfeita lucidez de espírito. E como deve ter soffrido! Ainda tão nova, o soffrimento cavou-lhe nas faces profundos sulcos, embaciando-lhe o brilho dos olhos. Coitada! E' bem triste a loucura, sobretudo para quem conhece de perto a felicidade.
Abril de 1914 a Janeiro de 1915	<i>A Solteirona</i>	Comedia em 1 ato	Martha Com que cara hei de apparecer em público? Hontem, noiva recebendo parabens e cumprimentos e hoje... na perspectiva de ficar solteirona á vida inteira e coberta de ridiculo1 Amanhã mesmo embarco para o Rio. Aqui falta-me o ar, a luz, o conforto.
Fevereiro a Junho de 1915	<i>A Amparativista</i>	Comedia de ato único	Modista Quero 38 inscripções. Eis o dinheiro contadinho. Tome o meu nome.  Agente Já o sei de cór e salteado.  Modista (com affectação)

			<p>Não admira, sou a primeira modista desta terra. O meu atelier é conhecido de norte a sul do Brasil e o meu nome tem curso em figurinos, folhetins, na galeria da moda, em todos os tons, em todos os matizes. Ora, quem não conhece aqui D. Lauriana da Silveira Nevez? Se o meu retrato já saiu nas revistas cariocas, si os meus reclames têm chegado até o velho continente!</p> <p>Viúva Só o trabalho nos garante a prosperidade, e não nos engana; só elle é o amigo infallível, o consolador efficaz, o seguro refúgio, a taboa salvadora em todos os naufrágios. (...)</p> <p>Cantam: Sem dinheiro e liberdade Eis uma bella conquista! Fóra a tal sociedade Abaixo a &lt;&lt;Amparativista!&gt;&gt; Que engana ricos e pobres Com promessas de mil bens, Só para arrecadar os cobres E nos deixar sem vinténs!</p>
Outubro de 1918, Março, Maio, Junho de 1919	<i>A Crise</i>	Comedia de ato único	<p>Myrthes (mostrando um cartão) Vê que delicado convite! Quanta gentileza expressa nestas linhas! Papel aristocrático, calligraphia mimosa, tudo correcto e do melhor gosto. Achas que a mamãe possa recusar tanta honra e roubar-nos um prazer tão natural? Quando se tem 18 annos e um palminho de cara regular vem muito a propósito um divertimento de vez em quando; mas duvido muito que a mamãe consinta. Ella anda tão impressionada com a crise!</p>
Maio a Outubro de 1912	<i>A Tia Baroneza</i>	Comedia de ato único	<p>Sala rica, ornada de móveis. A um lado uma floreira e sobre uma mesa muitos livros. (...)</p> <p>Patricia (á parte) Estas viuvonas são insupportaveis. Quando perdem a esperança de casamento, ficam delicadas como uma sensitiva.</p>

*Tabela 2 - Inventário da dramaturgia de autoria de Francisca Clotilde.*

Em janeiro de 1919, a população da pequena Morada Nova, no interior do Ceará, apreciava um divertido festival artístico, com a dramatização de diversas peças de teatro. Organizado pelo Pe. Nelson Terceiro de Farias, Sr. Antônio

Evangelista e Sr. João Terceiro de Farias, o acontecimento se deu na sede da prefeitura. O comparecimento maciço da sociedade local surpreendeu os organizadores da festa, cuja primeira atração seria a apresentação de *Santa Clotilde*, drama escrito por Francisca Clotilde. A comédia *A Amparativista* fecharia o festival. A notícia<sup>632</sup>, redigida pela correspondente Elisa Moreira Costa, mostra o prestígio da escritora no interior do estado, sendo respeitada pelo prefeito da cidade e outros homens importantes da região.

Francisca Clotilde consagrou-se notável em seu meio e “por mais que a maledicência se cevasse na nossa reputação, não nos deixamos abater. O nosso amor, como escudo poderoso, nos protegia contra os nossos inimigos”.<sup>633</sup>

Quando a revista *A Estrella* deixou de circular, em 1921, a escritora “viu se extinguir também parte de sua existência, aumentando a amargura de sua saúde”<sup>634</sup>. Dez anos antes de sua morte, escreve o soneto *Casa Deserta*, em 23 de agosto de 1925. Fala de uma casa “desmoronada, solitária e deserta no caminho”, que outrora fora “de risos povoada”. E hoje, como fúnebre morada, “já não conserva o traço de um carinho (...). Assim meu coração... dantes repleto de ilusões e de cândidos amores, é hoje como um túmulo deserto...”<sup>635</sup>.

Em seus últimos anos, o peso dos anos já lhe curvava a fronte enrugada. A aparência era humilde, respeitosa, com um andar que permanecia firme e seguro. Relata Stella Barbosa de Araújo:

Haviam passado por lá os temporais da vida e os vendavais do amor. Porque sendo boa e sendo sábia, sendo santa e sendo mãe, gozou e sofreu ao mesmo tempo, as delícias do bem que praticou e as agruras da incompreensão dos que não puderam ou não souberam admirar a grandeza daquela alma de apóstola das letras, a beleza daquele coração perfeitamente maternal<sup>636</sup>.

Apesar das diversas perdas, tristezas e amarguras, a escritora jamais deixara de lado o trabalho, a produção de textos, o entusiasmo em relação à vida e aos valores em que acreditava. Motivava-se a experimentar a literatura em sua totalidade, explorando todos os espaços possíveis para publicar suas palavras de

---

<sup>632</sup>FESTIVAL ARTÍSTICO EM MORADA NOVA. *A Estrella*, Aracati, janeiro de 1919, n. 168, p. 9.

<sup>633</sup>Diário de Francisca Clotilde, 11/05/1894. In: LEAL, Ângela Barros. Em busca de Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 75.

<sup>634</sup>ARAÚJO, Maria Stella B. de. Francisca Clotilde. *op. cit.*, p. 248.

<sup>635</sup>*Idem, Ibidem*, p. 246-7.

<sup>636</sup>*Idem, Ibidem*, p. p. 235.

ação. “Juntos como vivíamos, se dispuséssemos de elementos favoráveis, teríamos revolucionado o mundo!”<sup>637</sup>

Dedicou-se 53 anos de sua vida ao exercício do magistério e exercera a profissão até os últimos dias de sua vida. Amiga das crianças, Francisca Clotilde lembrou-se delas nos últimos instantes de vida. Em novembro de 1935, Dona Chiquinha deu férias para os alunos do Externato e, oito dias depois, faleceu, aos 73 anos, de um colapso cardíaco. Quando se sentiu morrer, manifestara o desejo de que ao seu enterro comparecessem os pequenos aprendizes.

Era 8 de dezembro de 1935, Aracati.

Sim tudo passa... Da infância  
Foge a quadra mais ditosa  
Cheia de amor e fragrância  
Tecida de ouro e rosa!

As esperanças e os sonhos  
Esvaem-se na adolescência,  
Mudam-se os dias risonhos  
Nubla-se o sol da existência.

Mas enquanto se esvaece  
Doce ilusão que afagamos  
Nossa alma reviver perece  
Do passado que choramos.

Então a dor nos invade  
E brota nos corações,  
A par das recordações  
Uma florzinha – a saudade<sup>638</sup>.

---

<sup>637</sup>Diário de Francisca Clotilde, 11/05/1894. *op. cit.*, p. 75.

<sup>638</sup>CLOTILDE, Francisca. Postaes. *A Estrela*, Aracati, agosto de 1909, n. 73, p.1.



## ITINERÁRIOS DE LEITURA E ESCRITA

Escreveu Francisca Clotilde, um dia, que a grande criação feminina do escritor francês Victor Hugo fora a cigana Esmeralda, do livro *Notre Dame de Paris*. A personagem representava a beleza suprema e era cortejada por dois homens, Quasimodo e Dom Claude; mas o que realmente ansiava era ser amada por Phoebus, soldado comprometido. Estava formada a fascinante trama, que prendeu a atenção das mulheres e libertou sua imaginação. Como diversas moças de seu tempo, Clotilde fascinava-se com os romances e folhetins, com enredos repletos de reviravoltas, cenários idílicos e sentimentos exacerbados.

E, como poucas em sua época, Francisca Clotilde utilizava o espaço de jornais e revistas para tratar de suas impressões particulares de leitura, perenizando e publicizando sua visão de mundo. Imagino, ainda, como ela gostaria de proporcionar sensações as mais diversas aos leitores, através de sua escrita.

Foi por meio da palavra impressa que pude conhecer a literatura e os autores apreciados por Francisca Clotilde, uma mulher que lia de tudo um pouco, de poetas a cientistas, entre vários. A diversidade de sua escrita revela este vasto itinerário definido ao sabor de sua leitura, percorrido por ela com disciplina e paixão.

Costumava anotar perfis femininos que chamassem a atenção. Traço realçado em diversos momentos de seu percurso literário – observe o leitor quantas mulheres visitava em suas páginas. Mulheres exemplares e exemplos de virtude, recolhidas na Bíblia, na História, na ficção.

O alcance de suas idéias e as iniciativas gregárias em torno do livro e da instrução não são percebidos somente na extensa obra que legou. Esta dimensão também se faz presente no volume de periódicos citados neste trabalho. Somam mais que meia centena, referidos à medida que a autora se relacionava com eles, seja publicando ou editando. Observe-se também as ruas pelas quais passou, os caminhos e lugares que percorreu nas cidades. Fortaleza, Baturité, Redenção, Aracati, para não falar nos caminhos imaginários de além-mar. Formam uma cartografia diversa, com pegadas em espaços de intelectuais e letrados, nas oficinas de jornais e tipografias, no gabinete de leitura, nas livrarias, na escola normal, no externato. Espaços onde legitimou-se junto a seus pares intelectuais.

Ao retirar-se para a cidade pequena do interior, nos últimos anos do século XIX, não deixou para trás a existência pública. Em um retorno que não implica em

anonimato, colocou a pena a serviço das causas que abraçara. Por vezes, a poetisa cedia lugar à polemista, como durante a cruzada anti-oligárquica de 1911.

Embora fosse envolvida por questões pertencentes ao mundo dos homens de então, como a política, tematizou o universo feminino e não masculinizou sua escrita. Imagine-se o leitor dos oitocentos, encontrando nos jornais contos e artigos que abordavam o casamento, o adultério, o divórcio, o abandono da mulher grávida pelo noivo, o marido envolvido em vícios e jogos, a sofrida perda de um filho. A autora não buscava ser igual aos homens – e era nessa diferença, na autonomia de seu trabalho, que residia a força de sua escrita.

Publicou livros, não se contentou com rodapés e elegeu o periodismo como veículo de sua expressão moralizadora, religiosa, pedagógica, feminina. Sem deixar de explorar os signos do estilo romântico e as sensibilidades, entre o amor e a natureza. Reescrevia a bíblia, recontava histórias de mulheres exemplares e sabia do poder de posteridade contido nas palavras. Por vezes falava “nos livros de historia”, como espaço, por excelência, de registro de memórias. Foi cautelosa quanto à defesa de novos lugares para a mulher na sociedade. Talvez não fosse preciso escrever sobre isso, já que ela própria, e não suas personagens, abria novos caminhos cotidianamente.

Neste estudo, procurei dar a conhecer ao leitor uma parte do universo múltiplo da polígrafa Francisca Clotilde, compreendendo as especificidades dos diversos registros. Conjunto heterogêneo, mas coeso, que abriga conto, poesia, crônica, charada, anúncio, teatro. Exercícios que preenchiam as pautas de muitos cadernos e as poucas horas vagas, entre a atividade de professora e os cuidados com a casa e os filhos. Diferenciou-se do padrão feminino da época, não se guardou entre os muros de seu lar. Assim, ao cultivar uma existência pública, via suas idéias, que sopravam ventos de ação, chegarem a um maior número de leitores – o que seria mais eficiente do ponto de vista do alcance do projeto educativo que construía.

Foi a partir de um concurso de caligrafia que surgiu a revista A Estrella, ainda em papel almaço. Idéia de sua filha, Antonieta, e da prima Carmem. Francisca Clotilde se uniu às redatoras da publicação e viu a possibilidade de formar crianças com pendor para as letras. Sua prática educativa, baseada no afeto recíproco entre professores e alunos, era materializada no impresso que circulou por quinze anos. Entre pequenos escritores e grandes autores, mais de uma centena de nomes e

pseudônimos, de várias partes do Brasil, fizeram daquelas páginas um lugar de encontro.

Repertoriar e analisar a escrita cultivada em livros e periódicos, entre 1884 e 1921, foi a escolha adotada nesta pesquisa, entre os muitos caminhos possíveis. É certo que os exercícios de interpretação e imaginação histórica que realizei não respondem a todas as perguntas que o leitor e o pesquisador podem ter em mente, sobre as histórias contadas e vividas por Francisca Clotilde. É neste horizonte, nos silêncios ainda presentes em sua trajetória, que as possibilidades de pesquisa se ampliam, na direção de abordagens distintas para o extenso corpus documental recolhido sobre a escritora em arquivos públicos e privados. Outras reflexões, entre estudos de gênero, ensaios sobre sua escrita em outros periódicos, uma análise detida sobre seu diário, comparações entre sua escrita pública e privada e outros temas trariam, certamente, valiosas contribuições e novas dimensões daquele período.

Encontrei, nas páginas que li e escrevi, a mulher que foi mãe, educadora, periodista, escritora, intelectual. Ao compartilhar meu estudo sobre Francisca Clotilde com o leitor, neste início de trajetória como pesquisadora, espero contribuir para os campos da história intelectual, da imprensa, da leitura, da educação, da literatura, dos estudos sobre mulheres.

Restam ainda muitos aspectos de seu legado intelectual e dimensões de sua vida a serem desvendados, a ganharem novas leituras em futuros estudos. E, quem sabe, outros pesquisadores abracem o desafio de lançar outros olhares à vivência e à escrita desta mulher obstinada em conquistar espaços e propor novos caminhos através da palavra em movimento, da palavra em ação.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. ARQUIVOS CONSULTADOS**

Acervo Pessoal de Rosângela Ponciano, Aracati (CE).

Arquivo Público do Estado do Ceará, Fortaleza (CE).

Academia Cearense de Letras, Fortaleza (CE).

Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico, Antropológico, Fortaleza (CE).

Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro (RJ).

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Setor de Obras Raras e Setor de Microfilmagem, Fortaleza (CE).

Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos e Periódicos Microfilmados, Rio de Janeiro (RJ).

### **2. FONTES**

#### **2.1. DOCUMENTOS**

Fundo: Interior e Justiça. Série Arquivo Público, Biblioteca Pública e Museu Histórico do Ceará. Livro de Consulentes da Biblioteca Pública do Ceará. Data limite: 1878-1887. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará, Fortaleza, Ceará.

Fundo: Instrução Pública. Grupo: Diretoria da Escola Normal. Série: Correspondências expedidas. Subsérie: Inventário de livros e móveis. Lançamento da pedra fundamental. Quadro das notas. Regulamento da Escola Normal. Relação de alunas. Atas. Data limite: 1881-1899. Disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará, Fortaleza, Ceará.

Panfletos, Boletins e Pasquins: sem título. Rolos nº39 e 44. Disponíveis no setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Departamento de Patrimônio Cultural, Fortaleza, Ceará.

## 2.2. JORNAIS

Jornal Libertador. Fortaleza (CE). 1881, 1884, 1886, 1887, 1888, 1889 e 1891.

Jornal Gazeta do Norte. Fortaleza (CE). 1882.

Jornal Cearense. Fortaleza (CE). 1884, 1885.

Jornal O Orvalho. Fortaleza (CE). Setembro de 1888.

Jornal A Evolução. Fortaleza (CE). 1888 e 1889.

Jornal Gazeta do Sertão. Ipu (CE). 1893.

Jornal A República. Fortaleza (CE). 1898 e 1902

Jornal Folha do Commercio. Aracati (CE). 1911.

## 2.3. ALMANAQUES

*Almanach das Senhoras para 1911. Portugal e Brazil.* Lisboa: Livraria Editora, 1910.

*Almanach das Senhoras para 1928. Portugal e Brazil.* Lisboa: Livraria Editora, 1927.

*Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o anno de 1870.* Fortaleza: Typ. Do O. Colás, 1869.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1897.* Fortaleza: Typ. Econômica, 1896.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1899.* Fortaleza: Typ. Econômica, 1898.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1900.* Fortaleza: Typ. Universal, 1899.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1901.* Fortaleza: Typ. Econômica, 1900.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1902.* Fortaleza: Typ. Econômica, 1901.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Industrial e Litterario do Estado do Ceará*  
Fortaleza: Typ. Econômica, 1903

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1904.* Fortaleza: Typ. Econômica 1903.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1905.* Fortaleza: Empreza Typographica, 1904.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1906.* Fortaleza: Typo-Lithographia a vapor. 1906.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1908.* Fortaleza: Typ. Econômica 1907.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1910.* Fortaleza: Typ. Econômica 1909.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1914.* Fortaleza: Typ. Econômica 1913.

Almanak do Ceará para 1915. Fortaleza: Typogravura A. C. Mendes, 1914

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1916.* Fortaleza: Typ. Econômica 1915.

*Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para 1917.* Fortaleza: Typ. Econômica 1916.

*Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1918.* Fortaleza: Typ. Moderna - Carneiro e C., 1918.

*Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o anno de 1919.* Fortaleza: Typ. Moderna - Carneiro e C., 1918.

## 2.4 LIVROS

ASSIS, Machado. *Helena*. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Fac-símile da edição publicada em 1863. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Tomo I.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cartas Literárias*. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 1. ed. Fortaleza: Typographia Moderna e Vapor Atelier Louis, 1902.

CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996.

CLOTILDE, Francisca. *Pelo Ceará*: série de artigos editados na "Folha do Commercio". Aracaty: Typographia Commercial, s/d.

DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. "Igualdade de Direitos": O Quinze de Novembro do Sexo Feminino, 6 de abril de 1890. In: HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NORONHA, Joana Paula Manso de. "As Nossas Assignantes". O Jornal das Senhoras. 1 de janeiro de 1852. In: HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PONTES, Serafina. *Livro d'Alma*. Fortaleza: Typographia Universal, 1894.

SOUSA, Eusébio de (Org.). *Album do Jaguaribe*: Commemorativo da Passagem do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Com u'a noticia geographica, historica, economica e descriptiva dos municípios do baixo Jaguaribe: Aracaty, S. Bernardo das Russas, Limoeiro, União. Belém: Empreza Graphica Amazonia, 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. *Scenas e Typos*. Fortaleza: Typographia Minerva, 1919.

\_\_\_\_\_. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly (1914)*. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

## 2.5. REVISTAS

Revista *A Quinzena*. Fortaleza (CE). Edição fac-similar. 13/01/1887 a 10/06/1888. Academia Cearense de Letras/BNB, 1984.

Revista *A Fortaleza*. Fortaleza (CE). 1906 – 1907. Typographia Minerva.

Revista *A Mensageira*. São Paulo (SP). Edição fac-similar. n. 1. Imprensa Oficial do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

Revista *do Instituto do Ceará*. Fortaleza (CE). Tomo LI. 1937. Ramos e Pouchain.

Revista *da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza (CE). Ano LXVI. 1962. Imprensa Universitária da UFC.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano II, n. 61, jan. 1908. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano II, n. 67, jul. 1908. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano II, n. 71, nov. 1908. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano II, n. 72, dez. 1908. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano III, n. 73-84, 1909. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano IV, n. 86, mar. 1910. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano IV, n. 89, jun. 1910. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano IV, n. 91, ago. 1910. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano IV, n. 93, out. 1910. Secc. Graphica d'O Aracaty.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano IV, n. 94, nov. 1910. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano IV, n. 95, dez. 1910. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 96, jan. 1911. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 97, fev. 1911. Typographia Escolar.



Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 103, ago. 1911. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 104, set. 1911. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 105, out. 1911. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano V, n. 107, dez. 1911. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VI, n. 110, mar. 1912. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VI, n. 112, mai. 1912. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VI, n. 114, jul. 1912. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VI, n. 117, out. 1912. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VI, n. 119, dez. 1912. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VII, n. 125, jul. 1913. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VII, n. 128, out. 1913. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VII, n. 129, nov. 1913. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VIII, n. 131, jan. 1914. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, Fortaleza (CE). Ano VIII, n. 132, fev. 1914. Typographia Escolar.

Revista *A Estrella*, [s.l.], Ano VIII, n. 134, abr. 1914. [s.n.].

Revista *A Estrella*, [s.l.], Ano VIII, n. 140, out. 1914. [s.n.].

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano IX, n. 143-151, 1915. Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano X, n. 152-158, 1916. Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XII, n. 159-167, 1918 Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XIII, n. 168-176, 1919 Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XIV, n. 177-185, 1920 Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XV, n. 186, jan. 1921, Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XV, n. 187, fev. 1921, Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XV, n. 188, mar. 1921, Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XV, n. 189, abr. 1921, Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, Aracati (CE). Ano XV, n. 193, ago-set. 1921, Typographia Jaguaribe.

Revista *A Estrella*, [s.l.]. Ano XV, n. 194, ou-nov-dez. 1921, [s.n.].

## 2.6. SOBRE FRANCISCA CLOTILDE

ARAÚJO, Maria Stella B. de. Francisca Clotilde. In: *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. v. 1.

BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1948. 4 v.

COLARES, Otacílio. A Divorciada, de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido. In: *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977. v. 3.

\_\_\_\_\_. A Estrela: revista sócio-literária esquecida e injustiçada no Ceará. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993a. v. 6.

\_\_\_\_\_. A poetisa Francisca Clotilde e seus sonetos dedicados. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993b. v. 6.

\_\_\_\_\_. Sonetos de 1915. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993c. v. 6.

\_\_\_\_\_. Sonetos de 1916. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993d. v. 6.

\_\_\_\_\_. Sonetos de 1918. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993e. v. 6.

\_\_\_\_\_. Sonetos de 1920. In: \_\_\_\_\_. *Lembrados e esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Senado Federal, 1993f. v. 6.

CUNHA, Cecília Maria. *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário de Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

GOTLIB, Nádía Battela. A Divorciada (1902): um romance de Francisca Clotilde. In: CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996.

\_\_\_\_\_. A Divorciada (1902): um romance de dona Francisca Clotilde. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

KETTERER, Valérie. Mulheres de letras no Ceará (1880-1925): dos escritos à cena pública. *Revista de Letras*. Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 102-109, jul-dez 1996.

LEAL, Ângela Barros. Em busca de Francisca Clotilde. In: CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2. ed. Ceará: Terra Bárbara, 1996.

LINHARES, Augusto. *Coletânea de Poetas Cearenses*. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda., 1952.

LINHARES, Mario. *História literária do Ceará*. 1º tomo. Rio de Janeiro: Federação das Academias de Letras do Brasil, 1948.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Apresentação de José Aderaldo Castelo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

MONTENEGRO, Abelardo F. *O romance cearense*. Fortaleza: A. Batista Fontenele; Typ. Royal, 1953.

MOTA, Anamélia Custódio. *Francisca Clotilde: uma pioneira da educação e da literatura no Ceará*. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2007.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

SALES, Antônio. História da Literatura Cearense. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

SILVA, Régia Agostinho da. *Entre mulheres, história e literatura: um estudo do imaginário em Emilia de Freitas e Francisca Clotilde*. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

STUDART, Guilherme, barão de. Dicionario Bio-Bibliographico Cearense. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910. v.1.

\_\_\_\_\_. Dicionario Bio-Bibliographico Cearense. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1913. v.2.

\_\_\_\_\_. Dicionario Bio-Bibliographico Cearense. Fortaleza: Typographia Minerva, 1915. v.3.

\_\_\_\_\_. *Para a História do Jornalismo Cearense (1824-1924)*. Fortaleza: Typographia Moderna; F. Carneiro, 1924.

\_\_\_\_\_. *Datas e factos para a história do Ceará*. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo III.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. *A mulher e a abolição*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 1984.

VALDEZ, Alba. O Quinquagenario do Instituto. Sessão do dia 2. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza (CE). Tomo LI. 1937. Ramos e Pouchain.

VICTOR, Hugo. *Sonetos Cearenses: poetas do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC; Casa José de Alencar, 1997.

### 3. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Os caminhos dos livros. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC; Casa José de Alencar, 1993.

ALENCAR, Maria Emília da Silva. “À Sombra das Palavras”: *A Oligarquia Acciolina e a Imprensa (1896-1912)*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP; 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. *A Estrela: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)*. Coleção Outras Histórias, 45. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.

ÁLVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Tradução de Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffy. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.9-34, 1998.

AZEVEDO, Sanzio de. *O Centro Literário (1894-1904)*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1972.

\_\_\_\_\_. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Literatura didática e ficção feminina no fim do século XIX. In: REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Orgs.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999.

BEZERRA DE MENEZES, Antonio. *Descrição da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BUITONI, Dulcilia Helena Scroeder. *Mulher de papel*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *Imprensa feminina*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CAMPOS, Eduardo. *Imprensa Abolicionista, Igreja, Escravos e Senhores*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado; BNB, 1984.

\_\_\_\_\_. *O inventário do cotidiano: breve memória da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papirus, 1997.

CARVALHO, Jáder de. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Terra de Sol, 1969.

CARPEAUX, Otto Maria. Gustave Flaubert e Madame Bovary. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do Ceará: História do Ensino do Ceará*. Coleção Instituto do Ceará. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial do Estado do Ceará, 1970.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Educação em Revista: A imprensa Periódica e a história da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. Apresentação de Constância Lima Duarte. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. v.1.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Leituras e leitores “populares” da renascença ao período clássico. In: \_\_\_\_\_; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; Unesp, 1997.

\_\_\_\_\_ (Org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 12, p.275-299, 1999.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.



\_\_\_\_\_. Estudos de Mulher e literatura: história e Cânone Literário. In: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro: NIELM; UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Literatura feminina e crítica literária. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

\_\_\_\_\_. Nos primórdios do feminismo brasileiro: direitos das mulheres e injustiça dos homens. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: Jornais Pedro II, Cearense e Constituição*. Coleção Outras Histórias, 47. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.

FERREIRA, Antonio Celso. Para ler nos caminhos de ferro: o Almanach Litterario de São Paulo (1876-1885). *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v.2, n.1, p. 1-14, 2006.

\_\_\_\_\_; DE LUCA, Tania Regina, IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; PESSOA, Maria Nilda M.; SIQUEIRA, Elizabeth A. S.; DANTAS, Marluce Raposo; COSTA, Rachel H. O discurso feminino possível: um século de imprensa feminina em Pernambuco (1830 a 1930). In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

FONTES, Nancy Rita Vieira. De leitora a escritora: a trajetória intelectual de Anna Ribeiro In: REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena, PORTO; Maria Bernadette (Org.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, 1969.

\_\_\_\_\_. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1959.

\_\_\_\_\_ ; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge. Maria Lacerda de Moura: uma anarquista individualista brasileira. In: *Utopia: revista anarquista de cultura e intervenção*. [s.l.]: [s.n.], 1999. n. 9.

\_\_\_\_\_. *A Imprensa Libertária no Ceará (1908-1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

\_\_\_\_\_. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: história e memórias. In: SOUZA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

GRAFTON, Anthony. O leitor humanista. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; USP, 1985.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOUBRE, Gabrielle. Como a literatura chega às jovens. França, primeira metade do século XIX. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 11-17, jul. 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEAL, Maria Ivone. Um século de periódicos femininos. Lisboa: Ministério do Emprego e da Segurança Social; Negócios Artes Gráficas Ltda., 1992.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados a família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

\_\_\_\_\_. Gabinetes de leitura do Império: casas esquecidas da censura? In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: CUNHA, Maria Teresa Santos; BASTOS Maria Helena Camara; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, jan-jun, 2004.

NOBRE, Geraldo. A imprensa do Ceará na República. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.

OLIVEIRA, Cláudia. As idéias científicas do século XIX no discurso do Club Literário. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação de mestrado em Estudos Literários - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PAIVA, Aparecida. A leitura censurada. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Espaço feminino no Rio de Janeiro anos 20: os salões literários. In: REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Orgs.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2. ed. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Práticas da Memória Feminina*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n.18, p.9-18, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano, Paris - Rio de Janeiro*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PIRES, Maria Isabel Edom. A constituição da leitora. In: REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Orgs.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999.

PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie (Org.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RADICH, Maria Carlos. *Almanaque: tempos e saberes*. Coimbra: Centelha, s/d.

REIS, Livia de Fontes; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Orgs.). *Mulher e Literatura*. Niterói: EdUFF, 1999.

REVEL, Jacques. La biografia como problema historiografico. In: *Un momento historiográfico: trece ensayos de historia social*. Buenos Aires: Manantial, 2005.

ROCHA, Demócrito. A imprensa do Ceará. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Ozângela de Arruda. *Livros & Cia: as livrarias e o comércio livreiro em Fortaleza nos oitocentos*. Monografia de graduação em História - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

SOIHET, Rachel. Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação In: PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie (Org.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUSA, Cynthia Pereira. A educação pelas Leituras: Registros de uma Revista Escolar. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Educação em Revista: A imprensa Periódica e a história da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; Unesp, 1997.

\_\_\_\_\_. Escritoras brasileiras no século XIX. In: Anais do Encontro Nacional da ANPOLL. Atas do GT A Mulher na Literatura: Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990.

TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo*. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC; UFC; Museu do Ceará; Arquivo Público do Estado do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os Protagonistas Anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

VENANCIO, Giselle Martins. “*Um verniz de instrução*”: ciência de almanaques e coleções de vulgarização científica para portugueses e brasileiros. Atas do 3º Colóquio do Pólo de Pesquisa Sobre Relações Luso-Brasileiras, on-line, Rio de Janeiro, 2006. Disponível: [http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3\\_coloquio\\_outubro/paginas/8.htm](http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3_coloquio_outubro/paginas/8.htm). Acesso em 13 out 2008. ISSN 1809-2748.

\_\_\_\_\_. *As Flores Raras do Jardim do Poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2002.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)